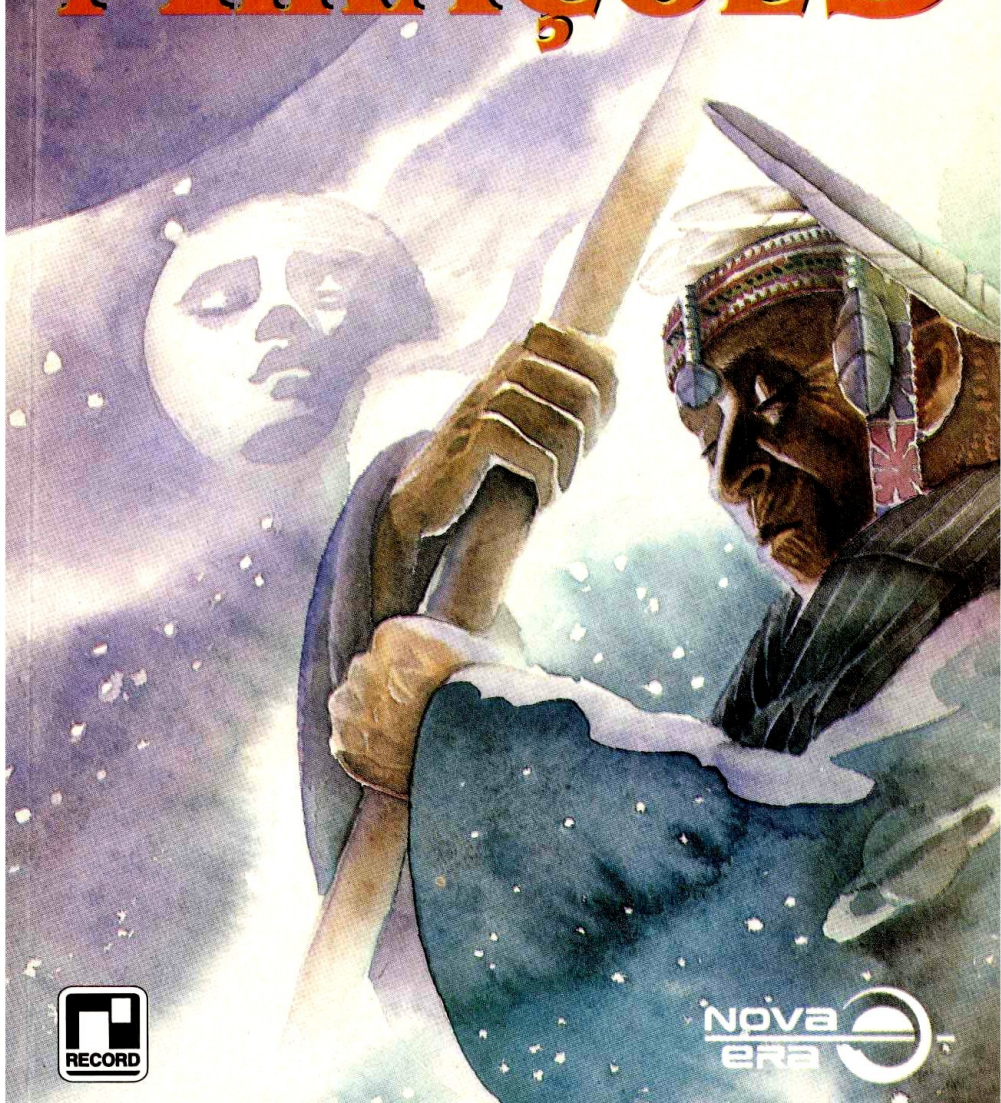


Alex Polari de Alverga

Mesmo autor de O GUIA DA FLORESTA

# O LIVRO DAS MIRAÇÕES



# O Livro das Mirações

## Uma Viagem ao Santo Daime

A busca de novos caminhos espiritualistas neste final de milênio abriu um debate a respeito da utilização das plantas de poder para uso religioso e expansão da consciência. Neste livro, Alex Polari de Alverga revela como foi a sua iniciação na Doutrina do Santo Daime, uma vertente espiritualista eclética, nascida no coração da Floresta Amazônica, que utiliza a bebida *ayahuasca* como veículo sagrado para reconectar o homem com o Ser Divino.

Guiado pelos *insights* luminosos proporcionados pela bebida, chamados de *miração*, pelos cânticos, pela dança e pelo conhecimento das técnicas de cura do povo do Santo Daime, Polari descobre um universo místico fascinante ligado à origem divina da humanidade. Inicia a jornada espiritual interior, rasgando os véus de um mundo estruturado por paradigmas racionais, para se projetar numa dimensão transcendente além dos limites da vida e da morte.

**Outros livros publicados pela NOVA ERA/RECORD sobre  
xamanismo e expansão da consciência:**

---

O ALIMENTO DOS DEUSES — Terence McKenna  
ALUCINAÇÕES REAIS — Terence McKenna  
A DANÇA DOS CÚRANDEIROS — Carl A. Hammerschlag  
SHABONO — UMA VIAGEM AO UNIVERSO MÍSTICO DOS  
ÍNDIOS IANOMÂMIS — Florinda Donner-Grau  
SONHOS LÚCIDOS — Florinda Donner-Grau  
O RESGATE DA ALMA — Sandra Ingerman  
REENCARNAÇÃO E IMORTALIDADE — Patrick Drouot  
NÓS SOMOS TODOS IMORTAIS — Patrick Drouot

**Também publicado pela NOVA ERA/RECORD do mesmo autor:**

O GUIA DA FLORESTA



ALEX POLARI

# O Livro das Mirações

*Marlos Ribeiro Araújo*  
PSICÓLOGO  
CRP - 115704683



**EDITORA RECORD**

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, R..

P817l Polari, Alex, 1950-  
2ª ed. O livro das mirações : viagem ao Santo Daimé /  
Alex Polari de Alverga. — 2ª ed. — Rio de Janeiro :  
Record, 1995.

(Nova Era)

Apêndice: Hinário

1. Polari, Alex, 1950- . 2. Alucinógenos e  
experiências religiosas. 3. Santo Daimé. I. Título.

95-0114

CDD — 922.99

CDU — 92:299

Copyright ©1984, 1995 by Alex Polari de Alverga



Direitos exclusivos desta edição reservados pela  
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.  
Rua Argentina 171 — 20921-380 Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 585-2000

---

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-04274-9

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL  
Caixa Postal 23.052 — Rio de Janeiro, RJ — 20922-970

## Sumário

<b>Prefácio da Segunda Edição</b>	9
<b>As Trevas da Racionalidade</b>	15
<b>A Revelação do Cipó</b>	
Calçando as Sandálias de Mercúrio	31
Primeiro contato com o Olimpo Amazônico	34
A Colônia 5000	38
Chegada ao Palácio de Juramidam	42
Meus Deuses habitam longe dos templos	47
A Viagem do Inca	51
Tateando no Astral	61
Energia e Tempo	65
Feitio de Daime, o Caldeirão do Tempo	71
Os Homens de pedra, a Compreensão da Corrente	80
Os Sons do Astral	84
Para quem estiver em busca da Verdade	89
Conclusões provisórias sobre o Infinito	95
Espiritualidade, Prazer e Conhecimento	101
<b>Dúvidas de um Quase Iniciado</b>	
Batalhas do Ego	109

O Masculino e o Feminino	112
Os Batedores Celestes	117
Nas Asas do Condor	123

### **Diário de Viagem ao Rio do Ouro**

Preparativos da Expedição	135
Chegada	139
Sorveteria Tropical	140
As ruelas do Mercado Velho	142
Atolados no Paraíso	145
Marcha Noturna na Floresta	147
Encontro com o Padrinho	152
Reunião	155
Novos compromissos com o Daime	164
Hinário	166
Marcha de Volta	169
Meditações no Armazém	170
Chegando ao ponto de partida	174
O Homem que eu era voltou outro	176

### **Sessões de Aperfeiçoamento**

O Pássaro Original	183
Sonho e Miração	185
Claustro	189
Novos Compromissos com o Poder	190
Rei Salomão, o Interno e o Externo	191
Olhando o Cruzeiro	195
Prazeres Espirituais	195
O Trono	197
Respirar Divino	199
O Daime se apresenta	201
Encontros no Astral	205
O Anjo da Guarda	207
Terapia e Salvação	209
Revelações do Evangelho	211

Resposta ao Filho Pródigo	215
Mais aspectos terapêuticos	217
Em cada Estrela um Tesouro	219

## **Rumo ao Céu**

Aventuras Esotéricas Fluviais no Purus e Adjacências	225
Hinário de São João	232
Voltando Graduado	242
Recebendo a Farda no Quartel da Rainha	247

## **Confirmações**

Linguagem e Eternidade	254
Experiência de Transporte no Espaço	255
O Conhecimento dos Mitos	259
O Santuário Interior	262
O Segredo da Esfera	263
Possibilidades de Controlar a Viagem Astral	265
Contato com um Espírito Suicida	266

## **O Ministério da Luz**

Encontro com Juramidam	271
Trabalho de Cura	275
A Existência do Plano Astral	277
Em Busca da Perfeição	280
A Doutrina de Juramidam segundo o Padrinho Sebastião	283

## **Palavras Breves de Conclusão** 295

## **Hinário** 305





## Prefácio da Segunda Edição

Passaram-se dez anos desde a publicação de *O Livro das Mirações*. O livro continua muito procurado, apesar de esgotado há muito tempo. Resolvi reeditá-lo, mesmo sabendo tratar-se basicamente da obra de um neófito ainda indeciso sobre o caráter alucinógeno ou divino da sua experiência com a bebida denominada Santo Daimé ou *ayahuasca*. Estas experiências visionárias e extáticas que desenvolvi ao mesmo tempo que ia escrevendo me fizeram optar pela segunda hipótese. Passei a ser uma pessoa religiosa e compreender a religião como sendo esse fascinante *re-ligare* do nosso eu com toda vida e o Cosmos.

Essa posterior iniciação foi tema de um outro livro, *O Guia da Floresta\**, lançado há dois anos. Mas *O Livro das Mirações* continua tendo um atrativo ainda hoje: o de ser uma espécie de diário, com relatos e reflexões dos momentos profundamente transformadores do início da minha busca espiritual com as plantas expansoras de consciência. Uma busca que se fez nos labirintos da consciência seguindo um mapa cheio de brumas e sombras, onde nem sempre é fácil distinguir as quimeras da verdadeira realidade. É para este cenário que vem convergindo o interesse de muitos eruditos, cientistas e buscadores. Isso porque, a cada dia fica mais clara a

---

\*Publicado no Brasil pela Nova Era/Record.

importância que teve o uso das substâncias psicoativas na origem dos grandes sistemas religiosos da Antiguidade e de suas derivações que chegam até os nossos dias. Sem dúvida, os primeiros mediadores entre os homens e os deuses foram as plantas sagradas, cuja ação integrativa com a nossa consciência trouxe à luz as epopéias dos heróis míticos e a revelação dos primeiros videntes. Desde a tundra siberiana, passando pelas migrações arianas na Índia, onde se cultuava o Soma, os Mistérios do Eleusis na Grécia, e os povos pré-colombianos na América, nas tribos e culturas mais diversas, encontramos referências e provas da existência de ritos sagrados baseados na utilização de plantas de propriedades psicoativas.

Até bem pouco tempo, essas plantas eram erroneamente denominadas de alucinógenas. Hoje, porém, existe um consenso entre vários ramos do saber em chamá-las de *enteógenas*, ou seja, que trazem a experiência interna de Deus, o que faz muito mais jus à verdadeira finalidade para a qual elas foram usadas desde a mais remota Antiguidade até os nossos dias. Por que esse interesse cada vez maior neste tema das plantas *enteógenas*? Ao que tudo indica a atual crise planetária e civilizatória começou há duzentos anos com a Revolução Industrial e chegou a níveis sem precedentes nas últimas cinco décadas. A ineficácia dos reducionismos filosóficos para explicá-la, dos reducionismos científicos para resolvê-la e dos reducionismos religiosos para forjar uma nova ética espiritualizada, faz com que as nossas esperanças caminhem para o campo da consciência.

Cada vez mais a intuição nos mostra que na consciência está uma chave sem a qual a espécie humana tende à autodestruição. A busca de uma consciência mais profunda, transpessoal e cósmica, de uma prática religiosa baseada no autoconhecimento e na própria experiência de Deus parece ser a saída. Com certeza, as plantas *enteógenas*, quando resgatam dentro do alçapão da nossa psique os arquétipos, mitos e lembranças originárias do inconsciente coletivo da raça humana, ainda podem nos ajudar na elucidação dos mistérios que necessitam de uma solução imediata.

Por outro lado, além dessa vicissitude de ordem espiritual, o estudo da consciência também parece ser o entroncamento comum

onde desembocam as principais disciplinas da moderna ciência como a psicologia, antropologia, bioquímica, etnofarmacologia etc. As propriedades dessas plantas *enteógenas*, além de nos fazer experimentar estados não usuais de consciência, abrem outras dimensões a serem estudadas. Não estamos nos debruçando diante de um fóssil de dinossauro, nem nos apropriando das práticas religiosas e culturais do passado para expô-las em um museu ou dissecá-las num instituto de medicina legal. Ao contrário, nosso objetivo é experimentar novos ângulos e abordagens entre a alma e a inteligência, entre a razão e a fé, entre Deus e o Homem, nesses recentíssimos quinhentos mil anos de Neocórtex Cerebral.

O culto em torno dessas plantas psicoativas é uma das mais antigas tradições culturais e religiosas dos primórdios da civilização humana. Provas disso são as evidências arqueológicas para o seu uso datadas de quase oito mil anos, no caso de alguns tipos de cogumelos e na faixa dos três mil anos para bebidas como a *ayahuasca*, o rapé de *virola*, as sementes de *peganum harmala* e outras espécies.

Há cerca de dez anos, no prólogo de *O Livro das Mirações*, também ressaltávamos a urgência de que o encontro entre a fé, ciência e espiritualidade se realizasse neste vasto e precioso território da consciência humana. A experiência desses estados alterados de consciência equivaleria portanto a seguir as pegadas de Deus impressas na nossa mente. As substâncias psicoativas corretamente empregadas nesse contexto são os agentes que estabelecem novas possibilidades de percepção, tornando os nossos neurotransmissores cerebrais capazes de sintonizarem com a mente cósmica universal. A urgência se justifica porque o homem dia após dia parece perder o fio da meada e a consciência da finalidade da sua existência. A vida navega cada vez mais ao sabor de motivações insanas e egoístas. Como se o próprio homem não pudesse ser uma medida de valor ou um limite capaz de frear o seu próprio processo de desumanização.

Uma humanidade assim desprovida de sentido, que perdeu o seu *thelos*, a consciência de sua origem divina, não pode esperar muita coisa positiva. É nesse contexto que a nossa prepotência

civilizada deve se curvar diante da força que emana destes sistemas de conhecimento que, no passado e ainda hoje, geraram sociedades plenamente harmonizadas com a Natureza e o Cosmos.

É verdade que muita coisa evoluiu nessas últimas décadas em termo de consciência ambiental e aviltamento da condição humana. Esforços inegáveis vêm sendo feitos com vistas a reerguer a ética e os valores espirituais nas esferas pública e privada. Mas o panorama ainda é de uma era de incertezas, dúvidas e medos em relação ao futuro. Mesmo que Deus tenha assegurado ao patriarca Noé que um novo dilúvio jamais aconteceria, *Ele* nada prometeu acerca dos efeitos da devastação humana na atmosfera, nos rios, mares e florestas, tragédias nucleares, entre outros. O feitiço fugiu do controle do aprendiz de feiticeiro e a humanidade consciente, aquela que enxerga um pouco mais além do decurso de sua própria geração, está alerta.

É dentro deste contexto que a experimentação e o estudo dos estados ampliados da consciência vêm se transformando cada vez mais numa força motora deste atual processo histórico de final de milênio. Um mundo novo quer nascer, não mais induzido violentamente pelo fórceps da luta de classes e sim pelo parto natural da expansão da consciência.

Outro tema que se esboçava nessa minha *Viagem em torno do Santo Daime* era o resgate do cristianismo e da minha própria condição de cristão. A ingestão sacramental do Santo Daime reavivou em mim o interesse de compreender a vinda, há dois mil anos, deste Homem-Deus. Pareceu confirmar as velhas profecias sobre a vinda do Espírito Santo, desta vez através da manifestação de um Paráclito Vegetal, capaz de buscar no fundo da nossa mente a rica e transformadora experiência visionária (com seus mitos e símbolos) que são substrato comum de todas as verdadeiras religiões.

Durante esses dez anos que me separam hoje do lançamento de *O Livro das Mirações* e dos treze anos que comunguei o Santo Daime pela primeira vez, pude constatar o efeito estruturante e agregador dessa experiência religiosa. Pude ver o benefício, a cura e a resolução de muitos dramas pessoais e familiares de alcoólatras, dependentes de drogas, obsedados etc. Conseguimos granjear o

respeito da sociedade civil, dialogar com as autoridades, regular o uso ritual da nossa bebida e nos tornar cada vez mais conscientes das nossas responsabilidades. Nosso trabalho de autoconhecimento, pesquisa da consciência e caridade certamente é muito menos perigoso do que as várias barbaridades sociais, ecológicas e políticas e das taras, corrupções e violências que são perpetradas todos os dias bem diante dos nossos olhos e enaltecidas pela mídia.

O tempo não está mais para bruxas hereges, é preciso muito diálogo, tolerância, respeito e confiança entre todos os segmentos institucionais, científicos e religiosos para que a humanidade consiga superar esta grave crise planetária do final do milênio. É o que nós, adeptos dessa bebida sagrada, desejamos do fundo dos nossos corações: dar a nossa contribuição, herdeiros que somos dessa força espiritual que vem da floresta e dos nossos ancestrais. Que Deus nos ajude a superar todos esses desafios. E paz na Terra a todos os homens e mulheres de boa vontade.

Céu do Mapiá, agosto de 1994  
Alex Polari de Alverga



# As Trevas da Racionalidade



*Mestre Raimundo Irineu Serra,  
fundador da Doutrina do Santo Daime*





**E**STAMOS VIVENDO uma grande confusão. Que não sabemos localizar, mas que, mesmo assim, nos acompanha. Alguns diriam que o *Homo sapiens* se contagiou em alguma fase do seu ciclo evolutivo e, possuído de um curioso estado mórbido, passou a destruir tudo que lhe estava em volta, incluindo ele próprio.

Outros diriam que alguma divindade igualmente decaída tomou de assalto a roca que tece os fusos do destino. E nós, meros autômatos nas mãos dessas novas versões das parcas e das Horas, estaríamos tecendo o pior dos destinos para a nossa espécie.

Quem enlouqueceu? Os deuses ou os homens? Jeremias, o profeta, já disse que se tínhamos a loucura dos homens, muito maior motivo teríamos de temer a loucura de Deus.

Disso não sabemos. Nem do sentido que ia na mente do profeta, nem da possibilidade de Deus vir a enlouquecer. As Escrituras nos dão conta de que o Senhor dos Exércitos se tornou várias vezes colérico contra os profanadores de sua Justiça e de seus Mandamentos. Mas louco nunca. Estivéssemos falando do Olimpo, realmente muito teríamos a temer da loucura dos deuses. Pois os deuses de Homero e Hesíodo não só enlouqueciam como também se embebedavam e iam curtir suas ressacas divinas nas escarpas do Monte Ida, se entretendo de tramar guerras e intrigas palacianas entre os mortais.

Já das loucuras dos homens devemos sempre estar prevenidos. Elas são a regra e não a exceção. E isso não depende de nenhum grau de especulação metafísica ou escolástica. A própria história concreta do Homem desde o seu surgimento no palco da evolução vem demonstrando de maneira cada vez mais incisiva a nossa

estupidez predatória. A. Koestler diz isso com muita propriedade quando fala que o Homem além de ser talvez a única espécie que procura conscientemente o suicídio, é seguramente a única que alcançou um ponto de sofisticação incrível: o de poder praticar o seu suicídio *enquanto espécie*.

Esta é a consequência principal e o fato novo com o qual somos obrigados a conviver desde que a primeira bomba atômica explodiu em Hiroxima. Abriu-se a partir daí uma cisão entre a infinita possibilidade de expansão tecnológica do Homem, ao mesmo tempo o ápice de sua nova Queda, no meio da mais sangrenta das guerras de até então.

Alguns ramos da ciência moderna, uma criação de poucos séculos, foi paulatinamente abandonando toda a herança dos vários ramos de conhecimentos que lhe sucederam se despojando inclusive do seu fundamento ético. Passou a ser uma disciplina que tem Thanatos como objeto. E é “humanitária” apenas no sentido em que desenvolve um ramo auxiliar de prevenção contra os próprios males e poder de destruição que ela própria gerou. É possível que tenhamos em breve o segredo imunológico para fazer frente à contaminação química de nossos alimentos, ou a pílula anti-radioatividade que nos salvará de alguma hecatombe nuclear limitada. Mas o ideal da vida perfeita em si parece já ter sido abandonado pelas versões civilizatórias que temos ao nosso dispor, aqui, neste pobre planeta. Tanto os “socialismos” quanto os “capitalismos” insistem em produzir um sistema de aberrações sociais em torno da grande unidade de produção industrial com tecnologia cada vez mais concentrada, utilizando ainda o mesmo taylorismo disfarçado e tendo como meta da felicidade uma exótica mistura de consumo com um hedonismo barato de contornos vagamente sensuais.

As enormes cidades se intoxicam com o próprio veneno que produzem e tentam gerar os antídotos possíveis. Enormes cinturões de miséria, degradação e doença mental se formam em sua volta. Servem, quando muito, para ser um campo prático, onde os diversos ramos da chamada “ciência” experimentem seus valores, princípios e técnicas, disputem entre si a eficácia de suas respectivas táticas de salvação, a legitimidade social de seus discursos, as

glórias da “universalidade” de suas conclusões. Estes são os títulos a partir dos quais o homem moderno quer chegar aos segredos de si próprio e do universo. É com essas pretensões que os “homens de saber” sentam-se à mesa de banquete com os poderosos e intentam repartir as migalhas de tão triste posteridade. Que os psicopatas que controlam computadores e foguetes façam o que estão fazendo, é compreensível. Difícil de entender se torna o jogo de quem declara estar do lado do “Bem”, da “Verdade”, do “Humanismo” e legitima mesmo numa crítica aparente o “Caos” para onde vamos chafurdando lenta e seguramente. Cientistas, analistas, terapeutas, religiosos militantes de todas as filiações, educadores, escritores, técnicos de todos os matizes... vamos mal, muito mal. Precisamos fazer alguma coisa e rápido...

Foi para responder a esse desafio que eu, pessoalmente, fui obrigado a dar uma guinada considerável na minha compreensão das coisas.

O grande problema dessa época é que estávamos obrigados, por força de um poderoso mecanismo ético/ideológico e informático, a ter que arrastar quase que a humanidade inteira em qualquer opção ou solução que encontrássemos para resolver o nosso sentido de existência no mundo. Havia e continua havendo um grande preconceito em buscar a luz de um caminho individual. Isso equivalia quase a um crime. Tantos são os caminhos quanto as pessoas que procuram o conhecimento. Daí que essa exigência numérica para validar a salvação virou uma panacéia. Ou se salvaram as massas ou ninguém teria esse direito. Várias sínteses foram tentadas. Se continuam necessárias para aqueles que escolheram a política como sinônimo desse tipo de conhecimento, pelo menos me sinto desobrigado de pensar que essa seja a única via de libertação, sequer que seja a mais importante.

Há tempos eu vivia essa questão assim: No dia-a-dia eu era um convicto militante marxista-leninista. Bastava me retirar um pouco da cidade e ficar olhando um céu estrelado que eu achava tudo aquilo que eu levava tão a sério uma imensa bobagem, que jamais me responderia minhas inquietações (então abafadas) frente ao mistério, o sentido e o destino da vida.

Esse mistério está contido em cada ser humano e em algum momento exige da consciência uma decifração, à semelhança de esfinge. Às vezes a gente se preocupa com a resposta durante um tempo, às vezes se esquece logo em seguida, outras vezes nem sequer ouve os apelos que vêm de uma memória ancestral que quer ser resgatada.

*Considero hoje, sem sombra de dúvida, que o resgate dessa memória é a tarefa essencial do conhecimento.* A partir dela, cada homem pode refazer a viagem de toda sua espécie, compreender o sentido do seu surgimento, aqui, por essas esquinas do Universo e, o que é mais importante ainda, qual a missão que foi atribuída a ele pelas forças que o plasmaram e o assistiram no seu aperfeiçoamento.

Aos apressadinhos que já ensaiam um rótulo de “alienado”, eu não posso fazer nada. Aos que consideram o homem como um processo evolutivo, independente, das células aminoácidas para as amebas, daí para o jacaré e o macaco, igualmente minhas escusas. Não vão se interessar nem um pouco pelas experiências relatadas neste livro.

Continuo achando que outras viagens (inclusive a da Práxis) são acessórios importantes. Pelo menos enquanto perdurar o plano de ilusão em que estamos atolados até a alma, naquilo que os nossos cinco sentidos insistem em afirmar que são os únicos. É preciso mexer na “realidade” que a nossa falsa percepção plasma para nós a todo instante. Mas os caminhos desse tipo de conhecimento a que me refiro são estritamente individuais.

Quanto mais se for fundo no que está por trás dessa noção de Eu, mais acharemos indícios do Outro. E quanto mais soubermos agir nessa interação psíquica com o outro, o que está dentro e, ao mesmo tempo, fora, mais chegaremos ao verdadeiro conhecimento que é o Todo. Uma experiência possível de ser vivenciada, que se encontra em cada átomo de cada coisa criada, como também em todos os Universos manifestados.

Ao Imanifestado, que propulsiona todo o resto, fica a velha idéia de Deus, ou todos os seus sucedâneos. Alguns sábios brilhantes criaram uma série de aforismas para substituí-la e no final se

renderam à evidência de que seria mais fácil se tivessem partido da crença, pura e simples, Nele próprio. Bachelard já disse que o saber é sempre a reforma de uma ilusão. Diria isso de outro modo: que a resistência à idéia de Deus sempre representou um estímulo à ciência. Que sempre desembocará, mais cedo ou mais tarde, no reconhecimento de um Poder e de uma Força da qual o Universo conhecido é apenas uma de suas realizações. E que talvez não seja a mais fascinante. A vergonha com que vivemos qualquer proximidade dessa força e principalmente de alguns de seus nomes foi o tributo de nossa vaidade enquanto espécie. A maneira hipócrita de venerá-la foi o outro lado da moeda. E ambas, a vaidade e a hipocrisia, nos levaram até a beira do abismo. Que os crentes e os ateus se encontram quando estão longe da verdade.

Uma série de experiências recentes, dos últimos anos, me levaram a esse descortínio. Que cada um tem que procurar o sentido do Universo, de si mesmo, da vida e da morte. Que isso acarreta entrar numa esfera até então reunida sob uma denominação vaga de “espiritual”. E isso, por sua vez, nos traz uma série de conseqüências práticas.

À primeira eu já me referi; é o reencontro com Deus, seja qual for o nome que ele leva.

A segunda é que a chave desse encontro é um segredo que se encontra dentro de cada homem. Que pode abrir a porta de um mistério aprisionado desde há muito e cuja prisão é o próprio corpo do homem, estando dentro de sua mente (na forma de ego, razão etc.), o carcereiro implacável.

A terceira conseqüência é que para conseguirmos libertar esse prisioneiro divino dentro de nós mesmos é preciso um trabalho de conhecimento, um aprendizado novo que denominaremos de “trabalho espiritual”.

Compreendo como trabalho espiritual algo que mistura todas as nossas instâncias e vivências, que redimensiona e unifica todas as nossas energias até então distribuídas arbitrariamente em esferas estanques, por nós denominadas sexuais, políticas, narcísicas, intelectuais etc.

Um “trabalho” que alia prospecção mental, percepção, revela-

ção, êxtase, comunhão, meditação, ação, transformação pessoal, concentração e criação, em escalas, até então, inimagináveis. Que exige de seus devotados trabalhadores três virtudes básicas, a saber: humildade, perseverança e disciplina.

Não existe aí nenhuma originalidade. Muitos foram os que compreenderam e realizaram essas tarefas de várias maneiras no decorrer dos tempos. A originalidade dos santos, dos iniciados e dos simples mortais que procuram a verdade (nestes me incluo) reside em que eles não fazem alarde nem promoção de suas descobertas. Eles não marcam o bom caminho com a luz intensa dos holofotes. Acendem apenas uma pequena lamparina e a disfarçam como podem nas sinuosidades do caminho. De sorte que só podem achar o caminho aqueles que já o estão procurando. Aventureiros podem até fazer o mal, mas passarão sempre à deriva, não acharão nada porquanto persistam seus motivos inferiores.

Considero que estamos no limiar de um tempo em que esse passo espiritual tem que ser dado. Sem o qual seremos resignados espectadores de nossa própria estagnação e/ou destruição. Reincidentes na suposição de que somos muito mais coisa do que uns reles espocar de luz, efêmeros, em relação à nossa galáxia; muito menos ainda, em frente ao Universo. Divididos entre obrigações que não queremos, fantasias e desejos que não estamos aptos a escolher e assumir; cindidos entre blocos, opiniões, ideologias e seitas que se arrogam e se alternam no poder de representar a “universalidade” nesse insípido planeta.

Cheguei até essas idéias surpreendentes e novas (pelo menos para mim) de uma maneira um tanto inusitada. Não digo “por acaso” porque o acaso é uma das palavras que foram banidas do meu vocabulário. É a descoberta dessas coisas novas, que na verdade são muito antigas, que eu pretendo relatar a vocês neste livro. Depois de chegar à conclusão que um livro não seria conflitante com a postura de preservação, e mesmo veneração, diante dessas coisas novas. Em todos os tempos o testemunho tem de ser dado. O início do meu testemunho é este livro. E nele utilizo da linguagem e das experiências que me ligam aos meus semelhantes,

com os quais, de resto, ainda partilho, pelo menos teoricamente, os mesmos ideais de “humanidade”.

Falo isso sem nenhum laivo de pretensão, visto que não sou nenhum mestre, muito menos guru, e não quero criar nenhum novo sistema filosófico, antropológico, epistemológico e, muito menos, fundar uma nova religião. Reservo-me apenas o modesto papel de divulgar, através desse meu testemunho, um corpo de ensinamentos que se acha disseminado em várias escolas. Ensinamentos esses que se encontram reunidos, de uma forma particular, numa determinada “doutrina” que se encontra enraizada em antigas tradições de nossa cultura e que tem como *habitat* cultural, mágico e religioso a Floresta Amazônica.

É claro que existem várias idéias e formulações minhas. E não poderia ser diferente, já que o sentido do testemunho é de juntar uma reiteração de algo já preexistente com uma versão e uma interpretação nova, própria da história pessoal de cada um no caminho do conhecimento. Nessa medida, verti uma série de experiências da qual fui protagonista para que elas se tornassem inteligíveis para os que buscarem a mesma coisa que eu.

Vários “homens notáveis” ousaram criar sistemas ou popularizar antigos métodos de disciplina esotérica. Eu, por enquanto, escolhi o relato da minha iniciação numa dessas “vias de conhecimento” como o caminho mais seguro de debater algumas noções, categorias e valores que — eu acho — carecem de um profundo questionamento. Se terei algum mérito nessa tarefa, acredito que ele será o de ter servido de mediador entre certas idéias antigas e a maioria das pessoas que foram levadas (sem ter culpa disso) a um tipo de vida que as afastou, cada vez mais, dessa profunda sabedoria que se confunde com os primórdios da existência humana e que sobreviveu até nós por dedicação de uns tantos, geralmente estigmatizados no decorrer dos séculos como loucos, doentes, fanáticos etc.

Falo de “iniciação” e sei que essa é uma palavra que assusta. No senso comum ela significa algo próximo de entrar para alguma seita, que reduz a questão do conhecimento à fé e à revelação,



detendo igualmente o poder e as formas de coerção, para nos manter dentro dela, mesmo contra a nossa débil vontade.

Nada mais enganoso que essa estória da Carochinha do “Livre Pensar” e seus adeptos. O que é a expressão máxima desse Livre Pensar, a Ciência, senão a mais reducionista de todas as interpretações sobre a Vida, esforçando-se por substituir a Revelação por várias e sucessivas supra-entidades conceituais, que detenham, em si, os parâmetros de aferição de todos os fenômenos da realidade, em todas as suas representações, sejam sensíveis, perceptivas, históricas, mentais etc.? Parâmetros esses que mal se sustentam no decurso de uma geração humana; o que não dizer, quando levamos em conta, os milênios de nossa História, que, por sua vez, não passam de fiapos da eternidade.

Hoje me filio nessas outras versões do conhecimento, que se fundam em outros pressupostos ontológicos, onde o Ser é a parte primordial do Saber, e a Revelação, parte integrante desse “viver o saber” que se depreende do simples fato de “ser”. Essas versões sempre foram relegadas pela dita “Ciência”, e soterradas entre teias de aranha, no fundo dos escaninhos escuros, reservados às “religiões” (leia-se: vias irracionais e fantasiosas para se chegar à Verdade que ela, a Ciência, quer resumir em equações e axiomas lógicos irretorquíveis).

Cheguei à conclusão que essas vias ditas “irracionais” mantêm uma unidade e uma densidade notáveis, que desafiam o tempo. Ao contrário de sua irmã mais nova, a Ciência, propiciam uma riqueza interior extraordinária para quem se aventura em seus caminhos. E que, a despeito de toda sorte de bobagens e pieguices que as versões institucionais fizeram dessas religiões, todas elas têm uma espécie de matriz comum que deve ser respeitada. Até porque todas as tentativas de fugir dessa dimensão “espiritual” vieram a dar, redondamente, com os burros n’água. Por que não tentar, então, retomar essa herança de nossos ancestrais, antes de estigmatizá-los levianamente como primitivos, bárbaros, ignorantes ou irracionais?

Foi o que eu fiz. E esse esforço me levou a uma mudança que eu mesmo não poderia aquilatar inicialmente. Para tanto, não foi necessário peregrinar com os “Buscadores da Verdade” pelos

desertos da Pérsia, nem atingir o “Samadhi” em alguma caverna do Himalaia. Foi suficiente ir ao encontro da Floresta que se encontra na nossa brasileiríssima Amazônia.

Depois de 9 anos preso, por algumas tentativas estabanadas de mudar “o mundo da ilusão”, e de mais uns tantos anos na prisão da chamada realidade, alguma coisa quis que eu fosse conhecer o Acre, estado onde, inclusive, nasceu meu pai.

Fui lá com um objetivo definido. Conhecer e experimentar a bebida “alucinógena” conhecida por *ayahuasca*, *yagé* ou *Daime*. Junto a isso se mesclavam vários interesses, como o de fazer um vídeo sobre uma dessas comunidades que cultuavam o Daime, escrever um livro etc.

Em junho de 1982, lá desembarquei. E o desdobramento da viagem foi se fazendo em várias direções. Tanto no meu retorno periódico para vários aprendizados, como um sem-número de caminhos interiores que foram se abrindo e sobre os quais eu fui trabalhando cada vez que eu voltava para as montanhas da Serra da Mantiqueira, onde moro há alguns anos

Fui em busca de uma bebida que me abrisse “as portas da percepção”, para usar o termo com que Huxley designou o seu encontro com a mescalina. E encontrei muito mais do que isso, um fascinante sistema de conhecimento, na forma de uma doutrina de grande beleza e simplicidade, que pode parecer até mesmo simplória, para o observador apressado e menos atento. Esse encontro não foi feito sem dificuldades à medida que várias noções que eu pretendi debelar tinham, na verdade, muito mais força do que eu supusera. No presente livro registro também esses conflitos que fazem necessariamente parte do caminho

Minhas primeiras pretensões antropológicas e descritivas foram desaparecendo à medida que eu avançava, à semelhança da ânsia explicativa de Castaneda na primeira fase de seu aprendizado com Dom Juan, que, por sinal, só vim a ler depois que essas minhas incursões pelo mágico já iam a pleno vapor

Nesse sentido, este livro é, sem dúvida, o mais difícil de todos quantos eu já escrevi. Nos anteriores, cada um representou um determinado tipo de rompimento com situações, hábitos, crenças.

O primeiro, contra uma postura, permanecendo dentro de uma linha; o segundo, contra uma linha, permanecendo numa ideologia; o terceiro, contra uma ideologia, permanecendo dentro de uma determinada concepção da vida e do homem.

Agora, essa “Viagem ao Santo Daime” significa romper com essa concepção da vida e do homem e participar de uma outra dimensão, que está aí dentro de nós mesmos para ser redescoberta.

Já se passou muito tempo desde a Idade Média e a Inquisição Às suas trevas sucederam-se as Luzes do Iluminismo. E, por sua vez, este mesmo Iluminismo foi gerando, quase que imperceptivelmente, um novo tipo de Trevas, paradoxalmente originárias da Luz. A estas, chamaremos de “Trevas da Racionalidade”. Ao meu ver essas Trevas da Racionalidade, ao contrário do furor de sua antecessora, opera de maneira mais sofisticada. A sua pretensão é de fundamentar toda a realidade (e conseqüentemente tudo que é cognoscível) através da suposição de fazer coincidir o *objeto* (o fato da existência) com o *sujeito*, i.e., o suporte ontológico que lhe confere legitimidade. É o famoso “Penso, logo existo” cartesiano.

Daí, as trevas da Racionalidade depreendem que essa autoconsciência na forma de pensamento é o próprio conhecimento, a coisa-em-si. E o que é pior: a existência pode ser depreendida da nossa faculdade de pensá-la. Cada ego particular se torna, portanto, o limite ilimitado da própria ilusão, o juiz infável e, ao mesmo tempo, a mais preciosa prova, não só da sua própria existência, quanto de tudo mais que possa, porventura, existir.

Através desse Shazam Cartesiano permite-se legitimizar todo o resto. Então como diferenciar o autêntico “Ser” de toda as suas outras falsas manifestações e variadas representações que nos são dadas pelo nosso pensamento de pobre sujeito falível, parcial e finito? Esse não é o mais ilusório dos pensamentos? E como ele pode diferenciar a substância do que “é” daquilo que pensamos ser? O caminho do conhecimento implica essa premissa: descobrir dentro de si o que “É” (a nossa substância divina que compartilha de todo o Universo) e a Ilusão, “Maya”, como chamariam os hindus.

O instrumento de tal proeza é sempre uma Revelação. Que

mexe nos circuitos ancestrais de nossa memória genética, que faz abolir nossas noções arbitrárias de passado e futuro. Para ajudar essa revelação, o homem sempre utilizou desde tempos imemoriais certas “plantas de poder”, aliados respeitáveis para aqueles que buscavam uma outra percepção da Natureza e do Cosmos.

O Daime faz parte dessa tradição. Utilizado desde a Antigüidade pelos Incas, é usado nos dias de hoje em rituais e cânticos dentro da floresta.

Mas os tempos são de confusão, eu já dizia. De se acordar constantemente da eminência da nossa destruição ou na derrocada crescente do nosso tipo de civilização. O segredo que se encerra no cipó e na folha, no Mestre e na Rainha, está sendo revelado porque esta é a sua época. Que estas palavras sejam compreendidas por aqueles honestamente empenhados na procura. Pois, quem se mover baseado no modismo ou na mera curiosidade predatória não terá motivo para se vangloriar de nada. Porque, na verdade, é o Poder quem escolhe seus filhos. E mesmo assim, os próprios evangelhos vêm dizendo que “Muitos serão os chamados mas poucos serão os escolhidos”.

Leiam com o coração.



# A Revelação do Cipó



## Calçando as Sandálias de Mercúrio

“**A**S NUVENS SÃO FLOCOS DE ALGODÃO PERDIDOS ENTRE OS CÉUS.” Essas foram as minhas primeiras impressões lançadas ao meu diário de bordo quando sobrevoava a floresta amazônica. Dia vinte e seis de junho de 1982. Começava aí uma aventura que iria transformar minha vida num grau que, até então, eu estava longe de imaginar.

Os antecedentes da história eram os seguintes: desde que eu tinha saído da prisão, em fins de 1979, soubera notícias, através de amigos, de uma comunidade no Acre que fazia uso, para fins estritamente cerimoniais e mágicos, de uma bebida conhecida pelos índios com o nome de *ayahuasca*, que chamavam, curiosamente, de “Santo Daime”. Ficou claro para mim, sem que eu soubesse explicar, que mais cedo ou mais tarde eu iria ao encontro dessa comunidade conhecer essa bebida, que um dos hinos, que se canta nos rituais, diz “Ter um poder inacreditável”.

Durante os três anos que se passaram, desde a saída da cadeia até a ida ao Acre, fui compreendendo que o que me levava até lá não era uma mera curiosidade como tantas outras que eu tivera no caminho. Sentia uma coisa estranha me puxar em direção ao Daime; uma coisa em frente a qual eu não tinha controle algum, mas que não era externa a mim, era a expressão de uma sólida vontade de conhecimento que estava arraigada em alguma instância pouco identificada da minha mente.



Lá, eles diriam isso de um outro modo: “Ninguém vem até aqui com as próprias pernas, é o Poder que chama as pessoas.” Quando ouvi isso pela primeira vez, sorri discretamente para não ofender Daniel, meu interlocutor. Ele era uma pessoa em tudo parecida comigo. Um garotão de estrada que, chegado há uns oito anos, ali permanecera até hoje, ligado ao povo do Padrinho. Mas aquela frase me calara no fundo do peito. De que maneira eu poderia explicar a quase obsessão com que, dia após dia, eu ia espreitando uma brecha, um pretexto para poder chegar na Colônia 5000, nos arredores de Rio Branco, onde o Padrinho tinha levantado seu templo? Pobre de mim que considerava o fato, a essa altura, um mistério digno de me ocupar dias seguidos... Em breve eu teria tantos mistérios a decifrar e numa velocidade tal, que eu nem me lembrava mais dos desígnios que me tinham levado até ali.

Mas não vamos precipitar as coisas. Até o dia do embarque, os estágios foram gradativos. Vez ou outra a idéia desaparecia como tinha vindo: sem explicação. Eu pensava que tinha desistido dessa besteira, quando, de repente, lá vinha ela, ainda mais forte. Foi assim que, um belo dia, o Daime me chegou às mãos. Rama, meu amigo, ex-colega de aventuras guerrilheiras que já morava no Acre há algum tempo, trouxe um pouquinho. Mal dava para uma pessoa tomar. Tomamos quatro. Rama tinha sentenciado:

— Daime só se toma no meio do mato, senão não faz efeito.

Fizemos uma adaptação. Na casa de Santa Teresa, onde se deu o evento, sentamos em frente à janela que dava para variados verdes das matas da floresta da Tijuca e adjacências. Lembro-me de que levei os conselhos de Rama mais ao pé da letra e fiquei numa cadeira de balanço com a cabeça literalmente enfiada entre duas gigantescas samambaias.

Esperamos com fervor alguma coisa acontecer. Algo de muito grandioso. Já que, por essa época, corria um número razoavelmente grande de boatos esquisitos. Como, por exemplo, o de que Rama em uma de suas viagens vira Deus e se tornara profundamente religioso. Outros davam conta de que ele estava maluco.

Não cheguei a perguntar nada a ele com medo de que fosse verdade. Minha abertura não ia a tanto. Eu nem sabia direito o que queria ver. Só sei que era algo de grandioso. Estava lá, enfiado entre

as duas samambaias, esperando que alguma grandiosidade se apresentasse. Tínhamos colocado uma música na vitrola. Talvez o *Concerto para Quatro Estações* de Vivaldi.

De repente, eu vi uma estranha luz vermelha. Mexia com as pálpebras e a luz formava arabescos a partir dos movimentos. Comecei a ficar excitado. Pensei: “Uma luz vermelha bem que pode ser o prenúncio da minha visão.” Durou pouco o meu nervosismo. Apenas o tempo de compreender que o pontinho vermelho responsável pelo meu alvoroço iniciático era aquela bolinha vermelha que indicava que a vitrola estava ligada.

Saí meio envergonhado dessa experiência. Com a clareza de que esse tipo de postura de “consumidores de alucinógenos” nada tinha a ver com o assunto em questão. Mas ainda levaria muito tempo para que essa postura mudasse na prática.

Ainda outra vez, tomei o Daime, antes de viajar para o Acre. Foi em 1981 e eu já morava em Visconde de Mauá, nos arredores da Vila de Maromba. Dessa vez, tínhamos quantidade suficiente. Tomamos com o respeito e a perplexidade devidos. Desta vez senti várias coisas se processando dentro de mim, sensações de peso, de gravidade, acuidade de percepção etc. Mas nada fundamentalmente muito diferente de outras viagens que eu já tivesse feito. Saímos depois, eu e André, andando Maromba acima, em direção ao sítio do Bigode. Via a paisagem toda em meu redor constituída de pontinhos coloridos. E nos deixamos ficar, horas e horas, ante cada teia de aranha carregada de orvalho que víamos pelo caminho.

“Estranha superioridade essa, de espreitar a intimidade das nuvens de um ponto ainda superior ao que elas reinam.” Anotava no meu diário, enquanto pensava nesses antecedentes e olhava as nuvens, cobrindo palmo por palmo de floresta. Já a floresta restava à maneira dela. Extremamente sólida e impune aos homens. Na forma de um horizonte quase infinito e ainda, relativamente, longe de extinção.

Ao lado, meus dois companheiros de viagem: Gil e Zé. Tínhamos formado uma sociedade, poucos meses antes e importado uma aparelhagem de vídeo. Não foi difícil convencê-los de que o nosso primeiro trabalho profissional fosse um documentário sobre o Daime e a Colônia 5000, em Rio Branco, capital do Estado do Acre.

“Nada se compara a ela. E dela vem a sua força. Sobre ela eu derramo a minha curiosidade. E sobre mim, ela, a floresta, me faz ver a sua autoridade.”

Acabara de saborear a comida, gosto de matéria plástica, que servem nos aviões.

“Senhoras e Senhores, dentro de poucos segundos aterrissaremos no Aeroporto de Rio Branco, queiram apertar os cintos de segurança e não fumar; temperatura local, trinta e oito graus, a Varig-Cruzeiro espera tê-los de volta breve, em uma de suas aeronaves etc. etc.”

## **Primeiro contato com o Olimpo Amazônico**

Desci as escadas do Boeing 737. Uma lufada de ar quente entrou pelos pulmões adentro. Rama e Sônia, que vieram dias antes, me esperavam na varanda do aeroporto.

Rio Branco. A terra onde, no início do século, meu avô tentara a sorte na borracha e onde meu pai tinha nascido. Eu me sentia o próprio Mercúrio, o mensageiro dos deuses da mitologia grega. Vinha representando um segmento cultural de classe média que, apesar dos pesares, tinha mantido, através dos anos e das experiências, uma relativa abertura existencial e científica para os segredos do Cosmos. Uma abertura um tanto pretensiosa, aprioristicamente inclinada a ver em tudo aquilo mero objeto de estudo antropológico. Mas lá no fundo havia uma sede de conhecimento e uma certa humildade. Era isso que conferia aos meus próprios olhos, o verdadeiro significado de minha procura. Não estava ali apenas para fazer um vídeo sobre uma bebida misteriosa. Estava ali, igualmente, para galgar um degrau novo que nem eu mesmo sabia direito o que era.

Mercúrio encontrava-se, portanto, no umbral do seu Olimpo. Em ponto cardeal algum se divisava o Monte Ida. Um Olimpo feito de árvores gigantescas, banhadas pelos igarapés. De bichos, onças, caboclos, índios, seringueiros, tradições, folclore, assombrações.

Tudo isso para alcançar mais no fundo uma outra memória a ser revisitada: imagens imprecisas de uma ancestralidade pouco conhecida, meu pai, meu avô, meus arquétipos.

Tudo isso eu ia pensando, enquanto a kombi alçava vô sobre os buracos das ruas de Rio Branco. Parecia que ela também tinha as sandálias de Mercúrio.

Tudo ali me era familiar apesar de desconhecido. O calor, os mosquitos, os tipos simpáticos atarracados que zanzavam pelas ruas. Morenos sorridentes, trafam uma descendência nordestina, misturada com índios, mistura de vários tipos que foram dar naquele canto de Brasil, em busca de sorte grande da borracha, achar o Eldorado tupiniquim tropical, conseguir os bens da fortuna e os males da malária.

Na casa de Rama, nossa equipe de VT se instalou provisoriamente. Preparativos para o almoço. Dourado ensopado com banana comprida. Sônia não cansava de me cochichar no ouvido:

— Você não vai acreditar. A Colônia é uma coisa impressionante!

Eu, morto de curiosidade. Mas a gente só seguiria viagem na manhã seguinte, bem cedo, em direção à Colônia 5000, a uns doze quilômetros de Rio Branco, onde fora erguida a Igreja. Fazia numerosos cálculos cabalísticos e numerológicos para entender o porquê de Colônia “5000”. Novamente Rama veio em meu socorro.

— Não é nada de mais não. As colônias são lotes padronizados por uma determinada extensão de terra. E antigamente elas eram vendidas ao preço de cinco mil-réis. Daí, o nome ficou...

Pequeno passeio pelos arredores. Sorvete de mangaba com açai. No dia seguinte já seria a Festa de São Pedro. A gente desceria como de pára-quedas, cheio de câmeras, gravadores, fios etc. Eu me sentia meio nervoso ante a necessidade de conciliar meus compromissos profissionais com a aventura existencial privada. O encontro com o Daimé se afigurava para mim como o mais importante de tudo. Não era à toa que há anos eu vinha me preparando para esse dia. Era uma certeza, vítima de um pressentimento. Eu não seria, nunca mais, o mesmo. Quem desembarcasse naquela tarde calorenta em Rio Branco não haveria de passar imune aos acontecimentos que apenas se ensaiavam. O que me tranqüilizava

era o fato de que esse encontro não era apenas uma veleidade da minha parte. Era uma convocação. O Poder, de alguma maneira, me chamava, por intermédio de estranhos desígnios. Eu queria saber o meu destino para poder ter a liberdade de cumpri-lo. Como os heróis gregos, que sempre povoavam minhas fantasias, desde o dia em que li *Os doze trabalhos de Hércules* de Monteiro Lobato. O Padrinho Mário, alguns dias depois, sintetizaria esses meus pensamentos de uma maneira muito clara. Diria ele:

— Quando eu tomei o Daime pela primeira vez aconteceu uma coisa muito séria. O homem que foi nunca mais voltou.

E arrematando com o seu risinho:

— É o que eu sempre digo aos meus irmãos: só se toma o Daime uma vez.

Padrinho Mário. Por enquanto, eu o conhecia apenas através das referências, cheias de afeto e respeito, de Rama e André que já estivera no Acre no ano anterior. Estávamos jantando, quando ele chegou. O encontro já estava programado. Seria uma apresentação formal. Afinal de contas, íamos ficar na casinha dele, na Colônia.

Difícil descrever a impressão do encontro. No dia seguinte, eu escrevi assim:

“O bruxo chegou, lá pelas sete horas e meu relógio ainda marcava nove. Não sei se por causa da diferença do fuso ou por fruto de uma de suas bruxarias.” Fui tomado integralmente por aquilo que se convencionou chamar de amor à primeira vista. Uma aura de serenidade se espalhava pela sala. Uma nova modalidade de pai começava a surgir ali, naquele momento, diante dos meus olhos. Na primeira vez que meus olhos bateram no Padrinho Mário, tive a impressão, por alguns segundos, de estar diante de um gnomo: baixinho, nariz meio curvo, as orelhas muito grandes e dois dentinhos, que ressaltavam dos demais, quando ele ria seu risinho predileto, uma espécie de gargalhada contida e ritmada, seguida de um silêncio, quando punha seus olhos no da gente até esse olhar atravessar o corpo e se fixar em algo invisível para os meus próprios olhos.

Se eu já tivesse lido nessa época o “Senhor dos Anéis”, não teria a menor dúvida em responder os cumprimentos que ele me fez, pela primeira vez, naquela noite:

— Encantado em conhecê-lo, Sr. Bilbo Bolsim!

Depois das apresentações, simpatias e apreensões, todos rumamos para o escritório onde fomos conversar. Eu, muito impressionado com tudo aquilo, consultava meus estereótipos e aguardava timidamente que o Padrinho nos brindasse com o melhor de sua sabedoria, quem sabe com seus sortilégios. Como se ele adivinhasse meus pensamentos, dava um risinho e ficava absorto em seus pensamentos.

Desacostumado com sua estranha maneira de pitar em silêncio, comecei a me sentir meio incomodado. O silêncio para mim ainda era, a essa época, a ausência de alguma coisa, e não o mais poderoso acréscimo para se ouvir além do pensamento.

“Tenho que dizer uma coisa bonita, profunda, sei lá!”, pensava eu com os meus botões. Mas, na verdade, me sentia incapaz de dizer uma coisa bonita, ou alguma verdade, para aquele homem que, em si mesmo, já era a própria beleza e serenidade. Restava só disfarçar a minha sem-graceza com algumas observações esporádicas. O máximo que eu conseguia era tirar Seu Mário lá do Astral e obrigá-lo a responder alguma besteira. O que ele fazia, diga-se de passagem, com extrema delicadeza. Como soubesse que durante as sessões com o Daime alguns fiéis escutassem hinos diretamente do Astral, perguntei:

— Seu Mário, o senhor já recebeu algum hino?

Ele abriu os olhinhos devagar e me respondeu pausadamente:

— Vou dizer uma coisa, tá? Os hinos são de quem zela por eles e cumpre a doutrina. Eu me considero uma pessoa feliz porque tento cumprir tudo que os hinos vêm dizendo. Então, todos os hinos são meus, acho que eu sou a pessoa que tem mais hinos!

Não conseguia atentar, ainda, para o que estava por trás de tanta simplicidade. Silêncio. Novamente aquela mania de relatar a todos as sensações totalmente novas que eu sentia. Outras vezes já sentira aquele tipo de acuidade em alguma “viagem”, mas nunca pensara na possibilidade de uma comunicação mental com outras pessoas concentradas e em silêncio. Esquadrinhava os rostos. Era como se todos eles estivessem fazendo parte de uma coisa, ali manifesta, e misteriosa. É como se o tempo estivesse em suspenso. De repente me passou pela cabeça que eu pudesse ser um deles. “Bobagem”,

pensei. “Apenas um sentimento de transporte, uma recaída de simplicidade.” Às vezes a gente se entrega à primeira emoção, que nem manteiga derretida. “Parece que Seu Mário está lendo meus pensamentos e sorrindo ante minhas dúvidas... Será que ele é mesmo um bruxo com superpoderes?”

A vaidade exigia que eu deixasse alguma impressão naquele primeiro encontro. Ensaiei alguns comentários profundos. Vira e mexe Seu Mário saía do seu Olimpo e me respondia com delicadeza. Rama sorria com minha confusão. Colocamos no gravador o *Concerto de Colônia* de Keith Jarret. Antes de ficar definitivamente tonto, lembro-me de ter visto a cabeça de Seu Mário balançando ao som da música, olhinhos fechados e o sorriso no canto da boca.

## A Colônia 5000

No dia seguinte, acordei com uma leve sensação de constrangimento. Sentira certa falta de sintonia entre nós, os visitantes e o pessoal da Colônia. Um certo receio de ter feito alguma coisa errada, em vez de, simplesmente, me entregar à placidez silenciosa daquelas pessoas concentradas. Por outro lado, ficava me torturando se Seu Mário, devido às minhas insistentes perguntas, não teria me achado meio fútil, despreparado para o caminho espiritual.

Sentia-me ainda mais pequeno à medida que eu percebia que essas preocupações, no máximo, faziam parte de minha vaidade, da minha velha mania de ser um prodígio em tudo. A isso eu fora acostumado desde pequeno. Minha última aventura na luta guerrilheira confirmara essa minha suposição. A realidade sempre aprontava comigo algumas ciladas que terminavam redundando em responsabilidades que normalmente seriam superiores às minhas forças. Às vezes eu desejara ardentemente um mestre, uma espécie de guru com quem eu pudesse abrir meu coração, aprender como um discípulo. Mas tudo isso me parecia muito humilhante e, até esse presente momento, a humildade estava longe de me parecer

uma virtude aceitável e muito menos uma premissa para o conhecimento.

O meu encontro inicial com Seu Mário foi, talvez, a primeira vez que eu passei a ver a humildade com outros olhos, com uma dignidade até então insupeitada para mim. A suposição de agradar, a pretensão de ser aceitável já é o início de uma grande distorção que nos impede de trabalhar com a própria realidade que somos. E como somos uma coisa muito parecida com o “Outro”, esse reconhecimento tácito bem que deveria ser a base de relação entre os homens.

“Seria esse o tal amor que os cristãos propalam e que é um negócio tão abstrato para mim, egresso de noções tão historicistas sobre os vínculos que amarram os homens concretos às suas respectivas classes sociais?”, pensava eu.

Nesse determinismo eu não conseguia encontrar um espaço real para os rudimentos do Evangelho que, vira e mexe, bailavam em minha cabeça. As palavras do Cristo se resumiam para mim num punhado de exortações morais e, como tal, destituídas de qualquer senso prático, completamente incapazes de serem concretizadas na história real de homens concretos.

Tudo isso me vinha à cabeça enquanto rumávamos para a casa de Seu Mário de onde partiríamos para a Colônia 5000. Ligeiramente apreensivo, um tanto paranóico, ante a possibilidade de algum comentário de Seu Mário, chegamos ao alpendre de sua casinha, à beira do rio Acre, o mesmo, à margem do qual, em algum ponto da floresta, tinha nascido meu pai. Qualquer medo que eu tivesse se dissipou quando ele me recebeu, com as seguintes palavras.

— Muito bom o trabalhinho de ontem à noite, não?

Lembrando dos olhinhos fechados de Seu Mário, ao som de Keith Jarret, eu entrei na casinha modesta e formosa. Não sei explicar a beleza que exala dentro daquela casinha, sensação que me acompanhou sempre que eu entrei nas mais modestas choupanas que mais tarde visitei. Ali existe uma presença perceptível até para os espíritos mais empedernidos. É como se a textura das vibrações que ali se desenrolam, quase diariamente, se adensassem e ficassem flutuando de uma forma tão rarefeita e sutil, que não respeita os limites de nosso corpo. Só isso explica que, além da



agradável sensação física de estar ali, os nossos próprios pensamentos são tomados de uma alegria e plenitude difíceis de descrever. Também o sentimento se impregna dessa força e, ele próprio, sem que a nossa consciência e vontade dêem conta, começa a querer vibrar também dentro daquela harmonia.

Hoje, percebo como isso é uma pequena e ínfima revelação de um tipo de amor, para mim, até então, incompreendido. Mas, por aquela época, eu imaginava que toda essa bem-aventurança fazia parte de algum estado emocional meio passivo que me dominava toda vez que eu me afastava da minha casa e dos meus filhos.

Não é à toa que o nosso corpo é a casa de uma outra coisa, da qual nós somos, por assim dizer, uma parte da mobília. Um hino veio me explicar isso mais tarde:

“O Templo sendo cada um  
O Mestre continua ensinando.”<sup>1</sup>

Tudo isso me vem à cabeça pensando na confusão que a Igreja Católica operou no verdadeiro cristianismo. Antigamente, as igrejas do “Caminho” eram o próprio lar, uma espécie de hospedaria, onde Deus estava sempre presente. Na medida em que a evolução institucional do cristianismo levou a querer instituir seu Reino na Terra, baseado nos mesmos critérios de riqueza, poder e falta de escrúpulos que vingavam nos demais reinados da terra, mais essa relação entre a casa e a Igreja foi se distanciando. Até o ponto em que o Templo é o espaço para a devoção e a prática da virtude, e qualquer casa que não seja o templo é simplesmente uma casa, onde a desarmonia com as leis cósmicas ou divinas pode ser sancionada. O catolicismo rompeu essa unidade que existia no cristianismo primitivo. Passou a exigir que fôssemos apenas a mobília do salão do Mestre (e assim mesmo, em hora e lugar previamente definidos) e nos desobrigou do mais importante, qual seja, sermos também o próprio salão que abriga a essência divina em todos os homens, sem distinção. Com isso, começou o boicote à porção nitidamente esotérica, sem a qual, qualquer leitura do cristianismo torna-se falha. A ênfase passa a ser dada, unicamente, pela identificação

*exterior* com um conjunto de normas que vai se codificando enquanto culto, ritual. Nele, somos pelo fiel cumprimento, pela imobilidade extática e estática no mesmo papel, a mobília que nunca é disposta de outra maneira que não aquela. Com isso se negligencia o que era, talvez, o fundamental para os que seguiam os primeiros apóstolos e mártires: o trabalho interior que conduz a uma percepção e experiência de Deus, o que, aos poucos, passou a ser um privilégio apenas dos grandes místicos visionários, espécie de “marginais” cooptados, séculos depois, pela Igreja Oficial, talvez no intuito de fortalecer a identificação entre essa Igreja, cada vez mais desespirtualizada, e as massas com seu eterno pendor e potência mística latentes e energia social represada.

Pois bem, tinha acabado de descobrir, mesmo sem saber, o encanto das Igrejas primitivas. A casa do Seu Mário era uma dessas velhas igrejas do “Caminho” e ele próprio se confundia com ela, na medida em que ambas eram idênticas manifestações de uma outra presença.

Esse mesmo hino do Padrinho Sebastião, que Seu Mário gosta muito, fala ainda:

“Eu sou a sala, eu sou o Trono  
Para o meu Mestre conversar.”<sup>2</sup>

Embalados pelas vibrações que me sussurravam tão bons pensamentos, íamos combinando os detalhes da viagem. Eu, ligeiramente excitado, antegozando o impacto do encontro que se tornava cada vez mais próximo. D. Lúcia, mulher de Seu Mário, zanzava da cozinha pra sala, com sua simpatia contagiante. Gil e Zé checavam uma imensa lista de equipamentos, com os quais, em breve, iniciaríamos a gravação de nosso programa sobre o Daime. Rama limitava-se a sorrir, de vez em quando, como que adivinhando meu estado de ânimo.

Quando já deviam ser umas nove horas da manhã, depois de algumas compras no mercado, embarcamos de armas e bagagens na kombi que nos levaria para a Colônia. O calor já era quase insuportável e ondas de poeira úmida dançavam a nossa volta. Seu

Mário se despediu, dando as chaves de sua casinha e algumas recomendações sobre nossa chegada.

Traíamos um certo nervosismo com excesso de piadas e risos no interior do carro. Ainda fizemos algumas paradas para as compras que faltavam. Tomamos a estrada que, finalmente, nos levava para fora da cidade. Mais adiante, o ramal até a porta da Colônia.

Era o dia 29 de junho de 1982. Dia da Festa de São Pedro, festa onde eu pretendia gravar cenas mais incríveis, até hoje registradas na televisão, em nosso planeta. Só que isso iria acontecer dentro de mim e se gravou na minha alma. Se tudo começara com o *Concerto de Colônia* de Keith Jarret na casinha de Seu Mário, agora seria a vez do *Concerto da Colônia*, hinário de Alfredo Gregório de Melo, filho e eventual sucessor do Padrinho Sebastião.

## **Chegada ao Palácio de Juramidam**

Rama apontou para uma estradinha à direita do ramal.

— A partir daqui, já são terras pertencentes à Colônia. Antigamente ela era bem maior, mas quando o Padrinho Sebastião e a maior parte do povo se mudou para dentro da mata, venderam um bom pedaço.

Isso era dito aos solavancos. Vencidos os últimos buracos, cruzamos um mourão e entramos por um caminho atapetado de grama, onde algumas cabeças de gado pastavam displicentemente. O coração também ia aos solavancos. Só não saía pela boca porque uma estranha calma paralisava os sentimentos e os pensamentos desordenados, que deveriam corresponder ao seu batimento.

Mais uma cerca de arame e penetramos as terras da Comunidade. Um monte de garotos logo se acercou do carro. Um perguntou se Rama tinha trazido caixinhas de traques da cidade. Mais algumas manobras e atravessamos a última porteira. Ao fundo, ergue-se a Igreja com suas duas torres, encimadas pelo Cruzeiro, a cruz de braço duplo também conhecida como Cruz de Caravaca.

Uma placa com os dizeres “Hei de Vencer” me trouxe, instan-

taneamente, à baila o lema que me acompanhou durante anos na minha fase de militância política nas organizações guerrilheiras de esquerda: Ousar Lutar, Ousar Vencer. Nada tão diferente quanto os propósitos a que serviriam um esforço e determinação da vontade muito semelhantes. Numa, Ho Chi Min desafiara, através da violência, a Opressão Colonialista. Noutra, algum anônimo santo iletrado expressara a sua fé ilimitada de travar a mais dura batalha, a da mansidão, o caminho mais curto para a eternidade. E quem levava essa bandeira, hoje, era um velho de barbas, quase igual ao Tio Ho.

Eu me sentia no meio do caminho entre essas duas direções. As minhas concepções sociais ainda me levavam a adotar, pelo menos teoricamente, a violência do povo oprimido como um recurso justo. Por outro lado, era notório que alguma força semiconsciente me levava até a floresta amazônica para o encontro com uma dimensão espiritual que, até então, eu relutara em assumir.

Enquanto estacionávamos na frente da casa do Seu Wilson, o Administrador atual da Comunidade, eu ficava pensando se aquele templo erigido, ali no meio da mata, não seria a derradeira prova de que os deuses eram, realmente, astronautas. Nada me parecia tão inacreditável quanto aquela construção ali, cercada pela floresta sem fim.

Todo mundo nos olhava com um certo espanto, fruto da nossa imensa bagagem e equipamentos. Depois de nos apresentarmos ao Seu Wilson e à sua família fomos desembarcar na casinha que Seu Mário tinha, gentilmente, cedido ao nosso grupo.

A casinha era parecida com todas as outras. Suspensa por uma espécie de palafita, toda de madeira e com teto de zinco. Uma sala, um quarto e uma cozinha, uns poucos móveis e um indefectível retrato do Padrinho numa das paredes.

Maria, que tinha se tornado uma grande amiga de Sônia, ficava ali, silenciosa, assistindo ao desembarque. Zé, um dos membros de nossa equipe de VT, assumira seu papel de repórter com desembaraço. Deslizava entre os visitantes (que a essa altura eram muitos) colhendo frases, impressões que depois, discretamente, anotava num caderninho. Eu também ficava um tanto nervoso com a quantidade de coisas novas que eram ditas com a maior naturalidade e onde eu percebia trechos inteiros de diálogos do livro que começo

a escrever. Abrindo agora meu caderno de apontamentos (eu também tinha o meu bloco de repórter), deparo-me com uma infinidade de frases, trechos de discurso, anotações sobre papos, cada um com a letra mais estranha do mundo. A disposição dessas anotações também não obedece a nenhuma lógica: eram feitas de lado, de cabeça pra baixo, em diagonal, traindo em todas elas a pressa para registrar aquela maneira surpreendentemente clara de discorrer sobre as questões do céu e da terra. Maria falava alguma coisa que me chamara a atenção:

— A nossa religião é diferente das outras porque está procurando uma verdade que ainda está se fazendo.

Lendo agora os garranchos com os quais escrevi essa frase e coloquei ao lado: Maria; a cena me vem direitinho à memória. Ela falando e depois baixando os olhos, como se ficasse envergonhada de dizer algo tão preciso para definir essa nova doutrina.

Metade da Colônia já estava na nossa porta. Vinham conhecer o pessoal da televisão. A garotada, pelo menos, veio em peso. O zunzum das apresentações parecia não acabar mais. Foi quando, no meio daquela festa toda, dei conta de um homem ainda novo, que não tinha chegado aos trinta anos. Ele me olhava com um sorriso solene. A primeira idéia que me bateu era um misto de índio com um governador espanhol do século XVI. Difícil falar da impressão que ele me causou. Algo assim como se já nos conhecêssemos de muito tempo atrás. A maneira do nosso cumprimento também deixou claro que, implicitamente, nos sentíamos felizes por aquele encontro, ou melhor, reencontro. Cara de bruxo, ar de sábio, ginga de malandro. Assim foi que encontrei Chico Corrente, sempre desferindo contra o éter gestos surpreendentes de apóstolo roto do início (ou do fim?) dos séculos, como se vivesse, simultaneamente, numa outra dimensão, da qual ele era o porteiro vigilante, sempre regulando a entrada e a saída de forças, para mim, desconhecidas. Quando dei conta de mim, ele dizia:

— O que nós queremos é a Verdade. Assim na terra como no céu. O mestre foi quem disse. Se o Cristo é a ponte, o mestre é a seta, é a luz que indica o caminho... (respirava fundo e levantava as mãos como um pregador dos primeiros tempos do cristianismo). Quem segue os pés do Mestre agora, já esteve por aqui encarnado.

A gente aqui trabalha para chegar a Deus, dando testemunho de nossa batalha. A casa é de todos, o dom de cada um. É Deus quem vem dando capacidade pra tocar pra frente, e tudo foi dando certo. Para nós, o Daime não é um líquido, é maneira desse ser espiritual se manifestar para nós. Ele também faz toda a sorte de curas, só não cura sentença!

— Eu só não entendo uma coisa, Chico — lá ia eu teorizando...

— Não adianta falar muito, irmão. Hoje no Hinário de São Pedro, se tiver pra você, você vai enxergar.

Sorriu com os poucos dentes restantes. Vi novamente o índio, ou melhor, o feiticeiro asteca, o anacoreta na caverna. Tomei a resolução de procurá-lo mais tarde, antes do Trabalho de São Pedro. Fiquei com a sensação visível, e ao mesmo tempo desconfortável, de que o Chico já sabia de tudo que ia acontecer logo mais comigo.

Almoçamos na enorme cozinha do Seu Wilson. Várias pessoas, vindas de fora, para o “Festival da Fogueira”, que abrange Santo Antônio, São João e São Pedro, espécie de população itinerante.

À tarde, fomos dar uma volta, Rama e eu, pelos arredores. Um rebanho de ovelhas seguia-nos para onde quer que fôssemos. Conheci mais um grande personagem: Veríssimo.

Difícil descrever essa figura encantadora, mistura de campônio e de lorde inglês da Idade Média. Em poucas pessoas na vida vi uma delicadeza, uma ternura, um companheirismo e uma atenção, como nele. Em alguns minutos já éramos amigos para o resto da vida, sensação que, com o tempo e as minhas sucessivas viagens, só se confirmou. Seus olhos brilham com uma suavidade tal, quando nos encara, que é impossível não se sentir envolto numa aura de verdade. Foi assim que me senti, quando ele se despediu para cuidar do gado, prometendo para o dia seguinte uma “nata” (espécie de ricota) de primeira qualidade.

Pegamos câmera e gravador e nos dirigimos à casa de Seu Wilson. Acertamos uma gravação na Casa do Daime. Formalmente, pedimos autorização para gravar cenas, logo mais, durante o hinário.

Seu Wilson é uma figura especial. Baixinho, gordinho, alguma coisa que lembra meu pai. Seu ar é um tanto débil, de alguém que vive constantemente adoentado. Mas um forte magnetismo espiritual depreende-se dos seus olhos. Ele olha fixamente para dentro

do interlocutor. Usa um chapeuzinho, um enorme terço no pescoço, por cima de uma camiseta meio desbotada. Tudo nele é, ao mesmo tempo, insólito e harmonioso. Sinto que imediatamente ele “me descobriu” entre os outros dois da equipe. De tempos em tempos, em alguns intervalos da entrevista repletos de silêncio, ele me olhava de um jeito cúmplice. Tenho a impressão de ouvir na minha mente algo parecido com “bem-vindo, filho”. Resisto um pouco a esse claro diferenciamento de tratamento, apesar de sentir nisso uma espécie de confirmação do meu presságio: Eu tinha ido até ali por motivos que transcendiam em muito o programa de televisão. Absorto nesses pensamentos, era interrompido novamente pela voz do Seu Wilson:

— Por isso que festejamos essa festa, a festa da Fogueira. Nós festejamos Santo Antônio, festejamos São João, que era primo de Jesus Cristo, e festejamos São Pedro que era muito amigo de Jesus Cristo, Jesus confiava muito nele.

Seu Wilson falava com uma convicção e um conhecimento de causa que não deixavam margem a qualquer dúvida. Parecia que dominava inteiramente fatos ligados à intimidade da relação de Cristo com São Pedro, que passaram despercebidos a todos os apóstolos que, posteriormente, escreveram sobre o Mestre e os discípulos.

Depois do papo, Seu Wilson posou para fotos orgulhosamente, em meio a diversas garrafas (“os carneiros”) de Daime de todas as épocas e procedências. Contou a história de sua cura no Daime, no tempo do Mestre Irineu. Na saída, me retardou um pouco, a pretexto de não me lembro o quê, e me disse, meio em sussurro:

— Hoje à noite quero que você tome um Daime especial. Na hora que você quiser, fale comigo.

Suspeitas confirmadas, fomos andando vagarosamente para a Vila Santa Maria, nome do arraial onde fica o Templo.

— O velho Mota me deixou aqui para ser o guardião. Quando ele foi pra dentro da mata, mandou eu ficar aqui de porteiro. Você fica tomando conta da porta; ele disse: “Eu não quero que todo mundo vá me aperrear lá!”

— Quer dizer que é difícil chegar até onde o Padrinho está?

— Agora pode não. Eles estão vivendo muitos problemas para poder receber visitas.

Olhei em torno. Chegamos a um ponto do caminho onde nos separaríamos.

— Até mais Seu Wilson, vou me preparar para a festa.

— Até, meu filho. Não se esqueça, fale comigo se quiser tomar o Daime.

## **Meus Deuses habitam longe dos templos**

A tardinha ia caindo. O calor cedia a um frescor tropical. Os pássaros se recolhiam em bandos. Aqui e ali surgiam homens, mulheres e crianças envergando suas impecáveis “fardas”; os homens de terno branco e gravata azul-marinho escura e as mulheres com uma saia branca pregueada, saiote e faixa verde, fitas coloridas no ombro e uma tiara na cabeça.

Depois de várias pesquisas de indumentária optei por uma túnica branca indiana que me deixava os movimentos confortavelmente à vontade. As regras no dia de trabalho são rígidas: homens de um lado, mulheres do outro. Tanto dentro da Igreja como no terreiro, do lado de fora. Os casais só se falam no intervalo à meia-noite e depois do término do trabalho, ao amanhecer.

Confesso que essa separação me irritava um pouco. Parecia-me mais uma imposição de um determinado tipo de moral conservadora do que uma necessidade do trabalho. Mas por via das dúvidas, como tudo que ocorria ali me era desconhecido, respeitava de boa vontade os regulamentos. Esta era a única postura possível para quem ia até ali aprender.

Mas sempre que pintava a oportunidade, infringia o regulamento de bom grado. O trabalho ainda estava para começar, eram umas 5:45, quando eu batia um papinho com a Sônia e mais algumas pessoas.

João Batista, um dos “fiscais” encarregados do cumprimento das ordens do serviço, veio nos chamar a atenção. Seu tom não foi dos mais simpáticos e fiquei realmente irritado. Engoli todas as



minhas respostas, enquanto ele nos acompanhava em direção à Igreja ruminando um vago sermão moral. “Bolas”, pensei, “cheguei hoje e esse cara já me trata como se eu fosse de dentro há anos.”

Entramos no Templo. As mulheres já estavam mais ou menos formadas à direita. Os homens mais dispersos zanzavam pelo salão. Vários visitantes e assistentes se acomodaram nos bancos a eles destinados.

Eu, Zé e Gil resolvemos gravar algumas cenas durante a primeira parte do “Hinário”. Entramos na fila do Daime.

No gosto do Daime existe um mistério. Nada no mundo se parece com ele. Peguei o gravador e saí acompanhando o Gil. Não consegui relaxar como eu queria. A necessidade do trabalho profissional não permitia a entrega. Ainda por cima ficara ansioso “esperando” o efeito do Daime. E essa expectativa só dificultava as coisas. Nada de extraordinário iria se passar ali, enquanto eu permanecesse com essa postura.

Via de longe Sônia no lado das mulheres se esforçando em bailar com um maracá. Às vezes me dava vontade de mandar todas aquelas prescrições do ritual às favas e ir sentar com ela em algum cantinho da mata.

Quando encerramos as gravações foi servido novamente o Daime. Ao fundo da Igreja tem uma réplica do templo em madeira. Por duas janelinhas o Daime é oferecido sem que o trabalho pare por causa disso.

Nessa segunda tomada, para usar o linguajar deles, “a força bateu”. Senti os pés feito chumbo e pouquíssima percepção do meu corpo da cintura para cima. Procurei um lugar para sentar com medo de cair. Uma espécie de estalo no ouvido esquerdo como quando ando de avião.

Uma cadeira me chamou a atenção especialmente desde o começo do “trabalho”. Era uma dessas cadeiras de cordas de *nylon* trançadas tipo semi-espreguiçadeira muito comum nas casinhas simples do Norte e Nordeste do Brasil.

Várias vezes tentara chegar até ela mas era difícil ficar desocupada por mais de alguns segundos.

Novamente me veio o desejo de sentar nela. Alguém chegou na minha frente. Fiquei no banco. Zonzo, com vontade de vomitar,

estômago embrulhado. Foi mais ou menos desse jeito que eu estava quando deu o intervalo da meia-noite.

Levantei com dificuldade, chamei a Sônia com os olhos. Ela estava no auge de sua viagem. Queria ficar junto das mulheres. Fiquei magoado. Eu me sentia péssimo e gostaria de aterrissar um pouco com ela ao meu lado.

Quase criamos um clima de briga. Fui andando meio sem rumo. Cólicas, vontade de cagar. Pior que isso: a sensação de que eu já podia ter cagado e todo mundo me olhava divertido.

Completamente desorientado, atravessei o portãozinho de ferro nos fundos da Igreja e peguei o caminho que levava à casinha do Seu Mário.

Arrisquei comer uns biscoitos com queijo, a cólica apertou. Fui ao mato e nada de sair. Voltei. Troquei algumas palavras ressentidas com Sônia. As pessoas iam e voltavam da casinha.

Deitei um pouco com Sônia em cima do *sleep*. Senti-me próximo à exaustão e uma *bad trip* de ácido.

Alguém perguntou se eu não ia voltar, o trabalho iria recomeçar breve. Jurei para mim mesmo que eu não voltava de jeito algum. O sono me tentava.

A casa já estava quase vazia. Alguma coisa em mim relutava em dormir. Nisso, começaram os hinos na Igreja. Chegavam nítidos e suaves até meus ouvidos.

Uma fagulha irrompeu no cérebro e com ela uma ordem muito clara: “Volte para a Igreja!”

Levantei-me sem discutir. Não conseguia enxergar nada direito. Levei dez minutos para andar uns poucos passos, pois que, de repente, tivera a nítida sensação de estar ora à beira de precipício, ora numa mata fechada cheia de espinhos.

Depois de muito esforço, consegui reencontrar o caminho. Ainda parei na casa de Seu Wilson, tomei um chá de capim-santo. Muito doce. Nova ânsia de vômito. Senti-me todo verde. Fui até a janela e comecei a respirar fundo. Com a cabeça apoiada nas mãos, olhava o chão do terreno como se estivesse a centenas de metros de altura. Minha vista, porém, tudo alcançava, os mínimos detalhes das pedrinhas e da areia. Dois perus pararam debaixo de mim e me

fitaram interrogativos. Naquele momento, não consegui defini-los como dois perus. Apenas senti uma avassaladora onda de amor por aqueles dois bichos e a inquestionável sensação de que eles tiveram pena de mim e foram ali me ajudar.

Quando consegui despregar os olhos dos meus amigos, percebi o céu estrelado. Mil irradiações de energias refrescavam minha nuca e davam alento para eu voltar até a Igreja. Encontro com Tom no terreiro e mais umas pessoas de Rio Branco. Um esforço enorme para poder trocar meia dúzia de palavras.

Seu Wilson vem em minha direção:

— E aí, mirou?

— Não sei.

Segue em frente. Antes, reitera o convite para tomar o Daime especial. Tinha me esquecido.

Quando entro no salão sou arrastado sem saber para um ponto de trás de uma das pilastras. Quando me dou conta, estou ao lado de minha ambicionada cadeira. Quando, enfim, sentei-me senti que era ali que começava minha viagem.

No intervalo, tinha dito de passagem para Rama:

— Meus deuses não habitam os templos e os palácios. Eles preferem o ar livre.

Queria dizer com isso que me sentia bem mais feliz quando saía de lá de dentro e ia me recostar na beira de algum mato, olhar as estrelas. Ficar lá dentro ouvindo os hinos era um sacrifício. Agora, sentado na minha cadeira, a sensação era inversa. Eu não sairia dali por nada desse mundo.

A segunda parte do trabalho não só é cantada e bailada, como também tocada. Os músicos, depois de um período de afinamento, iam esquentando. O bailado recomeçava.

Um argentino ao meu lado começou a falar:

— É uma explosão de energia, são vibrações que vêm de todos os lados, não é mesmo? São explosões de energia...

Aquele discurso não só me impedia a concentração como me fazia mal. Fechei os olhos e desejei mentalmente que o argentino sumisse da face da terra. Quando abri, ele não estava mais lá. Fiquei assustado com o fato.

De longe, vi o Chico Corrente levando o argentino até a janela.

— Meu irmão, mais respeito com quem tá trabalhando, senão você atrapalha.

— Mas é fantástica a explosão de energia...

— Tudo bem, mas se continuar falando alto, ponho você pra fora. Compreendi que o Chico era meu anjo da guarda.

## **A Viagem do Inca**

Já sentado em minha cadeira, reclinei-me confortavelmente. Os hinos começaram a me parecer mais familiares, algo em mim não resistia mais a eles.

De repente, senti um zumbido progressivo vindo de trás para a frente. Sons de maracás vinham e se confundiam com esse zumbido. Fui me sentindo aprisionado dentro do som dos maracás. Cada marcação fazia mexer círculos concentrados de energia dentro da sala, igual a quando jogamos uma pedrinha na superfície de um lago. Mal aquela camada de energia se assentava, outro golpe de uns 150 maracás, em unísono, agitavam de novo a superfície do lago.

Minha cadeira começou a ficar incandescente como ferro em brasa. Inclinei-me mais para a frente. Tudo estava em minha volta. Via a energia como pequenos círculos que puxavam na direção dos círculos maiores, externos ao seu raio, e, ao mesmo tempo, para os círculos menores que coexistiam no seu interior até o infinito. E assim ia, dali para o infinito e do infinito para o centro da estrela-de-davi, onde o último círculo desaparecia e recomeçava tudo de novo.

A cadeira incandescente virou uma nave, uma espécie de bolha se teceu em torno dela. Era como se, à minha volta, círculos de energia demorassem mais a desaparecer. Isso materializava alguma proteção. Ali dentro, me sentia cristalizado sem que o tempo, a que eu estava acostumado, pudesse interferir.

Um fio de consciência acompanhava todas essas visões. Queria explicá-las, mas não conseguia. Intuitivamente ia descobrindo que

o meu encontro chegara, não adiantava querer explicar nada. Quando debelei as últimas investidas racionais, uma calma muito grande se apossou de mim. Foi nesse momento que eu o vi.

Primeiro, de relance, como uma presença de contornos indefinidos. Depois, o rosto; ora velho e enrugado, como se acabasse de sair de um sarcófago, ora novo e cheio de viço a me pensar com ironia. Cada vez que eu piscava ele aparecia de uma ou de outra forma. Sentia-me como a materialização do pensamento daquele ser, que eu sentiria e me comportaria segundo ele “me pensasse”. Esse poder, no início, me assustou. Depois, uma enorme confiança me serenou.

Olhei mais uma vez. Era um velho Inca com um barrete característico. E uma roupa onde se misturavam lãs coloridas e couro de algum animal. Minha comunicação com ele era telepática. Ia sendo obrigado a representar as projeções que ele fazia de mim. Ele me parecia uma existência concreta muito mais do que eu, uma mera criação melhorada de um poder incompreensível.

Com sua mente, o Inca dirigia minha nave. Ele sabia que me levava a um lugar muito importante. O meu foco de visão oscilava e, cada vez que eu piscava, entre a sensação pouco clara desse lugar e as cenas do bailado em torno da Estrela, as duas imagens se alternavam.

De repente, ambas se sincronizavam. O outro tempo que eu me sentia, milênios atrás, e o outro lugar onde eu viajava, pelos artifícios do meu Inca, coincidiam com aquele tempo presente, quando as pessoas fardadas bailavam e tocavam os hinos. Eram a mesma coisa. Chave do mesmo segredo.

Foi quando explodiu nos meus ouvidos, com o som de mil orquestras sinfônicas:

O Daime é o Daime  
Eu estou afirmando  
É o divino Pai Eterno  
E a Rainha Soberana.<sup>3</sup>

O que eu entendi nesse momento jamais poderei descrever. Meus olhos se esbugalharam e eu, dentro de minha nave, comecei a olhar atentamente as evoluções do bailado. Meus ouvidos entra-

ram em estado de alerta e eu comecei a beber todas as palavras dos hinos que, até então, me passavam semidespercebidas.

O Daime é o Daime  
O Professor dos Professores  
É o Divino Pai Eterno  
E seu Filho Redentor.<sup>3</sup>

De repente, veio a sensação de que eu estivera horas sendo trabalhado pelos hinos que antecederam este. Eu não me lembrava das músicas e das letras, mas elas se gravaram indelevelmente em alguma parte de mim que eu não sabia identificar. Tudo como uma espécie de desobstrução à minha revelia para que eu me preparasse para ouvir E, sem mais, nem porquê, meu ouvido destampou-se e eu “ouvi”

O Daime é o Daime  
O Mestre de todos ensinios  
É o Divino Pai Eterno  
E todos seres divinos.<sup>3</sup>

Meu Inca sorria. Com uma espécie de sinal telepático ele me avisou que eu estava preparado para “mirar”.

Aí a nave começou a trepidar. Como se tragada pelos círculos concêntricos de energia entrou numa zona de turbulência, eu incandesci e minhas mínimas moléculas constitutivas se permutavam com as da cadeira que de repente virou um trono. Eu sentava nesse trono, era homenageado pelo Daime. Tornei-me muito potente, senti desintegrar-me. Fiquei de cabeça para baixo e todas as funções do meu corpo se inverteram e trocaram de posição. Meu cérebro estava no estômago, o estômago no cotovelo e assim sucessivamente. Pensei que ia morrer. Pedi perdão pelo meu orgulho e tudo serenou. Agradei a quem quer que fosse que tivesse perdoado a minha soberba e feito cessar aquela angústia física.

O Daime é o Daime  
Eu agradeço é com amor

É quem me dá minha saúde  
E revigora o meu amor.<sup>3</sup>

O hino surpreendeu meu agradecimento. Aí eu vi. As pessoas bailando e agitando seus maracás *eram* a celebração da origem da vida. O ritual originário da celebração do início do homem sobre esse planeta. A Floresta resplandeceu em volta e o cipó era a compreensão de tudo, um ser que a tudo assistia desde o início. Eu entendia o Universo, a vida, a criação, o seu profundo sentido e mistério. Eu entendia o tempo em seu fluxo desordenado e em sua permanência. Tudo era e não era. Tudo que seria, continuava sendo. Eu era o universo desde os tempos mais imemoriais e o meu próprio corpo, era ele um universo a recriar, a cada segundo, milhões de ciclos de vida.

Aquela dança, onde a energia era constantemente domesticada e apurada, abria um alçapão no tempo. As visões tinham forma de lembrança. De algo que eu já vira. Em algum momento eu já fora parte desse peso da floresta, eu trazia em mim milhões de anos da evolução humana que agora desfilavam ante meus próprios olhos como fotogramas vivos.

A vida se explicou para mim desde suas origens. Era uma dádiva e um desígnio de forças nunca por mim suspeitadas. Existia um poder que pairava sobre todos. Não era imaginação, projeção, arquétipos, atavismos, era uma entidade colossal, personificada ali, naquele cipó, naquela bebida.

Agradeço ao Santo Daime  
Agradecendo a todos os seres  
É quem me manda agradecer  
É o meu Pai verdadeiro.<sup>3</sup>

Agradei novamente. Aquele Pai era tudo. Desde sempre. O amor por Ele era uma sensação que não cabia dentro do peito.

O ritual de celebração era o mesmo que fora dançado há dezenas de milhares de anos pelo primeiro agrupamento de seres que vieram a se tornar “homens”. Não havia dúvida sobre isso. Ele foi ficando mais sereno, a nave menos incandescente. Eu tomei um

choque quando vi apenas as pessoas dançando e a minha razão, mesmo que aturdida, contemplando a cena do presente; não mais aquela sensação de perfeição e harmonia de antes.

Ainda se alternavam momentos de “lá” com momentos onde eu só via o bailado da festa.

A nave mudou bruscamente de direção e foi zumbindo para baixo entrou pela terra adentro, sentindo a terra, vermes, bolores úmidos, raízes de árvores, pedras, até chegar a microorganismos fossilizados.

Retornei à superfície. Dezenas de cobras se espreitavam por minhas pernas mas eu não sentia medo. Meu corpo virou o cipó de jagube e eu sentia a sua seiva como sendo minha. Eu era o cipó. Num segundo, ele virou uma cobra e ela engolia meu corpo.

Aturdido, novo despertar. Desapareceu meu Inca e minha nave. Do lugar onde ele estava, vejo apenas o Chico com os olhos atentos em mim. Quando olho para ele, ele sai de perto com seu passo de feiticeiro-gato.

Um hino fala “dessa luz que nos clareia”. Meus olhos fogem das órbitas. Quando penso que a força vai arrefecer, ela me agarra, salta e mergulha novamente comigo no insondável.

Vejo uma luz dourada crescer do lado do Cruzeiro, numa intensidade tal que tenho a impressão que ficarei cego se olhá-la totalmente de frente.

“...Todos verem esse brilho  
Todos falam de Jesus  
Eu peço força a meu Mestre  
Para sempre essa Luz.”<sup>4</sup>

Pela primeira vez, Deus tornou-se uma idéia aceitável e inquestionável para mim. Na forma de uma luz.

Agora a frequência realmente baixou. Ainda tomo mais um Daime (do especial do Seu Wilson). Brinco com meus recém-adquiridos poderes de comunicação telepática. Sinto todas as pessoas (mesmo as que não conheço) por uma emanção de suas ondas de energia. Quando o Chico passa pelas minhas costas silenciosamente sei que é ele. E ele sabe também que o percebi.



A partir de um ponto, isso tornou-se uma coisa demasiadamente lúdica. Percebo que, se eu não prestar atenção, não vou adiante. E existe mais coisa pra ver.

Aí, apareceu para mim o Céu e o Inferno. O bailado e o movimento dentro da Igreja virou uma luta surda e maniqueísta entre o Bem e o Mal. O Céu e o Inferno, categorias, até então, impensáveis para minha sofisticação intelectual.

Algumas pessoas representavam as Trevas, outras a Luz, mas nem sempre essas posições significavam uma relação automática da luz com o bem e das trevas com o mal. Eram aparelhos que traziam aquelas energias do Bem e do Mal para serem apuradas e depuradas no Bailado.

O Chico era o próprio diabo. Ele me olhava e dizia isso. Eu assentia mentalmente que sabia quem ele era, ele me respondia telepaticamente.

— Pois é, mano velho, estamos na batalha, não se assuste, mas acredite.

Aquilo era tão simples e natural. O sentido eu saberia depois. O Chico Corrente era meu instrutor, a pessoa ali, depois de Seu Mário, que eu mais confiava.

Durante um tempo, tudo serenou. Depois, os zumbidos e os estalos retornaram e eu fiquei com medo de voltarem todas aquelas sensações. Sentia-me sem condições físicas de repetir tudo, incapaz de incorporar mais alguma coisa.

Senti vontade de entrar na corrente do bailado e me declarar ao Seu Wilson. A cadeira ao lado da sua vagou e eu senti que ele, concentrado, me esperava. Relutei. Os hinos falavam da humilhação necessária. Olhei para o lado e vi Seu Mário de olhinhos fechados do meu lado. Entendi que ele tinha sido uma peça crucial na minha viagem, um supervisor cósmico e uma mesa de corte, selecionando o que eu deveria viver nessa primeira experiência — algo me disse que o maior tributo era pra ser prestado, depois, a Seu Mário, não a Seu Wilson. Mesmo assim fui, sem meu corpo, até a cadeira e agradei a Seu Wilson. “Essa alguma coisa” que foi, voltou à cadeira e reassumiu meu corpo.

Minha felicidade era uma sensação de paz e de sabedoria. Eu

me sentia recebido pelos meus irmãos, aquelas pessoas eram as pessoas que eu mais amava no mundo. Toda minha vida anterior, inclusive a prisão, se explicou como meramente necessária para eu chegar ali, meu destino final. Uma procura muito antiga foi saciada ali, naquele momento. Eu achava o tesouro, ou melhor, o início do mapa. Nada do que me perguntei durante 32 anos ficara sem resposta naquela noite que se findava.

Quando me levantei, chorava de alegria. Mas o choro interior era muito mais intenso que as poucas lágrimas que marejavam meus olhos. Várias pessoas queridas surgiram para mim, cenas da infância.

Algumas pessoas já se retiravam. Encontro com Seu Wilson. Disse-lhe timidamente:

— Sabe, eu sou daqui.

— Meus parabéns.

Foi o que ele respondeu. Quando saí, o amanhecer já salpicava de púrpura e vermelho cada árvore da floresta. Ela também me dizia parabéns. Cada árvore me sorria.

Saí em busca do Gil que gravava cenas do amanhecer. Voltei as teclas de *play* e *pause* do gravador. Enquanto, para mim mesmo, apertava a de *replay*, tentando reter as coisas extraordinárias que tinham acontecido comigo.

A chuva caía tropicalmente. Curvava folhas de bananeira. Clandestinizava o ruído dos pássaros. Um papagaio cantava um hino, aos engasgos. Do Mestre Irineu, eu acho. Fizemos uma concentraçãozinha. A chuva caía pesadamente no zinco do telhado. Eu, esticado no sofá da casinha do Seu Mário, pensava, ainda aturdido, nas minhas “mirações”, dois dias antes, durante o Hinário de São Pedro: a nave incandescente, o Trono, no qual eu vi o ritual de celebração do mundo e da origem da vida, e o Inca.

Eu sentia como se o Daime ainda continuasse presente, correndo por minhas veias, e, de quando em quando, eu tinha um pequeno *flash* de segundos, que esclarecia ou complementava algumas de minhas lembranças da “grande viagem”. Minha maior vontade no momento era voltar a ver meu Inca, falar com ele demoradamente. Sentia que essa era uma das pistas que o Daime tinha me dado. E

que caberia a mim decifrar os novos indícios que o Daime iria colocando, talvez em meio a um cipoal de pistas falsas. A imagem do “cipoal” é bem sugestiva. Como se, entre milhares de espécies, eu tivesse que encontrar uma e, dessa espécie encontrada, eu tivesse que localizar uma determinada liana que correspondia a mim e ao meu Inca. O cipó era a luz do entendimento e o cipoal, o emaranhado de pistas falsas que poderia me enganar.

O gravador ligado reproduzia uma conversa da véspera. Um galo cantava. E, literalmente, como diz o ditado popular, “eu não sabia onde”. Se era um galo que estava realmente lá fora, naquele momento, ou se o cocorocó tinha sido gravado na fita. Era bem a metáfora do que se passava na minha cabeça: Onde o galo estava cantando? O que era o real? Aquele estado de reminiscência em que eu vivia, ou as próprias lembranças das mirações eram muito mais reais do que aquilo que me acostumei a chamar de realidade?

Nisso, chegou o Chico Torrente. Já sentira que ele ia chegar e eu estava aguardando esse encontro, ansiosamente. Ao mesmo tempo, tinha dúvidas se deveria crivá-lo de perguntas. Ele já me tinha dito, lá embaixo, na cacimba, que sabia o que eu mirara. Tinha lhe dito, por alto, das minhas mirações e da importância com que ele me apareceu durante o trabalho. Só não lhe contei que, mesmo lhe considerando uma espécie de anjo da guarda, o tinha visto na forma de um diabo. Pormenor secundário, pois, no íntimo, eu acreditava que ele sabia de tudo que tinha se passado comigo naquela noite.

— Chico, todo mundo vê uma coisa semelhante na miração?

Ele pitou sem pressa, fez uns arabescos com a fumaça, fechou os olhos e, quando eu pensei que ele não fosse mais me responder, disse:

— É incrível, né? Eu costumo dizer, não que é incrível, mas que é “crível”. Tudo é possível, dentro desse Poder, mas o melhor ainda é não ter pressa... o que você viu, tá visto, mas vai ser preciso voltar e retificar. Algumas coisas ficam, outras se vão, o candidato tem que ter o cuidado de saber procurar sem bulir no que ainda não está preparado. Só assim se retifica, se sabe se aquela graça é para aquele irmão mesmo.

— Quer dizer, Chico, que a gente pode, sem querer, sintonizar na miração do outro?

— Não disse isso. Se veio é para todos, o Mestre não é de egoísmo... mas tem irmão que se incandeia todo na própria luz, acha que só ele recebeu aquela luz... que ele é o único, aquele ser visitou só a ele.

— Aí toma uma peia braba, né? — me apressei em concluir.

— Seria o lógico, mas o Mestre é um ser importante e responsável. Ele impõe a disciplina mas também respeita a convicção. Aquele irmão ali se acha o único? O Daime também dá esse poder a ele. Poder de poder se julgar, errado ou certo, poder de querer poder. Para ser isso ou aquilo.

— Quer dizer que o Daime pode deixar o cara na ilusão de que está certo e, ainda como requinte, aparentar sinais de que está confirmando aquele julgamento falso que o irmão está fazendo sobre si mesmo?

Chico fez um gesto com as mãos e recomeçou:

— Taí, você entendeu depressa. Às vezes, ele mostra logo o erro para poupar você da disciplina. Outra vez, testa seu orgulho. Quando, lá adiante, o irmão se der conta... a peia será maior. Ou, talvez, só compreender o tempo perdido já seja peia suficiente. Por isso que eu digo assim: nenhum irmão deve achar que só ele viu aquilo. Muitos já viram aquilo e muito além daquilo. Só que não saem por aí espalhando.

— Pois é, tá sendo muito legal esse nosso papo aqui. Desde que terminou o trabalho, alguma coisa me disse que era contigo que eu tinha que conversar primeiro.

Chico sorriu. Sabia que era senhor da situação. Disse assim:

— A gente vai de pouquinho, porque muita pergunta atrapalha. E não tá na hora ainda de falar de muitas coisas. Tem coisas que não é para se explicar fora do Daime.

Contei, já temeroso de estar esgotando a conversa, das minhas fantasias de reencontrar o Inca. De levar um Daime para tomar em Machupicchu, em dezembro. Ele me ouviu com atenção e sentenciou:

— Tenho por mim que o irmão que o senhor quer encontrar — esse índio — tanto faz que lugar vai ser.

Mais coisas lindas e interessantes ele me disse, quando deu um pulo da cadeira, pretextando que tinha de dar uma voltinha no

roçado. Ficamos de nos encontrar logo mais, à tardinha, para continuar os papos.

Fiquei novamente absorto em meus pensamentos. Religuei o gravador. Agora, o galo seria o real ou o gravado? Nesse exato momento, me lembrei de uma hora do trabalho de São Pedro. Ruminando as frases do Chico, a lembrança voltou com toda nitidez e, por um instante, me ofuscou. Era o seguinte: quando tinha acabado a aparição do Inca e sua nave, eu tinha visto, como uma sucessão de telinhas coloridas, diversos momentos que remontavam à minha mais tenra infância. Todas as cenas tinham uma coisa em comum. Eram situações onde eu tinha feito grandes viagens de fantasia e me transportado a civilizações pré-colombianas motivado por alguma gravura, filme ou história. Eu sentia o exato instante do barato, a casa que eu morava, a gravura, a data, o cheiro, tudo. Eram situações, sem dúvida, pertencentes à chamada “realidade” e que jaziam, completamente esquecidas, no mais fundo da minha memória, para ressurgirem em bloco! Como se confirmando na linguagem que eu confiava mais (a das lembranças sobre a vida “real”) que aquela miração era igualmente legítima e fora anunciada, durante vários períodos anteriores da minha vida.

Durante o banho de cacimba, no final da tarde, reencontrei o Chico e contei esse detalhe que eu tinha me lembrado. Ele não me parecia disposto a entabular uma nova conversação sobre o tema. Disse apenas:

— Isso você vai saber depois, no seguimento do caminho. Por que você pensava nisso desde criança? Porque, desde criança, que esse índio tá encostando e querendo fazer contato com você. Eu também tenho uma história assim parecida. Um dia você vai saber quem é ele e porque motivo ele está procurando o senhor.

Toda vez que o Chico me chamava de senhor eu ficava sem graça. Tinha crescido em mim a convicção de que o meu destino dentro do Daime estaria ligado à descoberta desse Inca. A memória dos antigos fascínios que eu já experimentara, desde pequeno, com essas histórias, provava de alguma maneira que, quando eu achasse a chave do segredo, ela me seria familiar.

De banho tomado, me preparei para o prazer sempre renovado

do pôr-do-sol. Mas quem seria esse ser que, desde há tempos, me “soprava” imagens de um império na selva, me povoava os sonhos com alusões a seus mitos e a suas sagas?

Fiquei pensando na história de Hauascar, rei irmão de Athualpa, Inca, que leva o nome da bebida cuja lenda conta ter sido um dos grandes difusores, logo após a conquista espanhola.

Peguei a toalha e o sabonete, passei por dentro da Casinha do Feitio do Daime, subi as escadas e, quando vi as primeiras cores do crepúsculo, descobri que mal cabia dentro de mim mesmo. Era muita emoção para um simples mortal!

## **Tateando no Astral**

Após a festa de São Pedro nada poderia ser como antes. Não adiantava acreditar que a vida seria da mesma forma. Acabara de visitar trilhas interiores que levavam a todos os mistérios do Universo. E o curioso é que todo esse percurso se fizera dentro de mim mesmo. Era uma espécie de trabalho, como o de desentulhar certos túneis dos quais eu já tivera um mapa, desde outras existências.

Lembrando cada sinuosidade dessa galeria, o Daime me conduziu por esse trajeto, por essas lembranças. Às vezes eu ia às apalpadelas no escuro. Às vezes, sob a tênue luz de archotes. A cada parada do túnel divisava rostos, exércitos, cidades, sonhos. Parava extasiado diante dessas paisagens interiores. Todo esse mundo que desfilava ante minha memória não era representações, tinha uma realidade psíquica, uma legitimidade indefinível. Era como se tudo aquilo fosse reconhecido por cada célula do meu corpo. Como se existissem tantos bilhões de formas e mundos, quanto os universos contidos em cada átomo do meu corpo.

Difícil diferenciar as verdadeiras imagens das sombras. Tudo quanto, até então, eu aprendera a tratar como real, se tornava sombra e vice-versa.

Com o tempo fui descobrindo que a claridade, maior ou menor,

com que eu seguia na minha exploração variava de acordo com a minha crença naquilo que via. Quando duvidava, a penumbra impunha frios contornos às silhuetas e até as pedras se moviam furtivas. Eu tinha medo.

Quando aceitava que tudo aquilo existia, mesmo que fizesse parte de uma espécie de ordem do Invisível, tudo brilhava e se definia, pelo menos naquele momento. Como diria o Chico Corrente, naquela hora, o “incrível era crível”. E sendo crível, era viável. Bastava, para tanto, que eu acreditasse. Percebesse que o uso de nossos cinco sentidos é suficiente apenas para nos mover diante da Ilusão. E que para viver além dessa Ilusão há uma nova ciência. Uma ciência que nos dá várias provas de suas verdades, sem que, para isso, ela se digne a consultar nossa razão.

Mas, ainda assim, eu resistia. Queria conhecer algo de novo, chegava ao ponto até de concordar que esta coisa nova fosse o verdadeiro conhecimento. Mas como vivê-lo através de uma outra consciência que não aquela que minha paulatina existência na Ilusão me tinha habituado? Existiria uma outra forma de *com-ciência*, onde não houvesse os atributos imediatos do Ego, da mente, dos sentidos? Como submergir no Oceano Imanifesto, no reino, até então, invisível? Como ser consciente do que, a rigor, não É?

Após o Hinário de São Pedro estas questões bailavam em minha cabeça. Tudo que eu conseguira entender, e que agora me esforço para reproduzir em palavras, eu “vira”, como uma espécie de percepção visual da energia e das vibrações que vêm de todo o Cosmos.

Tudo isso que permanecia semidesconhecido para mim fazia parte de um plano chamado Astral. Uma espécie de dimensão, ou região cósmica, até onde nossa mente se deslocava, sob o efeito da entidade que existiria no Daime, movida por vaga lembrança de já ter estado lá. A questão era, para mim, optar entre a “droga” e a entidade espiritual que seria o Daime. Depois, entender o caminho que me levava a esse Astral, se possível anotando, aqui e ali, algumas de suas paisagens e passagens mais interessantes. E, finalmente, chegando lá, identificar de que seria feito ou onde estaria sediado esse “Astral”. Se em algum entroncamento entre meus neurônios, em alguma projeção ou mecanismo desconhecido

de ordem psíquica, ou se, realmente, numa determinada região etérea do espaço, “entre os astros”, como o próprio nome sugeria.

Confesso que ambas as hipóteses me fascinavam. Lembravam, vagamente, meus tempos de militante clandestino, quando eu era transportado de um lugar para outro, de olhos fechados. Impossível querer se desligar e não prestar atenção no caminho.

Aquela parte de mim que conseguia apagar os redemoinhos internos, fechar os olhos e “ser conduzido” (por um motorista, por uma crença etc.) era a postura nova, necessária para esse outro tipo de conhecimento. Aquela tentação de abrir os olhos por mera curiosidade, racionalizando que “eu me garantiria” era a postura velha, auto-suficiente, mais do que perigosa num e noutra caso: suportar mais do que é possível conhecer.

Durante o trabalho, sentado na cabine de minha nave e na presença da insólita figura de um velho Inca, tudo para mim se revestia de certeza. Não era importante provar nada a ninguém e, nisso, residia a minha primeira grande lição: a revelação é também um campo insuspeitável para se chegar a um determinado grau de conhecimento do Universo e de si mesmo. Com a vantagem de que ela não precisa ser demonstrada nem provada, a não ser à guisa de mero diletantismo.

Porém, quando terminada a Festa, alguns dias depois, os velhos vícios e cacoetes mentais voltavam à carga, querendo retomar o prestígio abandonado. As incursões vinham normalmente na forma de pensamentos e lógicas sofisticadas, querendo provar a mim mesmo que tudo quanto me pareceu conquista, durante o trabalho, tratava-se de perigosos retrocessos, onde eu me arriscava a pôr terra abaixo, o que levava trinta anos para edificar em nome de um suposto *Eu*, que se chamava minha *Identidade*, mas onde, não raras vezes, não sentia identificação alguma.

Pode um *Eu* não se identificar com a sua própria *identidade*?

Por aí vinha uma nova vertente de pensamentos para me desviar do caminho esboçado. Uma espécie de demônio (ou um desses inúmeros Eus em disputa por mim) me soprava aos ouvidos: “Esse caminho só leva à piração, ao misticismo e aquele fanatismo religioso que você sempre desprezou!”

E isso era verdade. Mas quem dizia isso, claramente aos meus



ouvidos, era um *demônio*. Como um demônio pode me alertar contra o fanatismo religioso se ele já é a expressão mais clara desse próprio fanatismo que denuncia?

Gurdjieff sempre ensinou a seus discípulos que era besteira se falar de Eu, ou do conceito de interioridade da filosofia clássica, pois existem tantos Eus, quanto o número de pensamentos e ocorrências psíquicas no tempo. Foi por aí que procurei firmar meu entendimento e compreender a batalha que se avizinhava.

Depois, me lembrei dos conselhos de Dom Juan: O guerreiro, o homem de conhecimento, “vai para o conhecimento como quem vai para a guerra: bem desperto, com medo, com respeito e com uma segurança absoluta. Ir para o conhecimento ou ir para a guerra, de qualquer outra maneira, é um erro e quem o cometer vai se arrepender”

Já tinha claro que eu ia para uma guerra. Aliás, que novamente ia para uma guerra, só que de estratégias, armas, aliados e inimigos completamente novos. Onde tudo era invisível, só aparecendo, ao meu discernimento, na medida em que eu acreditasse. Para manobrar as forças era imperativo crer! Não era à toa a fraseologia militar de que os hinos estavam imbuídos nem o fato dos trajés de trabalho serem chamados de “farda” e os membros mais graduados da Irmandade de “Estado-Maior”.

Rodolfo me dissera numa conversa:

— Estamos numa guerra, senhores!

A descoberta da Espiritualidade é uma gigantesca Batalha. E nenhuma das pedras ou das colunas que sustentavam o chamado Ego ficariam de pé.

Os conhecimentos de antigo guerrilheiro me empurravam à conclusão de que, para guerrear, eu deveria conhecer o terreno onde a guerra iria se dar. O que era, portanto, essa coisa imprecisa que se chamava de Astral? Não era este o palco e cenário onde eu iria combater comigo mesmo em busca de uma Verdade? Pela primeira vez, eu compreendi que essa Verdade era absolutamente imune a toda historicidade, e portanto refratária aos valores efêmeros que o tempo reduz a pó e aprisiona dentro das ampulhetas.

Isso me conduzia à primeira pista. Localizar o Astral dependia menos de explorar os espaços do que achar certas chaves que

estavam no Tempo. Se eu queria, pela primeira vez na vida, uma Verdade que não fosse relativa nem relativizada por nada, deveria entrar e sintonizar numa dimensão da eterna permanência, além de uma consciência finita que depende da matéria e acaba com ela. Logo, essa verdade só poderia estar no Tempo, na apreensão metafísica desse mistério, que foi tão vulgarizado, a ponto de cada homem ter a pretensão de carregá-lo, impavidamente, não no coração nem na cabeça, mas em seu pulso esquerdo na forma de um relógio.

## **Energia e Tempo**

Fui relembrando pouco a pouco uma profusão de sentimentos e detalhes que permearam minha primeira viagem. Entre os grandes acontecimentos, claros e visíveis, eu sentia a sensação incômoda de que havia uns tantos fenômenos, aparentemente secundários, mas que me seriam cruciais para a apreensão do “inteiro da coisa”, para usar um termo tão ao gosto do meu amigo Chico. Uma franja de fina textura ornava cada uma das grandes mirações (o Inca, o surgimento da Vida, a criação do mundo etc.). E era ela que dava permanência e continuidade ao conjunto das coisas que eu tinha visto.

Eu compreendia, num determinado momento do trabalho, que aquelas pessoas bailando em torno da estrela-de-davi iam condensando e expandindo uma energia e que ela podia ser “vista”. À semelhança da preparação da massa de um pão, ela ia sendo esticada, batida, preparada até o ponto onde ela está “pronta”. Esses momentos de trabalhar com a energia (onde a música e o som dos maracás desempenhavam um papel tão importante) chegavam de tempos em tempos ao ápice, um momento de harmonia muito intenso onde, de dentro da corrente, podíamos sentir a força da própria corrente como um todo, sintonizar e sentir telepaticamente o papel de cada um na criação desse incrível campo de força energético, que era a soma de todas aquelas mentes, direcionadas para um mesmo objetivo espiritual.

Era nesses momentos de harmonia que as “mirações” aconteciam com mais força. E existia a nítida sensação de que todos desfrutavam de um mesmo e extraordinário momento. Esse era o segredo. E a silenciosa cumplicidade que se encerrava nesse rito, pontificado pelo Daime, era o divisor de águas entre os que estavam do lado de dentro e os do lado de fora da revelação daquele determinado segredo.

Não é à toa que todos os membros do Culto distinguem, de maneira clara, dois momentos dentro do Daime: Força e Miração. A Força seria a atuação do Daime dentro do aparelho material de cada um, enquanto energia e na linguagem da energia. Já a Miração, ou o momento da Luz, é a visão extática ou o êxtase visionário, já é uma lembrança que o Daime traz da centelha divina que habita em todos nós; isso implica perfurar a barreira linear do tempo. O que é comum a todas as experiências místicas de êxtase: satoris zen, samadhis yogues, visões devocionais etc. Para serem reais, as visões têm que *ser-no-tempo*. A descoberta dessa outra dimensão do tempo (onde passado-presente-futuro são meras representações arbitrárias e didáticas) torna-se, portanto, imprescindível, para que todo esse novo conhecimento adquira legitimidade ante o nosso Eu Racional inquisidor, implacável e titubeante.

Com isso, chegamos finalmente aonde queríamos. “O Astral” seria um lugar de correspondência, uma dimensão paralela que está, ao mesmo tempo, dentro de nós mesmos e no Cosmos, constituído em algum ponto do Universo, a partir de um outro tipo de materialidade muito menos densa do que esta que conhecemos.

Que o Universo inteiro se comunique com o interior de nosso corpo e nossa mente, inclusive com contigüidade, é uma compreensão difícil apenas para os materialistas inveterados. Essa idéia faz parte da tradição esotérica de todas as escolas, religiões e doutrinas ocultistas na face desse planeta, desde há milênios.

O Daime, antes de mais nada, faz abrir essas portas de comunicação entre a mente e o Astral. Todo o Universo nos pertence, *somos nele*. O todo e a parte. E esse é o único caminho possível para se render prazerosamente à idéia e à sensação irrefutáveis da presença de Deus. Em nós, logo, no Universo. No Universo, logo, em nós.

Por enquanto basta essa compreensão. Como veremos mais tarde, ela se torna cada vez mais simples para o nosso espírito, portanto, cada vez mais complexa para a nossa Razão, que só consegue investigar, até mesmo a criação, se reduzir a vida e seu mistério a umas tantas categorias manipuláveis por sistemas que as relacionam entre si (por oposição e semelhança). Estes sistemas chamam-se lógica, epistemologia etc., e os seus resultados, teorias, ciência etc., ou seja, milhares de formas de provar que a Ilusão e realidade e vice-versa.

A Energia e o Tempo são os dois degraus iniciais para se chegar ao Astral. E o ritual do Santo Daime, com sua simplicidade, é uma fabulosa ciência para ir do trabalho com a energia para o Tempo e deste conseguir se direcionar rumo ao Astral e aí receber as visões, mensagens e instruções que o mestre que está no Daime tem a nos oferecer. A cada um, conforme sua capacidade, merecimento e perseverança.

Como não sou especialista em doutrinas ocultas, não vou retransmitir o que pouco conheço, como um papagaio. O objetivo é relatar meu conhecimento através da minha própria experiência.

No meu primeiro trabalho eu via a Energia. Ela borbulhava e crepitava. Estalava como um som parecido ao das matracas. Circulava sempre da esquerda para a direita, aos borbotões ou harmoniosamente, dependendo do momento do trabalho. À semelhança do Lago do Tao, a Energia ia se transformando em pequenos círculos concêntricos que se inscreviam dentro de círculos maiores e, assim, sucessivamente. Pensei, nesse momento, ver e compreender o que seriam as vibrações, a fala ou a linguagem da Ideação Divina, que torna todas as formas manifestas e lhes dão vida; o Verbo dos cristãos, Aum dos yogues.

Em alguns momentos, a superfície do lago encontrava uma placidez translúcida. Uma luz iridescente tudo filtrava e dela se plasmavam outras formas e compreensões daquilo que ocorria ali, naquele momento. Logo, alguma energia era lançada à superfície do Lago e recomeçavam os círculos concêntricos. Nesse movimento de linhas e círculos, que se desenhava como em arabescos ante meus olhos, eu acreditava ver todos os segredos do ciclo ininterrupto de criação e destruição de todos os Universos já existentes. Durante esse período, eu experimentava a “Força”. Meu corpo

pulsava, ora desordenadamente, ora serenamente, acompanhando o pulsar da corrente. Eu sentia e reconhecia cada pessoa, através do modo peculiar com que suas vibrações chegavam a mim. Comunicava-me telepaticamente com algumas delas.

As operações energéticas cedo induziam a um certo prazer de ficar brincando com aqueles recém-descobertos segredos. Essa fase da Iniciação nos torna crianças, fascinadas por um tipo de brinque-do maravilhoso, que sempre desejamos obter, e que, até então, estivera fora de nossas possibilidades.

Perdemos um tempo precioso nessas brincadeiras. E sempre encontramos na corrente quem, pelos mesmos motivos, encontra-se seduzido por essas descobertas. Isso pode durar alguns minutos, um trabalho inteiro ou anos. Até se compreender que, sem sair dessa armadilha que o próprio Daime coloca, não se passa ao estágio seguinte. Não adianta brincar com os nossos poderes. É preciso sempre ir renunciando a eles para conquistar outros mais consistentes.

Quando descobrimos que a Força nos deu todas as articulações possíveis entre o próprio corpo, as energias e as pulsações cósmicas, das quais nossa energia também faz parte, quando vencemos a tentação de nos fixarmos eternamente no fluir dessas descobertas, estamos aptos para que o Daime nos conduza ao seu segundo mistério: o Tempo.

A Energia já é uma forma mais rarefeita de materialidade, mas ainda faz parte do reino da matéria. Energia seriam sistemas mais ou menos fixos, condutos por onde circula o trânsito interminável de vibrações, seja qual for seu teor e seu objetivo. Mais ainda, essas vibrações, vistas enquanto energia, significam que o menor módulo delas é uma série de vibrações, uma direção vibracional, nunca uma vibração em si, mas um fotograma de uma vibração destacada do filme da corrente energética. Já é uma outra e mais precisa revelação no trabalho, um outro estágio.

Para ilustrar melhor a imagem: supondo que cada vibração pode ser representada pelo farol de um carro numa noite chuvosa. “Energia é aquela foto (onde, devido à exposição do diafragma durante um tempo maior que o necessário) em que todos os faróis se fundem num conduto de luz branca dos carros que estão de frente

e um conduto de luz vermelha dos que estão de costas. Ela é sempre um circuito simultâneo, carregado de polaridade.

Quando começamos a afinar a nossa energia interna com aquela que é exterior a nós, a distância que nos separa do Universo é aplainada e encurtada. Só quando temos consciência disso é que podemos dizer que “Eu e o Universo somos a mesma coisa”.

Como tudo que ocorre no mundo fenomenal, a energia em seus ciclos tem um começo e um fim, um ápice e um decréscimo. Os resíduos ainda mais rarefeitos desse processo (de uma materialidade supersutil) fazem parte não mais do fenômeno, mas sim do que as ciências ocultas e os alquimistas chamavam de númeno, mônada.

Os resíduos das seqüências de vibrações contidas na Energia se tornam fluidos muito especiais que já fazem parte da *materialidade* do Tempo.

Quando o ritual vai se adensando pela dança, pela seqüência de hinos e de sua marcação rítmica semelhante a dos mantras, existe um ponto onde aquela energia toda, concentrada e direcionada, consegue criar certas emanções fluídicas que já fazem parte desse outro patamar do trabalho que é o Tempo.

Se antes procurávamos registrar as pulsações de energia que vinham de todas as partes do Universo, isso ainda poderia ser um processo caótico. Agora, trata-se de auscultar, numa sintonia muito fina, o que o trabalho gera com tais pulsações. Os ecos desse “silêncio”, que ouvimos, de forma melodiosa, se expandir desde os confins do Universo até nossa percepção ativada pelo Daime, é que se constituem no tempo, autêntica memória de Deus.

Dependendo de nossa capacidade de trabalhar com o Daime, teremos aí um arquivo imemorial de todos os astros e galáxias, seu nascimento e morte, os resíduos de suas vibrações até nós. Diante disso, a história desse nosso planeta e das forças que o guiam é, relativamente, pouca coisa. Mas é o começo de nossa inserção e do nosso mergulho até o Uno.

Nessa outra dimensão, revelada pelo Daime, não existe linearidade, presente, passado e futuro. O movimento constante de Heráclito e a eterna permanência de Parmênides são pólos complementares.

A Energia domesticada conduz ao Tempo. E é o ritual que

executa todas essas passagens. Tudo no Tempo são momentos e passatempos poéticos do Criador. É onde Deus cria sua poesia e rima os espaços absolutos criados, e, por sua vontade, emergidos da noite do não-ser.

Tempo são portas que se abrem simultaneamente para muitas existências, isso não pode ser esquecido. Da mesma forma que cada átomo carrega consigo todo o Universo. Cada fluido do tempo traz consigo toda a eternidade.

A consciência desse Tempo Grandioso, dado por uma só existência, e o que ela abarca dentro desses pobres limites, é insuficiente para conquistar um grão de areia.

O Daimé faz eclodir a lembrança de que aquilo que nos alimenta e dá vida pode também nos libertar. (Para compreender verdadeiramente o Tempo, é preciso compreender o tempo que essa centelha espiritual habita conosco.)

Mas, voltando à seqüência do trabalho. Nada mais lindo do que se tornar um peão consciente da saga divina. É nisso que se resume o Tempo. E é por isso que quando penetramos nele, guiados pelo Daimé, estamos na Ante-Sala do Astral. E isso, longe de ser um fim, é apenas o verdadeiro começo do trabalho.

É difícil para a ciência crer nessa “materialidade” porque, em termos da matéria da Física, o tempo é o Nada. E a Ciência, há muito, delegou o Nada (na impossibilidade de criar categorias operáveis sobre o nada) à Filosofia, eterna suspeita de ilusão metafísica.

O Daimé, simplesmente, nos remete a todos os Tempos. Superando as dificuldades de nossa consciência, que ainda tem que estabelecer diferenças entre o que foi, o que está sendo e o que será.

O que foi continua sendo, o que *é*, vamos fazendo. Só em procurar, no que chamamos passado, somos capazes de ver coisas que ainda não foram. É em vão que buscamos olhar o passado ou aguardamos a fila do destino, no guichê do futuro. Tudo *é*, inclusive o que por nós é criado naquele instante.

Para usar mais uma vez de uma pobre imagem com algum poder de sugestão, o Tempo seria uma espécie de papel fotográfico muito sensível. Dependendo da Luz que projetássemos nele, ele seria capaz de captar e gravar em seus pigmentos tudo que *foi*. Pois

tudo isso, sob forma de vibrações, fluidos, energias etc., encontra-se por aí à deriva e basta a frequência certa para achá-los.

Da energia para o tempo, o Ritual nos conduz ao Astral. Ou melhor, ao Tempo onde todas as formas, seres, conhecimentos são possíveis e reais. O trabalho nos conduz a essa possibilidade de viajar no Astral. Cria uma redoma energética, uma bolha, sustentada pela corrente, e essa bolha decola e vara o tempo em todas as direções.

Só a partir daí é que o verdadeiro trabalho começa. Rumo à Luz. Depois de passar pela Revelação das Encarnações e outros mistérios mais. Mas estes eu ainda não tinha visto e entendido por essa época, ficam para depois. E mesmo essa compreensão, que só começa a se esboçar, não estava imune ainda de dúvidas, questionamentos, crises de fé etc.

## **Feitio de Daime, o Caldeirão do Tempo**

Num dia, à tardinha, fui com Daniel para debaixo da “Tronqueira” Uma árvore majestosa, cujos galhos se projetam em profusão de redemoinhos e onde, debaixo de sua sombra, são feitos vários trabalhos.

Daniel é uma das pessoas que fazem o Daime e eu tinha ido lá para fazer com ele uma pequena entrevista sobre o ritual de preparo do Daime. Com seus óculos que denunciavam uma respeitável miopia e um acentuado sotaque castelhano, ele ia falando, num tom sereno:

— Quando eu faço o Daime, eu sinto um peso enorme. Do Jagube e da Rainha, que estão aqui, nessa mata, sabemos lá há quantos milênios. Sinto todo esse peso da América, desse Poder Espiritual que está dentro da mata.

— Todos que participam do Feitio tomam o Daime para fazer o Daime? — perguntei.

— Sim. Vamos buscar o Jagube nas matas. Cortamos em pedaços iguais e o ensacamos.

— Existe algum sentido nisso? Já li que algumas tribos dizem



que o cipó tem que ser cortado em pedaços iguais para que as mirações sejam iguais e tenham a mesma duração para todos.

— Já ouvi falar disso. Só que existem muitas linhas de trabalho com o Daime e conseqüentemente várias maneiras de fazer o Daime. Dizem, inclusive, que alguns “brujos” dão e tiram a miração das pessoas que bebem o seu Daime, de acordo com seu critério. Já nós, apenas trabalhamos como intermediários entre Deus e os outros irmãos. Quem regula a miração de cada um é o próprio Daime. Não desenvolvemos essa outra linha do Poder.

A sinfonia dos pássaros ia aumentando à medida que a tarde caía, salpicando cores e nuvens no horizonte. Registrei no meu caderninho de repórter:

Na Floresta nunca há silêncio  
Os pássaros da tarde  
Entregam o serviço  
Para os pássaros da Noite  
E o Motor Perpétuo do Universo  
Erra nas engrenagens das folhas  
Se rende aos seres cheios de viço e espírito  
Que rondam as matas  
E sondam os corações.

Daniel falava um pouco de sua história:

— Quando cheguei aqui, o Padrinho já tinha previsto e dito tudo para os outros. Que eu ia chegar, como eu era... Aqui, essas coisas acontecem com frequência. As pessoas vêm no Daime os que ainda vão chegar. Alguma coisa nos arrasta até aqui, quando chega nosso tempo. Ninguém vem por si. É o Poder que traz as pessoas até ele. Se for pra vir, pode ficar certo que vem. Onde quer que a pessoa esteja, começa a sentir aquela coisa...

— Eu sinto comigo uma coisa parecida. Desde que ouvi falar pelo Rama dessa história, que comecei a me coçar. E aqui estou eu, com um equipamento de VT, fazendo um documentário. Foi o pretexto que consegui, depois de dois anos de expectativa.

Daniel tirava umas baforadas com os olhos semicerrados

— Eu consegui chegar aqui, ficar seis meses em Rio Branco, e não me decidi a vir. Também, quando esse encontro aconteceu, eu senti que era definitivo. Era uma coisa muito grande, que eu não entendia. Pulei num oceano. Mas não sabia nadar! Só sabia bater as mãos, assim!

Daniel fazia os movimentos de um quase afogado e gargalhava gostosamente.

Aos poucos, foram chegando várias pessoas. Homens, mulheres e crianças. Brotavam da mata, silenciosamente, e iam se sentando à maneira índia. Na Colônia, as coisas ocorrem assim. O conceito de privacidade é algo que não existe. Não é como para quem chega da cidade, acostumado a fugir dos vizinhos e inoportunos de toda espécie. As pessoas chegam assim como não querendo nada. Mas sua presença silenciosa está longe de nos importunar. Ficam ali concentradas e era como se eu estivesse entrevistando cada uma delas. Em pouco tempo, metade da Colônia estava ali disposta em círculo, debaixo da Tronqueira. Gil, o câmara de nossa equipe, pediu para que todos se deslocassem para um lugar onde houvesse mais luz, a fim de fazer alguns *takes*.

Sentamos todos à beira do Igarapé Redenção. As pessoas convidadas a falar sobre sua história, como tinham chegado até ali, falavam devagar, traindo uma certa timidez ante as câmeras e os microfones.

Ainda Daniel concluía seu depoimento:

— É por isso que venero o meu Padrinho. Compreendi desde cedo que nessa viagem de conhecimento precisamos de um guia. Não há felicidade maior do que ter um padrinho.

Um dos hinos do Padrinho Sebastião diz assim:

“Eu amo meu Padrinho  
Com amor no coração  
Porque Ele me ensina  
Eu amar os meus irmãos.”<sup>5</sup>

Cada um ia falando, cada vez de forma mais desembaraçada. “Saí de tal lugar, cheguei aqui em tal ano, fiquei aqui por causa

disso ou daquilo.” Até que chegou a hora de Regina. Olhou com seus olhos muito claros para mim e disse:

— Cheguei aqui... sei lá, trazida pelo vento...

O Céu se tingiu de púrpura. Lentamente, fomos nos levantando e seguindo em fila indiana pelo varadouro sinuoso dentro da mata. Alguém cantava lá na frente:

“Sou Luz, sou Luz  
E faço tudo iluminar  
Vejo meu Pai nas Alturas  
E o Poder onde está.”<sup>6</sup>

Marina, uma italiana, passou por mim e me cochichou no ouvido:

— Esse é um hino de cura.

No dia seguinte, bem cedo, começou o movimento do Feitio. Daniel e Chico Corrente eram os responsáveis pelo trabalho. Como seria um feitio pequeno para abastecer apenas a Festa de Aniversário de Seu Wilson, não houve busca de jagube no mato. Optou-se por colher a rama de um dos jagubes dos próprios Jardins plantados dentro da Colônia.

Enquanto isso, as mulheres foram catar as folhas da Rainha (chacrona), que, misturadas e fervidas por cocção com o cipó, dariam o Daime.

As mulheres foram para a Igreja limpar as folhas. Ficavam acoradas, tirando, com movimentos ágeis dos dedos, todas as impurezas de cada folha de Rainha, uma por uma. Sempre bebendo Daime e cantando os hinos. O ciciar ritmado dos dedos virava uma espécie de acompanhamento e marcação do canto.

Os homens foram cedinho para a Casa do Feitio. Um pequeno templo feito de madeira, coberto de zinco. Tomam o Daime. Logo à entrada, há uma salinha, cercada por um muro de tijolos de 1,5m de altura. Dentro dela estão dispostos 12 tocos de madeira, com cerca de 60cm de diâmetro, em duas filas de seis cada uma. E aí, com os homens sentados em tamboretas, ocorre a primeira fase do

Feitio, a “Bateção”, depois do cipó limpo e raspado. Doze homens de cada vez, se revezando de 2 em 2 horas, batem o jagube até este ficar macerado em fibras ocre-vermelhadas.

Enquanto isso, as folhas são lavadas e trazidas em sacas até o interior da Casinha do Feitio. Contíguo ao local da Bateção, está um salão amplo, onde fica a fomalha com 3 bocas e uma espécie de bancada, com uma canaleta, onde as panelas são viradas para que o líquido escorra até os recipientes onde ficarão guardados.

Daniel e Chico Corrente preparam as panelas. Camadas de cipó macerado e das folhas são delicadamente colocadas, uma após outra, na enorme panela. Enquanto isso, uma equipe fica encarregada de buscar lenha, outra, de manter o fogo a todo volume na fomalha. Os Cozedores fiscalizam as panelas. Com uma espécie de tridente de madeira, remexem sempre as camadas de folha e cipó, evitando, assim, que a pressão empurre violentamente o líquido para cima e o derrame.

Os encarregados das panelas, as movimentam de uma boca para outra, trazem água da cacimba, que fica logo atrás do templo. Sempre sob as ordens dos encarregados do cozimento.

Inicialmente, é extraído um cozimento, da mistura de água, cipó e folha. Daniel me explicava, baixinho, num canto:

— O Jagube, o cipó, é o princípio masculino. A folha, a Rainha, o princípio feminino. O cipó dá a Força, a rainha, a Luz. Juntos, através da água, eles se tornam o Daime. Juntos, através da água, por este veículo que é o Daime, é que este ser espiritual desce até nós.

Depois de tirado todo o cozimento, ele irá ao fogo, novamente, com mais cipó e folha. Dependendo das combinações e do número de vezes que a nova mistura vai ao fogo, teremos Daime de 1º; 2º, 3º graus e, assim, sucessivamente

‘Aparentemente o processo é simples. Mas fica evidente o segredo e a sabedoria necessários para executar um feitio. Não são apenas gestos precisos e ritualizados que explicam o milagre daquele ser que emerge de duas plantas. A partir de uma invocação, ele desperta do seu sono secular, na floresta, para nos mostrar e decifrar os mistérios inexplicáveis do Céu e da Terra.

Antes de tudo, o segredo do Daime é a concentração, o profundo trabalho espiritual, a força das “chamadas” de determinadas

entidades que vêm assistir e se incorporar naquele Daime que esta sendo feito. O Daime é a soma, o resultado da força espiritual de várias pessoas, totalmente concentradas nessa tarefa.

Como diz Daniel:

— A cada Feitio de Daime eu me sinto revivendo todas as coisas. Vendo o que existiu e o que vai existir. O que, através desse Daime, vai ser revelado.

As ordens dentro do Feitio são rígidas. Ninguém pode se ausentar sem comunicação prévia ao encarregado. O silêncio é quase total, fala-se o mínimo indispensável, assim mesmo, quase aos sussurros

As panelas chamam como se tivessem vida. Rolos de fumaça no ar e um cheiro que vem das entranhas da terra impõem solenidade ao mínimo olhar ou gesto. Mal diviso Daniel, com seu tridente, por trás da fumaça.

Chico Corrente, com uma camisa onde se vêem os quatro Beatles, puxa, com sua voz rouca, meio índia:

“Lembrando sempre do Sol e da Luz  
Das estrelas, da floresta e do Mar  
Se reconciliar com toda natureza  
E cada um se compor em seu lugar.”<sup>1</sup>

Seus olhos brilham e vagueiam como dois vaga-lumes. Estão atentos a qualquer aproximação de presença para nós indetectáveis. Seus braços gesticulam num balé preciso, enquanto caminha com passos felinos, de um lado para o outro. Chico Corrente, uma espécie de coreógrafo do trabalho, executa vários passos e arabescos com o corpo. Durante o feitio, sob o efeito do Daime, deixo-me pairar, recostado numa viga próxima à fornalha. “Mirando”, compreendo que Chico Corrente é um domesticador de energias, um maestro que rege forças. Todos seus movimentos obedecem a um comando com o qual ele vai separando as energias negativas e positivas. Vira e mexe ele se encrespa contra alguma coisa invisível, exorciza-a, revira os olhos. Com um sutil movimento dos dedos arremessa, com elegância, a coisa indesejada, sabe Deus, a quantos milhões de anos-luz de distância.

As panelas fumegam. Eu estou de cócoras, pregado no chão, sem conseguir tirar os olhos delas e dar um passo sequer. Se afiguram, aos meus olhos, como um caldeirão do Tempo. Sinto o Tempo ser cozido ali dentro, desmontado em milhões de partículas, dispersas através da fumaça. Assim dissolvido, ele alçará aos céus, se reintegrará em todas as coisas criadas e toda criação será novamente emoldurada nele. Mil coisas vejo na Boca da Panela como que numa Bola de Cristal. Nelas, adormeço minha consciência e me quedo em semi-hibernação, vítima de tantas revelações e belezas.

Assim permaneci minutos ou séculos. De lá, de onde eu estivesse, desejara nunca ter saído. Creio que começo a compreender o que é ter um Pai e uma Mãe.

Chegam Odemir e os músicos. As mulheres recebem permissão para entrar na Casa, local que nem sempre lhes é permitido, durante o cozimento, e expressamente proibido se alguma delas estiver menstruada. Primeiros acordes da marcha da Bandeira:

“Como é lindo esse chão nossa pátria  
A Floresta, esse jardim em flor  
Como é lindo se ver esse brilho  
Tão divino da Luz do Resplendor.”<sup>7</sup>

Vou para um canto e me deito. Olhos semicerrados, procuro, em vão, achar a sintonia dos meus sentimentos de poucos instantes atrás, próximo à fomalha. Descubro, porém, mesmo sem reeditar a experiência, que tinha encontrado o sentido da minha velhice. Há cerca de 10 minutos, eu não tinha mais o menor medo de morrer. Entendera que eu continuaria, se soubesse trabalhar corretamente.

Nisso, comecei a ver cristais de um caleidoscópio. As cores começaram a ficar luminosas. Passou-me um estranho arrepio na espinha, quando notei que o hino que estava tocando dizia, precisamente, nesse instante

“Das cores dessa Bandeira  
Do Pai verdadeiro, verde, azul e branca.”<sup>8</sup>

Eram as cores que eu vira ressaltar das outras. O verde da folhagem, o azul-anil do céu e o branco, sei lá de onde, mas que permeava todas as outras cores.

O Céu, a Floresta, as Nuvens eram uma Bandeira posta a tremular, desde há tempos, por nosso “Pai Verdadeiro”.

Comecei a sentir um enorme prazer. Bichinhos e insetos faziam de mim o que queriam. E eu os amava. Sentia um amor profundo me ligando a todas as coisas e seres. Uma determinada árvore entrou no meu foco visual e na compreensão do meu amor. Compreendi a existência e o amor das árvores. Ela, por um instante, se transformou numa mulher muito linda com um manto azul. Conforme eu piscava, o manto azul virava céu. E retornava àquela mulher que sorria. Ainda não tive, nessa ocasião, coragem de reconhecê-la. Mas, tacitamente, rendi-lhe homenagem porque eu sabia quem era ela.

A música se encerrou. As mulheres se retiraram. Fui tendo a sensação de que voltava a mim. Só agora, ao querer lembrar, tive a certeza de que tinha estado em algum lugar.

Ainda faltava o último ato do dia. Chico Corrente nos sentou, como um bando de colegiais, em torno dele. E começou o seguinte discurso, que registro na íntegra:

*Temos que temer os partidos de Deus, respeitar todas as autoridades, como nós vem respeitando, e tem lá um hino que fala que nós tem que respeitar as autoridades que tem neste salão. O salão pra nós é o mundo, e o mundo pra nós é um palácio. Nós que tomamos o Daime, que sabemos o que é o Daime, o mundo pra nós é um palácio e nós sabemos de todas as partes que funciona o palácio.*

*Sabemos onde funciona o Mar, onde funciona o Vento. Sabemos onde funciona as Estrelas, sabemos onde funciona o Sol. Tomando este líquido que estamos fazendo aqui, nós sabemos onde funciona. Funciona dentro de nós mesmos. Nós, se não tivermos a Luz do Sol, nós não somos nada. Não somos nada em termos de matéria. Espírito não, espírito pode viver sem o Sol até mil anos. Até mil anos o Espírito pode viver, sem ver a Luz do Sol. Não acredita nem*

*em Deus. Não acredita em nada. Quem não conhece o Sol? Deus é o Sol, isso eu digo sem medo de errar, o Deus da Terra é o Sol.*

*O Pai Nosso diz: "Assim na terra como no Céu." O Deus do Céu é o Sol. Porque no Sol eu vi todos vocês chegando onde eu tava. Sem o Sol não chegou ninguém. É chegado pelo Sol então, o Sol é um bom guia, pra quem quer aprender. Mas, também através da Luz do Sol, vem irmão que se incandeia na própria Luz, quando chega perto do Luzeiro, que é o Nosso Mestre, vê uma determinada coisa que pensa que ninguém viu, aí dá um passo muito longo, aí vai sofrer e fazer os outros sofrer. Por isso eu digo, devagar é que é a caminhada. Quem vai devagar, se vai num rio, vê as margens. Se vai numa estrada, vê as laterais. Amanhã pode querer voltar, sabe até quando está perto, ou então onde está o perigo, qual foi o lugar que passou e estava o perigo. Quem foi devagar viu.*

*Agora, dizendo assim, que dentro dessa Doutrina não tem grande, tem dom. Grande não tem. Cada um tem um dom, mas grandeza quem tem é Deus. Com Deus nós vivemos, com Deus nós existimos aqui na Terra até o dia que ele quiser. Deus é o nosso Fogo, Deus é o nosso Coração, Deus é toda essência da nossa vida. Porque se nosso Coração funciona é que Deus mandou o ar com aquele gás ou com aquele tipo de energia que nós usamos pra ele funcionar. Quando Deus tira de nós, já passou. Daquela hora em diante já vai ser aquela matéria terra, daquela hora em diante ela vai funcionar, como diz, para amanhã ser a Terra. Amanhã é daqui quando a carne se acabar e o que fica sobre a Terra mesmo é um pedaço da Terra. Os ossos também vão ser Terra de novo. Finalmente tudo. Braço vai ser braço, cabeça vai ser cabeça, perna vai ser perna, coração vai ser coração. Cada um vai ser dono de si, não vai mais entrar em contato com os outros, nem receber nem contribuir. Fica tudo sem efeito. Daquela hora, pode botar o que botar na cabeça, esse braço nessa mão, não tem mais energia de vir pegar e tirar. Não, já tá lá no canto, na hora que parou, que saiu Deus daquela matéria. Vai entrar pro outro lado, quando ele tiver sobre a Terra é que ele vai entrar em contato. Isso mostra o Daime a nós e eu digo com certeza, nem todos vêem porque ele é uma ponte*



*que leva o homem ao Pé do Cristo e o Cristo é a Ponte que leva ao Pé do Pai.*

## **Os Homens de pedra, a Compreensão da Corrente**

Os dias se passavam numa atividade frenética. Gravações, discussões, tarefas. E subjacente a isso tudo, o “trabalho”. No começo, eu estranhara muito esse termo “trabalho”. Ele era empregado sempre num sentido de “trabalho espiritual”. Fosse uma sessão, uma festa, ou, simplesmente, ficar concentrado, debaixo de uma árvore, ligado nas coisas divinas.

Aos poucos, essa atmosfera ia tomando conta de todos. Até um ponto em que a gente sentia, claramente, que entrava numa espécie de trabalho permanente, 24 horas por dia. Tudo era motivo de trabalho. Até na cama, de noite, entre a vigília e o sono, se trabalhava.

Num fim de semana, à noite, levamos um aparelho de TV para a Colônia. Todo mundo se reuniu na sala da casa do Seu Wilson para ver o material que tinha sido gravado.

Ao meu lado, uma menina de uns sete anos falava com uma outra da mesma idade:

— Lembra? Foi naquele dia da Festa... a gente tava mirando, eu tinha até levado minha boneca.

Todos riam muito, quando apareciam no vídeo. Depois de vários comentários, observações e conselhos sobre o uso dos hinos no programa, fomos dormir, já quase meia-noite. Com tantas estrelas ternas sussurrando sobre minha cabeça, rimando com minhas fantasias, como não dar uma “trabalhadinha” antes de dormir?

Sentei debaixo de uma palheira. E ficamos assim, embalados, namorando. Eu e o Universo...

No outro dia havia ensaio para o Hinário comemorativo do

aniversário de Seu Wilson, 18 de julho, por sinal, dia do aniversário do meu pai.

Seu Wilson me chamou, gentilmente, para sentar ao seu lado, na estrela. Nonato, seu filho, cantava seus hinos. Reclinei-me na cadeira e, aos poucos, fui me harmonizando com as vibrações de dentro da Igreja. Sentia a energia como jatos de luz prateada que corriam, contidos em finas artérias invisíveis. Logo, o salão estava repleto desses tubinhos de luzes leitosas, fluorescentes, de tonalidades diversas. Eles atravessavam cada pessoa e se ligavam de uma maneira curiosa. A partir deles, podíamos ver as afinidades energéticas de algumas pessoas, que se entrelaçavam e jorravam por dentro do mesmo conduto invisível. Algumas pessoas que, à primeira vista, sabíamos ser fortes na corrente, eram uma espécie de estalagem onde quase todos os tubinhos dos outros passavam, obrigatoriamente, e saíam do outro lado, recompostos e com maior brilho.

Perto de onde eu estava, na cabeceira da Estrela, toda aquela Energia, depois de dar uma volta inteira no salão e sofrer todas as influências, perdas e acréscimos desse percurso circular, retomava o seu equilíbrio anterior. Resvalava pelos nossos corpos, como se fragmentando em milhões de pontinhos luminosos para, em seguida, guiada pelo ritmo da música, retomar o seu leito natural, espécie de canaletas que ficaram impressas no ar.

Dependendo do grau de concentração e de entrega de cada pessoa da corrente, eu sentia claramente os pontos de dispersão ou acúmulo da energia, sua velocidade, homogeneidade etc. Quando algum vórtice da corrente era quebrado, apenas alguns desses condutos mantinham ligação entre si. Os outros se despregavam dele e se subdividiam em pequenos circuitos, independentes que, constantemente, falhavam como um tubo de plástico, usado como sifão, em que entrasse ar.

Nesses momentos, sem precisar focar os olhos na direção das pessoas que representavam essa ruptura, parecia-me, entretanto, fácil perceber a direção onde a corrente vazava. E, talvez, concentrando-me, fosse possível ver o tipo de pensamento que aquela

pessoa específica dispersava do trabalho comum que era ali realizado.

Quando esse “quisto” se formava dentro da corrente, tornava-se mais difícil dominar e direcionar o fluxo da Força. As pessoas que continuavam segurando a corrente se concentravam cada vez mais nessa tarefa. Não era preciso olhar ninguém, muito menos com ares de reprovação. Quando esse processo chegava num ponto perigoso, sentia-se o titubear de alguns, no canto e na música. Quando a coisa chegava a ser alarmante, apareciam erros e desencontros enormes, uma sensação física angustiante, motivada pela incapacidade de todos dominarem a descarga energética que ia sendo produzida.

Eu, intuitivamente, me comportava no sentido de manter a concentração naquela tarefa. Uma voz comandava dentro de mim qual devia ser o meu esforço.

De repente, sentíamos nos pontos mais fortes da corrente alguma coisa parecida com a criação de um “excedente” de energia. Uma vez gerada, ela era encaminhada, por novos condutos auxiliares, aos pontos fracos de dispersão como uma espécie de “pronto-socorro”. Normalmente a corrente era outra vez unificada ou, então, quem não estivesse capaz de se compor dentro dela era atirado para fora.

Esses momentos podem se suceder, alternadamente, tratando-se de um trabalho de grandes dimensões, como o Daime. A batalha da corrente é travada a todo instante e os erros e acertos da música, dos maracás, do bailado e do canto estão associados, diretamente, aos momentos de força e de fraqueza da corrente.

Mas é impressionante a sensibilidade que passamos a desenvolver no tocante ao trabalho bioenergético, que rola dentro das diversas manifestações e tipos de culto. Tudo isso eu percebia muito claramente sem sequer ter tomado o Daime.

Mais tarde, vim a entender uma outra peça importante para montar esse quebra-cabeça: os caminhos da Energia, dentro do nosso próprio corpo, que são uma espécie de “condensadores” que ligam os diversos tubinhos que já mencionei.

Lá estava eu, sentado junto a Seu Wilson, compreendendo tudo

isso que escrevo agora e me esforçando por compreender sem pensar. Pois, na medida em que eu pensasse, poderia compreender melhor o mistério da corrente, porém, me afastaria da concentração necessária para sustentá-la.

O trabalho espiritual é sempre um exercício de Justiça. Nele, você é derrotado ou recompensado por seu esforço. Por isso que, quando, mesmo mais tarde, começamos a tomar como hipótese a idéia de Deus (não era ainda meu caso), ao traduzirmos essa experiência de Sua Justiça para a nossa pálida linguagem, o máximo que conseguimos é imaginar Deus como um bedel de humor instável, que nos distribui doces e palmatórias de acordo com nosso comportamento em sala de aula.

Pois bem, depois dessa trabalheira toda para entender na prática o bê-á-bá da “corrente” me veio uma espécie de miração, muito rápida e clara:

“Uma garganta de um monte cheio de pequenas cavernas. Dentro de cada uma delas, seres de pedra muito grandes e esverdeados como se fossem recobertos de limo de outras eras. Todo seu corpo de pedra era riscado com formas e linhas muito estranhas que, às vezes, davam a impressão de ser inscrições de alguma maneira conhecidas. Um desses seres ficou bem próximo a mim e falou, em sua língua, algo que eu entendia perfeitamente.”

De repente, voltei a me achar sentado na cadeira. A primeira coisa que vi foi uma claridade enorme que, aos poucos, foi diminuindo até se tornar uma mera chama de vela. Lembrei-me que essa chama é que tinha me “capturado” para dentro da visão. Em seguida, sentia a sensação corporal prazerosa que era a marca registrada de um bom andamento na corrente. Em alguma medida a miração viera *por causa disto*.

Com as imagens dos homens de pedra totalmente nítidas, não pude lembrar, entretanto, as palavras que um deles me dissera, em segredo, antes, na miração. A não ser o sentido geral de que aquelas palavras perdidas eram uma senha, que eu tinha que declarar, ou ali, ou em outros momentos do meu caminho de Iniciação. Se eu a esquecera era porque ainda não era chegada a minha hora. Ainda não diria a palavra-chave, a partir da qual todos me reconhe-

ceriam e eu seria recebido como membro, igual, irmão. E, na verdade, eu ainda não me entregara totalmente. Num certo sentido, já me considerava de dentro; talvez de dentro do Daime, mas não da Doutrina do Santo Daime.

Minha experiência com a vida, política, contracultura etc. me levava a uma total ojeriza às doutrinas, causas, poder, regulamentos etc. Até pressentia que, em se tratando de um trabalho espiritual, tudo isso teria de passar por um novo dimensionamento. Mas não entendia, ainda, os hinos e a doutrina, a ponto de fazer uma opção.

## **Os Sons do Astral**

A descoberta do universo caminha simultaneamente com a descoberta de nós mesmos. É quando conseguimos olhar para nosso interior, que o mistério do céu e de todas as galáxias se revela para nós. Nós somos uma peça fundamental para o conhecimento do Universo. Ele precisa de todas as suas partículas, por mínimas que sejam, para ser completo. E nós precisamos dele, de nossa consciência do todo, até para compreendermos o que somos nele. Sem essa consciência, somos asteróide de carne, desgarrado do seu Princípio Criador. Ou um mau filho que não presta o tributo necessário perante aquele que o fez existir. E que, ainda por cima, nos deu a chance de, através do aprendizado com todas as coisas e seres criados, compreender o mistério de extrema simplicidade que é a Vida.

Todo nosso ser se enaltece quando entende ser complementar do Todo. A alegria dessa descoberta é como se o Universo fosse um gigantesco quebra-cabeça e de repente descobríssemos que falta uma peça: nós!

Nesse processo de descoberta, que está longe de ser intelectual, a música assume uma importância crucial. Não é à toa que uma das primeiras coisas que chama a atenção do neófito é o fato da Doutrina do Santo Daime ser absolutamente musical. A tal ponto

que, poderíamos dizer, a música é parte integrante dela, dos seus ensinamentos.

A música assume um caráter pedagógico, não por sustentar um corpo doutrinário discursivo, mas pelo seu poder em si, de nos abrir o espírito e o sentimento para que ouçamos sons desconhecidos, que brotam do movimento dos astros, da harmonia que vem do alto etc. Através dos sons da Terra, da Natureza, da Mata, decolamos para uma outra percepção dos sons. Quanto mais nos calamos interiormente e desligamos o pensamentos, mais ouvimos esses sons do Astral, que, às vezes, conseguem ser domesticados nos hinos que são recebidos.

Rama me dissera uma vez: “Quando a gente recebe um hino, é como se recebesse um ser em nossa casa; a música é um ser, ela chega, se apossa de nós, e pronto.”

Essa é a primeira revelação da música. Na forma de vibração, cuja matriz original está sabe-se lá onde em que recanto celeste. Ela é um ser, ou melhor, uma “forma” ideada e tornada manifesta, feita de alguma substância primordial.

No processo de conhecimento, a música está longe de ser um mero adereço, uma moldura para as frases que compõem os hinos, com todas as exortações religiosas, éticas, prescrições etc. Ela encerra, sim, uma sabedoria própria que os ouvidos captam e o coração sente.

Da vibração originária, que circula pelo Cosmos, desde que esse atual ciclo do Universo existe, cada música, de cada hino, é uma vibração específica, um ser específico, cujos ecos chegam a nós para completar uma mensagem. Mensageiros do Poder, a música de cada hino é um viajante, um emissário longínquo, que vem a nós, completar o testemunho, ditar o ritmo e a ondulação das Leis que nos são enviadas.

Daniel, por sua vez, referindo-se ao papel da música dentro do ritual, disse:

— O mistério está aí, conseguir afinar com essa mesma vibração que vem da música. Fazer com que nossas próprias vibrações, nosso ritmo interno se encaixe completamente na música.

Essa é a segunda revelação da música. Ela é também uma

importante peça do ritual, um método de trabalho interior que guia nossa capacidade de aprender e reter as revelações do Daime. De nossa entrega na execução, canto dos hinos e bailado depende a força e a clareza com que esses *seres/energia*, contidos na música, vão descer até nós e nos revelar suas lições ancestrais. Por ser o ritual eminentemente musical, não é mera coincidência que todas as falhas na concentração, na corrente, todas as impurezas que se revelam em cada participante, tenham conseqüências na música, no canto e no bailado. Posto que estes são os referenciais mais visíveis do nível da corrente, de sua harmonia e da entrega de cada um.

Essa é a terceira revelação da música. Ela é também um exercício de transformação individual de cada um, exercício de disciplina e autoconhecimento. Qualquer um que resolva tocar um instrumento, vibrar um maracá, soltar a voz, ou acompanhar os compassos no bailado, tem que superar todas as dificuldades musicais, de timidez ou orgulho, para cumprir a contento seu papel. Qualquer erro compromete a corrente, enquanto um todo, e todos têm que se esmerar.

Esses compromissos, uma vez assumidos, não fazem frente a um empresário de uma orquestra. E, sim, diante de um Mestre Espiritual que tem na música uma importante linguagem. E que vai cobrar, de cada um, o máximo esforço nesse sentido.

Afora essa questão particular da música, os hinos, enquanto um todo, são as peças-chave da Doutrina. Neles, estão contidos todos os Ensinamentos, as confirmações dos Evangelhos, saberes esotéricos antiquíssimos, chamadas de entidades, normas de disciplina, exortações ao arrependimento, bem à feição cristã, louvores à Natureza, aos Astros e aos Elementos, bem à moda Inca etc.

As pessoas vão recebendo seus hinos. Eles são ouvidos, na maioria das vezes, “prontos” durante os trabalhos ou fora deles. Os Hinários de cada pessoa sempre têm um aspecto duplo: por um lado, é um acréscimo ao corpo doutrinário já existente (os hinos antigos dos Hinários do Mestre Irineu, do Padrinho Sebastião e de alguns discípulos, já falecidos, do Mestre Irineu), através de um testemunho extremamente pessoal. E, por outro lado, é sempre mais um capítulo da saga deste povo, que carrega sozinho essa bandeira.

Uma proposta de redenção que, à primeira vista, é difícil avaliar. Tanto a realidade, quanto o peso do fardo.

Finalmente, falta apenas frisar o papel do Hino (letra e música) dentro do “serviço”. Eles são autênticos guias de viagem. Estão dispostos, naturalmente, numa seqüência que, quando vista em seu conjunto, corresponde às mínimas necessidades do trabalho, em todos os seus detalhes. Através deles é que se condensa a energia necessária para a corrente; que se depuram as cargas pesadas que as pessoas trazem, no início do trabalho; que se chamam os guias da sessão e entidades diversas; que se expulsam energias e entidades negativas, quando estas assomam; que se espanta o cansaço e o sono, que se avança, se mantém o passo, ou se recua, no momento de se fazer cada uma dessas coisas.

Cada hino de um Hinário parece, durante o trabalho, ocupar um lugar mágico no tempo. Seu transcurso corresponde sempre ao transcurso de sua necessidade. Ele sempre parece que está ali, ocupando aquele lugar e aquele tempo insubstituível, nos guiando e nos respondendo, a cada questão e desafio, que a evolução do trabalho nos coloca.

E, mais do que isso, além de suprir essas necessidades do culto, enquanto um todo, ele também tem o dom de resolver no nosso íntimo, como um toque de fada, as mais complexas questões que estejam ocorrendo.

Sob o efeito do Daime, somos obrigados a nos ver. O que queremos e o que não queremos, mas na verdade somos. Isto, algumas vezes, dói e a dor de nos ver é proporcional ao nosso grau de resistência ao Mestre, que quer nos mostrar. Pior ainda é quando queremos esconder de nós mesmos, conscientemente, algum erro ou culpa, perante o ser que existe no Daime

Nesses casos (que na Comunidade chamam de “peia”), as pessoas, no desenrolar do trabalho, atravessam passagens difíceis, que podem ir desde náuseas, mal-estar generalizado, vômito, diarreia, como sensações de depressão e angústia intensas, resultantes da revivência das coisas que ela própria considerava erradas. Essa catarse pode vir também acompanhada de “mirações” onde se vê (de uma forma alegórica ou de uma vivência em outro grau de



percepção) as causas espirituais dos erros, das falhas de caráter, ou mesmo, das doenças físicas.

Pois bem, nessas passagens difíceis, “as peias”, os hinos desempenham um papel importantíssimo, pois, procurando manter a concentração neles, inevitavelmente, o hino que estiver sendo tocado naquele momento, será um facho de luz para resolver algum enigma, que permitirá ultrapassar aquela dificuldade angustiante, aprender com ela e ter a chave de sua transformação.

Cada hino contém um sumo da sabedoria total da Doutrina, que se resume em poucos e simples princípios. E um outro princípio específico, num nível mais esmiuçante. Nesse sentido, ele é sempre o todo da Doutrina (e nessa medida, um considerável instrumento de socorro às peias) e um Guardião de determinado princípio e regra.

O mistério é que, além desse caráter de ajuda, cada hino (por ser microcosmos da Doutrina), responde sempre com precisão ao momento do trabalho onde ele é tocado. Da mesma forma, eles também anunciam e enunciam os momentos mais gloriosos do trabalho: chegada de força, Luz, autênticas mirações coletivas, onde todos vêm e sentem os mesmos fenômenos que trazem a presença divina até cada um.

Os hinos conseguem, enfim, através da nossa humildade em vê-los e ouvi-los como “seres e como guias”, nos dar uma linha de compreensão ao nível do coração, e nos faculta, durante as mirações, que a razão seja testemunha desse outro tipo de conhecimento, que não passa pelo seu crivo.

Permitindo que esse testemunho da razão ocorra e mantendo-o nos limites do mero testemunho, o hino transforma as experiências mais desconhecidas, até mesmo as mais horríveis, em uma linguagem mais próxima de nossos registros usuais. Com isso podemos entender melhor as coisas que acontecem durante o trabalho, os efeitos, ou melhor a “atuação do Daime”. Sem esquecer, contudo, que as prendas da revelação são um patrimônio de todo nosso ser.

Os hinos, música e palavras, dando chance de testemunho à Razão, dão, como vimos, as chaves das descobertas, diretamente ao Espírito. Quando retornamos, a memória, que é a guarda pretoriana

da Razão, fica, no máximo, com as imagens refletidas do verdadeiro conhecimento, que os Hinos, através do Daime, trouxeram.

Como não podemos lembrar as minúcias das mirações, o hino se torna seu depositário. Cada miração passa-se sob o signo de um determinado hino. E se não conseguimos reter todas as imagens, guardamos no hino, que serviu de fundo à miração, o que nela ocorreu de mais importante. O sumo concentrado daquela miração ficou gravado naquele hino. E sempre que o ouvimos vamos lembrar o “conhecimento” e a revelação que ganhamos. Isso não se perderá nunca mais.

## **Para quem estiver em busca da Verdade**

A minha viagem ia chegando ao fim. O VT, quase concluído, o dinheiro escasso. Em alguns momentos eu nem me lembrava direito do programa de televisão com que eu, Gil e Zé, moradores de Mauá, desejávamos inaugurar nossa Central de Produções Independente. No que pesem pequenos tropeços e dificuldades pessoais, foi muito gostoso, também, fazer as gravações. Nosso projeto comunitário independente não chegou a vingar, mas é certo que em cada um de nós, em níveis diferentes, ficou gravada uma experiência humana muito rica e momentos muito felizes.

Só que, para mim, o lado da descoberta e do encontro com minha dimensão espiritual suplantou, e tanto, o vôo profissional, que eu, às vezes, tinha de fazer o maior esforço para ter a disponibilidade necessária ao compromisso de trabalho. E sempre as coisas davam certo, porque nossa proposta de trabalho não era excludente à viagem interior de cada um. Naturalmente, as coisas iam se arranjando. As baixas eram voluntárias e os substitutos idem.

Tivemos uma reunião histórica na nossa “base”, em Rio Branco, o restaurante Remanso do Tucunaré. Apesar de não ter conseguido comer tucunaré, propriamente dito, entre surubins, piracurus, tambaquis, dourados etc., conseguimos, quando as dificuldades

peçoais, dentro do trabalho, começaram a surgir, dimensionar as necessidades de cada um no tocante à(s) viagem(ns) e às obrigações relativas ao trabalho profissional.

Já funcionando dentro dessas diretrizes, há algum tempo, fomos, na última semana, à procura do Seu Mário, gravar umas palavras dele para o encerramento do programa.

Dona Lídia, como sempre, andava de um lado pro outro. Ora na cozinha, ora em frente à televisão, sempre bem-humorada e discorrendo sobre seu tema predileto: o Acre.

Seu Mário estava um pouco mais sério do que de costume. Só muito mais tarde é que eu iria entender aquela seriedade. Melhor seria dizer solenidade. Ajeitamos as câmeras, fios, microfones, gravadores. Rabisquei no papel algumas perguntas que eu queria fazer, submeti-as, previamente, a Seu Mário. Ele anuiu com seu jeitinho característico. Um leve menear de cabeça, com os olhinhos semicerrados e as mãos com os dedos encaixados. Logo abriu os olhos e foi avisando:

— Vou responder o que puder. Mas depois, eu quero que vocês ouçam uma coisa muito importante que tenho a dizer.

— Como foi o caminho da História do Daime? O Percurso do Daime até hoje?

— Em 1916, em plena Primeira Guerra Mundial, nós estivemos em Brasília, me lembro que o meu pai me levou, com outro irmão, num arraial que tinha uma irmandade do Santo Daime. Naquele tempo não se chamava Daime, chamava *ayahuasca*, um nome espanhol. Quem chefiava a irmandade naquele tempo era um senhor que se chamava Antônio Costa. E tinha um irmão, André Costa. Várias pessoas ainda existem, por aqui, daquele tempo, parentes dele. Depois, passou-se uns tempos e desapareceram. O senhor Antônio Costa foi abandonado, foi para o Peru. Todo mês ele fazia uma viagem para tomar Daime. Daí, desapareceu. Bom, as histórias que ouvi falar do Daime, como ele veio, foi através do Mestre Irineu. No hinário dele está a história. Tá ouvindo? No Cruzeiro está a história. E a bebida, que foi dos Incas, fala-se quem vive nas fronteiras, que todos esses bolivianos, peruanos, caboclos, todos tomam e preparam o Daime

Segundo a lenda, os feiticeiros, ou curandeiros, tinham anunciado antes dos espanhóis chegarem aqui na América.

“A história do Mestre Irineu — dizem que ele foi funcionário público, foi da guarda, antes de começar nesta doutrina, foi seringueiro, trabalhou com o senhor Antônio Costa, são as histórias que falam. Aqui tem um irmão dele e um sobrinho também, mas poucos devem saber da Doutrina, o que eu sei dela é o que disseram para vocês, que ele teve uma visão da Virgem Mãe e que ela lhe explicou qual era sua missão. E depois ele começou a receber os hinos.

“Isso é o que eu sei, como se diz, materialmente. Espiritualmente, só a gente tomando o Santo Daime, tá ouvindo? E ouvindo os hinários, aí a gente vai penetrando, mas só tomando. Eu mesmo ouvia muito falar no Santo Daime, me contavam histórias que tomavam, que viam coisas, e eu sempre dizia: ‘eu vou tomar, eu vou tomar’. Mas nunca houve oportunidade de eu tomar. Mas eu vou dizer uma coisa, eu sentia que um dia eu tomava. De maneiras que, quando me aproximei, aos 65 anos, do Daime, eu via que estava na hora. Eu andava procurando, eu sabia que existia mas não sabia onde estava. Procurava em todo canto mas não encontrava. Até que um dia, um amigo chegou e falou: ‘olha, vou te levar num lugar que tem uns trabalhos que você vai gostar’. Bom, eu cheguei e tomei só um copinho pequeno. Eu sempre digo ao meu irmão, só tomei Daime uma vez. Tomei, e como eu andava procurando uma coisa, eu encontrei, e como encontrei eu fiquei. Aí eu continuei e continuo tomando o Daime, me tratando, curando, me aperfeiçoando. Para descobrir o que eu andava procurando, eu descobri quando tomei Daime pela primeira vez. Eu sempre digo, inclusive eu disse quando nós estivemos na Federal: ‘Quem, honestamente, neste mundo, andar procurando a verdade, vá lá na Colônia 5000, e tome Daime e escute os hinários. Depois, se não ver nada, fale comigo’.”

— A gente, outro dia, estava conversando, aí a Regina começou a falar das sensações que o Daime traz, relacionadas com as cores.

— As cores têm relação com as forças. Tem miração que é prata, ouro, outra é verde. E tem uma roxa. A miração que eu vi

com mais força era todinha roxa. Essas foram as cores que eu vi, naturalmente outro verão outras cores...

— A gente queria falar da Dor.

— Aliás, se fala muito, não é? A Dor é justamente um sofrimento que a gente suporta, e eu, com franqueza, toda vez que fico doente e sinto muita dor eu sinto que dou uma passada pra frente. Se não existisse a dor a gente não sabia que existia. Repara que, quando a gente anda na floresta, a gente está distraído. De repente, vem um inseto, um mosquito e pica a gente. Logo a gente sabe que existe, não é mesmo? Sabe que está aqui. A Dor sempre vai lembrando a gente. Ela vai acordando a gente. Eu me lembro que o meu garoto, quando eu queimei pela primeira vez o dedo dele pra ele não mexer no fogo, ele tomou um susto, daí em diante, ele aprendeu. Ele teve uma lição de vida. Foi a dor que ele sentiu. Se eu não sentisse dor, não sentisse nada, eu não sabia.

— Seu Mário, dava pro senhor falar do Seringal Rio do Ouro?

— A Colônia 5000 vocês já viram, não é? Tem muito lugar bonito, para andar, passear.

“Mas um dia, eu saí daqui e fui ao Rio do Ouro. Passei cinco dias, eu caí seis vezes, quando cheguei lá, caí a sétima. Eu caía e me levantava. O caminho, a gente fala, mas ninguém tem idéia. Só a gente indo pra saber como é. Tem pau de todo jeito no caminho. A gente dá todo tipo de jeito no corpo. Não tem ensinamento de yoga nenhum que supere, não, tá ouvindo? De maneira que, para mim, foi uma viagem muito pesada. Cheguei no Rio do Ouro e tomei água com minha cuinha. É o seguinte, Rio do Ouro é pedra em baixo, areia em cima; as pedrinhas ficam douradas, daí se chamar Rio do Ouro. Mas é uma água muito pura. Eu tomava água, tomava água e não sentia que tinha tomado água. Depois disso, com a alimentação que passei lá, eu senti uma cura, uma limpeza, tá ouvindo?

“Tomando Daime, tomando aquela água e com a alimentação à base de caldo de macaxeira, aí então eu senti uma limpeza tão grande no meu organismo que eu passei a viver, eu assim diria, que

não tinha sentido nunca uma felicidade assim. Nem sono, nem fome, nem calor, nem frio, nem cansaço. Agora, a Beleza é uma coisa, só vendo. Porque eu me esqueci da Colônia. Eu passei lá 20 dias. Quando voltei, foi preciso recordar tudo que eu passei lá. Era tão bom, tão puro, tão gostoso, que eu me esqueci de tudo. Assim é a Paz. O reino de Deus é a Paz, não é? É o sossego, não é? Então é isso que eu encontrei lá.”

— Queríamos saber se, nas mirações, as pessoas vêem coisas muito parecidas.

— Comigo já coincidiu uma vez de eu ter uma miração e outra pessoa ter a mesma miração. Tá ouvindo? Houve um dia que nós tomamos o Daime, é, foi o Daniel que serviu o Daime, eu estava mirando, me lembrando de uma coisa que eu já tinha visto. E o Francisco Corrente estava recebendo um hino na mesma hora. Aí eu pensei, quando ele terminar eu vou perguntar onde ele viu isto. Quando ele terminou, eu perguntei: Francisco, onde foi que tu viste isto? Ele respondeu: acabo de receber agora. Então, coincidiu que eu tava mirando e ele estava recebendo o hino. Já aconteceu outras vezes.

— O Senhor podia falar uma coisa que o senhor queria. O grande final.

— Se eu souber usar o Poder, então tudo fica fácil pra mim. Mas tem que aprender a usar, não é? Se andam procurando alguma coisa, andam perdendo tempo, se estão esperando alguma coisa, estão passando em brancas nuvens. O que existe muito em nós é fraqueza, tá ouvindo? Fraqueza é a falta de Fé, de firmeza, que a gente se esquece. Outro dia eu tava dizendo pro Padrinho: “Padrinho, pelo que o Daime já me mostrou e já me disse, eu devia ser outra pessoa.” Ele disse: “Eu também. Tem mais nada que esperar não. Tá tudo aqui. Falta só ver onde está.”

“Quando eu tomei Daime, em poucos minutos eu senti em mim que tinha uma coisa. Daqui a pouquinho, eu comecei a mirar e me lembrar. Eu via coisas, mas não conseguia me lembrar. E eu dizia: “eu já vi isso, mas não me lembro onde”. Aí eu andava tomando

remédio, aí me deu vontade de vomitar e eu fui lá fora, mirando, não é? Estava botando aquilo fora.

“Eu vou dizer uma coisa, quem foi não voltou. Quem voltou foi outro. Quem foi não voltou.”

De repente, um dos intervalos foi maior. Seu Mário se deixou ficar um tempo com a cabeça entre as mãos. Olhou para mim fixamente e começou a falar. Por um momento, pensei que fosse mais um papo informal, antes de continuar a gravação da entrevista. Mas logo veio o pressentimento de que aquilo já era a “mensagem” final que ele anunciara no início. Dei um pulo, apertei o botão do gravador e fiz um sinal ao Gil e ao Zé, para ligar a parafernália eletrônica. Todos sentiram o mesmo e já estavam se pondo em campo.

Seu Mário, como que percebendo nossa confusão, retardou e susteve o fluxo de suas palavras. Em poucos segundos, Gil enquadrava o rosto de Seu Mário e Zé segurava o microfone em frente a sua boca. A impressão que dava era de sermos repórteres estreantes conseguindo um furo de reportagem com alguma grande celebridade ou príncipe estrangeiro. E ele concluiu a entrevista da seguinte forma:

— De sorte que eu não estou querendo mais nada. Tudo que eu quero eu já tenho em minha mão... Nós zelamos por um segredo, sim, é um segredo. Mas nós não somos egoístas, não. Agora precisa entrar pro lado de dentro. Pra deixar de ser segredo tem que estar dentro... Do lado de fora não se entende nada. De sorte que eu, que nós, estamos esperando um povo. Um povo que queira pegar essa doutrina e levar ela pra frente.

Quando saí dali, aquele dia, sentia que, realmente, estávamos com uma coisa muito séria impressa naquelas caixas de fita.

No íntimo, já estava decidido a pedir a bênção para Seu Mário e reconhecê-lo como Padrinho. Mas isso só iria acontecer dali a alguns meses, na expedição que fizemos ao Rio do Ouro.

## Conclusões provisórias sobre o Infinito

Último dia no recém-conquistado Paraíso. Arrumava, lentamente, minhas coisas na casinha que Seu Mário nos cedera, durante nossa permanência na Colônia.

No último hinário, do aniversário do Seu Wilson, num intervalo, eu, Gil, Zé e Seu Mário, sentados ali no sofá da sala, onde agora eu juntava meus trecos, ficamos bem uma hora concentrados.

Eu sentira duas coisas muito fortes. Primeiro, uma relação, até então, desconhecida para mim, entre peso e leveza, inércia e gravidade. Meu corpo foi perdendo sua “corporalidade”, o espaço ao meu redor, por sua vez, ganhou uma profundidade e um volume infinitos. Cada centímetro além dos meus olhos se desdobravam em quilômetros e quilômetros de horizonte. Olhava através da porta e o céu estrelado exibia sua leveza. Compreendia, então, cada partícula de éter que, de forma invisível, formava suas colunas de sustentação.

Esse equilíbrio do Universo era um ponto instável. Já o meu movimento, ou o de qualquer pessoa na sala, se revelava de um peso extraordinário. A chave que fazia as estrelas se sustentarem no céu e o meu corpo não se despedaçar em milhões de fragmentos eram a concentração absoluta. Eu me concentrava na compreensão que estava tendo, naquele momento, desse Equilíbrio e mal respirava pra que ele não se desfizesse. Ao respirar, eu apenas repetia as pulsações oriundas do Universo e, nessa troca (inspiração e expiração), me integrava nele, me constituía num dos seus pilares.

Ao inspirar eu me inspirava na concentração de luz das estrelas, ao expirar eu expirava o peso, morria a cada segundo para renascer a cada novo ar, junto com o qual eu inalava a energia vinda de tantos anos-luz, seus ecos no tempo, dos quais meus pulmões eram uma espécie de caixa registradora titubeante, musical.

Cada coisa parecia se mover com extrema lentidão, ou uma velocidade tal, que eu ainda via nelas um momento anterior, a trilha luminosa da energia de um ato *que já fora*, ou os riscos luminosos impressos no tempo. Todos os atos, pensamentos, gestos e falas de



todas aquelas pessoas e todas as outras que já tivessem estado por ali apareceram para mim. E tive consciência de quem eram elas.

Tudo isso era muito claro. Cada gesto imperceptível, em sua singularidade, repetia todos os outros que existiam. Esse, por sua vez, juntava-se ao acervo, e ao se tornar memória, compunha o imediato futuro. Mas a matéria que plasmava essa compreensão, do que fora e do que seria, não estava na ordem do tempo.

Números começavam a surgir para mim como noções que podiam ordenar e criar uma série lógica, onde, na verdade, não havia lógica possível. Dos *insights* com os números, eu vi o Infinito

O Infinito era uma possibilidade sem consequência, uma ordenação sem fundamento. À entrada dele, havia uma porta. Um ser zelava por ele. Se você quisesse espiar, ele abria a cortina. Só que você tinha que renunciar, *a priori*, à tentativa de abarcá-lo por símbolos ou pelos sentidos.

O Infinito era uma coisa telepática. Fechando os olhos é que se via. Mas não se via porque brincar de infinito é brincar de caba-cega. É sentir a imensidão de estar perdido e fazer recuar essa venda, essa treva para dentro de si mesmo, até ver o ponto onde, além do corpo material, nossa chama espiritual abre uma porta para o todo.

No encontro dessa Luz Interna eu me consumi no fogo de milhões de sóis. O infinito é essa Luz, se a gente resiste à tentação de torná-lo mensurável, seja por espaço, tempo, temperatura, intensidade. Resistindo a compreendê-lo, o mistério se revela.

Os números me pareceram deuses coxos, imperfeitos. Os filhos bastardos dos que quiseram olhar o que era para deixar arder no coração. Aleijados e cegos, eles podem abrir caminho para o Invisível.

Em meio a tudo isso, uma voz me disse:

“Aqui é o Paraíso.”

Não pude perceber quem falou. Mas isso parecia ter um evidente duplo sentido. A voz me dizia: “Isso é um Paraíso, descubra você mesmo o prazer do Infinito, deleite-se.” Mas também: “Esse é o Paraíso de fato, ou uma cópia perfeita de um outro lugar, que

existe um outro mundo, ou fora de todos os mundos que lhe são dados conhecer, mesmo dentro da miração.”

Nesse momento, olhei pela porta. Vi a Igreja, ao fundo, exalando perfumes e músicas, rodeada de presenças. As árvores, envoltas na friagem e nas brumas de julho, tinham vida. Também elas estavam na corrente, trabalhando a seu modo para que aquelas visões existissem para mim.

O céu ora estava em cima, ora embaixo. Eu experimentei milhares de anos de geometria em um momento. Meu corpo não era mais o único referencial para a vida.

Restava saber o que era ou me render diante da alma. Ainda queria uma resposta intermediária.

Seu Mário olhava para mim, como se soubesse de tudo. Algo se evaporou, algo eu retive. Quando vinha chegando de volta, completamente emocionado, exclamei baixinho:

— Meu Deus, quanta sabedoria!

Eu ainda usava meu arsenal racional para chegar a um termo de compromisso “honroso” com o Daime. Mas o estoque de racionalização estava, a cada dia, mais curto. E essa necessidade de um compromisso “honroso”, na verdade, significava apenas que eu queria preservar meu orgulho, o homem velho, como diria a filosofia, ou o calçado velho, como dizem os Evangelhos.

Ainda não me entregara. E compreendia que a entrega era como um castelo de cartas. À medida que eu fosse me entregando, todas as minhas fortalezas iriam ruindo, até a minha própria capital (meu Ego) ser ocupada. Mesmo que fosse por um Exército que já dera provas de ser amigo, não deixava de ser uma ocupação. O meu Eu era um arauto patriótico que bradava contra essa invasão ao meu próprio “território” que se confundia com ele.

Algumas concessões a essa misteriosa “Espiritualidade” eu já fizera. Outras tantas, estava disposto a fazer, de bom grado. Mas, a partir de um ponto, eu tinha medo. Medo que tudo que, até então, eu identificava como sendo Eu, pudesse se evaporar. Quem sobraria em mim para ser? Ou o que, de tão misterioso, viria ocupar o meu lugar ou aflorar dentro de mim?

A angústia no trabalho com o Daime é que, às vezes, sentimos que ele não se importa muito com certas representações psíquicas que fazemos de nós mesmos e colocamos num altar, chamadas personalidade, caráter, hábitos.

Para o Daime, esse tributo e esse culto que prestamos a nós mesmos é mera idolatria. Ele não exige que acabemos com isto de uma vez por todas, posto que, esses atributos concernem verdadeiramente à nossa existência em matéria, o nosso corpo físico. Porém, quando levamos isso à condição de idolatria, de fetiche, fechamos as portas aos arquétipos divinos que plasmam nossa forma humana. Queremos deprender os deuses da atrofia de seus resíduos que em nós se manifestam, na forma humana. Ao contrário de fazermos de nossa própria “humanidade” um trampolim para os mistérios de nosso plano de existência astral etérico. O Daime mostra isso bem claro: não somos o protótipo dos deuses que criamos pela nossa imaginação. Mas, sim, a semelhança dessas forças que nos plasmaram, nos deixando submersos na ilusão de ser o princípio da cadeia criadora.

Um hino diz:

“Eu não sou Deus  
Mas tenho uma esperança  
Eu não sou Deus  
Mas sou sua semelhança.”<sup>9</sup>

O ritual do Daime, como método e disciplina exigidos para esse novo conhecimento, nos impõe a aceitação de preceitos, até então, impensáveis para nossa formação, baseada na presunção de sermos a forma suprema de vida inteligente nesse sistema solar, quiçá, no Universo.

Nesse último dia da viagem pelo Acre, eu tentava ponderar com calma. Esquadrinhava todas as hipóteses mentais. Algumas coisas eu já considerava conquistadas. Um outro plano de existência? Já acreditava. O entendimento de que haviam vários outros planos superpostos de “vida”? Já aceitava. Que a morte era um dos pontos dessa passagem? Correto. Que eu queria redescobrir esse conhecimento milenar? Certíssimo. E Deus, santos, espíritos, anjos, arcan-

jos, Virgem, Cristo, Trindade etc.? Bem, aí, eu resistia. Semântica e intelectualmente, mesmo que, emocionalmente, eu quisesse me render às evidências do que já me tinha sido permitido ver, até aquele momento. Deus bem podia ser princípio gerador, arquiteto do Universo; em vez de espíritos, “entidades”; anjos e arcanjos, “deidades celestes”, seres de outras dimensões e galáxias, e por aí, eu tentava me defender do jeito que era possível.

Nisso também residia uma certa chantagem de minha parte ante essas novas forças que iam se apresentando a mim. Como se eu negociando, pudesse forçá-las a dar tais evidências de sua realidade, que para mim não houvesse mais necessidade de outra opção, senão a adesão incondicional.

O que sustentava essa manobra era a suposição de que os “Eleitos” para esse caminho eram postos a terríveis provas; que algumas dessas provas eram para realmente nos sujeitarmos, aprendendo a ter a humildade necessária perante esse Poder Desconhecido. Mas, umas outras tantas (que tínhamos de decifrar a cada passo, semelhante ao Enigma da Esfinge) eram apresentadas pelo Daime apenas para nos testar quanto a nossa criatividade, a nossa fronteira entre a humildade e a resignação

Esse mito do Filho Pródigo me explicava várias coisas. José não fora o filho mais amado de todos os de Jacó? Porque todos aqueles, fadados à iluminação, não teriam em algum momento, mesmo à guisa de teste, de viver um período em desobediência a Deus?

Como discernir o que é para obedecer cegamente, do que seria para “desobedecer”? O que já estaria, a princípio, determinado pelo Karma? Qual seria a parcela ainda restante para o livre-arbítrio? Então, até mesmo essa cilada que o Daime poderia nos armar, na forma de um Enigma, já seria, em si, um “falso enigma”, uma outra cilada, pois afinal, nossas vidas anteriores já circunscreveriam quem seriam os filhos pródigos que acertariam a charada, os anjos decaídos, tornados demônios, que erraram a charada em outro tempo.

Tinha horas que eu acreditava nessa minha construção teórica.

Em outras, eu ficava imaginando que, se apenas um alicercezinho dela estivesse errado, eu ia sofrer um bocado dentro do Daime até Ele fazer correr com a minha petulância de querer encontrar um jeito qualquer de não me entregar incondicionalmente a Ele, mas sim, de ser um mero “associado”, ou aliado, a quem ainda é permitido incorrer em determinados erros. E não consideramos esse risco do erro, essa falta de referencial absoluto para demonstrar a verdade como uma grande virtude, a essência mesmo da liberdade e do nosso arbítrio?

As perguntas estavam no ar. Resolvi, na primeira oportunidade, consultar o Daime a respeito. Doía entrever que o único caminho para essa nova sabedoria que me fascinava era, paradoxalmente, uma profunda liberdade de sentir e uma total submissão no agir. Teria eu descoberto a suprema contradição de qualquer religiosidade? Mas se essa submissão era tão gloriosa a ponto de não ser um sacrifício e, sim, algo que parte do reconhecimento da existência de uma Força muito superior a nós... Aí, como é que fica? Sujeição ou liberdade? Resignação ou Ousadia?

O único paralelo que me vinha eram os heróis homéricos da *Ilíada*. O destino de cada um já estava pronto. A liberdade consiste em optar e querer levar aquele destino até o fim. Cumprir o que fora predito pelo Oráculo.

Várias vezes o herói grego pôde escolher uma existência medíocre, porém, mais de um nexos causal o impele à consciência do seu destino e a sua “arete” reside em assumi-lo, até as últimas conseqüências.

É bem verdade que Diomedes, certa feita, próximo às muralhas de Tróia, fez correr com seu chuçó a Ares e Hera, se não me falha a memória. Isso seria a prova histórica que eu precisaria para minha tese de “Desobediência a Deus”, não fora o detalhe: nosso herói fez isso para continuar dentro do seu destino, cumprindo os desígnios do próprio Zeus, e não para se rebelar contra ele.

O Daime é um Labirinto. Aproveitando o exemplo grego, é o próprio palácio de Knossos, onde, dizem, habitava o minotauro. É preciso ir entrando em suas galerias e ir desafiando o novelo de linha, igual a Teseu. Se bobear, a gente se perde ou dá de cara com vários

monstros. Que, no fundo, somos nós mesmos. Eternos minotauros que despertamos em cada falha no cumprimento do nosso destino

## **Espiritualidade, Prazer e Conhecimento**

Pensando bem, certas questões metafísicas nos conduzem sempre a certas subquestões, de ordem mais prosaica, material e, principalmente, sensorial.

Enquanto maquinava um meio de me manter autônomo dentro do Daime, eu entendia que a extirpação de um vasto ferro-velho psicanalítico representava um aniquilamento enquanto pessoa, interioridade. E acho que conseguia pensar o porquê disto, de uma maneira razoavelmente clara. Não que meu medo de ser “consumido” pelo Daime não fosse uma questão real e até relevante. Mas o simples fato de ela ser vista como uma “ameaça” externa a mim, provava como o problema se encontrava invertido.

No fundo, qualquer opção que eu quisesse tomar, dentro do que deveria escolher, era eu quem apertava os botõezinhos. Fosse para colocar na tela o Nirvana ou o Inferno, isso dependia de mim. Se eu quisesse continuar assim, joguete de forças cegas, que continuariam desconhecidas para mim, bastava apertar o botão do assento ejetável e pular fora do Daime, antes que a aeronave explodisse. Agora, para ficar dentro dele, beneficiando-se do seu conhecimento, era preciso cumprir uma ordem, um regulamento e uma disciplina.

Era eu que, a cada viagem, conferia ao Daime esse poder de ter poder sobre mim. E, uma vez escolhendo isso, eu aceitava todas as conseqüências previsíveis ou imprevisíveis, visíveis ou invisíveis. Ou melhor, o próprio Daime me dava essa escolha.

Isso esclarece melhor o ponto onde eu queria chegar. Quando eu chegara ao Acre e tomara contato com a bebida *ayahuasca*, Daime, depois, progressivamente, com a doutrina do Santo Daime, uma parte dela me fascinava e outra me constrangia. Os fundamen-

tos espiritualistas, esotéricos etc. encontraram em mim seara propícia. Mas as partes relativas às normas, certa ingenuidade na visão social, hábitos, conduta moral, visão sobre sexualidade, me chocaram um pouco. Um tanto pelo conservadorismo e um tanto pelo que, na época, eu resumia num genérico rótulo de patriarcalismo machista.

Até aí, nada difícil de perceber. À primeira vista pode-se assumir um enfoque cultural e explicar esses altos e baixos na aceitação da Doutrina como fruto de uma defasagem normal de informação, formação, educação, cultura etc. entre quem vem dos grandes centros e quem permanece vivendo, há algumas gerações, em seringais, no meio da floresta Amazônica.

Vejo claramente três ciclos, que apresentam uma linha de progressão: o primeiro, o da Exteriorização Social, transformação do mundo, “libido” revolucionária, o segundo, da Procura Hedonista em si, o Prazer e a sexualidade, a libido propriamente dita. E o terceiro ciclo, a Abertura (melhor seria dizer, súbito “destampamento”) da Espiritualidade, autoconhecimento e conhecimento Iniciático. Libido mística? Ou despertar de Kundalini?

As minhas dúvidas, ao ingressar nesse terceiro ciclo, se prendiam muito ao desejo de não abandonar, de uma vez por todas, as formas de ser, agir e fruir, próprias dos ciclos precedentes.

Todas as procuras anteriores tinham para mim um sentido, uma validade e um prazer. A partir dos seus efeitos eu me amalgamara nisso que considerava, até hoje, meu autêntico “ser”, a que o Daime viera colocar uma série de interrogações. Meu temor era muito menos dos riscos inerentes a essa nova empreitada espiritual do que pelo naufrágio de determinadas conquistas que estavam associadas à minha subjetividade, ao meu Eu.

O caminho espiritual me parecera extremamente absorvente. As lendas de fanatização, esquizofrenia mística etc. sempre nos rondam. Os arautos interiores do prazer e dos gozos sensoriais espalhavam esses boatos e davam o alerta. Da mesma maneira como em outros tempos, a ideologia revolucionária e ascética da “classe” abandonada fazia *meetings* contra o ideal recém-conquis-

tado corpo, a felicidade, o organismo, aquelas reles infiltrações pequeno-burguesas, bárbaros assolando o santuário da política.

A cada novo passo, quem fica pra trás lança mão dos seus trunfos. Buscar o conhecimento é sempre pular um muro, roubar um fogo prometido, ou morder a maçã interdita. Dentro desse jardim os cães ficam farejando e rosnando para quem passa pro lado de cá do muro.

A dialética é implacável. Meu potencial místico, no bom sentido, naufragou provisoriamente entre hóstias e senhoras histéricas que davam aula de Catecismo na Igreja de São Paulo Apóstolo, na rua Barão de Ipanema.

Daí para buscar o mais ferrenho materialismo, foi um passo curto. Restou uma certa inquietude cósmica transcendental, mas que se arrepiava com qualquer coisa que cheirasse, de longe, a Igreja Católica, versão institucionalizada, que, durante muito tempo, representou para mim o Cristianismo.

A luta revolucionária foi um esforço sério para mim, no sentido do conhecimento, na descoberta do mundo, da reflexão da vida e da morte; o místico foi transposto para um cenário terrestre, categorias e valores cristãos unidos, por meio de uns tantos artifícios a uma metodologia de violência. Daí o messianismo existente em toda luta revolucionária. Marx dissera, ao se referir aos *comunards* de 1871, que o negócio era “tomar o céu de assalto!” Mas o céu *tinha* de ser na terra!

Depois de pauladas, tiros, torturas, quase morte, nove anos de prisão, uma outra dimensão se abriu dentro de mim: o corpo quis desemperrar, ter prazer, amar. O lema ficou sendo: o Prazer é a única forma (pelo menos a mais deleitável) do conhecimento.

O ser político se scandalizou um pouco mais, terminou, como sempre tardiamente, aderindo e fazendo algumas concessões aos costumes.

Junto com isso, a crítica dos velhos hábitos. Rei morto, rei posto, o rei está nu. Piche nele. Depois de submergirmos no engodo leninista, nos centralismos democráticos, partidos *et cetera*, a nova postura diante da fusão prazer/política nos levou a importantes aquisições, em suma, um saudável libertarismo.



Quando a gente, enfim, acha que ganhou uma identidade definitiva, que elaborou num caderninho de alquimista o verdadeiro Elixir do Bem Viver, aí é que vem uma voz lá de dentro nos chamando para um encontro ainda mais importante.

Se essa voz existe, é porque ainda não estamos satisfeitos. Não achamos o que começamos a procurar há tanto tempo. Quem pensou que descobriu já estagnou numa das fases precedentes. Às vezes, nem saiu da primeira. Mas a Voz Interior pode chamar qualquer um, esteja onde estiver. E a luz desse chamado está no que consideramos a fase ou ciclo mais “avançado”

Ao respondermos o chamado do tempo, compreendemos que é necessária a opção espiritual. Cada vez mais urgente. Os nossos instintos, sentidos, fantasias e desejos, apegados à matéria, se alarmam. Os cães novamente são soltos.

Nossa identidade foi fundada na mistura desses ciclos precedentes. Como consequência deles, introjetamos valores libertários que agora se vêm acuados por uma severidade, uma disciplina e uma série de exigências, aparentemente ascéticas para quem quiser seguir em frente. Serão os cães?

Recuo então para o ponto de partida: carolismo católico da pré-adolescência, ou salto inimaginável para além dessa existência?

Nisso eu me debatia, no último dia de minha permanência na Colônia. As palavras do Seu Mário estavam gravadas na minha cabeça:

“Quando eu tomei o Daime pela primeira vez, o homem que foi não voltou o mesmo.”

Eu sabia que não ia voltar o mesmo. Mas, igualmente, tinha consciência de que me faltava fôlego para ser o que eu já precisava.

Veríssimo nos convidara para um “som” em sua casa, a título de despedida. Antes de subirmos as escadas, ele foi me confienciando:

— A gente sofre feito o diabo, às vezes quer pular fora, mas essa doutrina é beleza e maravilha.

Já lá dentro, na última noite, fiquei olhando na penumbra das

velas e candeeiros os rostos daqueles homens e mulheres da mata. Uma grande emoção tomou conta de mim.

Os músicos afinaram seus instrumentos. Acho que a primeira música a ser tocada foi *Sol, Lua, Estrela*, hino de abertura dos trabalhos da linha do Mestre Irineu.

Em pouco tempo, chegou a Força. Os acordes repercutiam dentro do cérebro. Por momentos, eu não tinha certeza em que posição me encontrava; se sentado, deitado ou em pé, apoiado na janela. Meu olho devassava toda a sala, mas em nada se detinha ou focalizava. Meu ouvido acompanhava, entre “cliques” alternados que ligavam e desligavam a consciência, o crescendo daquela mistura de ladainhas e mantras. Até que, passada a vertigem, os zumbidos que ecoavam dentro de minha cabeça foram se harmonizando com o resto do meu corpo e passei a respirar, cada vez mais harmoniosamente com eles.

Semicerrei os olhos. Depois de algumas piscadelas, arranjei uma abertura em que olhava, simultaneamente, para fora e para dentro de mim. Cada lugar que eu escolhesse se fendia, e eu penetrava numa profundidade insuspeitada, autêntica dimensão paralela com uma tangibilidade, até então, infinita e desconhecida.

Foi nesse ponto que eu vi um pé de jagube — o cipó do qual é extraído o Daime. Ele se enroscava numa enorme árvore. Eu olhava para sua copa, acompanhava sua haste castanho-avermelhada, e descia até suas raízes, terra adentro. Daí, eu descia, vertiginosamente, acompanhando-as. Cada vez mais ela se ramificava, até um ponto em que minha consciência, com algum esforço, sentiu e compreendeu, ao mesmo tempo, que aquelas raízes se transformavam em milhões, bilhões de filamentos que se prendiam, cada um deles, a toda coisa existente no mundo. Qualquer coisa que eu pensasse e todas as coisas, eu via, simultaneamente, ligado a esse cipó (à semelhança do Aleph, aquele conto de Borges, onde o personagem percebe tudo o que está se passando no mundo). Suas ramificações eram mais grossas, quando terminavam em objetos e formas, e pareciam vasos capilares finíssimos, quando desembocavam em seres e sentimentos.

Eu me sentia de modo parecido, quando da miração que tivera, na Festa de São Pedro, onde eu via o jagube e ele, alternadamente, se transformando ora numa gigantesca cobra, ora em mim mesmo.

Fiquei assim um tempo que não sei calcular. De repente, num piscar de olhos, a visão se desvaneceu. Luzes estalaram, aqui e ali, como num curto-circuito. Qualquer que tivesse sido a Força que produzira aquele evento, agora se retirava, levando consigo os elementos mágicos do seu cenário. Restavam só seus contornos oníricos.

As fisionomias estavam tensas. Quantos teriam trabalhado para que eu visse tudo aquilo? Veríssimo me pareceu, novamente, um cavaleiro medieval, exercitando um alaúde depois de um torneio. Cristina exalava uma suavidade incrível, de olhos fechados e acompanhando o ritmo dos hinos com palmas. Acho que, desde esse dia, compreendi que ela também era minha madrinha.

# Dúvidas de um Quase Iniciado



## Batalhas do Ego

QUANDO PISEI novamente minhas montanhas, florestas inteiras vieram junto comigo. Com seus pássaros, suas ramagens, seu cheiro de resina. O Universo bem poderia ter a complexidade de um nó numa gigantesca árvore. As palavras de Seu Mário continuavam varrendo meu cérebro como um vento sibilante:

— O homem que foi não voltou o mesmo.

As montanhas estendem. A Floresta condensa. Ambas as sensações são infinitas. Insinuam laços misteriosos com o Universo e suas origens.

Não conseguia ver nada como antes. Mesmo as coisas mais insignificantes passaram a ter um novo relevo. Os adereços da terra tinham um novo sentido e reputação. A percepção devia se esforçar para colher outros significados. O conhecimento é uma colheita de pólen. Tudo faz parte do mesmo engenho, serve à causa.

A lição está em todo canto e conduz àquilo que é uno. Senti em todas as pessoas, que olhei de relance, uma pretensão desmedida. Não era nova, mas transparente.

“A consciência de estar subjugado ao Poder é a única maneira de libertar-se”, pensei.

Seres coloridos se movimentavam. Formavam geometrias rápidas. Filas. Trocavam energias despercebidas numa profusão de perdigotos e bactérias. Imensos *canyons* de carne ambulante. Seus sapatos não permitiam o contato com a terra. Asfaltos impediam a troca. Sem contatos com as raízes milenares do meu cipó, pareciam

bonecos irreais, envoltos em nuvens de condensações, exalações e suores.

A divindade das máquinas repousa em sua eficiência. A cada enguiço, um deus irremediavelmente destronado.

Ruas, labirintos, ratos de laboratório, rostos em serviço. Subi a serra com essas impressões da cidade. O homem é muito orgulhoso. Ele pensa que é o dono de tudo isso. Por isso nunca enxerga a coleira.

Na minha montanha estou mais a salvo das pretensões. Não quero ser melhor que uma pedra.

Entre todos os seres criados, vou tentando democratizar minha consciência.

Passado o impacto, ainda passei algum tempo sem mostrar muito entusiasmo em fazer uso das duas garrafas de Daime que tínhamos trazido. Eu lidava com aquilo como duas garrafas, poderosas, mas garrafas. Outras vezes, sentia-me o próprio sentinela do gênio aprisionado. Só em destampá-la, meus desejos todos poderiam ser realizados. Se eu corria esse risco, deveria ter medo.

Nessa fase, o medo ao Daime é o mesmo medo que temos de nós mesmos. Não temos medo dele como uma coisa exterior a nós. Temos medo do que ele irá revelar daquilo que somos e, talvez, não estejamos preparados para ser.

Eu sentia-me aflito com meus desejos. Suspeitava que houvesse uma dimensão inconsciente deles, na forma de pulsões e instintos arcaicos que, se fossem detonados pela força do Daime, me fariam sofrer muito. Paradoxo. Como meus desejos, poderiam deixar-me angustiado? Durante muito tempo, destampamos, cada vez mais, os limites, conquistamos cada vez mais prazer e, junto a ele, mais infelicidade.

No começo, achava que isso era devido a um tipo qualquer de repressão, despreparo para usufruir o hedonismo mais completo. Depois, comecei, pouco a pouco, a raciocinar com outras hipóteses. Por exemplo, que existe uma forma de viver com prazer e harmonia, num certo grau de consciência cósmica, onde, mesmo as gratifica-

ções sensoriais, afetivas, intelectuais, não violem a aventura espiritual, para a qual estamos igualmente e principalmente destinados.

Violar essa obrigatoriedade de ter uma consciência do Universo, de superar as diversas camadas de ilusão que a vida coloca, invariavelmente leva à infelicidade. Quem não se descobre no todo e não compreende o segredo da vida, numa escala maior, será um candidato ao desperdício. Sem a consciência do espírito, ou da energia que nos move, somos um mero investimento genético, desprovido de sentido. E quanto mais achamos que esse sentido encerra-se em certos horizontes do nosso corpo e da nossa consciência, limitada aos seus atributos e usos, mais nos afastamos da liberdade e da libertação.

Por isso pesa o medo de que o Daime mexa em nossas relíquias ancestrais. Nunca estamos seguros de nosso próprio prazer e se este, verdadeiramente, nos leva à felicidade.

A consciência do Ego pode ser uma cidadela, fortificada porém corrompível. Mais além dela, há outros graus de consciência não tão facilmente subornáveis.

Eu tinha medo que o Daime expulsasse pra fora da cidadela todos os monstros que eu suspeitava submersos em caixas-fortes subterrâneas e invioláveis. Eu tinha medo que todo este lixo, que era o preço que me custara erigir minha identidade, viesse à tona; que galgasse o palco e assumisse pela primeira vez seu papel, o que me roubaria a cena.

Num cenário assim disposto, temia a exposição dos meus fantasmas, para uma platéia desconhecida. Quem testemunharia meus processos, minhas taras, minhas infantilidades, meu egoísmo, meu narcisismo, eminências pardas que jaziam em algum ponto das camadas da minha própria personalidade?

Se eu queria preservar, a unhas e dentes, uma tal noção de Eu, teria que estendê-la também a esses outros Eus que o sustentavam. E isso era doloroso. Caso contrário, eu deveria abandonar certas pretensões e continuar procurando um sentido, alguém de todo dualismo moral, um sentido que me absolvesse e eximisse de ter que me identificar e compactuar com esse. Eu medíocre pelo resto da minha experiência.



Ora, para que esta instância do meu julgamento existisse, era preciso uma operação delicada. O que o Daime podia me apontar era a possibilidade de uma força poderosa, interior, em cuja crença, mediante novos processos de conhecimento, tais como a revelação, a fé, o amor, o perdão, poderiam me levar a retomar um sentido originário, para o qual a vida parecia ter sido destinada, no primórdio dos tempos. Isso implicava a tal abertura espiritual e um halo de “religiosidade” difícil para mim.

Por outro lado, essa força poderosa era ao mesmo tempo interna e externa; essa centelha do divino éramos nós mesmos e nossa existência uma série ininterrupta de truques e armadilhas para testar nossa resistência e perseverança em “lembrar” a origem e linha de continuidade de nossas existências anteriores

Nesse sentido, somos nosso próprio juiz. E é impossível enganar uma consciência que desperta.

Foi com esses desafios que iniciei o trabalho com o Daime quando cheguei em casa, nas montanhas

## **O Masculino e o Feminino**

Se eu chegara ao Daime junto com uma companheira (e tudo parecia indicar que iniciávamos uma viagem conjunta, por paragens desconhecidas), entender o que era eu e o que era ela, diferença e complementaridade, passou a ser uma questão crucial.

Sônia tinha feito sua primeira viagem ao Daime sobre esse tema da própria feminilidade. Desde a Antigüidade a mulher, o ventre, a terra e a fertilidade estão intimamente associados a diversas divindades femininas

O que eu tinha visto no Daime sobre isso eram coisas ainda um tanto confusas. O homem e a mulher eram pontinhos de luz, “vestidos” da energia masculina e feminina, cujas matrizes estavam na própria composição do Universo e representavam sua

polaridade originária, ativa e passiva, centrífuga e centrípeta, transcendente e imanente.

A primeira idéia de Deus vinha-me como um Pai e uma Mãe Imanifestos, adormecidos e despertos um no outro.

O princípio masculino servia-se do seu contrário e deflagrava o processo de fecundação. O que é uno sucede ao nada para depois se fragmentar até o infinito, que ainda não é Deus, mas apenas seu cenário, a previsão de todas as possibilidades do tempo e do espaço que nos ajuda a pensá-lo.

Nesse momento, à energia masculina delega-se o todo, ela representa todo o processo de criação. Mas quem fecunda precisa de quem dê à luz. A Energia Feminina do Universo parecia-me o mesmo princípio visto de outro modo. A dualidade existe só na cabeça para tornar inteligíveis coisas que, certamente, nos levariam à loucura. Diluir-se na vivência compreensiva do Universo exigiria ver tudo rigorosamente igual, montar, peça por peça, um quebra-cabeça que, ao fim, não geraria forma alguma.

Massas vaporosas do feminino estão superpostas (na nossa consciência) aos raios de luz da fundação do masculino.

Sobre essas águas serenas, turvas e misteriosas da feminilidade é que o princípio que fecunda emite seus raios. Em ambos, no Dois é incubado o que se separa do Um e vai formar o Três.

O Três é uma seiva latente, o resultado do Um-Dois Masculino e Feminino; nisso reside a Trindade, mistério que está longe de se esgotar nas equações sobre os lados do triângulo.

Nestas visões não percebia hierarquia alguma, entre o masculino e o feminino. Pensar na polaridade significa que cada pólo existe em função do outro. Caso contrário, tornam-se ociosos e naufragam em si mesmos. Não há sentido de vida no Universo para quem não absorve seu oposto, ao mesmo tempo que se deixa ser capturado pela consciência do Outro. O jogo da vida, em seus vários planos, é o de um espelho onde um Eu olha e vê refletido o seu avesso, que é um outro mesmo Eu que está, simultaneamente, tendo consciência de nós, e nós dele.

Dáí porque, quando conseguimos compreender, amorosamente, um outro ser singular de nossa espécie, estamos abrindo as portas

que nos podem levar à fusão com o Todo. Essa seria a empreitada do amor, a possibilidade de uma via-sacra para o amor de um homem e uma mulher que partilhem os mesmos caminhos.

A dificuldade é perder-se na ilusão de que isso se basta. Temos uma idéia muito estreita do amor, que o limita a umas tantas fórmulas e a um número reduzido de eleitos. Quando Deus vai-se configurando nos seres, na Natureza e em todo Universo, esse amor vai nos arrebatando e, por um momento, colide com as outras concepções que temos dele.

É difícil amar essas primeiras aproximações da Coisa Divina. Porque queremos amar baseados na reciprocidade. Queremos amar quem seja igual a nós para podermos estabelecer uma linguagem comum e reforçar a identidade de cada um. Para isso nos vestimos com os invólucros que nos deram o masculino e o feminino.

Como é amar a quem é não só superior, mas Supremo? Como fazer do amor homem e mulher, um degrau rumo ao reconhecimento das matrizes eternas masculinas e femininas, que presidem essas suas caricatas manifestações na forma do macho e da fêmea de nossa espécie?

Desde quando me aproximei do Daime, senti autêntico pavor de que ele resolvesse entrar, sem bater, nessa porta tão delicada. Pior ainda, temia que ele arrombasse a porta com uma machadada, me fizesse exigências, impusesse condições.

Nesse próprio processo de temer o arrombamento, eu comecei a inquietar-me com o porquê dessa excessiva preocupação. Por que esse pânico de mudar certos padrões de comportamento e valores nessa área? Tanto mais que não era uma mudança imposta de fora e arbitrária, ela era uma procura minha mais global, que eu sabia trazer algumas mudanças nesse particular. Mas a opção era só minha. Eu queria seguir no conhecimento iniciático do Daime sem abrir mão dos meus pressupostos libertários.

Mas havia aquele medo compulsivo de perder uma liberdade teórica, expressa em normas que eu próprio não precisaria usar. Qualquer ingerência do Daime, nessa área, seria sentida por mim como uma espécie de “escravização”, retrocesso, perda de lucidez, carência. Por outro lado, se eu estava, de coração, me entregando a

um caminho de conhecimento, cheio de riscos e sacrifícios, querendo me transformar e alcançar a espiritualidade, era óbvio que não havia em mim nada que não estivesse em questão, que eu tivesse a pretensão de esconder do Daime e dizer: “não, isso eu não quero mexer!”

Eu sentia criarem-se laços profundos de família. Tinha viajado em coisas muito fortes sobre as matrizes masculinas e femininas no cosmos e toda uma série de relações novas com as realidades de ser Pai, Homem, Marido, Filho, Irmão etc.

Quanto mais eu pensava e me surpreendia, a cada momento, com a importância que esse ponto tinha sobre minha existência, ia me certificando de uma coisa medianamente simples: que minha geração, depois de esgotada na luta política radical ou nas tentativas lisérgicas, reergueu sua identidade na proclamação de que o prazer sexual é o supremo bem da humanidade. Isso se transformou num dogma tão rígido, que era sustentado contra tudo e contra todos, mesmo quando as evidências apontavam o fato de que certas procuras estabanas e compulsivas do prazer nos levavam à mais profunda depressão e infelicidade. Como conseguir expressar isso? Sou livre, amo a liberdade, tenho todo prazer que quero, mas não passo de um infeliz.

Ainda me sentia ligado à matéria e aos prazeres sensoriais. Mas comecei a querer discipliná-los à luz de uma nova ética, desde essa época.

É claro que existe um componente energético do prazer, da libido que se consome na sexualidade, no orgasmo, que faz parte desse circuito e nele deve ser processado, mas é igualmente certo que existe uma espécie de mais-valia energética que gastamos, queimamos, erradamente, no circuito sexual-afetivo, e que exigiria outras demandas. Podemos citar: ansiedades, fantasias, expectativas de aventuras sexuais emocionantes, morbidez de diversos quillates, vivências reprimidas de instintos arcaicos não resolvidos, pulsões homossexuais, contidas ou concretizadas com culpa, sensibilização, mágoa e desespero, ante o exercício das fantasias sexuais dos próprios parceiros, instrumentalização da linguagem sexual, como uma tática de retaliação ou compensação nas relações

humanas, erotização da vida e das relações sociais, como recurso de compensar a falta de atrativos do buraco existencial da vida das grandes cidades etc.

Convenhamos que, se a questão fosse só amar e concretizar esse amor fisicamente, seja lá como for, em busca dessa felicidade e dissolução transitória, mas igualmente real e intensa, do orgasmo, a coisa seria simples e, além do mais, sem contradições com as outras procuras, inclusive as espirituais. Mas duvido que o sexo, para nós, resume-se na simplicidade de amar e ser amado. Pelo menos alguns dos itens que eu mencionei há pouco estarão, inevitavelmente, orbitando em torno de nós, às vezes, alguns ainda mais difíceis de resolver.

Senti que o Daime não só não arrombou as minhas portas, como foi de um cavalheirismo tocante com minhas fraquezas. Limitou-se a dizer, mais ou menos, assim: “Olha o ponto de consciência onde você está em relação a Mim e ao Meu caminho. O problema não é fazer isto ou aquilo, é ser responsável pelo que se faz, é não ter culpa. Faz aquilo que você considera sem culpa, não faz aquilo que você não segura a barra.”

Comecei a seguir esse conselho. É muito simples. A questão é resolver essa “superestrutura latente”, da sexualidade carregada de cargas inconscientes, códigos ancestrais, energias deslocadas, e fantasias obsessivas que tornam a procura do prazer uma aventura ansiosa e perigosa.

Procurei deslocar meu foco de interesse e retomar, numa minuciosa garimpagem, certos conceitos de companheira, mulher, família, lealdade, confiança, que tinham sido arquivados, como resquícios superados do conservadorismo e do atraso mental.

À medida que ia exumando esses antigos “cadáveres”, me esforçava para compreendê-los, à luz de hoje e do novo caminho. Esse movimento para mim representou um avanço, plasmou sínteses e valores novos e, nunca, um retrocesso ao passado, quando esses valores puderam, sob outra ótica mental, ser, realmente, retrógrados e caretas.

No mais, o caminho é para dar à sexualidade o que é da sexualidade, e, ao caminho espiritual, o que é dele, até que as partes cheguem a um acordo ou a uma capitulação.

Optando por querer conhecer nossos desígnios, além da matéria, e se submeter às suas regras, a relação do homem com a mulher pode ser, também, um campo sagrado de conhecimento e transformação.

Como essas coisas vão evoluir e aonde vão desembocar é um desafio que eu não sabia responder. Entendo, porém que, simultaneamente ao uso dos prazeres sensoriais, do seu equilíbrio e harmonia com as outras dimensões que se abram, a gente vai aprendendo a fruir outros prazeres. A convicção de Deus, o contato com o mistério da vida, da existência desse Universo e de nossa parte com ele causam um prazer e uma emoção, uma felicidade e sabedoria, ante os quais o resto fica relativizado. Na verdade, o medo de servir a esse Poder redescoberto está longe de ser uma subjugação. Subjugados ficamos ao tentar preservar fórmulas e estratégias de uma suposta liberdade que, no fundo, não passa de um jargão surrado que a cultura de nossa época se esforça em nos convencer que é o mais avançado, quando não passa de mais uma engrenagem da Ilusão, que nos desvia de nosso verdadeiro destino e da verdadeira resposta que temos que dar perante a Esfinge:

— O que viemos fazer nesse mundo?

Tanto o ascetismo fanático e flagelatório, quanto o hedonismo desenfreado são faces da mesma moeda, caminhos distorcidos da percepção de si mesmo no mundo, e meta perigosa para direcionarmos nossas melhores energias psíquicas.

Que cada um resolva as questões que lhe são colocadas, procure a verdade e dê cumprimento ao seu destino. O prazer talvez resida nisso.

## **Os Batedores Celestes**

Eu e Sônia resolvemos, depois de algumas semanas de nossa volta, tomar nosso primeiro Daimê após a viagem ao Acre.

O cenário era nossa casinha perto da Vila da Maromba, onde

morávamos nessa época. Escolhemos um dia da semana, à noite, armamos uma fogueira no quintal e instalamos várias almofadas e cobertores na varanda. Armei uma mesa rudimentar em nosso quarto. A garrafa de Daime, uma vela, incensos e alguns objetos índios, que estavam intimamente ligados, para mim, ao Inca da minha primeira viagem.

Ainda não estávamos dentro da linha, pouco conhecíamos da doutrina e do ritual, tínhamos, ainda, muitas resistências ao lado religioso desse contato. Mas, pelo silêncio e o comedimento dos gestos, impúnhamos a nós mesmos o respeito e a solenidade que aquela ocasião exigia.

Tomamos o primeiro Daime lá pelas 20:00, fizemos uma rápida inspeção no quarto das crianças, acendemos a fogueira e nos instalamos, inicialmente, junto a ela. A noite de final de julho prometia ser bem fria.

O Daime bateu rápido, uns quinze minutos, talvez. Comecei a sentir uma extraordinária acuidade auditiva. Uma massa de som intensa, às vezes incômoda, chegava aos meus ouvidos, mas não era uniforme, nem invisível. Trovejadas luminosas indicavam-me a origem e a direção de cada som. Pássaros de uma capoeira de mato próximo, algaravia distante, vozes vindas da Vila, uns quinhentos metros adiante. Zumbido de insetos, animais esgueirando-se no mato, e uma profusão de sons que vinham do rio em frente à minha casa. Parecia que, se eu me esforçasse, poderia sentir e ouvir tantas coisas que quisesse, num raio de quilômetros.

Veza ou outra eu perdia o pé (ou melhor, o ouvido) e os sons viravam um emaranhado de agudos e graves dolorosos. Nesse momento, eu compreendia que o que sustentava essa minha capacidade era uma integração amorosa e solícita com os seres que emitiam aqueles sinais de comunicação. Se eu não me empenhasse em comungar com eles, entender o seu significado, aquela experiência perderia todo o sentido.

Logo em seguida, retomei minha identificação com as aves do bosque, os peixes do rio, os bichos da mata. Senti, então, um momento bem nítido de compreensão de que seus sons são um eterno chamado para a compreensão de certos mistérios da sua

existência e reclama nossa atenção e consciência. De uma maneira fraterna, sem a superioridade e arrogância a que nossa posição na escala da evolução nos induz.

Senti uma grande vergonha pelo fato de, há tanto tempo, ouvir esses pedidos lamentosos, num tom de tristeza nostálgica da época em que o homem deve ter convivido, em outros termos, com a natureza e suas criaturas. Dava vontade de chorar por essa minha insensibilidade, mas os sons com que o Daime me inundava eram um estímulo, não um estigma. Tive uma sensação. Tive uma sensação de humildade, diante da criação, até então, completamente nova para mim.

Quando me equilibrei nesse transcurso, tive momentos de profundidade, serenidade e alegria com meus novos irmãos e cúmplices, principalmente os pássaros. Ouvia a noite com toda sua minúcia. Os adornos canoros abriam a possibilidade de visuais luminosos que, aqui e ali, se entreviam. Mas, para dar esse passo, talvez fosse necessária uma abertura para reconhecer seres e forças elementais, para as quais eu ainda não estava preparado.

Nesse momento (não sei quanto tempo teria se passado), Sônia colocou algumas fitas com hinos no gravador. Eu olhava para a fogueira e via as chamas bailarem, da mesma forma como tinha visto os homens e mulheres bailarem o Hinário de São Pedro. Os zumbidos dos maracás se confundiam com o crepitar da lenha e ecoavam em todo o vale. Parecia que alguma coisa zumbia, vinda de todos os pontos cardeais.

Relembrei uma passagem que tinha ficado encoberta, depois da minha primeira viagem, lá na Colônia: que os maracás representavam o estalido concentrado da energia. Sua batida moldava e delimitava algo que, sem esse som, pareceria uma coisa imaterial.

Com a respiração opressa, eu aguardava aonde aquilo ia me levar. A energia estalava, representada pelas batidas dos maracás da fita e o crepitar da fogueira. Num dado momento visualizei “batedores”, que vinham anunciar uma chegada importante. Eles faziam um som de matracas, dessas de festas religiosas do interior de Minas. Os estalidos chegavam ao paroxismo e eu os sentia no corpo. Um séquito de seres, de forma imprecisa, desceu, trazendo



em si a capacidade de violentar todas as cores e sons, de anular todas as leis que continham cores e sons, dentro dos seus respectivos volumes.

Nesse dia, recebi um código para reconhecer, através dos sons, esses batedores celestes, sempre que eles viessem anunciar alguma aproximação importante.

Por segundos, pensei visualizar a forma desses seres, que precediam os sons estrepitosos dos batedores. Eram arcanjos, que se deslocavam, como uma coorte romana em formação, das estrelas para baixo. Em seguida, tudo isso se transformava em fluidos vaporosos e, estes, formaram um gigantesco rosto do Padrinho Mário. Era como se eu e todas as minhas sensações estivéssemos dentro da mente dele.

A minha percepção encontrava-se totalmente alterada. Até a velha cerca de bambu tinha uma vida insuspeitada, levava-me ao tempo e ao lugar em que aquelas varas secas e mortas foram uma touceira de bambu, cheia de vida e viço.

Desviei meu foco de atenção dos sons para o céu; passei a olhar as estrelas, numa tentativa de não ser tragado por aquela viagem auditiva, onde, por alguns momentos, eu só tinha a percepção de mim, como um som. De todas as estrelas, uma se destacou e foi emitindo uma luz, progressivamente, tão forte que, em pouco tempo, era só o que eu via no firmamento. Vi Chico Corrente dentro dela, como se usasse a estrela como um poderoso canhão de luz e se divertisse, focando-me. Algo dizia, como se fosse a voz do Chico:

— Preste atenção, essa é a *sua* estrela.

Depois de alguns momentos, a Força foi serenando, dando lugar a uma agradável perplexidade diante do que tinha acontecido.

Quando me senti seguro para levantar da almofada, entrei em casa, chamei Sônia e fomos ao quarto, tomar mais uma dose, dessa vez um pouco menor.

Voltamos e, dessa vez, nos instalamos, juntos, na varanda. O frio aumentava. Pus um disco de canto Gregoriano na vitrola. Tive impressões absolutamente originais sobre o poder da música homofônica para construir o tipo de fé religiosa e misticismo da Idade

Média. Vivia isso como uma experiência muito real, ora como um monge do coro, ora como um camponês anônimo, freqüentador de alguma catedral gótica, nas terras do senhor feudal. Em seguida, Sônia pediu para mudar o disco, que a deixara meio deprimida. Coloquei o *Köln Concert* de Keith Jarret, que o Padrinho Mário tanto gostara. Num instante voltou a viagem dos sons, só que, dessa vez, as notas musicais e as cores se fundiam em uma coisa só, formando arabescos suaves, luminárias bizantinas, ícones russos. Cada nota detonava um dispositivo, como se fosse um caleidoscópio, mandalas geométricas. Isso ficava em suspenso um tempo, se desarmava e os mesmos elementos perenes se reorganizavam, riscavam o tempo com novas figuras de flocos de cristal, como se vistos de um potente microscópio.

Aquilo, para mim, era o Tempo, e eu entendia que via o elemento constitutivo de todas as coisas, fossem objetos, pessoas ou sentimentos abstratos. Eu próprio diluía-me em cada acorde e enxergava-me como os cristais do caleidoscópio, em constante e infinita mutação. Eu tinha desaparecido, enquanto volume corpóreo definido. Tudo em meu redor sumira e eu só enxergava a maquinaria de flocos de luzes, sons e simetrias, que existiam dentro de todas as coisas existentes. Cada novo acorde do piano me montava e desmontava, nessa beleza indescritível, e eu, sem peso e solto no espaço, sem gravidade, era parte daquela maravilha.

Em vários momentos, esse conjunto de luzes, linhas e geometrias perfeitas, que era eu, olhava do alto para meu corpo estirado na varanda, mas a vida estava nessa ligação de formas mutantes que levitavam, e não no meu corpo.

Quando tudo isso acabou eu estava, ao mesmo tempo, eufórico e envolto numa grande paz. Talvez alguma divindade muito elevada tivesse se apresentado, mas eu ainda procurava ser científico na auto-apreensão das minhas percepções, alteradas pelo Daime. Senti, num momento, estar em outro plano Astral, onde se impunha o reconhecimento da presença de um Mestre.

Voltaram os sons das matracas dos batedores celestes. Vi, claramente, o templo da Colônia 5000, flutuando numa região Astral. Milhares de seres espirituais, com traços bem próximos dos

humanos (talvez um tanto deformados, como figuras expressionistas), faziam uma convocação no Astral para todos se apresentarem na sessão na réplica da igreja que existia lá embaixo e que eu conhecera.

Vi esses seres voando, coloridos, portando nuvens e trombetas, estacionando em torno de uma das torres da igreja. Ouvia os toques de trompa e o farfalhar das cores de suas roupas. Parecia o quadro de uma feira, de Brueghel, só que suspenso nos céus.

Quando tudo isso terminou, comecei a ver a terra por dentro. Ela era quente e receptiva.

Depois, o pinheiro que ficava bem em frente à varanda foi me sugando e comunicando-se comigo. Um enorme amor uniu-me a ele. Eu tornei-me ele, estive dentro de suas fibras e anéis, em contato com sua seiva e resina. Aquela presença plantada em minha frente emocionava-me e eu sentia-me protegido e abraçado por sua copa.

Foi mais ou menos nesse momento que Sônia, levada pelo frio, veio se juntar a mim, na outra extremidade da varanda. Nossos corpos se tocaram. No começo, a sensação foi desagradável, pois o contato com outra energia desligou meus canais. Mas, a partir daí, surgiu uma clara indicação de que havia uma parte dessa viagem que cabia a nós caminharmos juntos.

A abóbada celeste tornou-se uma meia esfera e, esta, um útero. O frio desapareceu novamente e senti-me flutuando, dentro da representação mais clara possível do arquétipo feminino. Por um instante, vaguei dentro de uma enorme vagina, repleta de fungos e estalactites. Parecia ver inúmeros serezinhos minúsculos, com rostos índios e chapeuzinho. Lembrei-me de um texto de Levy-Strauss sobre um parto feito por um xamã; acho que o título era A Eficácia da Magia.

Depois, olhando para o terreiro em frente de casa, o horizonte ampliou os contornos das árvores e dos morros, moldando paisagens atemporais, que eu compreendia ser na Mesopotâmia, há milhares de anos. Divisei sombras do que seriam antigos cultos da fertilidade, dedicados a Ísis. Virgens dançavam em torno da fogueira.

Tudo isso me vinha nos momentos em que meu corpo roçava o de Sônia. Sentia que, com ela, acontecia o mesmo. Trocávamos energias diferentes e nos revelávamos, reciprocamente, profundos mistérios de ser homem e mulher.

Lembrei-me de um sonho onde eu era embalado, numa rede, por um Mestre Espiritual. Senti-me embalado, cuidado e acariciado por presenças invisíveis que também envolviam Sônia.

Fomos, eu e ela, concentrando-nos e percebendo, nitidamente, sem precisar se comunicar com palavras, o que cada um estava sentindo e vendo. O contato das energias permutando-se e o suave roçar do corpo quase imperceptível transformaram-se numa sensação de prazer, gozo e bem-aventurança, além de tudo quanto eu conhecia, em termos de excitação, sexo, desejo físico. Era uma sensação extraordinária.

## **Nas Asas do Condor**

Nesse meio-tempo, a vida ia passando. A edição do VT sobre a Colônia 5000 colocava-me, diretamente, em contato com minhas lembranças. Já imaginava um jeito de voltar ao Acre, desta vez, para varar a Floresta e ir conhecer, pessoalmente, a figura do Padrinho Sebastião.

Nos últimos dias que estivera na Colônia, lembrara-me de uma pessoa que conhecera uns dois anos antes, logo depois de sair da cadeia. Chamava-se Paulo e era um terapeuta. Nessa época, marquei uma entrevista com ele. Tinha chegado a pensar em fazer um trabalho de corpo.

A perspectiva de trabalho não foi pra frente, mas, num determinado momento, falei sobre o Acre, a Colônia, o Daime, meu desejo de ir até lá. Fiquei surpreso quando Paulo foi abrindo os olhos até que não agüentou mais e contou que já estivera lá, há alguns anos, vivendo uma experiência incrível e que, até hoje,

considerava-se profundamente ligado ao Padrinho Sebastião E assim nos despedimos.

Passaram-se dois anos. Durante esse período mantive contato com Rama e tomei duas vezes o Daime.

Pois bem, no meu último dia de Colônia, lembrei-me desse contato com Paulo e pedi ao Seu Wilson que me desse um litro de Daime para ele. Seu Wilson concordou imediatamente e ficou muito entusiasmado com a lembrança. Alguma coisa imperiosa levou-me a tomar essa atitude e, algum tempo mais tarde, tudo ficou explicado.

Um belo dia, de tardinha, eu e Paulo entramos num carro e nos embrenhamos em algum ponto da Floresta da Tijuca, levando *sleeps*, víveres e uma exótica parafernália ritualística.

Nosso objetivo era uma clareira, conhecida dele. Com um certo frio no estômago, percorremos, rapidamente, um caminho curto, mas acidentado. Chegamos ao local. Limpamos o mato, estendemos o *sleep* e improvisamos um altar, junto a uma fenda natural do barranco, que nos servia de encosto. Não trouxemos fitas dos hinos por esquecimento. Um inseto estranho ficou dançando em torno da garrafa de Daime, o que levou Paulo a comentar:

— Tem uma presença aqui.

Tomamos o primeiro Daime. Combinamos, de antes de fazer uma concentração, fazer alguns exercícios de respiração. No meio do exercício, o Daime nos pegou. Começamos, mecanicamente, a fazer determinados movimentos, como se tivéssemos ensaiado uma antiga coreografia.

Sentia que aquilo era uma dança dos machos da espécie humana, no alvorecer de nossa origem. A mata ao nosso redor tornou-se uma mata de centenas de milhares de anos atrás, onde sentíamos gigantescos répteis e mamíferos espreitando-nos nas sombras.

A respiração foi acelerando e produzindo sons guturais, roucos e desarticulados, porém era como se estivéssemos nos comunicando por algum código, anterior à fala. Os movimentos denotavam uma verticalidade ainda insegura. Eu queria manter uma postura

ereta, mas minha coluna não suportava o peso do corpo e vergava para a frente até a ponta dos dedos roçarem o chão.

A dança tomou um cunho ritualístico imprevisível, em torno da fogueira. A cena regredia cada vez mais. Eu sentia meu crânio achatado, como o invólucro de um cérebro ainda mais primitivo, compreendia e sentia minha anatomia e minhas vísceras, como algo muito mais próximo do macaco que do homem; gosto de carne crua, recém-digerida, e minha atenção desperta para os mil ruídos da floresta do mioceno.

Senti que aquela investida regressiva poderia me fazer retornar até o ponto extremo da minha escala evolutiva. Sensações de brandura e agressividade se alternavam no cérebro primitivo. Toda a beleza e toda a crueldade da evolução espocavam dentro dele como lembranças minuciosas.

Aos poucos, o frenesi do estranho bailado foi esmorecendo, eu e Paulo fitamo-nos, ainda arfantes e perplexos, ante a cena que se tinha desenrolado.

Readquiri, pouco a pouco, meus reflexos humanos, como um movimento de *zoom* no cérebro, onde pude percorrer, numa fração de segundos, tudo que eu fora, sucessivamente, desde uma forma aquática indiferenciada, até sucessivos seres intermediários, até o homem. Um lampejo mostrou-me todas as minhas encarnações, desde a mais remota antiguidade. Foi tudo muito rápido e eu não consegui reter quase nada.

No momento em que a dança primitiva parou, senti um estalo na nuca e um ativamento de energia que se manifestava por uma sensação de intenso calor na medula.

Tomei consciência, pela primeira vez, daquela estranha forma que fora eu, a centelha divina da vida, um espírito que ainda sou, através dos tempos, encarnado naquele corpo, ainda desarmonioso e grosseiro.

Aquele foi o estalo da minha razão. Um átimo de compreensão e percepção da Força Divina, penetrando em mim, a passagem do animalesco ao humano. Eu não conseguia compreender isso com o cérebro primitivo, mas, num segundo momento, tinha me rendido a Deus. E inventado o primeiro ritual do Seu reconhecimento

Exausto, fui até a borda da clareira. Lá longe, entrevia-se o mar, como ele deveria ser há centenas de milhares de anos.

Olhei para o sol, que declinava atrás das montanhas da Serra do Mar, pensando que tudo acabara, que o Daime ia me dar um intervalo. Durante os breves instantes de superposição do meu cérebro arcaico com minha consciência daquele momento, tive muito medo, tanto que não quis retroceder mais. Porém, o fascínio era tão grande, o conhecimento que sentia se gravar dentro de mim, para sempre, era tão extraordinário, que não cheguei ao pânico.

Pensava sobre isso, quando, meio inconscientemente, fui fazendo um tipo de exercício de respiração para recuperar o fôlego. Consistia em inspirar o ar, lentamente, assumindo a postura ereta, os braços perpendiculares ao tronco, e expirar, fechando os braços e procurando juntar a cabeça aos joelhos, produzindo um som.

Na terceira ou quarta vez que inspirei, senti tudo rodopiar e o estalo novamente. Quando me dei conta, vi, de relance, duas gigantescas asas que misturavam um cinza prateado com cores ocres, e uma fímbria cor de tijolo.

A visão desfez-se e eu acreditei que fosse, ainda, um último resquício da viagem anterior pela Evolução. Expirei o ar e suspendi o corpo novamente. Quando abri os braços, senti o *flap* das asas batendo, num som atordoante. Repeti o exercício mais uma vez e cada repetição tornava-se mais intensa. Agora não era só uma miração, era a sensação. Minha face tornou-se proeminente e avermelhada, as órbitas dos olhos afundaram, o bico curvo, bem no meio. Sentia o movimento das asas, os tendões e músculos que a movimentavam, a textura das penas, o equilíbrio térmico do meu corpo de ave de rapina; sentia meu intestino curto, o que havia dentro dele, nada escapava a essa percepção interior. Senti o instinto de voar, mas, novamente, tive medo. Era só abrir os braços e sentir aquela sensação profunda de ter asas, sonho pelo qual Ícaro pereceu.

Tudo tinha um clima de magia. Acocorei-me num ponto da clareira, onde havia um declive e, lá embaixo, uma espécie de precipício. Tornei-me um condor, pousado num pico nevado dos Andes. Solene, majestoso, quieto. Meus olhos envesgavam e eu via meu bico projetado no espaço. Apertava os olhos precisando o foco,

e conseguia ver como um condor. As minúcias da mata em redor, rebanhos de lhamas e alpacas de alguma região andina se alternando com detalhes e rostos de figuras humanas a quilômetros de distância, na Barra da Tijuca.

Reminiscências da minha primeira viagem à Colônia, quando aparecera o Inca, vieram à tona. Com elas, retomei contato com as mirações, onde eu tinha compreendido todos os mistérios da criação do Universo, da vida etc. Percebera claramente que essa aventura de agora era o complemento de outra, sua seqüência natural.

Estava bombardeado por revelações e exausto do esforço para manter a mente capacitada a recebê-las. Depois de trocar breves palavras com Paulo sobre o acontecimento, resolvemos nos sentar e iniciar a concentração. O que deveria ser uma mera preparação para o trabalho já tivera tanta força, que era de duvidar que o trabalho, propriamente dito, pudesse superá-lo.

Sentamo-nos. Anoitecia. Imperceptivelmente, os barulhos da noite foram nos hipnotizando. De repente, comecei a ver as luzes da noite. Eram tantas, que eu já não tinha certeza de estar à noite. Mas era noite. Era *A Noite*. Os resíduos do dia pareciam explicá-la por oposição. Senti porque a noite tornara-se uma metáfora do terrível. Mas ela só era noite, só era treva se não soubéssemos enxergar sua luz. E sua luz era a presença, as presenças divinas, mesmo dentro dela. Se *víamos* a noite, ela deixava de ser terrível, deixava de ser noite. Era apenas o contraponto da vida mais viva, latência adormecida, onde todas as coisas manifestas criavam-se e nasciam, a fim de que pudesse se dar o testemunho da luz. Porém, no fim desse período, que tanto era válido para um elétron ou para o Universo, todas as formas criadas recolhiam-se novamente à noite, que não era nada mais, nada menos, que Luz. A noite era o excesso de luz.

Num desses momentos, quando a noite estava bela e cálida, quando eu acreditava na eternidade, todas as flores da floresta se juntavam, luminosas, na noite, eu vi uma linda imagem da Virgem Maria. Primeiro Ela aparecia em pé, de braços abertos, me chamando para seu regaço. Seu rosto era belo, toda Ela era adornada de



flores brancas preciosas e tonalidades azuis e prateadas, levemente sombreadas pela noite.

Em outro momento, Ela estava sentada, na posição de uma Pietá, e eu sentia-me envolvido por Ela, acariciado, como se tivesse atendido ao Seu chamado e me entregado.

As duas posições alternavam-se. Vez ou outra, eu ficava tão deslumbrado com a visão que queria precisar o foco, evitar qualquer possibilidade de perdê-la. Era nesse momento que eu perdia. Olhava em torno e só via folhas e galhos de árvores. Logo, porém, eles, por estranha mágica, juntavam-se, de determinada maneira, e lá estava Ela, olhando para mim, com Seus olhos ternos. Em dado momento, vi um buquê de cabeças, rostos familiares de pessoas que viveram há muito tempo.

Não conseguia resistir aos sentimentos que eram irradiados por aquela presença. Dava vontade de chorar. Comecei a sentir uma enorme vergonha de ser tão estúpido e incrédulo. Era como se a minha racionalidade, ligada a uma espécie de piloto automático, tentasse explicar ou desacreditar daquela visão, por intermédio de mil sofismas. Fui guindado, assim, do êxtase ao inferno. Um inferno sereno, mas, assim mesmo, penoso, onde apareciam, simultaneamente, na minha consciência, todos os meus erros, fraquezas e vícios. Tive medo de ser obrigado, contra a vontade, a revelá-los ali, diante do testemunho silencioso de Paulo.

Caí em profunda angústia de saber-me tão fraco, impuro, feio. Quando me contorcia, fisicamente, diante de tal medo, que me levava a deitar, senti, de repente, uma carícia suave e borbulhante penetrar lentamente na minha cabeça. Dei conta de que apoiara a cabeça no cano que conduzia água de uma nascente até lá embaixo, para alguma casa. Eu ouvia o borbulhar cadenciado da água canalizada, ecoando dentro de mim, em sílabas precisas e repetidas, que montavam essa frase: “É tão simples ser bonito.” “É tão simples ser bonito.”

Essa exortação teve um efeito terapêutico e um apelo à transformação que me levou a abreviar esforços muito mais duros, caso eu não a tivesse ouvido. Naquele momento, firmei compromissos e fiz um juramento solene ao Daime: procurar reparar todos aqueles

erros tão incrustados em meu ego e que me levavam a uma desarmonia e infelicidade, que só agora eu tinha conhecimento.

Senti um estímulo e uma força desconhecidos para que, quando cessasse o efeito do Daime, eu não me esquecesse dos solenes compromissos formados.

Foi aí que vi o rosto imenso do Mestre Irineu, sorrindo para mim. Aquele pretão, de cabelos grisalhos, que eu só conhecia de retrato, pontificava na paisagem, com seu bastão, fardado de branco. Depois, virou só um rosto e veio na minha direção, entrou na minha boca. Eu sentia que o engolia, que ele ficaria dentro de mim.

Mestre Irineu sumiu dentro de mim. As árvores pareciam não ter fim, dispostas em verticalidades vivas, a se perder de vista. O vento começou a feri-las, com mil lamentos. Uma energia incrível aterrissou na clareira. Nítida presença de uma entidade, vinda não sei de onde, espreitava aqueles dois aprendizes de feiticeiro. Na hora, comentamos baixinho:

— É Pacha Mama!

Um pássaro começou um canto misterioso. O trinado vibrava e fragmentava-se na forma de estilhaços de tempo. Ele reconduziamos, definitivamente, de volta ao passado, desta vez, mais recente.

Abriam-se duas portas do tempo, do lado direito da clareira. Como se fosse criado um vaso comunicante entre duas dimensões paralelas. Por elas comecei a ver vários índios esgueirando-se pela mata, com seus arcos, flechas, bordunas, penas etc. Eles olhavam-nos com curiosidade e cautela e nós, a eles. Afinal, tanto nós, como os índios, éramos, em certa medida, intrusos no tempo um do outro.

Aos poucos, sentimo-nos cercados e com medo. Tudo era muito real. Ouvíamos os movimentos, quase imperceptíveis, deles. A troca de sinais, imitando o pio dos pássaros, o rastejar nas folhas. Era o Daime que possibilitava essa acuidade. Ao mesmo tempo que parecia transmitir aos indígenas uma vibração familiar ao seu Universo mágico, evitava que eles nos atacassem. Não sei como poderia se dar esse ataque, que forma assumiria. Se uma borduada, bem real, na cabeça ou se uma passagem difícil, dentro da própria miração. O certo é que vivi essa tensão e procurei emitir as melhores

e mais apaziguadoras vibrações para aqueles seres imaginários tão reais ou reais tão imaginários.

Quando o cerco afrouxou, comentamos as semelhanças de nossas experiências. Salvo alguns detalhes, tinham sido, praticamente, iguais

Tomamos mais um Daime. Na hora de segurar o copo, novamente o rosto do Mestre Irineu à minha frente. Quando comecei a beber, tive a mesma clara sensação de estar engolindo, na forma do Daime, o fundador da doutrina dessa bebida mágica.

Foi tão forte a sensação que tive que me sentar logo, para não cair. Assim que me recostei e me cobri um pouco com o *sleep*, olhei para a frente e vi, exatamente, eu, sentado, enrolado no *sleep*. De repente, eu me via pelos olhos dessa projeção, olhando para o ponto onde eu estava. Comecei a brincar de ser, sucessivamente, um e outro, mas a falta de certeza de quem era o real começou a me enlouquecer. Mas era eu mesmo que olhava para mim.

Para confirmar isso, o foco de minha consciência sobre mim se agrupou num determinado ponto em frente, a uns três metros acima do meu corpo. Desse ponto, o Eu, completamente imaterial, fiquei olhando o Eu, meramente corpo, estirado na mesma posição em que estivera, antes de começar a voitar, em órbita de mim mesmo. Quando me dei conta, estava deitado. Fui descendo e reassumi o corpo. Levantei-me um pouco e, só assim, lembrei do que acabara de acontecer. Antes, tinha sido uma vivência da parte que ficara fora de mim; ou melhor, aquilo é que era, verdadeiramente, Eu, e o que ficara, só a carcaça. Foi a primeira vez na vida que eu tive a certeza de possuir algo parecido com alma, ou espírito, e que este é que alimentava a matéria.

Sentia-me meio tonto, zozzo, como se todos os meus órgãos tivessem sido abandonados e meu espírito, ou “minha energia”, como eu preferia chamar, se não tivesse voltado, naquele tempo, poderia desgovernar todas as minhas funções e morrer. Aquela força vital que me abandonara é que agia, inteligentemente, na harmonização de meu ciclo vital.

Ainda em recuperação, vi uma escada e um túnel que se perdiam nas alturas. Algo me dizia: “Aproveite o conhecimento

que você acabou de receber, deixe o corpo e suba para ver o que existe lá no alto!”

Refuguei um pouco, mas desejei subir. À medida que fui me aproximando do ponto onde a escada desembocava na boca do túnel, pude ver meu corpo lá embaixo, um pontinho na clareira em meio à floresta, que o mar beirava. Dirigi, porém, minha atenção para cima. O túnel parecia uma chaminé cilíndrica sem fim, com uma largura de uns quatro metros, todo feito de uma espécie de tijolinho vitrificado, muito brilhante. À medida que eu ia subindo, cada tijolo lembrava-me alguma coisa que eu já tinha visto, ouvido, falado, sentido, vivido etc. Dentro deles, estavam aprisionadas todas as cenas vividas, pensadas e fantasiadas, que representavam toda minha vida. Enquanto subia, feito um astronauta, pelo túnel, eu repassava cada segundo do que acontecera, desde o meu nascimento até aquele presente momento, lá embaixo, na clareira.

Depois de ver e reviver esse resumo, e retomar contato com emoções perdidas, cheguei no final do túnel. Uma planície, numa região astral. Vi, novamente, o templo da Colônia, vários palácios, casas, envoltos em névoas e luzes. Fui caminhando, sem rumo, até um ponto onde fui atraído por uma construção familiar. Dentro dela estavam sete pessoas, que eram, na verdade, doze, em torno de uma mesa.

Aproximei-me e fiquei encantado pela beleza desses seres e a nobreza de seus gestos. Tinham túnicas simples, cabelos longos, olhos serenos e estavam imóveis. Pareciam conversar telepaticamente; apenas as mãos esboçavam gestos que tinham se efetuado, mas, na minha vivência de tempo, pareciam completamente imóveis, durante todo o tempo que ali permaneci.

Compreendi que o tempo, ali, era diferente e eu só podia perceber a presença daqueles seres, separando e isolando fotografias. Não poderia compreender a seqüência dos seus atos. Cada segundo deles, poderia ser milhares de anos meus. Algo me dizia que essa explicação partia deles, assim como qualquer pensamento que eu tivesse ali, naquele lugar. Eles estavam lá, num importante concílio, decidindo questões de várias galáxias, mas eu não podia perceber o tempo em que isso se dava.

Sobrevoei a mesa, os seres, vi seus rostos, numa espécie de *close*. Que estranhos e belos arquitetos de galáxias seriam aqueles, na sua suposta imobilidade? Parei, contemplando belezas indescritíveis, e cheguei a hora de voltar. Vi de novo o túnel. Percorrê-lo, ao contrário, era o sentido inverso do tempo. Começava com as lembranças mais antigas e remotas da infância e desembocava na clareira, sentia-me, novamente, dentro do meu velho corpo.

Quando voltei a me sentir sentado, mais ou menos consciente, na clareira, enxerguei diante dos meus olhos a casa que tinha visto lá em cima.

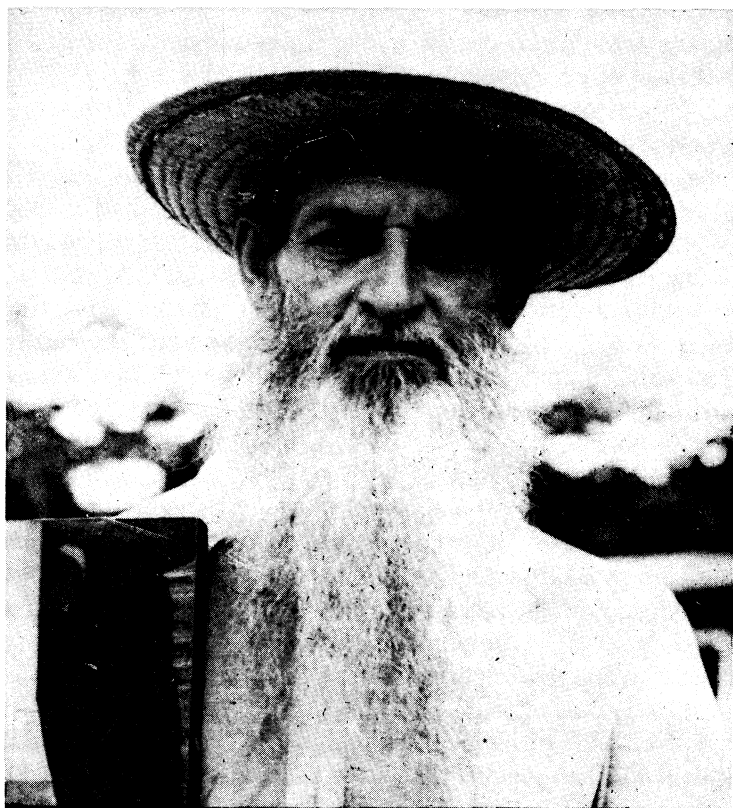
Do exterior, do exame de seus contornos, fui entrando. O alpendre, dois ou três cômodos à direita e uma grande cozinha. Foi nela que eu entrei. A casa era de pedra e uma espécie de estuque. A parede deixava uma fresta, em cima, em todo seu comprimento. Era coberta de algo parecido com palha. Uma porta, com dois degraus de pedra, dava para o terreiro. Vi uma criança inca, que era eu. Estava num canto, junto a umas enormes cestas de palha trançada e umas gamelas de barro, com restos de comida.

Ao meu lado, uma senhora de ar digno. Ela olhava, tensa, pela porta. Eu olhava para ela e captava sua tensão e vibrações estranhas, que vinham lá de fora. Ecos, vozes estranhas, tilintar de ferros, cantorias de pessoas embebedadas. Era nítida a sensação de perigo. E, quando a miração se desfez e eu retornei à consciência, na clareira, o primeiro pensamento que me veio foi: “Chegaram os espanhóis!”

Acabada essa cena, a força do Daime foi diminuindo. Continuava circulando dentro de mim, mas apenas na forma de um cansaço agradável. O frio apertou. Ainda tentamos deitar para dormir um pouco, mas sentimos que não ia ser possível.

O jeito foi descer de madrugada a trilha que nos levaria ao nosso carro. Com muitos sustos e sobressaltos, chegamos lá embaixo. Nunca me pareceu tão estranho, vindo das paragens de onde eu viera, reassumir o lusco-fusco noturno da cidade. O zumbido do motor, os seres extraviados pela noite, e, finalmente, o movimento dos bares do Leblon. Parecia um outro planeta, com o qual eu já não tinha a menor identificação.

# Diário de Viagem ao Rio do Ouro



*Padrinho Sebastião*



## Preparativos da Expedição

A QUESTÃO, agora, era ir para a frente. O problema era saber como e em que velocidade. A cada instante tornava-se mais forte a necessidade de ir em busca das peças do quebra-cabeça que estavam faltando. E, entre elas, conhecer o Padrinho Sebastião era, sem dúvida, a mais importante. Quando eu conseguisse encaixar aquele rosto de barbas brancas dentro do tabuleiro, certamente o desenho todo que eu procurava tornar-se-ia claro.

Em vários momentos, dentro ou fora dos trabalhos, a presença do Velho acontecia. Ouvia sua voz me dizendo coisas, via seu rosto me olhando entre o simpático e o irônico.

Por volta de setembro de 1982, saiu nos jornais do Rio e de São Paulo uma pequena notícia, dando conta de que o Ministério da Justiça nomeara uma comissão, com representantes do Exército, Promotoria Pública e Polícia Federal, com o intuito de investigar *in loco* o funcionamento de uma “seita religiosa que fazia uso de uma bebida alucinógena, chamada Daime”.

O tom da notícia era o mais sensacionalista e desrespeitoso possível. Parecia um alerta às autoridades acerca de uma nova espécie de Jim Jones, nas selvas tupiniquins.

Por causa disso, Paulo resolveu viajar para Rio Branco e retomar os contatos com a comunidade. Chegou na época do Feitio do Daime, que estava sendo dirigido pelo Alfredo, filho do Padrinho Sebastião Mota, responsável pela administração da Comunidade, e virtual sucessor, no plano doutrinário, do velho Mota. Das conver-



sas e contatos com Alfredo, Seu Mário, Rama e pessoas ligadas ao Setor de Documentação da comunidade, as idéias foram evoluindo. Autoridades foram conectadas, inclusive a Fundação Cultural do Estado, Reitoria da Universidade Federal do Acre, governo do Estado e o Coronel Guarino, comandante do Batalhão Especial de Fronteiras, encarregado pelo Ministro da Justiça de presidir a Comissão.

Por sugestão de Paulo, foi aprovada, em tese, a formação de uma Comissão de Especialistas, com a participação de sociólogos e historiadores, psiquiatras e médicos da Universidade do Acre, e outros, vindos do Rio de Janeiro. Também ficou acertada a criação de uma equipe de documentação para fotografar, gravar e preparar um vídeo sobre os resultados da Expedição. Nessa eu me incluíria pelo fato de já ter feito um vídeo sobre a comunidade.

Até as vésperas da viagem, deu-se uma batalha sem tréguas para conseguir realizar a viagem: falta de verbas para financiar o grupo; dificuldades de passagens; dificuldades para conseguir chegar até o Seringal com gerador e equipamentos de gravação, por estradas, praticamente, intransitáveis etc.

Só no último dia pude garantir minha vaga, depois de vários percalços e a desistência de um médico do Rio, que iria participar da equipe. Na última hora, o Governo do Estado do Acre conseguiu transferir a passagem para o meu nome.

Depois de semanas ansiosas, quando a situação alternava-se, a cada dia, entre vagas esperanças e obstáculos intransponíveis, pude, finalmente, estar seguro de que embarcaria dali a dois dias. Voltei a Mauá, despedi-me da família, passei uma tarde fazendo pequenas comprinhas para levar de presente: rapé, charutos, incenso etc.

Parte da expedição já partira para Rio Branco e, possivelmente, só iríamos nos encontrar em Boca do Acre, para iniciar a marcha através da Selva. Meu estado de excitação era completo. O imenso tabuleiro do meu jogo abrangia o coração da Floresta Amazônica. Em algum ponto perdido dela, entre igarapés insinuantes e árvores milenares, o ponto culminante da partida. A figura plácida do Padrinho Sebastião, pontificando do alto de suas enormes barbas grisalhas.

Finalmente, ia realizar um encontro, que talvez já tivesse ocorrido no Astral, sem que eu percebesse, ou de forma difusa, entre as brumas do sonho.

Cada ida ao Acre constitui-se numa série de provas e testes, que exigem um esforço sobre-humano. Como se o Daime quisesse experimentar nossa perseverança em ir ao seu encontro. É indescritível o desgaste que me aconteceu nesses quarenta dias de dúvida se iria viajar ou não. Era preciso “trabalhar”, não com questões técnicas e materiais, mas sim com características de personalidade, fraquezas, dúvidas etc. A rigor, todo esse período também era de “trabalho espiritual”. Mil coisas, comportamentos e sentimentos estavam em cheque e só chegariam até o Daime aqueles que respondessem cada desafio e obtivessem alguns resultados práticos de transformação.

Tudo isso eu pensava, relaxadamente, nas “Asas da Panair”, ou melhor, da Varig. A música do Milton ficava no fundo da memória, entre legiões de anjos e hinos. Eu repassava todas as atribuições que ocorreram até o momento de embarcar. E só agora acreditava que, de fato, esse encontro com o Padrinho era irreversível.

Lá embaixo, o litoral virou planície arada, que virou cerrado, cheio de gado, que virou uma floresta rasteira, misturada em campos ermos, que foi virando, pouco a pouco, uma Floresta Gigantesca e ainda indevassável.

O Boeing desceu quicando no piso do Aeroporto de Rio Branco. Enquanto descia as escadas, uma lufada de calor úmido veio me receber. Ao longe, as figuras de Seu Mário e de Rama.

Saudei-os a distância. Como o velho Boeing não virasse abóbora, acabei de acreditar que, realmente, tinha chegado.

Logo que chegamos, depois das efusões, fomos a uma reunião na Universidade para definir os últimos pontos relativos à partida de nossa embaixada cultural expedicionária.

A Comissão, que iria conhecer pela primeira vez o Seringal Rio do Ouro, onde se encontrava o Padrinho Sebastião e seu povo, era um amálgama curioso, em outras palavras, um autêntico saco de gatos.

O Coronel Guarino era uma pessoa muito fina e hábil. Suave no trato, conseguia unir a sensibilidade às virtudes marciais, exigidas pela sua carreira, coisas que nem sempre são compatíveis. Pelo menos em alguns militares, ligados aos órgãos de segurança, que eu conheci noutras épocas. No primeiro momento, pareceu-me uma pessoa íntegra, e que, apesar de conservadora, não tinha idéias preconcebidas, e se posicionaria segundo os ditames de sua consciência.

Seu assessor mais imediato, o Capitão Forini, pareceu-me também ser uma pessoa bastante séria. Educado, revelando traços de uma cultura filosófica paisana, rara em sua profissão, fora um dos principais entusiastas e articuladores da expedição, que, infelizmente, não participaria da parte final, a viagem propriamente dita. Logo que entrei no anfiteatro da Universidade, ele fez questão de vir falar pessoalmente comigo, explicando que os problemas da minha vinda e dificuldades de passagem não tinham qualquer relação com vetos ou entraves ideológicos devidos à minha vida pregressa.

A parte cultural e científica da Expedição era a cargo do antropólogo Dr. Clodomir Monteiro, e do então diretor da Fundação cultural, Dr. Jacó.

Logo que cheguei à reunião, Jacó falava sobre a não necessidade de se tomar o Daime para saber o que era o Daime. Clodomir era mais aberto e aparteava com sensatez. Já tinha experimentado o Daime para escrever uma tese.

Todos fomos nos conhecendo melhor durante a própria reunião. Cada um de nós estava comprometido em dar um testemunho na sua área profissional.

Mesmo para quem não tinha uma relação com o Daime, com a Doutrina ou com o Padrinho, saltava aos olhos a necessidade de preservação cultural dessa manifestação mágica, religiosa e social. Era um tesouro precioso, digno de ser respeitado e estudado com muito carinho, independente de nossa participação ou não em tal caminho espiritual. Nossa missão era fundamentar esses interesses e fazer o melhor possível para sensibilizar as autoridades, não só para a importância do fato, como também para o cuidado com que ele deve ser tratado, devido às várias dimensões que lhe são correlatas, tais como: sua dimensão místico-religiosa, o uso ceri-

monial de plantas consideradas “alucinógenas”, a exemplo do Daime, questões ligadas à terra, tipo de assentamento de uma comunidade como essa, tão *sui generis*, dentro de planos de colonização que não prevêm tais especificidades etc.

Como toda reunião, esta foi bem chata. À noite, ficamos conversando na casa do Seu Mário. O Setor de Documentação, do qual eu fazia parte, já tinha embarcado por via fluvial com os equipamentos. Nós iríamos de avião, no dia seguinte, nos encontraríamos em Boca do Acre e, de lá, partiríamos juntos, de caminhão, até onde a estrada permitisse, para depois seguir de Toyota até a cabeceira do Rio Indimari e, dali, marchar até o Rio do Ouro, enquanto mulheres e carga subiriam de barco.

Em Boca do Acre nos encontramos com a Logística do Exército. O Sargento Pereira, gente boa, tipo malandrão e condescendente com nossa falta de preparo, em termos de selva. O soldado Corrente, membro da Comunidade, irmão do meu compadre Chico Corrente, e voluntário da expedição. E o Cabo Lyra, cozinheiro e protagonista de uma das mais retumbantes peias da história do Daime, que será, resumidamente, narrada nas páginas que se seguem.

## **4 DE DEZEMBRO**

### **Chegada**

À chegada, primeiro sobressalto no coração. Lá estava Seu Mário na varanda. Depois de horas e horas de reflexão resolvi tomar a bênção de Seu Mário. Era agora ou nunca, e eu resolvi me declarar. Saiu muito natural. Acho que ele nem notou as

complexas operações mentais sucessivas para tomar aquela decisão tão simples.

Depois fiquei pensando que eu nunca fiz isso com meu pai. Mas como ele estava presente ali naquela hora!

Seu Adalácio Aquiry de Aluerga, nome que meu avô escolheu para ele ali nas margens do Rio do ouro que banhava o Seringal Remanso onde nasceu. E que corria ali pertinho de onde eu estava.

## 5 DE DEZEMBRO

### Sorveteria Tropical

Depois de um trabalho, saímos: eu, Seu Mário e Paulo. Olhava o rio em que eu tinha viajado em lembrança do meu pai lá da varanda da casa do Rama.

A missão constituía-se em fazer algumas compras: defumador, velas, fumo para fazer rapé e um prosaico tênis.

Andávamos pelos labirintos do mercado velho enquanto Seu Mário falava com aquele jeitinho característico:

— Ainda outro dia eu tava falando pra não sei quem, que o caminho da doutrina é o mesmo que a gente tá fazendo aqui agora.

Beirando o rio. Ouvindo histórias das surucucus que habitavam a vegetação dos barreiros. Brindando cada instante e sentindo uma imensa alegria de estar ali naquele momento.

Sorveteria. Graviola, açai, maracujá. Sentados os três, cada um lambendo suas casquinhas enquanto desaba uma rápida tempestade tropical.

Seu Mário nos fala de uma miração que ele teve.

De vez em quando Seu Mário diminuía o tom da voz. Eu e Paulo íamos nos aproximando dele como dois garotinhos atrás de alguém que acena com uma guloseima e atrai os moleques.

Imaginei Alvinho e Bolinha juntos com o Vovô Francelino contando histórias de caçadas e viagens extraordinárias.

Comecei a me sentir emocionado. Tentava falar e tinha medo de chorar. Olhava aquela cena, Seu Mário lambendo devagarinho o sorvete de maracujá e senti que eu estava olhando ali, naquela hora, para uma espécie de fotografia que eu iria guardar para o resto da vida. Cheguei a ver várias vezes que eu iria pensar novamente naquela cena como um dos momentos mais plenos de minha vida. Já estava vendo aquilo como recordação, como lembrança. Mais ainda, como eu sentiria aquele passado e o lembraria no futuro.

Percebi que era o momento de dar meu presente. Peguei o isqueiro de ouro e laca chinesa e o entreguei. Seu Mário esfregou ele com o lenço e agradeceu. Lembrei dele dizendo de manhã:

— Amanhã quando estivermos chegando na cada do Padrinho vamos soltar uns fogos.

A idéia se afigurou para mim fascinante. Era uma coisa tão antiga, tão bonita. E que significado perfeito é anunciar a chegada dessa expedição com fogos de artifício.

Eu me vi com uma roupa colorida de mangas bufantes lá pelo ano de 1200 trazendo numa arca presentes, perfumes e especiarias para os soberanos de um reino especial, muito poderoso. Como Marco Polo. Eram as fanfarras que nos anunciariam no coração do Império de Juramidam, na soleira dos seus Palácios de ouro, dos seus reis, príncipes e na sua corte.

E seríamos tudo isso apesar de só termos pela frente casas modestas de madeira, estradas de seringais e pessoas modestíssimas e simplórias.

Mas que dignidade de reis!

Marco Polo. Os reis do Oriente. Veio à minha cabeça o ouro do isqueiro que eu dera a Seu Mário, os incensos, velas e os temperos para a caiçuma (cravo, canela, erva-doce). Não são as jóias e as especiarias, a mirra e o incenso de que falam os antigos?

Tudo isso começou a se juntar na minha cabeça. Os foguetes, as roupas bufantes, o Daime, os reis que nos esperavam, a expedição. Tudo isso se tornava lógico e necessário. Tínhamos que chegar exatamente dessa maneira.

Mais tarde na casa do Seu Mário ouvimos os hinos do Mestre Irineu. Em pouco tempo comecei a sentir o mesmo tipo de ligação do Daime. Era a Força chegando.

Dentro em pouco mirei. A Força abriu e fechou minhas pálpebras, moveu minha cabeça, comandou minha respiração.

Depois de várias cores e mapas que desfilavam na minha mente fui sendo tomado por umas figuras formadas pelas rachaduras do chão de cimento. Nele vi a resposta de uma cena que eu não tinha entendido num outro trabalho de Daime, lá em Mauá. As figuras me mostraram e reviveram outras imagens. Depois se tornaram uma espécie de hieroglifos que me explicaram as imagens que tinha visto. Almoçamos. Parecia um manjar dos deuses. Arroz, farofa e macarrão. Bebi vinho tinto com gelo.

## **6 DE DEZEMBRO**

### **As ruelas do Mercado Velho**

Os preparativos de viagem. A Expedição se prepara. Últimas compras. Viajo no mercado para escolha dos presentes da Madrinha e da Cristina. A opção fica por conta de um corte de fazenda azul.

Chegamos no aeroporto. Primeiro foram o coronel e as moças do Mobral. Depois fomos eu, Paulo, Rama, Denise e Seu Mário. Decisão do Padrinho.

Os trens de pouso fazem cócegas na floresta amazônica. Se fosse Mário de Andrade seria: “A floresta amazônica faz cócegas nos trens de pouso.”

Embaixo quaresmeiras. Amarelos e verdes, de tudo um pouco. O monomotor fura as nuvens como se fosse uma onda. A sensação é a mesma que furar uma marola (calhau) na Praia do Diabo.

O outro avião reuniu naturalmente os mais confusos. Joelson,

Fernando e Paulo esperam nossa descida gravando. Sinto-me totalmente deslocado. Vai ser barra aparelhar essa equipe.

Para nossa tristeza não vai dar pra chegar pro hinário de Nossa Senhora da Conceição. Mirim explicou que o velho já tinha definido tudo. E começou a falar. Impressionante o nível de organização da comunidade. Me senti entregue. Agora já estávamos finalmente entrando no campo gravitacional do seringal. De agora em diante vigorava uma nova noção de destino. A partir dali tudo se cumpriria, não era preciso perder tempo com grandes discussões e pseudodecisões. Estávamos já nas fronteiras do Império e ali tudo que acontecesse, do pio das aves até cada um de nossos passos, passando por cada folha que pedia autorização para cair, tudo isso era operado pelo conjunto de mentes mais extraordinário que possa existir.

Gigantesco condensador de energia sendo montado em pleno coração da floresta amazônica. “Estratégias cognitivas alternativas”, diria o sociólogo da equipe. Aparelhamento geral para o Balanço, diz a doutrina.

Sobrevoando instantes atrás a mata, eu tive essa sensação: “Aqui é a morada de um Ser. Enorme e luminoso, bom e disciplinador.” Como é claro que aqui é o começo das novas eras, laboratórios da eternidade!

Conversa com o Djalma, chefe do Incra aqui de Boca do Acre. A situação fundiária da Comunidade pareceu-me otimamente encaminhada. Quando voltarmos virá conosco uma comitiva de quarenta pessoas para se instalar no Mapiá, a nova terra prometida.

Depois de algumas horas de viagem, chegamos até o sítio do Seu Olavo, nosso pouso para a noite.

O caminhão é mesmo uma nave espacial! Passa por lugares inacreditáveis. Assim que estávamos para partir desabou o aguaceiro. Foram improvisados uns plásticos para servir de cobertura. Eu me deleitava pela disposição das pessoas no caminhão. Realmente tudo obedecia a um desígnio. Em cada extremidade havia um



membro da comunidade. As pessoas estavam todas em seus lugares certos.

Um arbusto de espinhos conhecido como “espera aí” assobiou por cima da minha cabeça, tirando-me das minhas reflexões

Depois a viagem ficou por conta de ver a mata acompanhando de longe e inexoravelmente a estrada. Imensas castanheiras sobreviventes das queimadas. Ficava pensando nas “Enidas” da floresta de Fagorn. De um ponto em diante, a mata ia se aproximando, se aproximando, estreitando a vigilância.

Até que sentíamos que só se avança com sua permissão. Com o reconhecimento de seu poder e a compreensão de que ela é uma morada. Do dono de tudo.

E a floresta começa a nos tragar. Essa chegada pode ser o motivo de maior alegria ou de castigo. Na medida em que nossa postura é de humildade ou de profanação.

Chegamos no rancho. Depois das comidas de plástico do avião, o boião do exército: arroz com mortadela. Já combinei de pegar meu arroz antes.

Ganhei uma rede de selva. Fiquei imaginando eu na selva com o Exército acampados pacífica e alegremente, cena difícil de imaginar anos atrás.

Me deu uma puta vontade de rir, uma sensação gostosa. Depois, chorei. Passou um *flash* de minha vida e imaginei que ainda terei essa viagem no Daime. Por que não no seringal?

Ainda não pintou o Toyota. Relaxamento e concentração na mata. Começo a conhecer os pássaros. Eu, Rama, Geraldo, Chagas e Odemir: sinto-me em casa. Tomei um banho de igarapé e saí andando ao léu. Meu espírito foi na frente e se embrenhou em seus lugares mais conhecidos.

Deslizou ágil pela floresta. Com intimidade. Vez ou outra mandava-me um indício alvissareiro de sua exploração e o corpo ia atrás com docilidade.

Sim, eu estava em casa, chegando nela. Pensava em Dom Juan: “Sim, esse caminho tem coração!”

## 7 DE DEZEMBRO

### Atolados no Paraíso

Dormi bem numa rede de selva do Exército, toda camuflada. Só que não tenho mais inimigos para me esconder. Estou em paz.

É difícil se acostumar com a rede pequena. Mas depois que pegamos o jeito dorme-se. Também, o que eu estava cansado! Os sacolejos do caminhão são inacreditáveis. A gente voa acima do meio metro.

Durante um tempinho, meditei na rede. Eu estava dentro de uma espécie de sarcófago ou de teia de aranha. Sentia-me extenuado e feliz. Pensava que amanhã ia começar o pior.

O coronel ao meu lado roncava. O pessoal do Toyota chegou lá pelas 11:00. Lembro-me vagamente.

Os pássaros, os pássaros, sempre os pássaros...

Reencontro com a segunda parte extraviada da expedição. Vou tomar um café.

Início do segundo dia. É inimaginável o que tem de ser feito para avançar meio metro. O Toyota é escorado, virado, remexido em todas as posições. Às vezes eu sentia que ele estava com o bico para cima feito um foguete numa plataforma espacial.

A comissão de almofadinhas se mandou. Nós ficamos com a lama. De 8:30 às 19:00.

Que saga, a desse povo! A viagem pro seringal parece aquelas histórias de romance de cavalaria. O Toyota ia avançando e atolando, avançando e atolando. A cada parada as equipes desciam. Um descia com um machado para cortar em 5 minutos uma árvore que eu levaria semanas (mesmo assim a julgar pelos progressos recentes em rachar lenha em Mauá). O outro tirava o barro com a enxada, um terceiro com um pauzinho tirava a lama das ranhuras do pneu, enquanto um outro estuda o caminho da frente e já vai preparando os futuros atoleiros.

O chato ficou por conta da debandada progressiva. Lá pelas 13:00 atolamos num trecho e ficamos mais de 6 horas para andar uns 100 metros. O carro só se movia por uma complicada operação. Alavancas gigantescas chamadas “levas” (árvores derrubadas na hora) moviam o carro que era calçado por baixo da roda e andava mais 1 metro para recomeçar tudo de novo. Não era exagero dizer que literalmente levamos o carro nas costas.

Agora estou parado na porteira da fazenda do Seu Adelino, quase na cabeceira do Indimari, nosso primeiro ponto de chegada de hoje. Várias crianças estão se acercando de mim. Chegaram. Olharam para o que eu escrevo, admiradas.

Comemos um lanchinho. Pão com mortadela para a tropa. Mordisquei um pão, bebi um gole de café. Felipe chegou com mil justificativas para a debandada de ontem.

Ficamos até de noite entre o km 16 e o 22. Falta de contato com o restante da turma. Mandamos lá pelas 6:00 um menino levar comida para o pessoal que tinha avançado até a cabeceira do rio. Escrevi um bilhete pro Paulo, ou alguém da comissão, explicando a situação, os efeitos da debandada do dia e pedido de reforços para a manhã seguinte.

Saímos do atoleiro dos 100m. Resolvemos deixar o carro no ramal e avançar 1,5 km na mata até a localização do Seu João. Era um velhinho bem velhinho com um buraco na testa. Segundo ele tinha sido bala. Já à boca pequena, corria a história que o velhinho quis agarrar uma moça na marra e levou uma enxadada que afundou a testa.

Contou histórias de onças. Na véspera ela tinha pegado dois cachorros. Vimos o rastro dela perto do igarapé. E de dois veados, uma paca e um jabuti.

De noite a casinha quase ruiu com a quantidade de redes. Era um por cima do outro, parecia uma litografia antiga de navio negreiro. Um lamaçal enorme em volta da casa não nos animou sequer a ir comer na hora do rancho.

O Cabo Lyra quase nos suplicou para irmos comer.

O Veríssimo trouxe um mingauzinho de aveia pra nós. O Sargento Pereira já reconheceu o estatuto dos vegetarianos. Na hora do rancho militarizado, sempre tem um agrado pra nós.

Dormi na minha rede de selva, entre um amontoado de corpos cansados e suados.

O Louro, amigo do zootecnista, ficou até tarde da noite contando histórias de sacanagem, piadas pornográficas etc. O pessoal da Irmandade ficava meio assim sem graça, mas tirava de letra.

Penso sair de manhã cedo, alcançar a cabeceira do Indimari, para conversar com o pessoal e tentar que a comissão não se fragmente e vá cada um pro seu canto. Resta saber se eles não vararam para o seringal ontem mesmo. Pouco provável, pois o grosso das pessoas (mulheres, Seu Mário, o Coronel) só deve ter chegado ao rio no finalzinho da tarde.

## **8 DE DEZEMBRO**

### **Marcha Noturna na Floresta**

Acordei com muitas dores nas costas. Sono entrecortado naquela maldita rede de selva. Roncos e morcegos.

De manhãzinha tomamos mais um mingauzinho do Lyra. Resolvi esperar o mensageiro que fora ontem levar a comida, antes de me decidir a alcançar o rio. Foi bom, pois logo que nos deslocamos quilômetro e pouco para baixo, para reiniciar a marcha com o Toyota, chegou o Luciano mais Rama, Severino e alguns reforços.

O resto já tinha ido para o seringal com Bil e Daniel ontem mesmo de tardinha. O Coronel e o restante da Comissão partiram hoje de manhã pro seringal e propunham que viéssemos logo com o que fosse possível carregar, liberando o Toyota para chegar vazio e garantir o transporte do Coronel na sexta-feira.

Absurdo. Todos fomos contra. Já estávamos a 10 km do rio. Desistir agora do equipamento era burrice. Resolvemos seguir junto com a bagagem. Tudo correu bem e o Toyota só teve dois

atoleiros sérios onde fomos obrigados a descarregar o carro, para que ele passasse, e carregá-lo de novo.

Mas isso não é nada, diante das árvores que desaparecem, as pontes que mudam de lugar e os caminhos que surgem num piscar de olhos.

Ainda não avaliei direito o que me prendeu ao Toyota. Se tivesse conseguido me desprender, teria tempo de ter ido para o Rio do Ouro ainda ontem. Não sei ainda como os desígnios são flexíveis e quanto. Só sei que não pude me afastar do trabalho do carro. Nunca trabalhei tanto na minha vida. A coisa que eu mais queria era chegar a tempo no hinário de Nossa Senhora da Conceição, mas, em vez disso, fiquei na lama até o pescoço. Sem jamais sentir como peia.

Estava apenas no meu posto.

Obs.: Pra chegar no céu, se atola às vezes em muita lama.

Só paramos umas seis vezes hoje para desatolar o carro. Chegamos à fazenda do Seu Adriano pelas 13:30. Ele estava fazendo farinha de mandioca. Comi um abacaxi e chupei um pedaço de cana. Depois descemos com o caminhão mais um quilômetro e descarregamos a tralha. Daqui ela vai nas costas 400 metros adiante até a canoa.

Vamos comer aqui no Indimari e começar a caminhada pela selva, picada braba. Ameaça uma tempestade e só vamos chegar pelas 11:00 da noite. Aventura completa!

Às 17:30 chegou o Chagas. Iria varar o rio agora e atravessar a mata de noite. Levantei, peguei meu bernal, rede e cantil, e parti. Por sua vez o Sargento Pereira, que estava animadíssimo com a caminhada noturna, deu pra trás quando descobriu que tinha esquecido sua lanterna a 15 km atrás no Seu Olavo. Aí resolveu proibir que o barco partisse por causa da carga etc.

Às 18:00 atravessamos o Indimari numa canoazinha e iniciamos a caminhada.

A mata começa com uma sensação enganosa de segurança. A picada que começa no rio está limpa e larga. O resto do dia vai caindo, vertiginosamente. Um silêncio feito de mil ruídos de pás-

saros e bichos começa a reinar. A idéia que me vinha era daquele quarto da historinha em que de noite os brinquedos tomavam vida.

A floresta ensaia os primeiros acordes de sua sinfonia noturna. Logo, logo chegamos a uma derrubada recente. As árvores se encaixam umas nas outras em esculturas desconcertantes. Temos que fazer uma verdadeira escalada. São vários caminhozinhos por cima dos tocos imensos até retornar à parte da trilha desimpedida.

Começou a ficar escuro. Nos perdemos. Chagas, o nosso guia, diz que se não achar novamente o caminho em 10 minutos dormimos nos paus. Não chego a ficar nervoso. Confio totalmente no guia e na receptividade da mata ante nossa entrada.

Mal saímos da derrubada, ligamos as lanternas. Chagas ia na frente. Rama, eu, João, Veríssimo e Fernando. Depois Veríssimo ficou atrás de mim.

Os primeiros quilômetros no escuro; foi peia braba. Levei dois tombos. O cipó prende a cabeça, as raízes, os pés. Despenquei dentro do igarapé com mochila e tudo. Perdi a faca. Chove a cântaros. Mas a floresta é tão fechada que andando quase não sentimos a chuva. Quando tantas vezes fantasiei essa marcha e esse diário de selva como guerrilheiro, nunca imaginei que fosse um combatente em busca da Espiritualidade.

Veríssimo puxa uns hinos. Cada tropeço meu é resolvido por uma determinada frase dos hinos. Senti isso muito claro num momento. Se você vai entrando na mata numa de violar, não passa de jeito algum. Aí você respira, sente aquilo ali como uma coisa viva onde reina a Força. Entrando na mata, uma estranha alquimia nos funde à floresta e seus mistérios (caso estejamos preparados). Você está dentro dos órgãos de um Serviço.

Vira e mexe, se pinta alguma vaidade, você erra em pensamento, em orgulho, onipotência, a mata lhe dá uma lambada. O caminho é a forma visível do outro caminho. À medida que você entra, cada raiz, tronco, cipó, lodaçal, igarapé, representa um obstáculo que você tem que superar no plano espiritual.

Os pensamentos vão se desenrolando e a mata que corresponde a esses pensamentos vem atrás. Tropeçou lá em cima, no astral,

tropeça embaixo, nos paus. Adquirimos uma sabedoria, uma humildade, aí passamos sem um tombo sequer.

Numa hora, Felipe caiu feio à minha frente e durante menos de um segundo eu senti uma certa satisfação íntima. Ato contínuo, despenquei de uma pinguela e dei uma testada num tronco.

Dáí em diante não misturei mais nenhum possível ressentimento passado com aquela caminhada. Ali todo mundo tinha que estar junto e sintonizado a cada metro.

Vi o maior sapo do mundo na minha frente. Os de Mauá, perto dele não passavam de pigmeus.

Chegamos à metade do caminho, a colocação Esperança da Família Corrente, em três horas. Dali eram mais três horas até a sede

Na beira do Trena (um afluente do Indimari), quase desistimos. A canoa não estava lá, a ponte estava submersa e à esquerda, perto de uns troncos, Veríssimo descobriu com a lanterna um jacaré. Fomos apalpando as margens até achar o tronco submerso que era a ponte. Botamos a bagagem nas costas e fomos nós pela ponte, que só adivinhávamos pelo tato. Em alguns trechos, acompanhando os nós dos troncos, ela descia e ficávamos com água pela cintura. O jacaré nos olhava indiferente. Mas tudo terminou bem.

Rama foi montado no tronco, com medo do equipamento fotográfico naufragar. E essa pequena vitória nos deu força para continuar a caminhada. Chagas pegou uma boa quantidade de saberni, uma apara de borracha que queima e faz um excelente archote

Seguimos, iluminados pelo fogo, com os pés dentro da água, cercados pela terra e envoltos no ar.

Veloz ou outra as formigas subiam por nossas pernas e costas e era um suplício. Não enxergávamos e a cada mordida tentávamos localizá-las, através de tapas a esmo no local das mordidas.

A procissão noturna adentrava pela mata com suas tochas e cantos:

Oh Lua vós sois tão formosa  
Receba do meu coração  
Estas lembranças de amor  
Que digo nesta canção

Começamos a entrar por uma região difícil: íngreme e pantanosa. Durante quase dois quilômetros caminhamos com água e lama pelo joelho.

Despenquei de duas pontes. Mas já me encontrava suficientemente encharcado para me preocupar.

Despenquei por um poente. Todos os poentes que já ocorreram no mundo estavam concentrados dentro daquela floresta. Alguma coisa deles foi impressa ali em cada mínima manifestação de vida. Era como se fossem poentes retráteis esperando só a hora de serem convocados por uma força invisível que acionasse seu mecanismo.

Todo o segredo está simplesmente na natureza. Ela é rei e rainha, é ponte. Apenas no seu silêncio o homem contata com uma nova dimensão insuspeitada de si mesmo. A perfeição é a Força. Basta cada um descobrir ela dentro de si e ao mesmo tempo saber que ela existe do lado de fora.

Envolto nessas reflexões eu seguia e a floresta se abria e se iluminava para mim, apesar da escuridão, na medida de minha humildade e do meu amor pelas pessoas que estavam ali comigo. Se eu falhava nessa pureza, não adiantava lanterna nem archote. Eu não via. E despencava.

Foi assim que descobri o que Dom Juan queria dizer em escolher “um caminho que tenha coração”. A rigor todos os caminhos têm coração. Ele bate no compasso do nosso próprio coração. Se ele vibra na harmonia, somos recebidos. Caso contrário, expulsos.

Os momentos se alternavam. Ora de profunda integração com o solo que eu tava pisando e as árvores que condescendiam na minha passagem. Ora de pânico, quando sentia alguma hesitação do guia, ou num tombo mais feio. Mas acima de tudo pairava uma grande felicidade, que passava por cima de qualquer eventual sofrimento. Foi assim que atravessamos as seis ladeiras que eu ouvira falar pelo Seu Mário.

Eu ia compreendendo pouco a pouco que o caminho era o *caminho*. A doutrina era a própria floresta.

Pouco a pouco o cansaço foi se apossando, a tal ponto que não



conseguia mais mexer um músculo sem dor. Mas a ânsia de chegar era superior a tudo.

Chegamos pelas 11:30 na vila principal. Fomos para o armazém que fora destinado ao alojamento dos membros da Comissão.

Tomamos banho no Rio do Ouro e comemos umas ameixas. Caí no chão e dormi. Nem tive ânimo de colocar a rede.

## 9 DE DEZEMBRO

### Encontro com o Padrinho

Acordei pelas cinco e pouco da manhã. Excitado e com vontade de cagar. Até então tinha tido uma prisão de ventre psicológica. Uma vez chegado, liberei. Mas não conhecia nada da vila e suas imediações. Saí feito um doido através de uma pinguela.

Voltei a casa. Saí meio sem rumo em direção à casa do padrinho. O coração me batia no peito mas estava sereno.

Novamente a questão da bênção. A Madrinha nos recebe com seu sorriso maravilhoso. Vou até a cozinha. Mirarmar me serve um café com macaxeira. Depois saio andando com Paulo e Denise. O Padrinho Sebastião Mota está sentado num dos bancos da escola com sua barba branca. A imponência e a força da figura fazem balançar. Minhas pernas tremiam.

— Ah, você que é o Alex, ih rapaz!

Pedi a bênção, magnetizado. Aquilo me deu um imenso prazer. Ele sorriu maroto.

— Pois é rapaz, você veio, né? É assim. Ninguém convida ninguém, mas quem tem que vir vem. Você recebeu algum papel, cartãozinho, convite pra vir aqui? Não. Mas veio, não foi?

Fiquei ali gaguejando alguma coisa e confesso que ficaria ali o dia inteiro bebendo aquela paz.

Ficou claro que meu encontro tinha se confirmado. Aquele rosto que já me vinha acompanhando um tempão em cima da minha escrivaninha de trabalho era exatamente o que eu esperava. Ele continuou:

— Eles vêm aqui me pesquisar, me estudar. Só que eu já me estudei e sei quem eu sou. Mas será que eles descobrem que vieram aqui foi pra se estudarem, se conhecerem?

— Pois é, Padrinho — respondi timidamente. — Eu não vim aqui com pretensão de estudar ninguém, muito menos o senhor. Eu acho que viajei esses 4.000 quilômetros só pra pedir a sua bênção.

Ele riu:

— Tá cheio de doutor, não é? Gente importante que sabe das coisas. Quero ver se eles vão tomar o Daime. Vai ser uma beleza se eles virem alguma coisa e contar pra gente. Eu não sei contar nada não, só sei ver lá na espiritualidade.

— Ninguém consegue falar direito o que se vê no Daime — retruquei.

— Mas você tenta, né, né? Não vai escrever um livro sobre ele?

— Vou tentar, Padrinho.

— Pois é... Vai falar da Santa Maria?

— Não sei ainda, depende do que vocês achem, do resultado da comissão.

Os olhinhos do Padrinho brilharam com uma luz inexplicável. Senti que ele queria falar sobre o assunto:

— Recebi essa erva de um ser muito importante e ninguém pode dizer que ela serve pra fazer cair. Ela não ensina nada de ruim. Ruindade ou bondade, isso já está na natureza da pessoa.

“Santa Maria é a presença de nossa Mãe e a Era dela já chegou. A mulher vai triunfar. Isso eu estou dizendo porque ‘Eles’ me contaram. Vai chegar a vez delas, não tem jeito.

Aí ele parava, fixava seus olhos brincalhões em mim e arrematava:

— Não acha?

— O Senhor está dizendo — lá eu respondia alguma coisa

meio sem graça. Diante daquele velho ereto, dono de tamanho magnetismo pessoal, eu me sentia naquela situação de aluno que não preparou a lição e ficava morrendo de medo do professor achar meus olhos no meio dos outros e fazer uma pergunta fatal.

Mas o velho, como todo professor bondoso, descobria nossa aflição e tratava de nos tranquilizar:

— Pois é, seu Alex, a gente morre pra aprender a viver. Quem acha que o Cristo morreu tá errado, o Cristo tá acontecendo. A gente tem é que aprender a deixar ele se manifestar em nós próprios.

— Na verdade a gente faz tudo ao contrário — ousei acrescentar. — A gente vive muito mal e porcamente para aprender a morrer, sem ter muita certeza do que nos espera do lado de lá.

— Isso pra quem não sabe, é difícil. Na viagem que eu fiz, descobri que matéria e corpo são apenas aparelho. O que a gente é mesmo tá lá no Astral, não é esse bolinho de carne, não.

— Mas a gente passa por muita peia pra descobrir isso, não é, Padrinho?

— Depende, se a gente procurar estar sempre limpinho, o Daimé entra e respeita. Se você tá ali no Bailado querendo aprender de coração, ele ensina. A gente entra na perfeição. Então, a coisa muda completamente e toma conta do corpo.

Foram chegando outras pessoas. Dei por conta que estava ali não sei há quanto tempo e não via mais nada que acontecera ao redor. O sol já ia alto. Homens e mulheres, velhos e crianças já estavam por ali para pedir a bênção matinal ao velho. Senti que era o momento de dar uma volta, olhar os arredores. O velho ainda me fitou, entendendo meu embaraço e arrematou nossa primeira entrevista:

— O que importa, seu Alex, é que o senhor tá feliz. Isso eu vejo. A gente sente quando uma pessoa tem linhagem espiritual. Ih! não custa ela vai descobrir sua missão, o que veio fazer aqui. A gente vai aprendendo e não liga pra nada não. Se fizer malfeito ou deixar no meio, volta e vai continuar tudo direitinho. Tá tudo acontecendo. Tamos esperando o Cristo lá na frente. As pegadas ele

deixou, nós segue. Quem puder que siga, mesmo se arrastando, vale a pena.

Pedi licença e deixei o recinto da Escolinha, leve como um passarinho.

## 10 DE DEZEMBRO

### Reunião

A reunião, é claro, girou em torno de ser necessário tomar o Daime ou não, para cada um fazer seu parecer. Reedição dos papos da Universidade.

O Padrinho, sentado numa cadeira, estava longe de se sentir à vontade ante tantos sofismas. Jacó defendia novamente a imparcialidade científica.

Foi aí que, no meio daquele alarido, o Chico Corrente pediu pra falar. E disse em bem poucas palavras o que ninguém conseguia.

— Olha, aqui eu tenho precisão de ver as coisas, logo com clareza, que é pra não embaralhar e perder tempo. Cada um deve procurar a linha direta com cada um. Entender o irmão e buscar o que se pode dele. Senão eu busco uma coisa no fulano, aí não tem, vou procurar no outro e não é pra achar ali.

Silêncio. O academicismo mais uma vez sucumbiu à clareza da simplicidade desses seringueiros sábios.

O Padrinho daqui a um tanto se retirou, não suportando o blablablá estéril.

Alfredo ainda pediu a palavra para exortar que nós agíssemos como uma só cabeça no sentido dos interesses da comunidade, ou não adiantava nada estar ali.

Nós, da equipe de documentação, ainda demos nossa contribuição ao desentendimento geral através de um bate-boca sobre as

picuinhas que tinham imperado na constituição do próprio setor de Documentação, a resistência de alguns de Rio Branco ante nossa chegada.

Quando ninguém mais conseguia ir além da mera apresentação dos ressentimentos, o Padrinho Mário pediu a palavra com energia:

— O que eu tenho a dizer está nos hinos.

Fez um silêncio emocionante e ele começou a cantar com um fiozinho de voz que foi crescendo

“Meus irmãos, minhas irmãs  
Faça o favor de ir se desenrolando  
Sou pequeno e tenho palavra  
Minha verdade eu estou mostrando

## II

Sou pequeno, estou olhando  
Estou dizendo e ninguém está ligando  
Esta Verdade é Pura  
Deus do Céu é quem está mandando

## III

Meus irmãos e minhas irmãs  
Eu peço para ir se acordando  
Meus irmãos eu não engano  
E vejam que está se passando

## IV

O Mestre vem, o Mestre vai  
Eu estou firme, não saio do lugar  
Sou a sala e sou o trono  
Pra meu Mestre conversar.”

Rama, João, Daniel e César foram tirados para escrever um documento sobre os resultados da visita.

De tarde fui na casa do Alfredo. Um dos lugares mais lindos do seringal. Flores e árvores por todos os lados. Quinze mil pés de jagube plantados em volta. E um caramanchão enorme com eles. Chegou o Coronel Guarino.

O Padrinho começou a falar e o Coronel aos poucos foi se entregando. Até declarar, emocionado, que nunca sentiu tanta paz como naquele momento.

Ficou acertado um trabalho de Daime nas orações da tarde.

Depois passamos o vídeo e trechos das nossas gravações até agora. Todos viram atentíssimos e a recepção foi maravilhosa. Aquele povo ali perdido na mata se vendo na TV era um espetáculo imperdível. Muito orgulhoso daquelas pessoas assistindo à sua própria epopéia.

O gerador pifou, interrompemos a programação.

Saímos do trabalho e fomos fazer um outro trabalho. Eu, Rama, Severino, ainda mirando, conversar e ouvir fitas. Encontramos o Chico Corrente. Ele virou pra outra pessoa que estava com ele e disse à guisa de despedida:

— Vou agasalhar os meninos ali, que eles estão mirando muito.

Chico trabalha numa linha fronteira entre as linhas. Por isso ele é obrigado a absorver certas técnicas de combate.

Seu Mário deu meia-volta sorridente. Parecia que ele estava feliz com a notícia.

Enquanto ele ia se fardar, fiquei por ali, vagando pelo caramanchão de jagube.

Púrpuras e rosas tingiam o poente. Na divisa dele com a floresta, manchas de verde-esmeralda. Cortando ambos ao meio, o Rio do Ouro serpenteava com seus dourados. A paisagem já era em si mesmo uma miração, a visão de um outro planeta.

Fiquei debaixo do caramanchão de jagube, espiando o movimento, enquanto o dia declinava. Pessoas que voltavam para se fardar, pessoas que chegavam fardadas, prontas para o trabalho.

Eu sentia um frio no estômago como se pressentisse que esse seria um dia especial. Quase todo mundo já estava lá dentro. O

Alfredo fez um pequeno discurso apresentando o que seria o trabalho, deixando aos membros da comissão a opção de tomar o Daime ou não.

Foi servido um Daime fortíssimo. Feito de raiz de jagube. Como não haveria bailado, os músicos tomaram posição na mesa e aos demais foi facultado ficar em pé nas janelas ou sentar pelo chão apoiados na parede.

Comecei em pé na janela. O Daime bateu logo e com muita força. A corrente se adensou e consegui uma sintonia difícil para tão pouco tempo de trabalho. Eu olhava para o salão e via uma mistura de aparelhos, entidades, guias, presenças divinas numa profusão inimaginável.

Fechava os olhos por minutos e tudo se mantinha nítido e cheio de luz. Abria os olhos novamente e não via mais ninguém. Eram outras as pessoas e outro o lugar. Apareciam paisagens, cores, formas, seres e sons. Eu piscava os olhos seguidamente até o momento em que eu conseguia divisar novamente o salão e as pessoas que eu conhecia.

Os hinos iam se sucedendo num fluxo ininterrupto de ensinamentos. A Força tudo dominava e o salão estava abarrotado de energias roxas, verdes e marrons que apareciam para mim como representativa da presença do Daime com toda sua realeza.

Logo no início do trabalho, um dos membros da Logística do Exército resolveu tomar o Daime. Se perfilou na fila e ao chegar sua vez, com gestos de valentão, engoliu o Daime como se vira um copo de cachaça, de um só trago no balcão de um bar.

Não contente com isso, como se esperasse que o efeito daquela bebida fosse imediato, saiu direto dali para entrar no fim da fila novamente. Iria “repetir a dose”. A atitude do Cabo foi notada por muitos no trabalho. Fez-se um consenso telepático no salão de que ele iria passar um ímal bocado.

Em pouco tempo aconteceu o que era esperado. Vômitos e dores. O Cabo se contorcia assediado por seus fantasmas. Provocava vômito atrás de vômito, parecendo que as vísceras lhe vinham à boca, tal a cara de nojo que fazia. Gritava e urrava resistindo a toda aproximação e ajuda. Assim ficou, do lado de fora da casa

umas boas duas horas, até que, cansado, deixou-se arrastar até uma rede.

O som dos urros e do vômito durante esse tempo todo chegava até nós e exigia um grande esforço para que cada um não se envolvesse com ele e atrapalhasse a corrente.

Passei um aperto em alguns momentos mas, sempre me segurando nos hinos, ia seguindo adiante. Lembro que numa determinada hora o Alfredo mandou parar a música e fez uma roda enorme para que pitássemos.

Lembro que o pito passou por mim e que eu tive uma ligeira vertigem. Pisquei os olhos. Quando tornei a abri-los não estava mais no local anterior, mas dentro de uma treva silenciosa e fria onde espoucavam luzes vermelho-alaranjadas como milhares de minúsculos *flashes*. Sentia um frio possuir meu corpo todo num arrepio. E minhas funções vitais pareciam congeladas.

Uma sensação de ser catucado no cérebro por agulhas finíssimas causava muita dor, ia aumentando e meu corpo, como que recheado de areia e demência, queria sentir medo e não conseguia.

O pior de tudo, porém, era que eu queria entender mas não conseguia entender, pensar, falar, agir. Eu só conseguia sentir. E de um jeito que eu nunca sentira antes.

A impossibilidade de entender e de pensar esse conjunto extraordinário e sofrido de sensações ia me repuxando o cérebro, a razão queria penetrar naquele sentimento, mas ele vinha de uma outra parte e o pensamento morrera e apodrecera em algum ponto daquelas sensações frias e desagradáveis que eu sentia.

Algo viscoso, podre, era sentido em mim como algo que se extinguiu e o pensamento como eu o entendera então fazia parte dessa ordem de coisas putrefatas e perecíveis.

A única coisa que se mantinha com viço era o sentir sem pensar. Era eu estar sentindo tudo aquilo sem conseguir pensar nada. Mas esse não-compreender só aprofundava a dor, a náusea e a angústia daquele drama.

Aí, pela primeira vez meu sentimento chegou a um ponto em



que “entendeu” que eu tinha sido aprisionado eternamente naquela sensação. Aquele momento seria sempre. Entendi que morreria.

Ricocheteava numa membrana elástica e vez ou outra as fagulhas eletrocutavam minha cabeça.

No momento em que, me sentindo flutuar, compreendi que estava completamente sem controle sobre nada, joguete de forças invisíveis, enlouqueci.

Senti a loucura como essa cisão completa de tudo, a quebra de todos os referenciais, até mesmo com o pensamento que me pensava, provando pelo menos que eu existia. Eu não pensava, logo não existia. Mas sentia. Para provar o quê? A loucura era um conjunto maravilhoso de elementos constitutivos mas que nada formavam de composto. Sua lógica era apenas um prazer lúdico e selvagem de manipular todas as hipóteses sem nada formar. Em tudo eu me sentia mas em nada me reconhecia.

Muito tempo se passou da incompreensão à loucura e desta a uma sensação que me dizia que eu estava morto. O silêncio atestava isso. Mas era eu o silêncio, o resto se movia. Se eu sentia um movimento além de mim, alguma coisa existia. E se eu tinha essa sensação do movimento eu continuava existindo de alguma forma, senão não teria percebido nada. Quem vivia? Eu? Ou o tempo que continuava sendo?

O tempo passou. O sentimento de ser agora já sabia comandar. Pela primeira vez quero fazer um movimento, tomar uma direção. Até para provar que “algo” continuava além de tudo aquilo. Mas não tinha corpo, só tinha a vontade. Restava apenas disparar a vontade a esmo sem ter o corpo nem como objetivo nem como instrumento.

A vontade assim direcionada me possibilitou uma certa clareza de existir em espírito. Ainda assim continuava envolto e preso naquela membrana de trevas repletas de fagulhas elétricas.

Quis sair, pois eu já era Vontade. E como vontade eu já tinha uma consciência adestrada no sentir.

Lembrei que havia luz, que devia haver luz além daquela membrana negra.

Divisei uma porta se abrindo numa extremidade das trevas

Jorrou um jato de luz. Pensei ver sons melodiosos. Não ouvi-los, mas vê-los, como plasmas etéreos, dançando e vazando por entre a fresta.

Minha vontade procurava se deslocar, furar a membrana. Eu ricocheteava e voltava, mas cada vez minha vontade era mais concentrada.

Mirei na direção da fresta da Luz. Por um momento atravessei. Rodopiei numa sala, me lembrei de uma roda de pessoas envoltas em fumaça. Rostos. Sabia que estavam cantando. Mas não me lembrava o que era a música.

Voltei para o interior da bolha. Senti um peso e um volume acrescentar-se à minha vontade. Novo esforço, novo pulo. De novo e mais nítido. Rostos olhando um corpo no chão que eu reconhecia vagamente.

Quando voltei para dentro da treva novamente, a fresta de Luz já tinha tomado mais de 2/3 da esfera escura.

Quando pensei atravessá-la de novo, dessa vez definitivamente, senti dois dedos estalarem e baterem levemente na minha testa. Era o Chico Corrente que estava debruçado sobre mim. Eu estava deitado e abri os olhos. A música que eu “vira”, entrava agora pelos meus ouvidos. O trabalho continuava. Alfredo, de pé, me fitava nos olhos, tocando o violão:

Vamos todos meus irmãos  
Não quero ver ninguém correr  
Que a batalha está pesada  
E é preciso nós vencer

Precisa-se de homens fortes  
Para poder guerrear  
Que agora está no apuro  
Quero ver quem vai ficar

Aquele que está comigo  
Aqui dentro do Poder  
A Rainha me dá o conforto  
E não deixa esmorecer.

O olhar do Alfredo foi me dando sucessivas compreensões de onde eu estivera. A música me suspendia sem que eu propriamente comandasse um músculo sequer. Quando me dei conta, estava de pé, ainda meio grogue mas tendo adquirido a compreensão de um dos mistérios que sempre me obsedara: a morte.

Tinha morrido e voltado. Na verdade, caíra logo após o pito. E ficara dois minutos no máximo desacordado. Só que vivera séculos nesses dois minutos. E tivera talvez uma das passagens mais importantes dentro do Daime: a de entender a morte, de ter a experiência de morrer sem estar preparado para passar para o outro lado. Aquele ricochete na membrana negra, aquela falta de compreensão, pensamento, aquela fixação eterna na angústia e no choque de estar do outro lado sem saber.

Entendera a morte, o que era morrer despreparado para assumir o outro plano. E na experiência que tivera se gravara tudo que eu deveria fazer pela vida afora para estar capacitado a fazer minha passagem, um dia.

Depois de passados os primeiros momentos de compreensão, debelei a torrente de pensamentos que procuravam explicar e me sentei.

Vi o Alfredo no Astral. Fui transportado a um reino de cristal, com lindos palácios. As nuvens eram tufo de prata esgarçados contra um céu levemente dourado e cintilante

Estrelas brilhavam nesse céu como pedrarias preciosas incrustadas. Correntes de energia e vibrações de cura sopravam à guisa de brisa ou vento

Era uma região astral muito superior. Continuei subindo embaixo nos hinos e cheguei ao topo. Olhei para baixo e vi um arco de prata e cristal. No interior dele eu vira denso azul-escuro e todas as estrelas que existem brilhando. Elas eram as estrelas que eu via da terra, só que agora estavam embaixo e eu as via de cima. Ouvia o hino:

“Em cima vivem os astros  
E embaixo viverá os paus ’

Tinha a sensação de que aquele era o limite de um dos céus visíveis. Que se eu olhasse para cima do arco de prata veria um céu maravilhoso e desconhecido. Não ousei, já estava extasiado.

Aí comecei a receber uma torrente de instruções. Recebi minha missão no Daime e a clareza de todas as suas dificuldades. Vi linhas de infinitas cores entrelaçando todas as coisas e seres. Peguei as que eram do meu Padrinho e achei o meu lugar. Senti que estava em um outro lugar recebendo essas coisas, rodeado da presença de seres divinos. Senti São Miguel e São João. O último dava, o primeiro testemunhava a entrega.

Senti Juramidam. Na forma de um hálito, de uma luz, de um tempo.

Logo em seguida tive a nítida sensação de estar dentro da mente do Padrinho, sendo parte pensada e pensante nela. Sua presença espiritual reinava ali no salão e viabilizava todas as outras presenças que eu vira. Era uma presença imperial e muitos seres do alto se aproximavam dele com respeito. Percebi o que eram ali várias pessoas, tomei no coração Seu Manoel Corrente como padrinho. Uma força enorme entrou por minha nuca e percorreu minha espinha. Entreguei-me ao Padrinho Sebastião e ele ganhou um guerreiro.

Quando acabei toda essa minha apresentação no astral, vi o Padrinho entrar no salão como um general que vinha precisamente inspecionar suas tropas. Ficou no meio dos filhos: Alfredo com o violão, Waldete com o maracá. O trio faiscava de luz e beleza.

Mirando sem parar eu via e recebia. Ganhei um sinal e uma chamada para não cair em trabalho.

Fui até Mauá ver de perto Sônia e as crianças. Voltei.

Belezas, perfeições, disciplinas. Peguei a trilha da harmonia, partilhei do fluxo da perfeição.

O Padrinho concentrado e perfilado viabilizava aquele primor. Era um símbolo de toda a Floresta, da Força que habitava nela.

Ora ele era ele próprio, ora ele era o Alfredo. Compreendi que os dois no fundo eram uma coisa só.

**12/13 DE DEZEMBRO**

## **Novos compromissos com o Daime**

Dia quente. Acordei cansado de ontem. Alguma dor de cabeça, não consigo articular direito as coisas de ontem. Passei o dia na suíte de Paulo e Denise. Pintou um doce de castanha delicioso.

Cristina apareceu aqui e conversamos sobre o tombo. Aliás esse é um assunto do dia. O meu tombo e a peia do Cabo Lira, o oposto Seu Mário disse coisas incríveis hoje.

À noite, trouxe minha cama para a casa onde estão Paulo, Denise e Seu Mário. O clima no armazém é muito confuso. Um misto de colégio interno, quartel, sacristia e bordel do interior. O pessoal de apoio do Exército e alguns técnicos são gente ótima, mas não conseguem se desligar de determinadas brincadeiras e piadas.

Passamos alguns trechos da gravação para a comunidade. Sempre acossados pelos caprichos do gerador. Vira e mexe a corrente caía.

O Padrinho ficou meio emocionado e se retirou.

Acordei de madrugada com frio. De manhã, depois do café, carregamos as baterias e gravamos quatro fitas. Mandioccal, marcenaria, casas, floresta, reunião na casa do Alfredo etc.

Alfredo, Lúcio, Seu Mário e Daniel falaram várias coisas interessantes sobre a doutrina, processos de cura etc.

Almoçamos a macaxeira abençoada de todo dia. O calor tá ruço. Rama acaba de chegar com o Geraldo das colocações mais afastadas de seringa. Veio com papos de vir morar na comunidade, o novo lugar para onde o povo começará a se mudar em breve.

Tivemos um papo incrível com o Alfredo e disso saíram idéias de como nós continuamos o trabalho chegando ao Sul novamente. Teremos um Daime garantido para tal.

A coisa ultrapassou o previsto. Fui tomar banho no Rio do Ouro e fiquei pensando nisso tudo. Fascinante e perigoso. Fascinante

porque o encontro com o Daime o é. Mas trabalhar nessa linha implica uma série de coisas que às vezes colidem com nossa formação cultural. Usaremos farda? As mulheres, coroas e saíotes verdes? Esses detalhes dão conta de como isso não era sequer imaginado por mim dias atrás.

Tomar o Daime não é apenas ampliar a percepção, avançar até determinado ponto, ver até mesmo o astral. É se somar a uma grande mente cósmica, captar tudo que vem do Universo e garantir a fusão na eternidade, a permanência no espaço/tempo.

Esse será o filtro para quem mantiver o itinerário, readquirir sua memória, permanecer na Luz.

Diante disso tudo, colocam-se mil questões para nós, que viemos de uma outra cultura. Já o caminho da doutrina, por surgir de um povo com outro registro cultural e outros valores nos coloca diante de outros desafios.

Até que ponto a gente traz alguma contribuição nesse sentido? Haverá permuta, abertura recíproca?

Esse é um problema em aberto. O Daime mesmo irá mostrando. Confio que mantida a doutrina, sua pureza, sua beleza, esta poderá ser aprofundada por outras aquisições espirituais da humanidade, desde que partilhe de seus objetivos, é claro.

Mas o descompromisso, fruto de determinado tipo de utilização do Daime, dificilmente terá lugar. Como diz o Alfredo:

“O compromisso que você deve ter com o Daime não é apenas com uma garrafa. É com um ser que mora ali dentro.”

Ou ainda:

“Muitos vão chegar apenas para o balancete, não vão ficar.”

Quando saí pela mata, comentei com alguém que, com essas tarefas pela frente, tendo que assumir abertamente esse caminho espiritual, minha família e muitos amigos e conhecidos vão me achar louquinho de pedra. E no entanto eu estarei considerando que terei iniciado uma batalha pela beleza, pela causa mais linda e importante que o homem pode carregar hoje neste planeta. E que isso não entra em contradição com o meu ser histórico singular, meu trabalho, minha vida.

Começo realmente a descobrir um fascínio antigo, que desde

minha militância política não mais sentira: ter uma causa, um sentido de estar aqui neste planeta hoje. Uma nova compreensão da morte, da criação.

Um novo eixo surge e todo esse tempo confuso desde a saída da cadeia até hoje foi uma preparação para isso.

Toda essa linha dos Mestres já tivera vários guardiães e vários emissários. Himalaias, hindus, incas, são outras linhas que terminam levando ao mesmo fim.

## **14/15 DE DEZEMBRO**

### **Hinário**

Acordei às 5:00 da manhã. Fomos acompanhar os seringueiros no corte. Depois gravei um som lindo com o violão no meio da mata. Na volta, Veríssimo (que acumula as funções de barbeiro) estava atendendo os fregueses. O Padrinho fez umas gracinhas com meu cabelo mas me libertou da máquina zero.

Gravamos em VT umas cenas bem bonitas na mata. Um som ótimo puxado por Alfredo e Odemir. Fiz uma cena bonita.

Preparei um gersal. Foi um sucesso relativo no almoço. Quase todos lascaram pimenta no gergelim, mas tudo bem.

Comi só macaxeira com gergelim. Não vou jantar e esperar o hinário. Minha expectativa é grande. Depois daquele trabalho e dos dois últimos papos com o Alfredo fiquei um pouco assustado. As coisas evoluíram para um desdobramento que eu não imaginava. Iniciar um trabalho sério, fazer contatos, entrar mesmo na área de espiritismo! Alfredo falou ontem sobre os baixos espíritos do Astral inferior. O papo pesou e o Chico começou a fazer aqueles seus barulhos característicos. Um bicho começou a nos rondar. Um morcego, provavelmente. Fui dormir zonzo. Aonde fui amarrar minha carroça?

Ontem comi muito doce (abriram umas caixas de chocolate. O resultado foi uma bruta azia que perdura até agora).

Adormeci envolto numa nuvem de carapanãs. Acordei todo picado. Aguardo a hora do banho para vestir minha roupa branca e ir pro hinário. Temos que gravar a festa. Pretendo bailar. Chegou a hora da tempestade diária.

O Hinário terminou perto das 6:00. Voltei cansadíssimo pela Vila, com o Seu Mário, dia amanhecendo. Estava ainda totalmente pegado com a força toda. Seu Mário com seu terno branco andava comigo por outras regiões do Astral e do Tempo.

As pessoas se cruzam, todas fardadas. Cumprimentam-se, perguntam-se como foi, o que cada um mirou. Pintou um mingau de germe de trigo. Depois desmaiei de sono durante uma hora e pouco. Tomei um banho no Rio do Ouro e fiquei mais bem-disposto.

Ontem o trabalho foi diferente de todos os que já fiz até hoje. O Daime me testou o tempo todo. Eu não pegava a Força de jeito nenhum, nem mirava. Fazia o maior esforço e nada. Associei essa dificuldade à insegurança que me deu nos dois últimos dias com o ritmo das conseqüências do meu envolvimento com a doutrina (a partir principalmente dos papos com o Alfredo).

Nessa medida eu não estava entregue, eu não conseguia entrar. Queria bailar, mas o salão estava entupido, saindo gente pelo ladrão. Aí começou a dar uma violenta caganeira e eu senti que perderia completamente o controle dos meus intestinos.

Usava isso para justificar o meu medo de tomar o segundo Daime e ir bailar. Várias vezes senti vontade de ir dormir. Lá pelas tantas fui com o Rama para a vila e conversamos um pouco.

Novamente vários alarmes falsos dos intestinos. Saía desesperado pelo mato com medo que qualquer peido subalterno ocasionasse a tragédia.

Logo depois do intervalo, resolvi ir adiante. Pedi ao Daime que me mostrasse alguma coisa das minhas dúvidas, que me desse força para respondê-las.

E fui bailar. Bailei horas, mas sem mirar. Senti que o Daime me obrigava a bailar e não me deixava ainda descobrir o mistério do



bailado. Só num ou noutro momento é que eu descobria aquele fluxo de energia todo.

A batalha seguiu pesada. Quando amanheceu saímos eu, Paulo e Seu Mário. Voltei e tomei o terceiro Daime. Voltei pegado. Só o som ao longe já me mandou para cima.

Cheguei com vontade de bailar mais algumas horas. Começou um hino e eu me entrosei no bailado.

Aí eu vi. O Daime me deu uma espécie de amostra concentrada de tudo quanto tinha me negado até então. Durante 5 ou 10 minutos, mirei de forma sucessiva e alucinante dissolvido na corrente energética do bailado e no som dos maracás. Uma entidade se aproximou, estalou tudo, zumbiu e eu fiquei dentro, maravilhado.

Aí como num surto, tudo parou. Era o último hino da festa.

Não foi um trabalho de grandes mirações e força. Mas senti-me bem em ter vivido o medo, e ter partido para dentro dele, mesmo temendo. Se eu me rendesse encerraria esse ciclo no seringal incrivelmente frustrado.

Pintaram imagens de Mauá. Das crianças e de Sônia. Não foi uma sintonia como no outro trabalho. Senti alguma coisa esquisita. Durante algum tempo isso atrapalhou.

Estou com muita saudade da família. E louco para espairecer a cabeça numa praia do Nordeste. Se as dívidas deixarem.

Hoje arrumo o material, últimos papos, carregar o barco. Amanhã encaramos a mata, pegamos o Toyota na Boca do Indimari e vamos até o Olavo. Não sei se seguimos no caminhão da comunidade ou vamos direto para Boca do Acre.

Fiquei lembrando, ao final do trabalho, do dia do nascimento do Mestre Irineu.

A figura do Seu Mário de terno branco com um chapeuzinho de palha parecia saído de um quadro de Brueghel. Ele não estava andando comigo ali naquele momento. Era um outro lugar. Ele falava com seu rosto enrugado e aquilo era uma cena muito antiga, primordial, originária. Uma imensa mente cósmica estava acoplada àquele corpinho seco e rijo. As cores estavam concentradas. O branco das roupas às vezes faiscava de roxo pelas bordas. Às vezes

parecia que eu via a cena de cima, como se eu fosse muito alto. Ora parecia que eu estava ainda mais alto, montado em alguma estrela

Frase do dia do Padrinho:

“Querem descobrir os outros se encobrindo.”

## **16 DE DEZEMBRO**

### **Marcha de Volta**

Manhã de despedida. Muita emoção difícil de soltar. O barco apresentou uma pane no motor. O Paulo falou em nome da Comissão. O Padrinho disse umas palavras. Abraços e beijos. Antes fomos na casa do Alfredo e na volta combinamos a vinda do Daime. Levaremos uma boa quantidade para continuar nosso desenvolvimento.

Iniciamos a caminhada de volta. Fizemos uma paradinha no Oswaldo e depois mais uma hora de mata até a Colocação Esperança, dos Corrente. Caí no mesmo igarapé da ida. Atravessei o Trena.

Chegamos à beira do Indimari. Para completar a marcha, cruzei o rio a nado para buscar a canoa. Nenhuma piranha me tascou. Andamos mais um pouco e chegamos na fazenda do Seu Adelino.

Tomei um banho no igarapé e bati um bom papo com o Rama. Naturalmente o papo fluiu sobre os últimos acontecimentos. Ele falou que queria se preparar para ser um apóstolo. Isso me bateu de uma forma bonita. Falei do medo que tinha de assumir certos valores conservadores da doutrina. Ele me lembrou os trechos do Cântico dos Cânticos do Rei Salomão. E é ele que guia o serviço na nossa linha.

Depois desse final meio tenso dei uma relaxada. Consegui uma roupa emprestada, mas não tenho condições mínimas para dormir numa boa.

Saudade da minha mulher e dos meus filhos. Estou vendo todos eles. Agora que já saí do Rio do Ouro, a vontade de chegar é cada vez maior.

Quando estava na boca do rio, conversamos sobre esse estado intermediário de não tá lá nem cá. Quando chegamos no Indimari a sensação que sentimos não é a de que estamos a seis horas daquele povo. Estamos sim a 6 milhões de anos-luz de onde estivemos. A vivência dessa distância se dá no tempo, não no espaço.

A noite começou a chegar. E como era de se esperar, nada de barco. Na fazenda do Seu Adelino as condições de higiene são precárias e a água pouco recomendável. Mataram um porco, um macaco e o Edson e o Nestor trouxeram umas piranhas. O porco nem pensar. O macaco estava morto na cozinha e fedia insuportavelmente. E a piranha com macaxeira, que era a grande esperança, foi frita na banha de porco e ficou pesada.

Umhas quatro pessoas foram dormir na colocação na beira do rio. Tivesse forças eu iria.

Não existem camas, redes, nem lugar apropriado para esse monte de pessoas dormirem.

## **17 DE DEZEMBRO**

### **Meditações no Armazém**

Tô aqui no armazém à beira do Indimari. Nada de barco. Ontem à noite foi uma tragédia. Ficamos 4 em duas redes e eu não preguei o olho. Coube-me uma rede velha, rasgada e troncha. Dormi eu de um lado, Denise do outro. Ou melhor, ninguém dormiu absolutamente nada. Primeiro porque era impossível mexer ou mudar de posição sob pena dela rasgar todinha. E à medida que o tempo passava surgiam as câimbras. Segundo, que milhares de ratos saíram de suas tocas, tomaram de assalto a varanda onde estávamos

e se penduraram nas franjas das redes. Era uma sensação indescritível. Vez ou outra invadiam a rede pelos punhos. Ficamos a noite inteira acordados olhando para o relógio à espera do dia amanhecer.

De manhã, mesmo com fome, só consegui comer umas castanhas. O clima desde ontem estava ruim, grosseiro e desrespeitoso com o povo da Colônia. Brincadeiras, chacotas etc. Quando consegui levantar vim para o armazém. O Rama já estava aqui e logo chegou o Felipe.

Seu Mário, Paulo e as meninas já se puseram em marcha para ver se alcançavam o Seu Olavo ainda hoje. São 22 quilômetros, uma boa caminhada.

Estou deitado, louco de vontade de chegar à civilização. Eta saudade! Moscas gigantesas zumbem ao meu redor. Lá fora um gavião-real voa em círculos muito baixo numa clareira da mata, possivelmente cercando sua presa. Nuvens densas vão chegando do norte e do nordeste. Há uma tensão no ar. O bote do gavião em algum pequeno animal e a queda repentina da chuva fazem parte do mesmo organismo. Indiferentes, as gigantesas árvores continuam vivendo em silêncio repleto de formas de vida, indiferentes à cena que se desenrola no teto da floresta.

Há 24 horas que não como nem durmo. Tô me sentindo bem fraquinho.

Apareceu a borboleta mais linda que já vi em minha vida. Bom presságio. A macaquinha do Rama, chamada Mira, se aconchegou em cima de mim e deu uma bruta mijada.

Tou anotando minhas impressões:

O “serviço”, a invocação do Mestre que está no Daime, nunca é a mesma coisa, nunca se repete. Na soma das pessoas que compõem a corrente existe uma batalha onde a purificação de cada um, o apuro, é fundamental para a proteção de todos.

A Força pega, tenta nos colocar no caminho da perfeição e da miração, mas também nos expõe a outras entidades que atuam em linhas periféricas do Daime.

Daí que cada trabalho de Hinário tem uma seqüência que por si só abrange todas as situações que fazem parte desse percurso entre a Força e a Miração.

O que dentro de cada um existe de compromissos não cumpridos com o Daime, culpas, atos errados etc. são as brechas por onde se infiltram as forças negativas. Os hinários têm a chave desse ritmo e das ondulações que ocorrem durante o serviço. E eles constantemente têm essa dupla função: 1) a parte que leva à miração e à aquisição de conhecimentos profundos e únicos; 2) as exortações e lições necessárias para as pequenas e grandes batalhas que são travadas durante o serviço e fora dele, no dia-a-dia.

Daí que o trabalho, o que é conseguido individual e coletivamente, ocorre entre dois extremos que seriam: o estado de miração completo, o êxtase, e o manejo da Força (o trabalho de fiscal, por exemplo), onde se opera com ela para que inclusive possam haver os êxtases individuais e coletivos.

Em meio a isso, equilibrando esses dois extremos, está o *bailado* que é uma forma de lidar equilibradamente com a Força e a Miração, se situar no meio de ambas, dando tessitura ao ritual. É o mantra, o fluxo energético, a sustentação de todos. No bailado e apoiada nos hinos a corrente está formada. Cria-se um ente energético e um aparelho intercomunicante entre os corpos das pessoas que estão ali “sendo” Juramidam. A presença dele é a própria Força.

O imenso relé-bobina-condensador absorve o balanço e vai apurando esse balanço para que sua captação e cadência pela música e pela dança façam as mentes decolarem pelas regiões mais altas do astral.

Os despreparos eventuais podem evitar que esse estado coletivo de afinamento apareça. Ou na forma de disciplina, peia, apuro, retirar os aparelhos despreparados da corrente.

— Por que essa entidade tem um veículo? Como se relaciona com outras linhas do Astral?

“Procurando ouvir eu estou batalhando”, diz o hino. Araras, periquitos e arapongas passam em bando pelo castanhal.

Voltando ao diário. Chegaram os dois soldados, o Corrente e o Lyra. A versão é de que o barco deve ter saído ontem de tarde no remo (já que todos os motores quebraram). Comemos um resto de provisões

de viagem, que vieram a calhar: biju de mandioca, uma lata de sardinha e farinha. De sobremesa, dois goles de água com limão.

A tarde vai avançando abafada. Quase não choveu. Aguardamos o barco para poder desatolar, carregar e escoltar o Toyota.

Já devem ser 13:00. Na melhor das hipóteses, saímos no final da tarde. Andaremos umas duas horas no claro entrando noite adentro e torcendo para que se atole pouco. Dessa forma lá pelas 11 horas da noite devemos estar no Olavo para de manhãzinha pegarmos o caminhão para Boca do Acre e o avião para Rio Branco ao meio-dia.

“Meu coração no sol  
Minha cabeça na lua  
E nessa verdade  
A minha fé continua.”

É o hino que tá tocando agora enquanto passa um bando de araras e as mariposas coloridíssimas estão a um palmo do meu nariz.

“No meio da floresta  
É que vamos ficar  
Esperando o Balanço  
Que o tempo vai dar.”

É isso aí. Canseira e expectativa. Vou tomar um banho de rio para repousar. Gritou uma araponga pertinho. Tudo isso confunde porque são reflexos e lembranças de coisas muito fortes, num cenário ainda muito lindo, mas num clima presente muito sufocante. A direção agora é a chegada, é viver e reviver todas essas sensações na chegada.

Por enquanto não é possível fruir nem uma coisa nem outra, pois os movimentos de chegar em casa e reter as imagens desse passado já sem tempo definido se excluem. A chegada estava contida na vivência do Seringal. Agora essas vivências só têm sentido de serem dilapidadas depois.

Sem uma coisa nem outra, tanto as lembranças como a não-chegada pesam terrivelmente.

“Não há nada encoberto  
cada que não seja descoberto  
basta eu querer.”

O barco chegou pelas 14:00. Carregamos o Toyota e partimos lá pelas 16:00. Logo chegamos ao trecho de 6 km que levamos dois dias na ida para atravessar. Vencemos com relativo esforço o trecho Primeiro fiquei na carroceria, depois na boléia. Descia a cada atolada e voltava.

Desenvolvemos uma boa média. O entardecer foi lindo e cheio de róseos, púrpuras, pássaros e chumaços de nuvens contrastando com um azul de luminosidade intensa.

Lá pelas tantas surgiu uma luz crescente em forma de cimitarra prateada como um broche rodeado de estrelas.

No finzinho da jornada, o Édson, nosso motorista, já quase chegando, não enxergou uma ponte e tombou o carro. Chovia torrencialmente e tivemos que descer com a bagagem nas costas por 1 km.

Chegamos na agradável casinha do Seu Olavo, no km 9. Um cafezinho com cachaça e um banho para tirar a lama do rio e tô aqui cheirosinho, saudoso, esperando um tal de baião-de-dois e um peixinho frito. Delícia.

## **18 DE DEZEMBRO**

### **Chegando ao ponto de partida**

Passsei uma noite ótima na casa do Seu Olavo. Colchão e coberta. Nunca dormi tão bem desde a partida.

O Sargento e o Édson foram desencalhar o Toyota. Estamos aqui todo mundo em cima do caminhão para zarpar para Boca do Acre. O avião sai de lá meio-dia. Tomara que não chova.

A viagem para Boca do Acre transcorreu com alguns percalços. Agora estamos no terceiro atoleiro parados. O sol já está forte. E o cheiro de suor se confunde com a lama e a voz do locutor da Rádio Panamericana de Lima.

Mais uma tentativa para desatolar. É uma mistura de Buñuel e Glauber Rocha, emolduradas com um som latino meloso.

Passamos há pouco por uma passarela de jagubes. Os pés se alinhavam em ordem na beira da estrada.

Talvez não dê tempo nem para uma parada em Boca do Acre. Dá vontade de beber um guaraná.

Seu Adelino recolhe o dinheiro da venda de um porco para o setor carnívoro da comissão. Não dei um tostão, é claro.

Seu Adelino, que vai pelo avião, disse que tinha que vender ainda uma peça de borracha antes de embarcar. Pra convencer que o avião tinha hora não foi fácil.

Nova parada da nave espacial. Os astronautas de calção e lama saem com seus instrumentos atômicos: enxadas, machados e terçados.

Atoleiro grande em frente ao km 32. A equipe de astronautas seguiu na frente para preparar o terreno e agora voltam à nave-mãe Expectativa.

A viagem foi mais difícil do que prevíamos. Vários atoleiros, um dos quais bem difícil. Por sorte apareceu um trator na hora certa. E continuamos, o Odemir fazendo verdadeiros milagres.

Lá pelas tantas tivemos que descer e empurrar. Foi para as cucuias a minha pretensão de chegar limpinho no aeroporto, com os remanescentes de minhas roupas limpas. Abandonei meu tênis.

Chegamos no aeroporto de Boca do Acre ao meio-dia pontualmente. Só havia um avião e eu tratei de me enfiar nele. À noite fomos à casa do Seu Mário, última reunião da Comissão. Fizemos um trabalho muito bonito. Novamente voltei a ver os hieroglifos no chão. Pintaram algumas mirações, muitas recordações. Seu Mário



pediu que concentrássemos e agradecêssemos a Deus por tudo. E falou muitas coisas. daquelas que são impressas diretamente na alma e das quais não guardamos as palavras.

## 19 DE DEZEMBRO

### O Homem que eu era voltou outro

De volta à nossa base de operações. A casinha do padrinho Mário à beira do Rio Acre. Alguns momentos a sós, eu tento falar pro Padrinho algumas teorias recentes minhas sobre a “Peia”, as passagens difíceis que acontecem dentro da viagem do Daime.

— Os apertos por que a gente passa sempre nos remetem para coisas não resolvidas das viagens anteriores... E não só das viagens mas também de tudo. É como se tivéssemos que voltar até o dia em que a gente nasceu e descobrir tudo que fizemos de errado. O Daime vai mostrar tudo, e se a gente não tiver humildade pra reconhecer isso que ele vai mostrar, vai apanhar.

O Padrinho fez um gesto de cabeça que concordava. Aí eu me animei pra concluir meu raciocínio.

— A peia existe por causa da nossa resistência em ver o que o Daime mostra. Se a gente fosse menos orgulhoso diante desse Poder, não apanhava.

— É isso mesmo — o padrinho parecia satisfeito. E divertido também, com uma certa sofisticação dos meus argumentos. Depois da pausa, continuou:

— O Daime exige sempre que tudo esteja certinho e bem limpinho. No dia em que eu vou tomar o Daime, arrumo todos os papéis, os livros da estante, me esforço em saber do lugar de cada coisa e que cada coisa esteja no seu lugar. É assim que o Daime manda.

— A chave é a humildade, não é Padrinho?

— Mas é que, às vezes, a gente pede ao Mestre com uma humildade muito feia.

Seu Mário tinha se empertigado na cadeira e assumido um ar grave.

— Como assim?

— O verdadeiro valente é aquele que se humilha mais. Esse é que derruba o outro.

— Lembrei do hino. “Quem é firme balanceia, quem zombar pode tombar.”

O Padrinho Mário achou graça quando eu citei o hino. Parecia satisfeito.

— Quando a gente menos espera vem um hino e explica as coisas, tá vendo? Não tem uma vez que eu esteja procurando uma coisa, que alguém não receba um hino como resposta. Eu mesmo não preciso receber nenhum, tudo vai se explicando.

Aproveitei que o Padrinho estava disposto a prostrar e fiz uma pergunta:

— O difícil não é receber, é cumprir os hinos.

Ele voltou a se encostar na cadeira e fechou os olhos:

— A gente custa a acreditar no que vê. E mais ainda no que os outros viram e vivem dizendo pra gente. O Padrinho Sebastião disse uma vez que foram os apóstolos que crucificaram o Cristo.

Ensaiei um risinho e suspendeu a frase no meio. Perscrutando os efeitos de sua revelação bombástica. Por um instante me preparei para abjurar os evangelhos. Tudo que aquele velhinho dissesse para mim era a mais pura expressão da verdade. Depois de alguns segundos repetiu a frase para tirar dela todos os efeitos enigmáticos.

— Sim, foram os apóstolos que crucificaram o Cristo.

— Como assim, Padrinho?

— Ora, eles viam e diziam, mas o povo não via nada, aí o mataram.

— E os que viam?

— Não acreditavam.

— Hoje em dia é tão difícil alguém ver um sinal do Alto. Quando a gente lê as Escrituras, o diálogo de Deus com os homens passa por um fato corriqueiro.

— Ficou mais difícil mas não acabou. O Pai fica cansado de tanta ingratidão, mas não desiste.

— O próprio Daime é a prova de que esse canal de contato ainda existe e tá a espera de quem o descubra, não é Padrinho?

— Tá tudo encantado. Não é isso mesmo? Não tem graça todo mundo ver. Tem que desencantar!

— E os ensinamentos das outras doutrinas, das outras experiências, Seu Mário. Às vezes eu fico preocupado com essa postura de que bastam os hinos, nada mais é preciso.

— Olha, vou dizer uma coisa. Se eu fosse náufrago, numa ilha deserta, ou se o mundo fosse acabar e me avisassem que pra me salvar teria que levar só uma mochilinha bem pequena, eu botava dentro dela todos os hinos, minhas fardas e uma cuinha pra beber água.

— E o Daime?

— Eu estou contando que pro lugar que a gente fosse se salvar ia ter muito cipó e muita rainha. Não ia precisar levar na mochila.

Rimos à beça. Depois ele concluiu sério:

— Mas não sou fanático nem sectário. Já experimentei de tudo: kardecismo, maçonaria, hinduísmo. Tudo que é bom eu estou colhendo para guardar. Não estou pegando só uma coisa. Eu durante essa vida tenho guardado inclusive todos os livros, de todas as linhas. Se destruírem as cidades, o mundo, isso tá guardado. Foi assim que os mestres antigos fizeram para que o que sobrou chegasse até nós.

— Como eu me sinto bem, sabendo que o senhor pensa assim..

— Tem inclusive um livro chamado, se não me engano, “A Índia Secreta”, que é maravilhoso. Só abri umas poucas páginas mas é uma beleza. Um dia ainda vou estudá-lo e muito.

Eu ficava imaginando que perto daquele ancião venerável era eu que parecia um velho encarquilhado e ele um jovem de espírito lépido. Quem o visse no seu passinho curto pelo varadouro da mata não acreditava. Mas ele dava canseira em muitos honoráveis doutores da comissão.

D. Lúcia chamava para o almoço. Ele quis sintetizar sua história dessa forma bíblica:

— Olha, trabalhei durante sete anos para buscar uma coisa,

mas consegui outra. Aí me veio que eu era que nem Jacó. Tinha ficado fabulosamente rico com o que eu conseguira e tinha conquistado Raquel. Mas eu não queria Raquel, queria Lia. Então comecei tudo de novo. Vou ver se eu trabalho mais sete anos para conseguir o que eu quero.

“Por isso eu disse, quando você veio aqui da vez passada, que eu estava esperando um povo. Já vi o povo e a história toda. Só que a história não me lembro. Entendeu?”

D. Lúcia chamou de novo para o almoço. Aturdido, fomos almoçar. O padrinho me fitava brincalhão. Ainda me disse cochichando à mesa.

— Até na Espiritualidade às vezes é preciso que eu primeiro fique zangado, para depois fazer as coisas

Antes de ir ao aeroporto fomos à casa do Padrinho Mário para pegar Paulo e Denise que iriam tentar lugar no vôo de hoje.

Esperamos um pouco antes de pegar a Panqueca (nome da velha Kombi da Fundação). O Daime seguiu conosco.

Tive um papo lindo com o Padrinho no saguão do aeroporto. Falamos sobre o trabalho, a responsabilidade de levar adiante esse projeto no Rio. Falei também das minhas dúvidas sobre a estrita interpretação da doutrina e a necessidade de absorver todo o tipo de bens espirituais da humanidade.

Falei sobre o Canto Gregoriano, sobre a música indiana. Seu Mário me disse que o trabalho que tínhamos feito com a fita de Keith Jarrett meses atrás tinha sido para ele uma grande abertura.

Embarquei. Despedidas. Em cada minuto que passava transcorria anos desde a minha chegada do Rio do Ouro. Um abraço emocionado no Padrinho Mário. Começo a sentir em mim mudanças incrivelmente profundas.

Aqui estou de volta, a bordo de minha aeronave da Vasp com sua comida plastificada e aeromoças se esforçando por parecerem bem-humoradas.

Nossa altitude é de 10 mil metros e a velocidade de 900 km por hora. Eu porém me sinto muito mais em cima do que isso.

Cheguei. O homem que eu era voltou outro.



# Sessões de Aperfeiçoamento



## O Pássaro Original

**D**E VOLTA A CASA, com as lembranças ainda vivas, a saudade aflorando. Nas despedidas, a promessa de, dali a seis meses, estar de volta para passar o São João com o Padrinho de novo. Enquanto isso, um novo ciclo de trabalho. A busca não pára nunca.

O Chico Corrente dissera pra mim, em nossa despedida:

— É preciso viver como um pássaro original!

Fiquei dias matutando o significado da frase. Cheguei a lembrar-me de uma das canções de São João da Cruz, se não me engano, sobre as cinco condições para ser um Pássaro Solitário.

As condições de um pássaro solitário são cinco:

Primeiro, que ele voe ao ponto mais alto;

Segundo, que não anseie por companhia, nem a de sua própria espécie;

Terceiro, que dirija seu bico para os céus;

Quarto, que não tenha uma cor definida;

Quinto, que tenha um canto muito suave.

Por essa época, comecei a ler, pela primeira vez, a *Viagem a Ixtlan\**, de Castaneda. Nesse livro, Dom Juan ensina a ele a arte de ser caçador, qual seja, a arte de abolir as rotinas e, com isso, deixar de ser presa de si mesmo. Ainda, segundo ele, o que diferencia o

---

\*Publicado no Brasil pela Record/Nova Era.



caçador da caça é que aquele consegue estudar os hábitos deste, e, com isso, prever-lhe os movimentos e caçá-lo.

O que separaria, então, os simples animais dos animais mágicos é que estes não têm qualquer rotina, só aparecem diante do homem quando querem. O homem não tem o poder de achá-los.

De repente, o sentido da frase do Chico tomou, para mim, colorações, até então, insuspeitas. Um pássaro original é um pássaro sem rotinas, sempre sujeito ao ato corajoso do conhecimento, mesmo que, por vezes, ele saia à caça do Conhecimento e do Poder e termine se transformando de caçador em caça.

Um hino do Padrinho Sebastião diz assim:

Nos três eu procurei  
Nos quatro eu te peguei  
Joguei a minha cilada  
No mato tu te escondes

.....

Joguei outra cilada  
Pensando em te colher  
Pensavas que era um bicho  
No mato foi se esconder

.....

Peguei as minhas correntes  
Foi para ir te buscar  
Se eu não fizesse assim  
No mato ias ficar.

O medo e a ousadia se equilibram. Ousadia, quando saímos a campo aberto para caçar o Poder. Medo, quando a posição se inverte e somos por ele caçados.

Um pássaro original é, necessariamente, um pássaro solitário, posto que carece até da companhia dos de sua espécie. E das alturas máximas, onde vive, não teme enxergar as coisas por prisma, até então, desconhecido. E canta suave, agradecendo ao Poder que o

sustenta em sua originalidade. A ausência de cor definida serve para se manter incógnito. Como arauto do Poder, à semelhança dos animais mágicos sem rotina, ele só aparece aos demais seres como um presságio, um emissário.

A última condição, dirigir o bico para os céus, eu compreendia muito bem. Quando me transformara em um condor, esse preceito se revelara para mim, possuído de lógica irretorquível. Mas seria necessário tornar à condição de pássaro para explicar isso.

A viagem no Daime, rumo às raízes perdidas da condição humana e da criação do Universo, nos fazia pássaros originais. Ora em bandos, ora sozinhos, decifrando, em cada coisa viva, os sinais de tempos muito remotos, quando a chave do mistério era muito mais clara.

Tudo isso era muito fascinante, mas, igualmente, muito penoso. Pois, como diria Dom Juan:

“A arte de ser um guerreiro é equilibrar o terror de ser homem com a maravilha de ser homem.”

O ser que habitava no Daime, e que se servia do nosso corpo e da nossa mente para se revelar, expunha, a cada passo, a nossa fragilidade e a nossa força, a ambigüidade dessa condição oscilante.

Como que saído de um transe, abandonei minhas reflexões. Um imenso gavião levantou vôo de um pinheiro. Era um pássaro original e solitário, que viera ali confirmar tudo.

Com esse espírito, me senti animado a continuar o meu caminho. E o meu Diário. Nele, ia anotando os acontecimentos mais significativos, em cada sessão de trabalho.

## **7/8 DE JANEIRO**

### **Sonho e Miração**

Subimos mais cedo para pegar o dia ainda claro. Achamos uma trilha meio suja de lama. Varamos, ainda, o morro e desabou uma

tempestade. Engraçado que hoje à tarde tinha lido um trecho de Dom Juan sobre a Batalha do Poder. Raios e neblina. Fizemos um abrigo por causa da chuva.

Armamos o ponto e tomamos o Daime. Primeiro, alteraram-se certos conceitos gravitacionais. Eu sentia tudo trocado; o que estava em cima parecia embaixo e vice-versa.

Depois, vi paisagens muito primitivas. Florestas rasteiras, desertos e vulcões.

Velhas fortalezas escavadas na pedra e castelos megalíticos em ruínas. Eu andava por câmaras e galerias com facilidade; o que eu ia pensando, ia acontecendo. Mas, às vezes, eu não pensava, mas adivinhava intuitivamente as direções a serem tomadas.

Começamos a ouvir alguns hinos e eles iam me confirmando lições de outras viagens que eu não retivera.

Voltei a ver o Inca da minha primeira viagem. Depois me senti dentro de um sarcófago. Eu era a múmia do meu Inca e o sarcófago a continuação da nave. Dentro dele, eu via as lembranças maravilhosas da viagem que tinha feito. Talvez sem nunca ter saído dali, pois eu era uma força que habitava aquele túmulo cerimonial. Dali eu saíra um dia, conduzido pelo Daime, e guiara a mim mesmo, naquela festa de São Pedro, na Colônia 5000.

Outro *flashback*: meu rosto transformou-se no rosto de um pássaro. As faces laterais endureceram. O bico se estendia e se projetava à frente, os olhos envesgavam e procuravam o foco. Como na primeira vez que eu me transformara em condor, eu podia ver a uma distância incrível e fazer *zooms* e macros, até ver formigas a metros de distância, apesar de minha razoável miopia.

Uma ventania muito forte trouxe ecos de vozes numa língua estranha, misturada com o som dos galhos de árvores retorcidos. Vi uma revoada de seres alados à minha frente, numa distância de uns 15 a 20m, no máximo. Eram um misto de mendigos de Brueghel e índios peruanos, parecidos com os que tinha visto no primeiro trabalho que fizera na Maromba. Eles tinham um chapeuzinho na cabeça e eram semi-incandescentes. Circularam em órbita de nossa

clareira, por breves minutos. Em torno deles, muitas fagulhas, pontos luminosos e microexplosões de energia.

Tentei pensar que classe de seres seriam aqueles e o Daime me respondia que, por enquanto, era melhor eu compreender as aparições usando o pensamento analógico. Aquelas criaturas eram projeções de certas experiências atávicas minhas, eram arquétipos, por assim dizer. Mas eram também coisas objetivas, desde que eu me situasse nesse outro plano, que me levava a vê-los.

O céu estava meio nublado e eu quis sentir as estrelas que estavam por trás das nuvens. Vaguei pelo espaço e ouvi sons muito melodiosos.

Achei o meu túnel. A Força foi me comprimindo e eu perdi todo o controle motor do meu corpo. Sentia-me igual a um astronauta, numa câmara de vácuo. A cabeça estalava e eu me via dentro de uma paisagem de cores pouco usuais. Tons avermelhados, dourados e prateados. Num outro momento, percebi que a paisagem era o interior de um palácio. E que esse palácio era um ser vivo e eu era parte dessa construção. Fazia movimentos rítmicos e pendulares, era um tecido vivo desse palácio.

Aquilo foi se agravando e o prazer se transformou em medo. As cores da miração se estabilizaram num prateado, com alvéolos púrpura. Comecei a não suportar aquilo até que me lembrei de reconhecer e prestar tributo àquela Força e Poder. Pensei que aquele Poder era o que as pessoas associavam, de alguma maneira, a Deus, e o reverenciei.

Em seguida, senti a presença de duas pessoas, já mortas, ex-companheiros de militância, que foram assassinados. Pedi por eles e vibrei em sua direção, buscando que eles tivessem consciência de sua situação.

As presenças continuaram sondando e, mentalmente, eu dizia: “Se forem de paz, sejam bem-vindos!”

A coisa mais incrível que aconteceu foi no final, depois do segundo Daime. Tive uma visão claríssima de uma montanha muito familiar, à qual se chegava por uma estradinha em aclive. A sensação de intimidade com essa montanha me trazia paz e alegria, mas,

ao mesmo tempo, eu tinha certeza de que nunca tinha visto, de fato, esta montanha.

E eu olhava para ela e para a ladeira, e me via subindo ali. Ora como criança, ora adolescente, e ainda, como se fosse hoje, e outras vezes já velho.

Tentava me lembrar, e não conseguia, de onde eu conhecia aquela cena. Até que, de repente, no meio da visão, veio o *insight*: esta montanha era um sonho que eu sempre tivera, desde criança, periodicamente, e do qual nunca guardava registro consciente depois de sonhá-lo. E, mais ainda, veio à tona a lembrança de que esse sonho ocorria sempre dentro de determinadas circunstâncias excepcionais, associadas a momentos de profundas transformações e mudanças. Lembrei-me de cada vez que sonhara isso e minha história de vida se explicou toda por esses marcos.

Toda vez que perdia o afeto de alguma pessoa querida, a distância me separava de alguém, ou alguma experiência mais funda me calejava, eu sonhava com a subida daquele morro. E, cada vez, a idade com que eu via a minha escalada acompanhava a minha idade real.

Não é possível descrever a beleza dessa compreensão, nem a importância que ela teve. Era o *meu* caminho, a *minha* trilha, chegar ao topo e descobrir a vista que se descortina lá de cima.

Foi o achado de uma “verdade”. A verdade, antes de ser um conceito, um parâmetro, uma convenção, é um estado de percepção totalizante. Que se apresenta de uma maneira tão completa e irrecorrível que não apresenta outra possibilidade de ver. No Daime a verdade é uma imagem única, não um pensamento que permite interpretações.

Ligado a isso, entendi os vasos comunicantes que ligam as mirações ao Daime, as verdades do sonho e em ambas a etérea liga que plasma aquilo que as religiões chamam de revelação. A revelação é essa própria verdade, insubstituível, em forma de imagem. Tão imperativo é o seu poder e força de persuasão, que nos ligamos, ao recebê-la, à corrente de todas as mentes que a criaram e foram criadas por ela. E, nesse momento, entendemos que vimos algo rigorosamente igual ao que os outros já viram e nos revelaram, seja

pela profecia, pela arte, ou pelo êxtase místico. É essa sensação de cumplicidade num único segredo que tem uma forma única, que sustenta o que se chama de fé.

## **TRABALHO DE 15 DE JANEIRO**

### **Claustro**

Acordei hoje me sentindo mal. Um torpor indefinido, dores nas costas e alguma febre. Resolvi fazer uma sessão de cura, tomando um Daimé à noite.

Coloquei um disco de canto gregoriano na vitrola. Pensei ver um desfile de pensamentos/imagens. Cada coisa parecia, ora uma sereia, ora um centauro. Metade pensamento, metade imagem. Nas sereias, porém, a predominância era sexual, e a metade imagem comandava a metade pensamento. No centauro, o pensamento comandava a imagem, o composto fazia mais parte da Razão do que da emoção e do desejo.

Fiquei viajando nos claustros da Idade Média, nos segredos das catedrais e dos arquivos do Vaticano. Sentia-me um camponês de algum burgo na Alemanha ou na França medieval, que, depois de uma semana colhendo o trigo, ia a uma missa no domingo. O poder da música homofônica era uma coisa extraordinária, próximo a um mantra.

Imagens de um templo pré-colombiano em alguma meseta mexicana. Um deserto cercado de floresta. Parei o canto gregoriano e ouvi uns hinos. Tive uma miração de que eu era a parte superior de um totem e que ele era uma estranha engrenagem biológica viva, junção de vários animais e eu, o homem, era o topo. Havia muita névoa em torno de mim e eu era a cabeça viva e pensante daquele totem.

Entraram mariposas enormes, pela janela do meu escritório,

com incrustações verdes nas asas, que pareciam esmeraldas. Senti a tépida sensação de sair do corpo e planar nas estrelas. Estive próximo ao Topo, o Arco de Cristal, que vira no trabalho do Seringal. Ali, era uma espécie de mudança de plano, dimensão, um dos sete céus de que nos falam várias doutrinas antigas.

As mariposas tornaram-se ameaçadoras e o lampião a gás rachou, sem maiores explicações. Fechei a janela e mudei de posição. Agora estava de frente para o instante. As lombadas dos livros ficaram fluorescentes e tornaram-se imensa muralha de uma cidade, a cidadela do saber. Numa espécie de osmose, recapitulei todos os conhecimentos que adquirira de todos aqueles livros. Eles se fizeram claros e presentes. Mas, todos eles reunidos, não me explicavam por que esses conhecimentos todos tinham se tornado tão vivos naquele instante.

Era um claro toque do Daime ante a inutilidade relativa daquele tipo de saber que, no fundo, eu ainda acalentava.

## **TRABALHO DE 29 DE JANEIRO**

### **Novos Compromissos com o Poder**

Eu e Paulo exploramos uma mata. O trabalho transcorreu suave, sem muita miração. No final, cantamos alguns hinos, à guisa de encerramento e a Força pegou. Ficamos ali, dançando e vibrando maracás, com aquela sensação de antiguidade originária, honrando aquele Poder que cultua coisas tão belas e simples. O sol se punha e era objeto da nossa homenagem e das canções. Um dos hinos dizia assim:

“A essa Força eu me entrego  
E peço a Vós agir por mim.”

Pouco a pouco, nos deixamos possuir e comandar por ela. A energia entrava pelo topo da cabeça, circulava na medula e explodia na altura do estômago, transmitindo vibrações a todos os órgãos do corpo.

Quando recebemos conhecimento pela via da revelação, ele sempre vem na forma de graça recebida, que tem, como contrapartida, um compromisso de transformação pessoal para que possamos estar aptos a reter aquele conhecimento novo. É preciso coar a essência das imagens que vimos e integrá-las no cotidiano.

O Daime exige imperativamente essas mudanças e leva a sério os compromissos firmados. Se prometemos mudanças apenas para escapar de uma passagem difícil, vamos estagnar ali e nenhum passo novo, dentro do conhecimento, será dado até que voltemos àquele nó e o destrinchemos a contento.

Por isso ele é o mais fantástico agente psicoterápico que existe.

## **TRABALHO DE 1º DE FEVEREIRO**

### **Rei Salomão, o Interno e o Externo**

O trabalho iniciou com profundas alterações perceptivas. Sensações de flutuação, de não estar apoiado no solo. Meu campo visual tornou-se um número infinito de linhas verdes, formando pequenos losangos prateados, que se confundiam comigo. Eu sentia que não estava assentado sobre essa estrutura de linhas, mas apenas pendurado a ela pelas pernas como se minhas costas estivessem no chão e minhas pernas por cima de um gigantesco colchão de cores.

Às vezes, eu piscava os olhos e o ordenamento espacial mudava, parecendo ter mais lógica. Quanto mais lógica tinha, menos prazer eu sentia. Então eu piscava de novo os olhos e voltava a me sentir no meu precário equilíbrio sem lógica e com prazer.

Pelo cheiro dos incensos e a chama bruxuleante da vela, “vi”



determinadas entidades ligadas à linha de Umbanda; vinham atraídas pelo cheiro ou pela luz, fluidos que eram “sugados” por elas.

O maracá ganhou vida. Vi um ser que estaria incrustado em alguma pintura rupestre, em alguma caverna do mundo.

As cores do Daime foram tomando conta de mim. Sua percepção, dentro do corpo, era semelhante a pequenas descargas elétricas. Por muito tempo vi tudo verde. Todas as coisas eram verdes e o verde me comunicava muito Poder. Senti cheiros da floresta e, à semelhança dos seres que farejavam o incenso e as velas, pude farejar, a partir desses cheiros, outros planos invisíveis e andar por eles.

Andei pela mata carregada de odores e verdes. Comecei a me dar conta de que virava um animal. Senti uma espécie de focinho, bigodes e, à maneira dos felinos, meus músculos represavam uma potência e agilidade que nunca sentira. Sentia-me capaz de pular alguns metros por uma fenda e cair em pé, sem me machucar.

Estava empoleirado, ora num tronco, ora na rede de losangos e linhas verdes. Minhas mãos foram virando patas e, os dedos, garras afiadas. Todo meu corpo, simultaneamente homem e animal, tomou uma coloração acastanhada e lustrosa, com manchas avermelhadas. Algo próximo a uma onça-pintada. E eu sentia a solidão e a beleza de ser um desses animais, no meio da mata.

Em frente de onde eu estava, havia uma árvore morta, retorcida. Ela começou a me atrair para si, a me sugar e querer que eu fosse até ela. Até que, num determinado momento, consegui focalizá-la de uma determinada maneira. Primeiro, ela tomou a forma de uma estatueta de terracota chinesa; depois, de uma escultura de jade; depois, de um monumento megalítico de Tiahuanaco. Daí tornou-se uma estatueta da Ilha de Páscoa. A cabeça tinha um chapéu de cardeal; dele, saía uma cobra e a extremidade dela era uma pata de caranguejo.

Uma das mãos do ser, que eu via representado na árvore, ramificava-se em vários galhos finos, como se fossem brônquios de um pulmão, ou os vasos sanguíneos, no interior de um cérebro. Aquele era um buquê. A outra mão apontava para o céu estrelado.

O rosto me fitava sereno e determinado. A posição e a direção apontadas sugeriam uma ordem.

Uma voz veio de dentro de mim e disse claramente que aquela era uma aparição do Rei Salomão.

Ela foi e voltou, durante várias vezes, nesse e em outros trabalhos que fizemos naquele mesmo local. Nas sucessivas aparições, de formas chinesas, pré-incas, astecas, da Ilha de Páscoa, eu entendia o percurso daquela entidade revelando-se a vários povos.

Depois, vi paisagens que só poderiam pertencer a regiões astrais. Eram planícies luxuriantes, estrelas, flocos de névoa e matas que se encaixavam de maneira desconcertante. Pareciam tempos diversos vistos por trás de um espelho. Nada tinha lógica e linearidade. Pelos nossos padrões passaria por bizarro, mas era belo, porque nosso sentimento se afinava com aquelas formas e dessa compreensão apaixonada surgia a beleza. As estrelas, de várias colorações, caíam de forma oblíqua, até entrarem na terra e um sol diferente a tudo fecundar.

Tive um momento maravilhoso, entendendo a fecundação dos raios do sol sobre a terra, masculino e feminino, suas matrizes.

Balancei e fui, meio tonto, deitar na rede. Senti o Daime nascendo com meu corpo, massageando meus chakras e fluindo pelos meridianos.

“Via” a energia que circulava ali e suas várias camadas. Elas envolviam e circulavam cada pessoa e objeto com uma aura singular, que era uma espécie de identificação astral de cada um. O corpo era sentido como uma mera fronteira, onde essa energia, que vinha de fora, queria entrar e, a que estava dentro, queria sair. A de dentro era mais fácil de perceber, pois nela estava sediado aquilo que era sentido por minha consciência como sendo meu Eu. E a outra energia, que orbitava em torno do meu invólucro corporal e da minha noção de consciência, era mais difícil de perceber como sendo *minha*. Porém, num grau refinado de percepção, tudo o que estava da fronteira para dentro era um átomo do que estava do lado de fora. Eu, em certa medida, era um grão interior que fazia parte

do que me era externo. E esse “externo” era todo o Universo. E tudo era a mesma casa, o mesmo ser.

A consciência de mim mesmo era uma espécie de guarda alfandegário de fronteira que me permitia me manter agregado em torno de um microcosmo, flutuando dentro da Imensidão de Infinito e de forças muito superiores, que me continham. Em determinados momentos, a energia doméstica interior tentava sair e dispersava-se no Todo, no externo. Havia uma tensão. Outras vezes, nossa percepção alterada abria portas e uma parte do que estava fora ocupava lugar dentro. Também havia tensão.

A harmonia e a saúde apareceram para mim como um manejo correto, por parte do guarda-fronteiras (Razão), em saber manter a identidade e dissolver-se no Todo. Dosar essas duas válvulas, de acordo com as circunstâncias. Toda essa compreensão fluía em meu corpo como uma autêntica aula prática. Eu assistia a tudo isso ocorrendo em mim mesmo, como se fosse um filme.

Notava também que, quando o esforço era para vencer a gravidade, no sentido de dentro para fora, a energia interna era coletada em todo corpo, de diversas proveniências, e se armazenava na região abdominal. E que aí havia uma explosão, como um motor de pistons, que eram os diversos membros do corpo, produzindo uma transformação desse impulso energético em processos mecânicos. Era a fonte alimentadora do agir, do fazer.

Quando o processo era inverso, ou seja, a Energia externa burlava o guarda-fronteiras e entrava por territórios, tidos pela consciência como seus, a sensação era de introjeção de poderosas vibrações. Algo parecido com a penetração da luz solar. Ninguém percebe o calor com o cérebro, mas sua percepção emana de um calor que se apodera de todo o corpo.

Isso ocasionava mais fantasia, imaginação, percepção de outros planos, despertar de outros centros de inteligência, que se encontram dissolvidos entre outras funções do nosso corpo.

## **TRABALHO DE 18 DE FEVEREIRO**

### **Olhando o Cruzeiro**

Depois de tantas ocupações que me ligaram à cidade, volto às minhas montanhas. Hoje, apresentei o Daime ao Eli, um grande amigo. Ficamos, relaxadamente, na pedra, ao ar livre, debaixo das estrelas, sem muito ritual.

Senti uma compreensão pouco descritível da constelação do Cruzeiro e da Cruz de Caravaca que, no ritual do Daime, tem o nome de “Cruzeiro”

Depois, torres de madeira enormes. Pareceu-me uma visão da Torre de Babel.

Retomei várias lembranças perdidas de um edifício onde morei, quando criança, e de um amigo que, há anos, não vejo. Tudo parecia enorme: tapetes, móveis etc.

Já no final, entramos em casa por causa do frio. Deitei na rede e fiquei olhando pela janela. Tudo tomou contornos ovalados, inclusive meu próprio corpo. A casa tornou-se uma construção secular. E as oscilações da rede faziam uma série de combinações entre duas dimensões de percepção.

## **TRABALHO DE 24 DE FEVEREIRO**

### **Prazeres Espirituais**

Tenho sentido, nos últimos trabalhos, perguntas e sensações meio aflitivas, ligadas, de alguma maneira, à sexualidade.

No fundo, sempre existe uma espécie de medo de que a procura

espiritual vá inviabilizar a sexualidade. Mas o que ocorre, de fato, não é isso. Não existe coerção alguma à sexualidade. A descoberta de outros prazeres, tão intensos (poderíamos chamá-los de “prazeres espirituais”) é que relativiza o mito de que apenas o prazer sexual seja, de fato, prazeroso.

Dentro disso, tenho redimensionado certos valores e posturas que, até chegar ao Daime, sempre me pareceram carecíes como a questão da monogamia, por exemplo.

E o interessante é a consciência de que se pode reavaliar essas questões fora do campo da moral, como opções estratégicas necessárias para o homem que busca o conhecimento.

Para que a sexualidade mantenha uma ponte de ligação com o sagrado, com o divino, é necessário que ela se integre na batalha do conhecimento. A sexualidade pode ser um instrumento de conhecimento limitado, mas conhecimento. O Outro é a primeira porta que se abre ao todo. Para a sexualidade, portanto, ser linguagem de percepção e exploração do Outro, é preciso que o seu conteúdo esteja não no fruir em si, no gozo mecânico, independente do objeto ou pessoa desejados, mas se fundar como uma linguagem e um prazer postos a serviço do sentimento. E todo sentimento tem uma estrada que conduz ao conhecimento espiritual. A fixação de um móvel único para a sexualidade permite que o processo de conhecimento se desenrole.

Cria-se um espaço reservado ao prazer, à expressão das fantasias e ao apelo sensorial de algumas energias sem que isso signifique um dreno significativo no aproveitamento dessas mesmas energias para o trabalho espiritual propriamente dito.

Nessa aventura cósmica do conhecimento, lidamos com matrizes energéticas masculinas e femininas, cuja compreensão está longe de se esgotar numa trepada, mesmo que ela seja ótima.

Esse é o segredo de estarmos sob a regência de duas forças polares, que chamamos de nosso Pai e nossa Mãe. Se não respeitamos o “ser” da nossa própria matriz e a diferença que nos separa da outra força, que nos é oposta, deixamos de equilibrá-las dentro de nós mesmos.

Os homens que desrespeitam as “Leis Femininas” dos Cosmos

perdem a proteção da Mãe. E as mulheres que desrespeitam as “Leis Masculinas” do Cosmos perdem a proteção do Pai. O desejo de possuir o Universo feminino e de fazê-lo objeto dos instintos deixa-nos órfãos de mãe e o contrário é rigorosamente igual.

As relações definidas de parceria e partilha possibilitam uma não-violação desses princípios. E o que se perde, em termos de variedade e quantidade de objetos, se ganha em textura e compensações, em termos de prazer, que transcendem, em muito, o meramente sexual.

É duro pensar isso com nossa mente libertária, que se acostumou a fazer da liberdade do uso do corpo a única liberdade possível e digna de fé.

Porém, existem muito mais coisas em jogo que o mero exercitar dos sentidos.

## **TRABALHO DE 26 DE FEVEREIRO**

### **O Trono**

Acendemos as velas do “ponto”. Depois de algum tempo, massas de energia começaram a se condensar por cima das velas e envolver o recinto com uma espécie de tentáculos luminosos. Pequenas bolas de fogo amareladas, à semelhança de pequenos seres em forma de ovo, moviam-se a uma certa altura e interpenetravam-se. Dessa interpenetração surgiam mais dessas bolinhas vivas.

Procurei equilibrar minhas referências. Manter a consciência do lugar onde eu estava, materialmente, ao mesmo tempo que aprofundava meu campo de visão e me transportava para o correspondente astral daquela situação. Percebia muitas pulsações, vindas das mais remotas distâncias. Uma sensação espaço-temporal.

De repente, abri os olhos e encontrei-me no salão de um castelo

todo iluminado com archotes. O salão era oval, ligeiramente oblongo, com portas semicirculares, dispostas em intervalos regulares. Eu via, simultaneamente, o átrio, que ficava em frente à fachada principal, e a Sala do Trono. Para estar num ou noutro lugar bastava piscar levemente os olhos.

Depois me acerquei do trono e vi um ser majestoso sentado, com ar grave, e vários outros seres dispostos em sua volta. Pareciam estáticos, mas emanavam uma poderosa energia.

No chão do palácio alternavam-se placas de cristal, claras e escuras, que brilhavam.

Fiquei durante um tempo querendo compreender aquele Castelo. Veio uma ordem em minha mente para não descrever nem revelar o Ser que eu vira sentado no Trono.

Levantei-me para cuidar das velas próximas ao ponto. Senti uma força entrar no meu corpo. O sangue começou a fluir pesadamente por minhas veias e a impressão que eu tinha era que minha massa era tão densa e pesada como a de um planeta.

Uma frase martelava, insistentemente, minha consciência, numa língua desconhecida. Mas eu a entendia.

Sentei, meio agachado, com as mãos em volta do joelho. Desencadearam-se uma série de sensações corporais extraordinárias. Uma terceira perna nasceu em mim e tive percepções nítidas de meu corpo dividido em dois. Ora dirigia minha atenção ao direito, ora ao esquerdo. Ondas de calor, congestionamento, bloqueio, circulação de energia, tudo ia se mostrando.

Várias presenças de seres e entidades tornaram-se visíveis. Uma delas alternava, ininterruptamente, rostos de velho e de criança. Ruídos estranhos anunciavam quando esses seres iam se fazer visíveis.

No jirau que tínhamos construído havia uma escada tosca. Lá, apareceu uma entidade negativa, tinha um hálito horrendo e procurava sugar para dentro de si quem tivesse fraquejando na corrente.

O Poder desceu, fulminando todos os resquícios de negatividade que havia na sala. Obrigou alguns de nós à prostração, de joelhos, em atitude de respeito e adoração. Quando toquei a cabeça no assoalho de madeira entrei num subterrâneo todo trançado por

tubos e luzes verdes. Na minha nuca, um peso colossal, que eu sentia como a presença de algum tipo de Mestre. Era tão forte essa presença que não restava outra atitude senão a de enterrar, mais ainda, o rosto no solo.

Em seguida, explicou-se para mim o castelo que eu tinha visto antes. Estava vendo uma cena muito antiga e aquela presença de agora, que entrava pela minha nuca, fora, em outros tempos, um Rei poderoso.

Acabado esse momento, uma enorme paz me envolveu. Vi cenas da minha saída da prisão e uma emoção imensa em revivê-las. Fui até o quarto onde Sônia dormia, em Mauá, depois fitei as crianças e voltei.

Quando a gente retoma os sentidos e veste novamente o corpo é que nos damos conta de que estivemos em “outro lugar” e vimos coisas extraordinárias e incompreensíveis. Durante o “mirar” as coisas ocorrem com tanta naturalidade que mal percebemos o que, verdadeiramente, está acontecendo.

A miração ocorre em todo o corpo, não apenas na visão. Todo corpo participa da compreensão daquelas belezas ou daqueles terrores, que estão, ao mesmo tempo, dentro de nós mesmos e em alguma região astral, correspondente à linha de trabalho que estamos operando.

## **TRABALHO DE 5 DE MARÇO**

### **Respirar Divino**

Eu e Sônia iniciamos um pequeno trabalho de cura e limpeza, depois que as crianças foram dormir.

Começou muito forte. Momentos de compreensão pelo sentimento. O chakra perto do diafragma concentra grande quantidade de energia e inunda os demais centros. Quando isso acontece,



vemos coisas que apenas são possíveis debaixo do poder do Daime. coisas que já aconteceram em trabalho e que não conseguimos manter na consciência, coisas que ainda vão acontecer e nas quais somente estaremos ligados durante o trabalho com o Daime.

Tudo isso gera uma reação em cadeia, de *insight* em *insight*. Todos os momentos fugazes de compreensão limitada dos mistérios do Universo se harmonizam numa sabedoria repleta de plenitude, bem-aventurança e paz.

Somos envolvidos numa luz cálida que, mesmo as mentes mais racionais e materialistas, dificilmente poderão fugir da constatação de um fenômeno espiritual, de uma presença vinda de uma esfera que os homens chamam de “divina” e que tentam alcançar como uma coisa exterior a eles, quando, na verdade, se encontra aprisionada dentro do seu corpo-santuário.

Sentia essa Luz e essa Paz me clareando por dentro. Eu recebia instruções de como respirar para me manter dentro daquele halo, para poder suportar o brilho daquela Luz, o peso daquela Paz. E a única coisa que aquela força me exigia, para que ela fosse suave e não pesada, era que eu reconhecesse sua origem divina ou sobre-humana, apesar de ser ela também parte de mim. Exigia reconhecimento de sua origem, entrega diante de seus atributos e fé em seu poder. Quando a Razão quer prevalecer, domar, dominar e domesticar essa estranha força, que sabe ser mais forte, então ela bate em retirada, mas antes espalha angústia pela retaguarda.

No final, o sono dominou. Sentia-me próximo a uma gigantesca batalha espiritual onde teria de entregar várias cidadelas, que ainda resistiam. Ao mesmo tempo, um grande sentimento de gratidão pelas transformações que o Daime já tinha ocasionado em minha vida.

O hino vinha encerrar esse orgulho de estar caminhando dentro do Daime:

“Ele me respondeu  
Seus esforços são meus  
E temos que seguir”

## **TRABALHO DE 11/12 DE MARÇO**

### **O Daime se apresenta**

Acordamos. Foi um dos trabalhos mais fortes que já fiz. Essa viagem representa para mim os frutos de algumas resoluções de guerreiro.

Pouco a pouco as pessoas despertam. O espírito de satisfação, cansaço e fraternidade ultrapassa o tempo do trabalho.

O primeiro Daime foi servido após as orações. Bateu logo muito forte. Fiquei estático e por alguns momentos pensei que fosse me desligar e viajar numa mata, que me apareceu muito clara e que parecia não pertencer a esse planeta.

Logo, porém, uma força me acoossou e me pôs à prova. Ela bailou por sobre o ponto e me penetrou por dois lugares, um pouco à direita do estômago, e no diafragma, próximo ao coração. No topo da cabeça ela apenas me envolveu, sem entrar.

O coração, às vezes, disparava, assim como todas as minhas funções vitais. O estômago dava voltas e eu sentia que a energia abria um buraco lá dentro. Às vezes, a náusea pressentia um vômito ou um desmaio.

Entendi a batalha que vinha e me entreguei. Em parte eu lutava pra não cair, alternando três posições básicas: lótu, sentado e relaxado e quase deitado, com as mãos sobre o joelho. Quando a força batia e me forçava um ponto interno, eu a recebia, como a um visitante, ofertava meu corpo a ela, pedia a Deus para eu segurá-la, mas dizia também que, se a vontade dele fosse me humilhar até cair, eu me humilharia.

No começo, quando a energia do Daime forçava um ponto interno do meu corpo, eu pensava que ia quebrar. Mudava a posição quando estava prestes a desfalecer.

Em alguns momentos, eu sentia que meu espírito se desassociaria de mim para obedecer àquela Força.

Só o corpo “pensava” e mantinha a consciência ligada ao que se passava no aparelho.

Resolvi ligar aquele vestígio de consciência ao fato de que eu era, primordialmente, espírito e se eu o sintonizasse, ele me restituiria a morada da minha consciência (meu corpo) limpa, arrumada e, quem sabe, com um conhecimento novo sobre o que sucedera. Foi nesse momento que comecei a me fortalecer.

Ocasionalmente mirava coisas muito belas. Entendi como estávamos no astral, que cena ocupávamos no outro Universo, do qual, através do trabalho, começávamos a abrir as portas e invocar seus seres guardiães.

Depois, o mal-estar voltava. A Força me mostrou que a resposta era respirar. Isso não era um pensamento, mas uma ordem. Simplesmente ela se apossava do meu diafragma, músculos, vontade, cérebro (fiquei sentindo, extasiado, todos os elementos que compõem essa operação vital), e começou a massagear e a “fazer” dentro de mim os movimentos respiratórios que eu deveria fazer para aquela ocasião.

Quando meu corpo aprendia o mecanismo, a força desaparecia (o lado bom) e deixava-me entregue às feras.

O que eu aprendera adiantava apenas um pouco, pois, logo, o lado negativo da força forçava um outro lugar e me ameaçava, desde o desmaio até a morte. O pânico era pouco. A confiança de estar escorado em Deus e passando uma prova era tão grande que eu não sentia medo. Algo me designa pro bem. E, em última instância, eu sabia que esse algo tinha mais poder que qualquer coisa que pudesse me atacar. Sempre que eu percebia esse “todo” que era, ao mesmo tempo, o Mestre, o Cristo, o Pai, a Mãe, eu me prostrava e os adorava.

Assim foi que, para cada ataque, a própria Força me fazia respirar da maneira adequada e tornar a manter o aparelho sob controle, como base segura para os vãos, no decorrer do trabalho.

Foi assim que a respiração começou a surgir associada aos sentimentos, às regras, às necessidades, às emoções. Respiração para amar, para adorar o Senhor, para resistir ao inimigo do coração, do estômago etc

Era difícil, mas num dado momento, através dessas respirações, eu reconquistava minha inteireza e reabsorvia meu corpo. Nos momentos em que a força comprimia um ponto qualquer, era como se eu fosse expulso, através daquele ponto e daquela dor, para fora do corpo. A luta era pela posse do meu corpo. Eu rodopiava, expulso quase totalmente. O estômago, o coração e o braço esquerdo mantinham, ainda, alguma coisa da minha chama vital.

Quando me sentia acossado eu resistia com a respiração. A coisa que me envolvia a cabeça enquadrava e reunia minha energia dispersa e deixava-a alinhada perto do nariz. A respiração retornava essa energia espiritual e a fazia entrar, novamente, pelo corpo, onde, ligada à consciência do Eterno e do Poder do Pai, ela voltava à sua casa, sempre propiciando mirações, e belos encontros: *insights*, onde eu me lembrava da beleza, verdades e imagens de outras viagens, que não foram retidas e que tinham o testemunho sobre aquilo que estava vendo.

Só no final, senti que, a partir de um ponto, a luta não era somente lutar pelo corpo, mas, também ter a coragem de deixá-lo para trás, apagar e ver para onde eu iria.

Mas ali, naquele momento, não estava de todo preparado para a suprema prova de ser humilde, para sucumbir. Ainda estava no estágio do orgulho, para resistir.

Por um lado, eu tinha de resistir, para não apagar, mas ficava claro que, um dia, minha fé me possibilitaria a entrega, sem qualquer vestígio da consciência rumo ao desconhecido, sob a proteção da mesma energia que era, ao mesmo tempo, Bem e Mal, Eu e o Universo, esperança e cilada. A batalha tinha terminado.

Tomamos o segundo Daime. Quando acabou a concentração, me levantei e me senti fortalecido, achando que tinha agido da melhor forma, que tinha ido até onde devia, não deixando que essa força virasse fraqueza e me levasse a uma viagem prematura de sair do corpo totalmente, sem manter um mínimo de energia preso à minha casa-corpo.

Então, começamos a cantar os hinos do padrinho Sebastião. O primeiro deles falava coisas inacreditáveis sobre todo o processo que eu tinha acabado de viver na concentração. O hino se referia à

presença do Daime no corpo. E foi me descrevendo tudo que acontecera. “Estou na sua cabeça, na sua mão esquerda.”

A mão esquerda era o mais impressionante de tudo. Realmente, tivera momentos em que eu senti todo o peso do Universo no meu corpo. Fiz um sinal com a mão esquerda e ela se carregou de tal quantidade de energia que eu sentia que, se tivesse como libertá-la e apontá-la para algum objeto, este seria desintegrado ou transformado em outra coisa.

A clareira se situou em outro lugar e outro tempo. As pessoas entoavam cantos, revisitando velhos lugares.

Lembrei novamente de conhecimentos plenos que eu já tivera ali, naquele lugar, que eu esquecera, e, que agora, tornaria a esquecer.

Senti como se a energia e o poder do Daime fosse mexendo, imprimindo e decodificando todas as informações genéticas que existiam no meu corpo. No começo, era uma coisa líquida, química, corporal. Em alguns momentos, eu mirava esse processo. Aí, compreendi que devia estar fazendo, em ritmo acelerado, toda minha linha evolutiva. Mas só em alguns momentos é que conseguia perceber essas diversas formas em que ia me transformando, na escala evolutiva.

— Um ser anfíbio saindo da água.

— Um pássaro primitivo muito grande.

— Um homem primitivo, ainda meio bicho. Sentia meu maxilar ocupando outro espaço na boca, os olhos enxergavam de maneira estranha e eu respirava um outro tipo de respiração. Era quase um macaco. Meus braços escureceram, ficaram peludos. Eu me senti emitir ruídos por dentro.

Cada passagem era como se todos os meus tecidos internos estivessem prestes a rebentar. (Absurdo?)

Depois virei um japonês, tipo guerreiro samurai medieval. Tinha um rabo-de-cavalo, túnica avermelhada, meus olhos eram puxados e tinha uma espécie de maquilagem delicada.

Depois, surgiu uma coisa confusa de índios muito primitivos e, então, apareceu o Inca da primeira viagem. Seu rosto estava mais velho, o cabelo em trança e uma espécie de coque. Eu era ele. Ele não falava, mas meu coração se alegrava. A quantidade de sensa-

ções, percepções e mirações era tal que me escapava. Mas eu estava tão deslumbrado que, talvez pela primeira vez, não ligasse para essa incapacidade de reter a avalanche do conhecimento. De alguma forma, eu sabia que ele ficara impresso, a partir das alterações energéticas que se produziam no meu corpo.

Vilma vomitou várias vezes e ficou tomada por uma entidade baixa. Paulo também. Eu acompanhei de perto os dois, cantando com os maracás, até que se aproximassem.

Tive a miração de seres luminosos, de fogo e pedra, que se moviam e estalavam como matracas. A harmonia dos movimentos, sons e luzes era perfeita.

Mirei novamente um trono, onde estava sentado um velho. Novamente veio a ordem de que essa visão não era para ser relatada. Foram momentos de plenitude e beleza, onde as pessoas se harmonizavam de maneira incrível e o Mestre esteve presente, várias vezes, enquanto eu me prostrava.

A cena parecia uma floresta muito antiga, onde todos éramos irmãos de uma fé primitiva e verdadeira. A Força nos suavizou a tal ponto, que o amor era a decorrência de nossas presenças no templo. A justiça era a justiça, no trabalho, a verdade era a verdade, a harmonia era a harmonia. O Universo todo tinha os olhos pousados sobre nós, recebendo nossos louvores e cantos.

Depois, a figura de Salomão, a partir do tronco velho, apontando com seu chuço de galhos para o firmamento estrelado.

## **TRABALHO DE 18 DE MARÇO**

### **Encontros no Astral**

Não chegou a pintar muita miração. Foram puxados hinos durante a concentração. Quase todos vomitaram muito, no meio de mirações, momentos de plenitude e de aperto.

Os homens ficaram mais firmados e as mulheres representavam um outro tipo de energia que dificilmente tinha acesso ao salão.

Os rostos estavam bem transfigurados e era incrível ver, no Astral, o duplo de cada um.

De uma certa maneira, foi a continuidade da viagem sobre o masculino e o feminino no Universo. Mais ainda, como é forte e completo o ajuste e a complementaridade do masculino-feminino. Rolou uma profunda entrega dos homens para as mulheres e vice-versa, num plano energético. O amor era uma espécie de comunhão no plano espiritual, que atravessava e transcendia qualquer resíduo material. Era o amor do Pai fundindo-se com a graça da Mãe, a gravidade e a doçura, o *yang* e o *ying*.

Ficou claro também que uma das coisas mais marcantes nesse avanço do Daime ao centro cultural do país vai ser a batalha para a entrada do Feminino. Isso será difícil e fascinante para todos.

Houve um momento muito forte, quando me liguei no Padriño Mário e comecei a me dirigir espiritualmente para onde as vibrações dele me chamavam. A sensação foi de uma força e uma beleza impressionantes. Senti que eu me elevava ao encontro dele, no rumo do firmamento estrelado.

Aí tive a sensação de que eu recebia algo parecido com um hino. As duas frases ficaram na minha cabeça, sem dar trégua, durante uns vinte minutos, apontando para mil direções que eu não soube “escutar” porque comecei a entrar numa de que tinha de “criar”.

No final senti-me incrustado na rocha, dentro de uma “puçarra”, fortaleza Inca. Eu me agachava na saliência de pedra e me tornava meio múmia, meio pássaro. Espreitava os céus eternos de um ângulo que jamais supusera existir. Às vezes meu corpo era, ele próprio, entalhado na rocha.

## **TRABALHO DE 22 DE MARÇO**

### **O Anjo da Guarda**

Estou sentindo um ponto difícil do meu trabalho. Cada vez e mais difícil pairar acima da “dimensão religiosa” dos fatos que estou vivendo. Quero achar mil eufemismos, justificativas, alternativas, mas o laço aperta cada vez mais. Os sinais vão chegando e cada vez se torna mais complicado querer preservar uma espécie de caminho espiritual cósmico livre de qualquer injunção devocional religiosa.

O último sinal deixou-me muito abalado. Sônia foi fazer um curso em São Lourenço e eu chegaria do Rio à tarde. Durante o dia, Paula, nossa filha menor, de 1 ano e 9 meses, ficaria com a babá, até eu chegar. À tardinha cheguei, Paula estava meio nervosa e irrequieta; dispensei a babá, tudo normal.

Dois dias depois, soubemos que, enquanto Sônia saía e a babá dormia, Paula saiu de casa, debaixo de uma tempestade, atravessou um córrego e desceu um quilômetro de estrada enlameada, cheia de pedras e estancou, a dois passos do Rio Marimbondo, lá embaixo, onde, fatalmente, se afogaria.

Um roçador de pasto a viu saindo de casa no temporal, achou estranho, avisou ao filho, que, por sua vez, perdeu-a de vista. E só algum tempo depois, um empregado de outra fazenda viu-a, de longe, descer a estrada e parar à beira do barranco do rio.

Quando nos inteiramos do perigo que ela tinha passado, veio claramente a sensação de que houvera uma proteção especial para que nada acontecesse: nem um arranhão, tombo, pneumonia, ou o pior, se ela descesse mais um passo na direção do rio.

Ontem, resolvemos fazer um trabalho de agradecimento. Fiquei em dúvida se abria um trabalho oficial com orações etc. Alguma coisa me tentava a fazer um trabalho mais informal e, até então, a questão de orar não era uma coisa totalmente tranqüila para



mim. Volta e meia entravam em cena os traumas da vivência dentro da Igreja Católica.

Pouco antes do trabalho, abri a Bíblia ao acaso. Era uma passagem de Mateus onde o Cristo ensina aos discípulos como devem orar ao Pai. Foi uma resposta muito direta.

Começamos o trabalho lá pelas 20:00.

A primeira coisa que vi foi o interior do meu próprio corpo. No começo, eram cenas realísticas de vasos, tecidos, órgãos, funções, processos químicos etc. Depois, comecei a deter apenas uma espécie de aura luminosa, de intensidade variável, que percorria tudo. Era minha energia vital, aquilo que está por trás de todos os processos e reflexos mecânicos.

Focando essa corrente luminosa, ela tornou-se uma substância diáfana e leitosa que, semelhante a uma névoa densa, ia formando arabescos e formas. Quando isso se dissipou tive uma outra visão do meu corpo. Era o interior de um templo, tão complexo quanto o Universo e, ao mesmo tempo, simples de compreender.

Os joelhos eram grossas colunas que sustentavam o teto. Espalhados pelo templo, pesadas lamparinas de ferro. O chão era uma espécie de madrepérola disposta em losangos simétricos, claros e escuros. Paredes amareladas com textura de pele e portas em estilo mourisco.

Era quase idêntico ao Castelo em que vira a Sala do Trono

Uma espécie de hierofante estava numa câmara, que correspondia à região pélvica. Vez ou outra, a estrutura toda do templo incandescia, devido à circulação da Força no corpo. Sentia presenças em outros centros e chakras, assim como prenúncios de um embate pela canalização daquela energia que circulava. Mas só vi claramente o que comandava o centro sexual-reprodutor.

Enquanto mirava esse cenário interno, algo me dizia que eu tinha visto um mistério. Dentro de mim havia um templo e um trono.

De relance, divisara câmaras, galerias, corredores, passagens secretas. Dentro de cada um de nós está o Tabernáculo e, no coração, está a centelha divina, o sinal da nossa aliança esquecida

com Deus. Isso eu tinha visto. Uma das portas em ascendente tinha grossas aldravas penduradas. Talvez ali, brevemente, eu encontrasse a presença crística dentro de mim.

Antes que a visão desaparecesse, agradei aquela revelação. Tive uma vertigem e a nítida sensação de que dava dezenas de cambalhotas pelo ar. Quando dei por mim, estava fixo no mesmo lugar, mas com uma tonteira de quem, realmente, tinha dado várias cambalhotas.

Quando fomos agradecer a proteção das forças que ajudaram nossa filha, “vi” tudo que tinha se passado, como se eu fosse ela.

## **TRABALHO DE 23 DE MARÇO**

### **Terapia e Salvação**

Lembrei-me hoje de uma outra compreensão que tive durante um dos últimos trabalhos de Daime. Algo como se nosso corpo fosse o cenário, a nossa razão o *script* que reveste essa batalha da busca da espiritualidade.

A consciência da vida no corpo é o *script* maior que regulamenta cada pequena cena e onde aprendemos sobre todo o universo, mesmo estando confinados dentro de nós mesmos.

É preciso ir ampliando, pouco a pouco, a noção de vida como algo que existe e, igualmente, partilhamos, além da nossa fronteira, ou seja, da noção que a consciência nos dá sobre nossa interioridade, ligada a um corpo singular.

Quando estamos dentro da Força do Daime, essa ampliação é fácil de realizar. O difícil é manter essa compreensão fora do trabalho.

Nos Evangelhos e na passagem do Cristo encontram-se ensinamentos de uma doutrina que nos revela tudo isso. O Daime é o desdobra-

mento dessa Doutrina. A fé nesse caminho é a força suplementar, que devemos ter, quando cessam as mirações.

O mais difícil é crer sem ver. João dá conta disso, quando põe na boca do Cristo a frase célebre: “Bem-aventurados os que não viram e creram.”

Em certo sentido, somos privilegiados porque o Daime nos faz ver. E se mesmo assim duvidamos, nossa fé é fraca.

A transformação que o Daime exige é uma espécie de terapia ética. A opção pela virtude é uma escolha de cada um. E o que é a virtude senão uma verdade ética revelada e absoluta, não sujeita à relativização e historicidade de qualquer espécie?

Nesse sentido é que se pode aliar, no Daime, a noção de cura com a salvação, fazer uma síntese entre medicina mental e conforto espiritual, algo de uma eficácia muito poderosa, pois combateria qualquer “doença” em dois planos complementares.

Já a psicanálise e seus sucedâneos montam toda sua estratégia na compreensão, aceitação e verbalização do erro ético e kármico, que gera as distorções psíquicas. Procura legitimar-se, enquanto técnica e saber, mesmo que para isso não possa reformar a culpa que a própria teoria produziu.

O importante é que, aliando a cura ao conforto espiritual (salvação), o Daime possibilita que a ética retorne ao seu lugar, dentro da ciência psicológica e dos objetivos terapêuticos a que ela se propõe.

Todas as terapias padecem de um curioso pecado original, teórico e prático. Sendo técnicas oriundas das distorções dos padrões considerados saudáveis e normais, elas se nutrem dos mesmos elementos e fantasias que geram as tais distorções.

Mesmo que queira impor uma realidade contra a do paciente, a psicanálise tem que se mostrar, pelo menos aparentemente, imparcial, não valorativa.

O Daime, ao unir o terapêutico (cura mental) ao conforto espiritual (cura religiosa), reintroduz nessa síntese, que a procura das causas está num *erro*, cuja base é quase sempre espiritual, trazendo várias seqüelas para o “aparelho”, representado pela noção do Eu.

A “terapia” espiritual é valorativa. Funda-se na existência de uma verdade revelada que, uma vez seguida, conduz ao caminho da harmonia, da saúde e das determinantes do mal.

Nesse sentido, a causa primeira é um *erro* (em parte imposto karmicamente e em parte optado) que cristaliza os sintomas da disfunção propriamente dita.

A cura não pode ser, nesse caso, nem a repressão, nem a complacência, nem a mera consciência verbalizada. É um esforço no sentido de *retomar as rédeas do ser*. De praticar o Bem e a Justiça, de ser harmônico com as leis do Universo. Antes de ser uma terapia, é uma pedagogia espiritual.

Retorna, portanto, à ordem do dia, o conceito de *arete* dos gregos. O caminho da cura espiritual é o exercício da virtude, a disciplina do conhecimento, a pedagogia do Bem e da Verdade.

## **SEXTA-FEIRA — SEMANA SANTA**

### **Revelações do Evangelho**

Tomamos o Daime e lemos o Evangelho de João. As cenas da Paixão foram se mostrando, como num filme. Sentimos, emocionados, todo o percurso do Cristo até o Calvário. A consciência de que estávamos sofrendo uma ínfima parcela dessa dor que Ele deve ter sentido era suficiente para nos deixar chapados.

O caminho e os ensinamentos do Cristo são os mesmos que a Doutrina do Daime retoma. Hoje não tive mais dúvida sobre esse fato.

A Entidade de Luz, que tem morada no veículo material que é o Daime, está ligada, de alguma forma, ao Mestre Nazareno. Ela é uma dádiva que nos permite acelerar nosso percurso espiritual, de uma maneira inimaginável.

Para que exista essa possibilidade de aceleração é preciso que

estejamos plantados no Tempo. O Daime abre as portas do Tempo até um ponto em que o compreendemos como o equilíbrio entre o Eterno Fluxo e a Eterna Permanência. Heráclito e Parmênides

O tempo é a *convenção perceptiva* onde acontece a revelação. É através dele, liberto de sua falsa linearidade, que comungamos com todas as manifestações do Eterno e do Invisível (pelo menos para esse Tempo).

A miração são deslocamentos no tempo. Por isso que ela mostra o que já foi há milênios e o que será, com a mesma naturalidade com que discorre sobre o presente facilmente verificável.

As noções do Tempo Histórico que os homens criaram é que exigem cortes entre o passado, presente e futuro.

Mas o Tempo enquanto Eternidade está em todo lugar e em qualquer direção que estejamos aptos para colhê-lo.

Ao mirar com o Daime estamos resgatando o Tempo e, ao libertá-lo em nossa percepção, estamos nós mesmos nos libertando do seu jugo, que nos confina a uma ridícula fatia da Eternidade a que podemos ter acesso.

## Sábado

Entendi definitivamente o papel do maracá e sua utilização nas culturas mais antigas como um objeto cerimonial e mágico. No trabalho, o maracá assumiu a forma de um ser sempre de costas para mim, era o onisciente protetor do mundo e eu entendia como ele tinha sido visto nos tempos mais primitivos pelos índios, e daí a conclusão desse ser nos seus mitos de criação e dos maracás como seu instrumento mágico.

Os hinos foram me abrindo as vistas e a consciência para os primores que existem na criação. Falanges espirituais tomaram conta do quarto com seus estandartes

Foram lidos alguns trechos evangélicos e de Emmanuel, a título de abertura do trabalho

Senti que o peso da dor, o clima da paixão (com exceção da leitura dos Evangelhos, que foi como um filme) não tinham dado muita margem às mirações. E que nesse trabalho haveria um clima envolvente da ressurreição da alegria.

Comecei a ver um vale montanhoso. Sensações de deslocamento, viagem, projeção no espaço, estrelas.

Meu corpo adquiriu outro peso. Cada inspiração me projetava para cima, ficava suspenso. Quando expirava, era lançado a lugares do astral.

Vi estandartes, símbolos, bandeiras e determinados hinos que mostravam coisas de uma beleza indescritível, principalmente a relação das coisas do alto com as de baixo, como era essa mediação entre o céu e a terra.

Num determinado momento, os hinos foram destampando meus olhos e eu vi todo o universo e o Pai em toda a sua glória.

Vi o trono com um ser sentado. Vi o mundo cercado de nuvens brancas. E entre todas as coisas e seres havia múltiplas conexões de luzes, sons e sentimentos. Todas elas se reuniam em desenhos. Como se fossem esculpidos em madeira e pintados de prateado, dourado, amarelo, branco. Eram ao mesmo tempo imóveis e se movimentavam. Pareciam ícones, figuras de santos, rosáceas e formas geométricas, flores esculpidas, trevos e imagens barrocas como encontramos em igrejas antigas. Vez ou outra eu percebia também elementos góticos.

Sentia também que elas tinham uma feição diáfana das nuvens para baixo, e se tornavam cada vez mais complexas em cima do cinturão de nuvens até que a culminância infinita dessas formas (o Universo todo) era ela própria o trono. Mas eu via também o trono, distintamente de todas as outras formas.

Em cima era o rumo celestial. Embaixo, o que eu via mais claramente eram simplesmente os fiapos, as migalhas dessa glória luminosa, da qual o firmamento era apenas uma das partes visíveis que acobertava o mistério maior.

Sentia também que essas migalhas que eu consegui ver aqui na Terra (junto com os tênues indícios de como elas se ligavam lá em cima com a Suprema Beleza), eu as via apenas à medida que os

hinos me mostravam. Os hinos eram aqueles desenhos, aquelas revelações. E eles eram também a *forma* do meu coração compreendê-los. A beleza como expressão da Verdade. Não havia oposição entre o entendimento, a emoção de ver, a música e a forma com que o divino me era revelado. Tudo era a manifestação de uma única coisa e constantemente me vinha à cabeça: “Essa é a glória que existe na eternidade.” Eu vi a glória que existe na vida eterna quando se acredita e se partilha dela.

Num outro momento, eu tive que me prostrar em adoração ao que eu via. Passei a compreender que aquela beleza era a presença do Cristo ali entre nós, o Mestre e alguns seres do seu séquito. E o que me era mostrado era uma poeira do que eu podia alcançar.

Quando me ajoelhei e coloquei a cabeça no chão, uma força foi me pesando nas costas e meu corpo foi se enterrando.

Aí vi a continuação de minha visão para baixo, as formas continuavam em profusão para dentro da terra, mas os tons eram agora negros e acinzentados. Várias cruzeiras e formas barrocas em tons que traziam uma certa apreensão e angústia.

Percebi que na fimbria do manto do Mestre, nas bordas de suas constelações estavam as fronteiras das trevas, e que os príncipes das trevas também acompanhavam de longe o séquito da glória. Eles eram as bordas, os 4 pontos, os 4 cantos onde tinham a missão de recolher os que caíam.

Assim como eu tinha visto no dia anterior, os quatro cantos do quarto que não se misturavam com a luz, assim eram os 4 cantos do Reino da Glória. Os que viviam a queda, passavam para viver das sombras da glória, que é a ilusão. Tinham apenas uma visão mais pálida, ainda da bem-aventurança dos céus. Introjetariam no seu próprio corpo a desarmonia e o sofrimento. Por isso seriam vassallos daqueles que comandam o Hades.

Numa outra passagem, quando Paulo lia um trecho relativo à vida de São João Batista e suas peregrinações e pregações pelo deserto, comecei a sentir minha pele virar placas escamosas, de coloração esverdeada, e antenas surgiram na minha cabeça. Eu era um misto de gafanhoto e louva-deus que pululava nas areias da Palestina!

De repente uma figura imponente que era São João Batista me devorava. Senti eu ser triturado em seus dentes e processado em seu estômago. E vi num relance toda a continuidade química dessa matéria viva que voltou à terra em seus múltiplos desdobramentos até hoje na forma de flores, árvores, seres etc. Vi também que essa matriz desse determinado gafanhoto ainda se encontrava impressa em milhões de coisas e seres. E que era assim que ocorria na criação. A ideiação divina se desdobrando continuamente em processos materiais e a essência destes se realizando no espaço, inclusive a vida.

Na hora em que eu li os Evangelhos tive uma outra miração muito forte. As letras foram se enevoando e diminuindo ainda mais. Até que aquelas páginas abertas viraram o Universo e eu “vi” todas as verdades que jaziam ali naquelas páginas. Era o Livro da Vida.

Cada letra tomou a postura de uma estrela. E todas as estrelas e planetas do céu apareceram para mim, assim como as leis que o sustentavam, em equilíbrio, leis provenientes da Vontade do Pai.

As letras-estrelas brilhavam e bailavam em torno de uma música celeste que eram as palavras do Evangelho que eu lia. Descobri que existe uma entonação especial para ler os evangelhos, que nos explica os mistérios e as leis do equilíbrio dos Astros. Fora dessa cadência são palavras, apenas: explicam parte do segredo. Assim como certas danças dos dervixes pretendem refazer todos os movimentos quantos existem no Cosmos.

Eu fiquei minutos extasiado e lia sem estar enxergando letras. Mas explicava estrelas.

## **TRABALHO DE 22 DE ABRIL**

### **Resposta ao Filho Pródigo**

Busquei hoje no Daime a resposta a uma questão que me afligia desde o começo, há cerca de um ano.



Nos primeiros trabalhos que fiz lá no Acre eu cismara que a rígida sujeição que o Daime nos impõe ao seu Poder trazia uma armadilha. Que essa armadilha seria comum a diversos caminhos iniciáticos. E que sua solução dependia de saber, num momento preciso, “desobedecer”

Em outras palavras, o Daime procurava por meio de enigmas separar do batalhão aqueles que tinham fé cega e obedeciam em todas as circunstâncias, uns tantos que ousassem duvidar e desafiar. A esses supostos filhos pródigos, suas dúvidas não vinham sem um objetivo. A eles seriam dedicadas missões especiais.

É claro que essa hipótese com a qual eu procurava decifrar a armadilha trazia para mim duas outras armadilhas. Primeiro de a verdadeira armadilha ser a minha própria suposição de que a obediência cega não era uma necessidade, mas o “teste” de eleição verdadeira. E, segundo, que pensando assim eu traía uma certa presunção de querer pertencer aos comandos especiais e não à tropa.

Tudo isso era muito mais complexo do que tenho possibilidades de explicar. Procurei em vários trabalhos enfrentar essa questão me despidendo de todas as projeções de uma possível vaidade que eu pudesse estar investindo.

Mesmo quando chegava a índices razoáveis de convicção de que não era um desejo de poder ou de “ser especial” que me alimentava, não conseguia ir adiante.

O desafio soava como um chamado ambíguo de uma predestinação.

Por momentos pensei que insistia nesse ponto por mero receio de que essa autoridade ilimitada do Daime pudesse me exigir restrições que eu julgava ainda descabidas em territórios mais íntimos, como a sexualidade, por exemplo.

Mas também não era por aí. A toda hora eu tinha provas de que o Daime era o instrumento de um Pai Bondoso e que as exigências do meu percurso nessas esferas mágicas nunca seriam incompatíveis com minha compreensão e possibilidade de escolha, mesmo que me custasse, em alguns casos, certo esforço.

O que não podia haver era trapaça. Eu tinha que dialogar com esse Poder sempre com sinceridade e me devassando perante ele.

Ainda não sei resolver o enigma contido nessa questão. Mas hoje me veio um toque cristalino. De que essa questão dos graus de obediência e das dúvidas necessárias para alimentar a fé não se circunscreve apenas no âmbito limitado de nossas ações. Nossa escolha e livre-arbítrio são reais na esfera a que estamos sujeitos. Mas como instrumentos dos desígnios do Poder, tudo continuará um mistério.

No interior da presença desse Poder, no qual somos em parte auto-suficientes e em parte dependentes e tributários, não existe o sim e o não, não há diferença possível entre o negativo e o positivo, o certo e o errado. Todas as formas de escolha, mesmo quando opostas, são concordes com o Poder, expressão de Sua Vontade, em uma obediência nem sempre consciente, diante de um destino que nos é legado por uma escolha e também por uma sujeição.

Essas e outras coisas me vieram de uma maneira não-verbal, olhando as estrelas, ontem à noite.

O Cruzeiro brilhava e creio que compreendi um dos profundos significados da Cruz. O braço vertical indica a hierarquia, o lugar de cada um, conforme sua vitória e conquista; o braço horizontal, a igualdade proveniente de sermos todos filhos do mesmo Pai, portanto irmãos.

Nessa interseção entre o vertical e o horizontal está o equilíbrio e cada um pode ver qual é o seu lugar.

## **TRABALHO DE 11 DE MAIO**

### **Mais aspectos terapêuticos**

Nesse processo de transformação do Daime, uma questão fundamental é saber onde estão nossos limites. A autoconsciência

sempre se ludibria a si própria procurando estar ou além ou aquém dos nossos limites de opção.

Quando queremos tomar uma decisão, nos libertar de um padrão, “descontextualizar”, como diria a Gestalt, somos comprimidos por uma força que quer preservar, e impelidos por uma outra que quer violentar. Uma outra terceira força surge num determinado momento desse equilíbrio instável, procurando mediar e fundir os opostos numa mesma direção, seja assumindo a tendência da cristalização ou da mudança.

Quando essa terceira força começa a agir, nossa tendência é fugir da relativização recíproca que ela acarreta entre os dois pólos da questão. Para isso, costumamos adotar arbitrariamente um dos opostos para fugir da dúvida.

Se tomamos o partido da preservação do *status quo*, reduzimos nossos limites, não acreditamos na nossa capacidade de transformação. Se tomamos o partido da transformação, nos consideramos capazes de um esforço de mudança, ampliamos nossos limites. Garantias de acertar na escolha são relativas. Podemos nos subestimar ou superestimar ao tentar adivinhar nosso objetivo e nossas condições para alcançá-lo.

Mas por outro lado, todo pólo do *completo* que foi suprimido sem síntese não deixa de existir enquanto efeito, simplesmente por esse artifício de suprimi-lo da linguagem e achar que com isso ele desapareceu da consciência.

Ao contrário do Daimon que exige e aponta para “ser perfeito”, todas as saídas terapêuticas se perdem no emaranhado de suas próprias relativizações. Ora colocando Deus no trono do homem, ora o destronando e colocando o Diabo, quando é preciso fazer determinados acordos diplomáticos com as pulsões e o instintos arcaicos.

Na verdade os caminhos terapêuticos, principalmente se não levam em conta a abertura espiritual, criam, quando muito, bombas de efeito retardado. Com recursos e técnicas diversas desmonta-se o petardo prestes a explodir na personalidade. E com os mesmos elementos arma-se uma bomba-relógio para estourar daqui a uns tempos.

O Daime é um agente de transformação (é nesse sentido que falamos do seu caráter terapêutico) porque Ele revela. E para quem recebe a revelação, esta é inquestionável. Lidando com *uma* Verdade que todos podem sentir e experimentar, o Daime ajuda a apontar as escolhas e as consolida no plano ético, através do culto da virtude, do amor, da fé e da crença de que existe uma força que nos guia rumo à espiritualidade.

Por lidar com Verdades num sentido absoluto, a cura dentro do Daime é a busca da perfeição e esta é imperativa. A escolha de seguir é de cada um, mas o caminho certo é um só. O Daime mostra, segue quem quer. Mas uma vez querendo seguir, não dá para adaptar, interpretar ou racionalizar. O melhor é se esforçar e ir até o fim.

E esse caminho é sempre a integração com as Leis Cóslicas, a procura do amor, da harmonia e da justiça e da verdade.

A cura de tensões, conflitos e angústias sempre nos remete para o cumprimento de leis naturais e objetivas que estamos violando, seja por inconsciência, seja por onipotência.

## **TRABALHO DE 2 DE JUNHO**

### **Em cada Estrela um Tesouro**

Antes de tomar o Daime entrei em concentração durante algum tempo. Cheguei até a ter visões muito nítidas que me fizeram crer que vários caminhos nos levam aos mesmos lugares.

Vi nossa existência efêmera no Universo como “sendo” um pontinho de luz que faz *pluft!* E acaba.

O plano astral e espiritual como sendo camadas sucessivas e intercomunicantes. A corrente do nosso trabalho é infinito, criando canais para a circulação de forças do mais alto para o mais baixo e

vice-versa. É quando conseguimos decolar no trabalho e, além de sermos visitados, visitamos também regiões mais elevadas.

Somados os elos dessa corrente, nos aproximamos de quem está no topo disso tudo. Passamos por paisagens e cidades, seres e arquétipos, representações e verdades, sonhos, quimeras e fatos. Até compreender que reduzir essas coisas ao conhecimento de nossa matéria não explica nada além das questões que são inerentes a esse plano especificamente material.

Quando iniciamos o trabalho, vi a superposição astral dele com o plano que era imediatamente superior. Subia até lá na forma de nossa adoração. Quem lá estava mandava sua força para nós, enquanto amplificavam nossas vibrações (somando-se a nós) mais para o Alto e assim sucessivamente.

Os canais vibracionais que perfuravam os planos formavam uma linha de transmissão ao mesmo tempo ascendente e descendente.

As condições de cada trabalho, a corrente, o bailado, a entrega, a música é que permitiam ir muitos planos acima, ou, caso contrário, nem sair do nosso próprio.

O ponto do nosso trabalho, o Cruzeiro, velas, o Daime etc., é simultaneamente o emissor para as outras esferas e o receptor do que vem de lá.

Quando o serviço está afinado, é como se plasmasse um “túnel” acima do ponto. Essa é a porta para a dimensão paralela dos planos sucessivamente encadeados. O que desce de cima na forma de graças, revelações, presenças de entidades, conhecimento, mirações é proporcional ao que estamos apresentando na corrente.

O mal, na forma de má vibração, pensamento, tentação, covardia ou desistência é o contato de cada um com suas próprias fraquezas e de quem está na corrente. Nossos erros e fraquezas abrem automaticamente em nosso aparelho portas para vibrações desarmoniosas como se fossem comandadas por uma célula fotoelétrica.

A culpa que temos, originada de nossas vacilações, fraquezas e erros, faz o papel dessa porta movida à célula fotoelétrica que abre nossos planos para as forças negativas

Culpa tantas vezes maior quanto a capacidade que o Daime tem de reduzir ao pó nossas racionalizações e desnudar os erros que fora dele conseguimos não enxergar.

Num outro momento me apareceu a mesma torre que me levava ao Astral e que eu vira no trabalho que fizera com o Paulo. O começo dela era bem em cima do ponto e sua largura variava de acordo com o andamento do trabalho.

Vi também a mesma cena da miração dos “Arquitetos”. Eles estavam praticamente no mesmo lugar, com o mesmo gesto em suspenso. E já se tinham passado oito meses que eu tivera a mesmíssima miração.

Uma luz azulada dominou todo o recinto. De repente ela explodiu e duas massas de cores se separaram abruptamente: o azul se fundiu com o Céu e o branco com as nuvens. E as nuvens se transformaram em milhares de pombas brancas que voaram em direção ao mar.

No meio dos hinos sentia dezenas, centenas de vozes cantando, muito melodiosas. Não eram as vozes de ninguém que estava ali:

“Vejo em toda estrela um tesouro  
Guardado no céu por lembrança.”

Fiquei vagando, recebendo cintilações que eram o testemunho das estrelas. Compreendia verdades e belezas que nunca entendera ou fitara antes. Comecei a pensar sobre isso. O pensamento começou a desacreditar a revelação. Não era por acaso *eu* que pensava? E essa não era a única forma que eu tinha para me apropriar de todas as maravilhas que eu estava vendo? Novamente veio o hino explicando:

“É o Mestre dizendo  
Em mim no meu pensamento.”

Comecei a prestar atenção e a perceber que uma coisa é o pensamento. Outra, distinta, é a sintonia com revelações, graças,

clarezas na forma de luzes, que envolve o cérebro e o corpo com sons e palavras que não são os dos nossos pensamentos mas de algo que vem do Astral, mesmo que assuma *a forma* de um pensamento. Entendi nesse momento o que era mediunidade, psicografia, recebimento de hinos etc.

Rumo ao Céu





## **Aventuras Esotéricas Fluviais no Purus e Adjacências**

**D**EPOIS DE TODO esse ciclo de trabalhos, aproximava-se agora o momento culminante. Ir passar o Festival de São João no novo local escolhido pelo Padrinho para viver com seu povo.

Desde a ida da Comissão até o Rio do Ouro, tinha ficado mais ou menos acertado que, devido às complicações de titulação da terra nesta região, o Incra indicaria uma nova área de 20.000 hectares para o assentamento da Comunidade. Que essa nova região, no Estado do Amazonas, seria definida de uma imensa gleba de terras pertencentes à União.

A escolha incidiu sobre um triângulo entre o Igarapé Mapiá e o Igarapé Repartição. Logo depois que saímos do Rio do Ouro, em dezembro, o Padrinho e mais um grupo pioneiro iniciaram os trabalhos de implantação do novo Seringal.

Com dificuldades de toda espécie, precariedade de alimentação e transporte, o grupo pioneiro começou a derrubada dos trechos destinados à vila e iniciou o traçado das estradas de seringa, demarcação das colocações etc.

Começaram os deslocamentos das primeiras famílias; os primeiros roçadores etc

Agora, 3 meses depois, nossa comitiva (que se resumia a mim, Sônia e Paulo) iria ver *in loco* o andamento da implantação do “Céu”, como era chamada a nova sede da Doutrina do Santo Daime aqui na Terra.

Como sempre, durante semanas houve o enfrentamento de mil batalhas. Questões que poderiam determinar a suspensão da viagem eram decididas na última hora, da maneira mais criativa possível. Dívidas contraídas, esquema com os avós para cuidar dos filhos e a tradicional compra das lembrancinhas.

Embarcamos eu e Paulo. Sônia se juntou a nós em Cuiabá. De lá, aterrissamos em Rio Branco.

De novo aquele contato com o calor, com os mosquitos, com o carinho do Padrinho Mário e de D. Lídia. Com o sorvete de cupuaçu da Sorveteria Tropical.

Uma visitinha rápida à Colônia, pra embarcar no dia seguinte de avião para Boca do Acre.

De manhã cedo, o Padrinho Mário foi nos levar de carro com o Márcio até o aeroporto. Subimos no Bandeirante, atravessamos um vasto pedaço da Floresta Amazônica e pousamos no precário aeroporto da cidade.

De lá pegamos uma Kombi, com a bagagem, até o Piquiá, onde ficaríamos na casa de pessoas ligadas à comunidade, esperando o barco que viria nos apanhar para a parte fluvial da jornada.

O lugar onde íamos ficar era precário. Milhares de carapanãs, o nosso popular pernilongo, não nos davam descanso, principalmente à noite. A ciência dos mosquiteiros era pouca para seus 350 milhões de anos de experiência. Sempre arranjavam um jeitinho de mandar uma patrulha infiltrada dentro da rede.

O calor, a partir das 8 horas da manhã, era insuportável. A poeira ia se assentando nos pulmões a cada lufada de ar.

A primeira noite foi dedicada ao bate-papo, às histórias. Era uma sexta-feira.

No sábado continuamos na expectativa da chegada do barco e nada. Só restava o consolo de vez ou outra beber um guaraná Baré numa birosca próxima. Deu uma friagem que ajudou a suportar o calor e melhorou um pouco a situação dos mosquitos.

Nada de barco, o tempo passando e a gente preocupado com algum problema mais grave que nos retivesse ali. As passagens de volta já estavam marcadas e toda demora encurtava o mais importante, que era nosso período de permanência no “Céu.”

Fizemos uma incursão pelo centro de Boca do Acre. Parecia uma espécie de Dodge City tirada de um filme de John Ford. As casinhas de madeira, as ruas de terra, os armazéns e os bares que lembravam os velhos *saloons*.

Fizemos um lanche e fomos procurar notícias. A equipe que vinha nos buscar deveria ter chegado quinta-feira. Já era sábado de tarde e nada.

Mais à tardinha o povo chegou. Com notícias não muito alvissareiras. A rabetta do motor tinha quebrado, só poderia ser consertada no domingo de manhã, quiçá segunda-feira. Caso ficasse pronto no domingo, só daria para zarpar na segunda. E se o conserto só se resolvesse na segunda, dependendo do horário, iríamos na segunda ou na terça de manhãzinha. O risco era não dar tempo para subir o Purus até a foz do Igarapé Mapiá com dia claro. E só com lanternas era perigosa a travessia noturna.

O nosso “pouso” ficou repleto. Vieram o Mirim, Feliciano, o homem do motor, Severino, mistura de chinês com baiano, Ricardo Moraes, filho de Manoel Moraes, Zé Mota, filho do Padrinho, e mais alguns que me fogem à memória. A estes nos juntaríamos os três do Rio e mais o povo que estava à espera no Piquiá, para subir para casa.

Domingo, forçamos uma barra para que a rabetta ficasse pronta. Fizemos compras etc. Segunda pela manhã carregaríamos o barco (que não era pouco serviço) para zarpar o mais rápido possível e ainda chegar com a tarde caindo na Boca do Mapiá.

Dito e feito. Domingo fomos fazer *shopping* na cidade. No Mercado tomamos um típico café da manhã da região: pão com manteiga, café com leite, banana comprida frita e uns bolinhos de farinha de trigo. Os grupos se dividiram em várias tarefas.

Para confirmar o clima reinante de faroeste, quando me dirigia com o Mirim, Severino, Feliciano e outros para a padaria, passamos pela delegacia. O delegado invocou com meus cabelos longos e mandou um soldado do plantão me chamar lá dentro. Avisei ao pessoal que já estava a uma certa distância e fui na frente.

Agravei a situação sem saber, cumprimentando o Cabo como

se ele fosse o delegado, a quem ignorei solenemente, pensando tratar-se de um soldado raso.

O homem ficou zangado e pediu minha carteira de identidade. Perguntei-lhe com que direito ele podia reter meus documentos. Aí que o homem se enfezou e disse que ali ele podia fazer tudo que lhe desse na veneta, era a autoridade etc.

As coisas estavam nesse pé, quando chegaram o Paulo e o Mirim. Falamos que éramos um grupo de estudiosos vindos do Sul, tínhamos inclusive participado de uma comissão para estudar o Daime patrocinada pelo Exército etc. O ambiente desanuviou-se. O xerife começou a falar mais manso. Disse que tinha feito tudo aquilo para nossa proteção, sabe como é, a cidade anda repleta de marginais, assassinos, vêm os senhores doutores do Sul, acontece alguma coisa, o rabo de foguete cai nas minhas mãos etc. Nas despedidas, devolveu minha carteira e pediu uma garrafa de Daime ao Mirim.

Solucionado o impasse voltamos com as roupas pra nossa última noite com os carapanãs do Piquiá.

De manhã num portinho na confluência do Purus com o Acre começamos a carregar nossa canoa. Ela devia ter uns 10 metros de comprimento. A bagagem ia sendo ajeitada pelo Feliciano e coberta por lonas plásticas. Depois de umas duas horas, “levantamos âncora”, com a previsão de parar para o almoço numa praia do Purus.

Fiquei preso a uma estranha emoção quando iniciamos o percurso. Até então o Rio Purus fora para mim um nome aprendido nos bancos escolares. Afluentes da margem direita do Amazonas: Madeira, Purus, Tocantins, Trombetas etc. Agora, finalmente, eu o conhecia. E com que majestade ele nos levava ao nosso destino. A região ainda era relativamente povoada. Aproveitando o período das estiagens, o leito muito baixo, a população ribeirinha plantava suas hortas nas praias. Barrancas enormes se formavam e, lá no alto, as casas de madeira, sobre pequenas palafitas.

Praias de areia muito alvas, troncos retorcidos ao sol, rastros de bichos, ovos de tracajás, bando de pássaros estridentes.

O único senão eram os mosquitos. Os piuns do Purus me davam

saudade dos carapanãs do Piquiá. Com a desvantagem que esses minúsculos insetos atacavam em todas as horas do dia. Quando eles entregavam o serviço à noite eram substituídos pelos carapanãs do Purus.

Depois de duas paradas para umas refeições leves, seguimos direto para aproveitar o dia. A floresta ia se adensando em ambas as margens. As casas ficando mais esparsas.

Pelas previsões de Feliciano, a parte final do percurso teria de ser feita realmente à noite — com as últimas luzes do dia chegaríamos à Fazenda. Contornamos uma imensa gaiola que se encontrava atracada no porto. Seguimos mais um tanto até a “falsa foz” do igarapé. Era um canal estreito que tínhamos de pegar até chegar ao lagunho formado pelo rio que iríamos subir.

Foi aí que quase ocorreu a tragédia. Devido à seca, o canal estava uma espécie de lamaçal. Entramos a toda velocidade para aproveitar o impulso e encalhamos num banco de areia e lodo. Praticamente não havia água onde colocar a rabeta. Feliciano se entregava a toda sorte de manobras em vão. Para completar o quadro, as margens eram um verdadeiro pântano. O Ricardo foi descer para tentar empurrar a canoa da terra e afundou até o pescoço.

A canoa oscilava quase virando com carga e tudo. Finalmente passamos, adernando perigosamente.

Por um milagre ninguém caiu. Nem mesmo uma única mala. Mais meia hora no escuro e chegamos à fazenda em que iríamos pernoitar.

Com lama até os joelhos subimos o porto, descarregando só o essencial: redes, alguma roupa limpa, e o rancho.

À noite bebemos e comemos leite, bolachas e um arroz com farofa.

De manhãzinha zarpamos de novo. Dessa vez subindo contra a corrente.

Mata fechada, virgem, por todos os cantos céu azul e pássaros de todas as cores. Jacarés indiferentes, tomando banho de sol. Borboletas variadas e ruído cadenciado e monótono do motor.

Entendi que a aventura estava apenas começando. À medida

que avançávamos, os canais do rio ficavam mais obstruídos com troncos de árvores, alguns com duas braças de diâmetro. A cada obstáculo destes, tínhamos que descer todos, menos as mulheres, para aliviar o peso e empurrar a canoa. Em cima dos paus ou no leito arenoso do rio, sujeito às traiçoeiras arraias, lá íamos nós. Quando a canoa passava, todo mundo pulava dentro de novo. Era normal que alguns marinheiros, principalmente os menos calejados, dessem com os costados n'água.

Essa era a operação mais simples. Pior era quando, mesmo aliviado o peso, a canoa não deslizava pelo tronco semi-submerso e ficava com a proa suspensa, sem tocar a água. Era a própria versão fluvial da viagem do Rio do Ouro. Em vez de caminhão, barco. E em vez de atoleiros de lama, atoleiros de pau.

Quando não dava para debelar os troncos, descia uma equipe com machados e cortavam o pau. Depois com os braços e uma alavanca, rolavam a árvore, deixando o caminho livre até a próxima parada.

Com o tempo a gente vai pegando jeito de marujo de água doce. No começo eu era incapaz de me equilibrar nas bordas do barco. Andava semi-agachado, me segurando em tudo que havia na frente. Logo, porém, ia de proa à popa, lépido e fagueiro, parecendo aqueles equilibristas de circo.

No final do primeiro dia, como as coisas estivessem muito boas, quis o destino que a rabeta quebrassem praticamente no mesmo lugar, onde se dera o defeito durante a viagem da ida.

O jeito foi ir de remo e varejão, aquela vara comprida que manejada com perícia na popa, dá uma velocidade satisfatória ao barco.

Curso intensivo de remo. Era difícil acompanhar a cadência dos outros. Mas a gente se esforçava por manter o ritmo dos remadores. Feliciano no varejão, Severino e Ricardo cuidando dos troncos e Mirim na proa, orientando a direção dos melhores canais.

Agora era mais difícil passar pelos troncos, pois não havia a impulsão do motor. Quando chegávamos perto de um obstáculo, acelerávamos os remos para tentar passar no embalo. Haja muque!

De tardinha, resolvemos escolher uma prainha para acampar.

Depois de armado o acampamento e preparado o rancho, uma equipe saiu para tentar a sorte na pescaria, enquanto os “mecânicos improvisados” entraram numa de consertar o motor.

Eu que já tivera provas da inventividade desse povo durante a ida ao Rio do Ouro, fiquei calado, observando em flagrante desafio todas as evidências que apontavam para a total impossibilidade de qualquer conserto.

Zé Mota, Feliciano e Bill entravam em conferência. Feliciano virou para Bill e disse:

— Pega lá os teus trastes de artesanato. A gente esquenta a rabeta e tenta pôr uns rebites.

— Podemos amarrar com um arame também — atalhou o Zé Mirim, por sua vez, entrou numa discussão teórica complexa sobre o tipo de pancada que deveria ser dada para que essa “soldagem esotérica” desse certo. Quase saiu discussão.

Enquanto os partidos se dividiam apaixonadamente, se o abaulado devia ser retangular ou oval, o Bill foi na canoa e trouxe sua oficina ambulante. Separou uns martelos, fios, rebites, alicates e começou a parte prática.

Eu fiquei fascinado por um tempo assistindo à operação. Era uma autêntica cirurgia.

Feliciano era o médico, Bill e Zé os instrumentadores:

— Martelo!

Tóim.

— Rebite!

Bum.

Passava-se um rebite. Pancadas secas. A rabeta ia ao fogo e era malhada. Depois, envolta em arames. Em menos de uma hora a operação parecia ter sido concluída com sucesso. O paciente repousava. O cirurgião-chefe abriu um sorriso e bradou:

— Vamos comer?

Partimos já tarde. À noite não tinha dado pra montar a rabeta no motor. De manhã, ainda perdemos umas horas nisso. Saímos lá pelas 9:00 com a rabeta funcionando satisfatoriamente, apesar de não estar apta a grandes esforços. Diminuímos a marcha.



Mais bandos de pássaros lindos davam rasantes em nossas cabeças. Jacarés nos fitavam desconfiados. Trechos inteiros da floresta se inclinavam, curiosos para nos ver passar. Em alguns deles, a canoa, ao atravessar um pau, perdia o prumo e a gente ia parar dentro de um emaranhado de vegetação, galhos, cipós. Difícil era quando nesses galhos tinham uma casinha de formiga...

O outro perigo eram uns pedaços de pau, que vira e mexe entravam no barco. Quem estava na proa dava o aviso e todo mundo se deitava ou desviava como podia.

Fizemos mais um acampamento. Comemos uns peixinhos. No dia seguinte, cedinho, zarpamos com a esperança de alcançar a Sede na hora do almoço.

Viajamos sem grandes atribulações. Disparamos uns morteiros para avisar de nossa aproximação.

Por volta das onze, numa quebrada do rio, divisamos a imensa clareira da Sede. Mais alguns minutos e lá estava o Padrinho com sua barba branca flutuando ao vento, cercado por sua família. E praticamente toda a comunidade no porto nos esperando para dar as boas-vindas.

Atraquei com o coração aos pulos. Dou de cara com o Chico Corrente retalhando um enorme surubim para o almoço. Aquele abraço. O primeiro de uma série de abraços emocionados.

Descarregamos as malas. “O Céu” era na terra.

## **Hinário de São João**

Arrumamos nossas bugigangas no armazém e instalamos nossas redes na casa do Padrinho.

Hoje já é a festa de São João, a mais importante do calendário da Comunidade. Todos se preparando. Fardas sendo engomadas, estrelas sendo polidas, preparação da fogueira, mil detalhes.

Fui tomar um banho no igarapé perto da casa do Alfredo.

Escorreguei e destronquei o pé. Ficou logo inchado. Receio não poder bailar doze horas desse jeito.

Dia dedicado aos reencontros, prosas na orla da floresta. Parece que eu conheço cada uma dessas pessoas há milhares de anos.

Hoje será cantado o *Hinário do Cruzeiro*, do Mestre Raimundo Irineu Serra, o fundador da Doutrina do Daime. Em seus hinos estão todos os alicerces do Trabalho, a história do Daime e a previsão dos seus desdobramentos.

A luz do poente vai agasalhando a copa das árvores centenárias. As primeiras pessoas começam a chegar até a Sede. Uma construção toda de madeira coberta de palha de caranaí, com uma cor castanho-avermelhada.

A fogueira é acesa solenemente. Fotos. Sinto um friozinho no estômago prevendo o que iria acontecer daqui a pouco.

Chico Corrente desliza com seus passos imperceptíveis pelo salão, colocando defumadores em locais estratégicos. As cantoras conferem seus cadernos de hinos. Velas nos castiçais. O Cruzeiro se assenta majestoso no meio da mesa, entre flores e as garrafas de Daime.

Quando chego próximo à Sede, já escuto de longe a ladainha de orações. As mulheres puxam o terço.

Tomo o primeiro Daime e entro em forma. Por uma deferência especial aos visitantes, somos colocados na primeira fila. Padrinho, Alfredo, eu e Paulo formamos no primeiro Batalhão. Seu Manoel Moraes me emprestou seu caderno de hinos para que eu acompanhasse as canções.

Alfredo puxa *Sol, Lua, Estrela*, o hino que abre todos os trabalhos da linha do Mestre Irineu.

“Sol, Lua, Estrela  
A Terra, o Vento e o Mar  
É a Luz do Firmamento  
É só quem eu devo amar.”

O Padrinho Sebastião com seu porte majestoso repica para a esquerda o seu maracá, que tem o dobro do tamanho dos demais

Depois, dá dois pequenos passos para a direita virando o corpo ligeiramente com um movimento de ombro.

Foi iniciado o trabalho. As mulheres em frente a nós por sua vez começando o bailado no sentido inverso do da fila dos homens. Das duas laterais, rapazes e moças completam a corrente formando um retângulo vibratório.

“Deus te salve oh! Luz Branca  
De luz tão prateada,  
Tu sois minha protetora  
De Deus tu sois estimada

Oh Mãe Divina do Coração  
Lá nas alturas onde estás  
Minha Mãe lá do céu,  
Dai-me o perdão

Das flores do meu País  
Tu sois a mais delicada  
De todo meu coração  
Tu sois de Deus estimada

Tu sois a flor mais bela  
Onde Deus pôs a Mão  
Tu sois minha advogada  
Oh! Virgem da Conceição

Estrela do Universo  
Que me parece um jardim  
Assim como sois brilhante,  
Quero que brilhes a mim.”

A valsinha cantada em coro por todas as vozes se afigurava para mim como a música mais linda que eu já ouvi até então.

Cada toque do maracá irradia fagulhas de luzes amarelas que

me transportam imediatamente para um outro lugar, onde sinto a presença de uma Mãe Celestial, simbolizada na Lua, que nos observa e nos ama como filhos.

A Luz Cheia desponta da mata e confirma o mistério. A cada golpe do maracá, constelações inteiras são reduzidas a finas partículas de ouro.

Os hinos se sucedem e eu sigo embalado neles, repleto de compreensões visuais. Vejo meus dois filhos, a milhares de quilômetros de distância.

“A Rainha me mandou  
Eu rezar para a humanidade  
Para ela lá no Céu  
Fazer as nossas vontades.”

Sinto claramente milhares de presenças chegando ao salão. Não são formas definidas, mas presenças. A *freqüência* delas é algo próximo da energia mental mas não é mental.

A força vai se tornando cada vez mais compacta. A sensação de êxtase do bailado vai se intercalando com momentos difíceis onde busco desesperadamente que o corpo continue no piloto automático.

Remanejamento na fila. Por pouco eu puxo o bailado. Tensão completa. Chamo telepaticamente Seu Manoel Moraes e ele assume a ponta. Julguei ser onipotência minha puxar o trabalho.

Entendo claramente, além do meramente psicológico, o que é a tendência inata que temos de fantasiar as coisas, de nos projetarmos heroicamente na vida. Bons ou maus conselhos se misturam na mente. Sou testado.

Por um ato de mágica, todas as vozes desaparecem. Compreendo que estive muito tempo fora do corpo e ele foi culpado por diversos seres empenhados em fazer dele uma tribuna de debates de certas questões espirituais.

Reassumo. A fogueira arde. A fumaça faz a luz da lua se tornar reverberante.

“A Minha Mãe é a Lua Cheia  
É a Estrela que me guia  
Estando bem perto de mim  
Junto a mim é prenda minha.”

A Luz começou a mandar em mim. Era um ser vivo. Compreendi seu imenso poder.

Segundo despacho de Daime. Nunca tive tão claro em minha vida o fato de estar sorvendo um ser divino. Volto ao meu lugar.

“Chamo o cipó, chamo a folha  
E chamo a água  
Para unir e vir me mostrar.”

Parece que bebi um sumo concentrado de toda floresta. Verdes faíscam e sou conduzido aos mistérios dos reinos encantados. Saio a passear pelo meio da mata. Em todas as manifestações da vida, um mesmo Ser. Ele comanda os ermos silêncios das capoeiras, as nascentes. Cada vida retoma o que foi efêmero e nesse fluxo incessante o tempo se desdobra em várias manifestações e testemunhos. Cada vida é, do seu modo e em seu grau, um testemunho do Tempo.

“Com amor e com alegria  
Aprender o que vós ensina  
Para todos compreenderem  
Que existe um Poder Divino.”

Ali dentro não sentia dúvida alguma da existência desse Poder. Milhares de provas, milhares de lembranças. Quanto mais eu me lembrava, mais eu acreditava. Cada hino me lembrava lugares visitados, conhecimentos esquecidos. Quando me dei conta, tinha chegado ao meio do trabalho. O canto e o bailado, o maracá e as vozes explodiram em apoteose a São João Batista:

“São João era menino  
Só vivia nas campinas

Pastorando suas ovelhas  
Pregando as Santas Doutrinas.”

Um momento muito mágico ficou suspenso no ar. Olhei para fora da Casa. A fogueira expulsava labaredas e grossas colunas de fumaça como que querendo sinalizar o campo de pouso onde São João desceria no meio da Floresta.

Os foguetes espoucavam sem parar, saudando a chegada do séquito divino. Em cores cintilantes, a força de São João desceu. A beleza visitou todos os semblantes.

Outras vozes desconhecidas e suaves se juntavam a nós e glorificavam a chegada do séquito.

Quando dei conta, estava de olhos fechados, no mesmo lugar onde bailara o tempo todo. Não ouvira o característico “Fora de forma!”, com que Alfredo costumava anunciar o intervalo do trabalho. Seguia em espírito a esteira de luz daquela visita que acabara de ocorrer em algum ponto da Floresta.

Estava tão pregado que mal conseguia dar um passo. Com dificuldade, tentei concatenar pensamentos e reflexos. Cada passo era uma complicada operação, com milhares de ordens e contra-ordens.

Com dificuldade cheguei até a janela e lá me apoiei. O trabalho, para mim, continuava a pleno vapor

Comecei a tomar uma peia. O Daime ziguezagueava dentro do meu corpo e me encurralava. Todas as minhas mentiras, fraquezas e racionalizações desse período de um ano em que primeiro me ligara ao Daime começaram a vir à tona. Sofria. Tinha medo de desmontar. Não consegui me esconder de mim mesmo. O Daime me impelia ao reconhecimento de minhas falhas, à minha entrega, humilhação diante daquele Poder. Mas não era um poder coercitivo, externo a mim. Era um Poder que também era eu e que me impelia à perfeição. Por isso eu sofria. Porque queria ser perfeito. Descobrimo isso, as coisas melhoraram. Eu queria honrar aquele Poder. Pedi perdão por todos os meus erros e firmei compromissos muito sérios de transformação.

Assim mesmo eu balançava. Estava a um fio de me debulhar em lágrimas e vômitos. Senti que na segunda parte do Hinário eu

teria que provar minha sinceridade. Pedi proteção, invoquei o que eu podia e concordei em me submeter a todos os testes.

Uma vez definido isso, pude compreender a beleza desta Doutrina. O caráter divino da missão do Mestre Irineu. O Daime entrava dentro da gente e ia mostrando. Os hinos iam explicando. E bastava a gente acreditar na beleza e sabedoria daquela experiência, que nenhum segredo da Criação, da Vida, do Universo deixaria de ser revelado a nós.

Via tudo roxo. Hesitante, fui andando aos pouquinhos, descí a escada e me sentei no armazém. Ainda trabalhando. Vi de repente o céu se transformar em algo amarelado e no meio dele brotarem várias meias-luas cinza crescentes em forma de cimitarra.

Era o sinal de uma grande entidade. Procurei reconhecê-la, mas a força era tão forte que seu eu piscasse, caía. Não conseguia chegar a ela por fraqueza. Quando isso acontece, uma miração belíssima pode se tornar aos nossos olhos, em poucos segundos, uma imagem apavorante.

Aos poucos fui me serenando. Não houve pedra que ficasse sobre pedra do que até então eu julgava ser meu Eu. Mas meu propósito era vencer. Os maracás chamavam para o reinício do trabalho. Entrei novamente na fila mal acreditando que eu pudesse ficar de pé mais seis horas seguidas. Na segunda parte, o Hinário seria cantado e tocado.

A música começou. *Flashes* de minha vida começaram a desfilar ante os meus olhos. Revi as cenas de quando fora torturado num quartel da Aeronáutica. Só que, agora, eu via algumas entidades que me assistiam e que impediram que eu morresse. Para que meu destino se cumprisse e eu estivesse ali, agora. Elas me pareciam íntimas

“Chamo o tempo, eu chamo o tempo  
Para ele vir me ensinar  
Aprender com perfeição  
Para poder ensinar

Firmeza no pensamento  
Para seguir no caminho  
Embora que não aprenda muito  
Aprenda sempre um bocadinho.”

Comecei a dominar o tempo. Me dissolver e reagrupar em qualquer momento que eu desejasse. Eu podia encostar em qualquer vivência do passado, senti-la novamente como um fruir presente, cortar a cena e dar prosseguimento a ela no ponto em que tinha parado anteriormente.

Dialogava assim com toda minha vida, reconhecendo que tipo de força a cada momento me guiara, tanto para o bem como para o mal. Isso me dava uma extraordinária clareza para poder transformar o que eu julgara necessário. Lembrei dos compromissos que assumira durante o intervalo.

Voltaram as cenas de tortura. E meus filhos. Vi seus rostos sorrindo para mim. Agradei muito por ter podido conhecê-los em matéria. Eles que tanto tinham me ajudado naqueles dias de pavor e incerteza dentro de um centro de tortura.

Pedi e orei por todos que morreram da maneira que quase morri, sem nenhuma esperança de continuidade.

As coisas eram claras num momento. Escuras em outros.

“Esse estrondo eu ouvi  
Foi Deus do Céu foi quem ralhou  
Dizendo pra todos nós  
Que tem poder superior.’

O corpo esmoreceu e quer sentar, descansar. A sintonia na corrente é uma faca de dois gumes. Às vezes, quando ela está harmônica, nos abastece daquilo que nos falta. Outras vezes, alguém começa a se confundir, o erro vai atrapalhando os outros e quem tá firme tem que deslocar sua energia para fortalecer aquele ponto que se enfraqueceu.

Novo espoucar de foguetes me desperta da sensação de torpor



“Te levanta, te levanta  
Levanta quem está sentado  
Para receber o mensageiro  
Que vem do Jardim Dourado.”

Depois de momentos de apoteose, sinto um vácuo em torno de mim. Sinto que é chegada a hora do enfrentamento, acertado entre mim e o Daime durante o intervalo.

Comecei a enjoar tanto que as golfadas do líquido quente estão próximas de minha boca.

Saio, vou até o ancoradouro dos barcos e vomito. Vejo miasmas e fluidos estranhos saindo junto com a massa pastosa e fermentada.

Volto ao salão. Fica claro que a luta mal tinha começado. Agora é a vontade incontida de defecar. Saio novamente às pressas sem ter certeza se já estou todo borrado.

Chegando lá fora procuro uma vela, suando frio. Quando vou me preparar para aliviar essa agonia, o Chagas passa por mim e dá a entender que ali está muito perto da casa para servir de banheiro.

Humildemente me retiro meio vexado e me embrenho por caminhos do mato. Quando me agacho, a claridade da Lua Cheia precisa os contornos de onde eu estou. Ouço ao longe.

“Enxotando os malfazejos  
Que não querem me ouvir  
Que escurecem o pensamento  
E nunca podem ser feliz.”

Estou em uma encruzilhada. Começo a defecar pequenas bolas de fezes com uma dor lancinante. Cada pequena bolinha tem a forma de um bicho meio demoníaco com rabinho, são personificações, na miração, dos seres que presidiam todas as minhas más condutas e que eu prometera expelir hoje. Os estou expelindo nesse momento, com muita dor e muito alívio.

Parava para respirar, sofrendo. De repente vi seres de todas as espécies e formas empoleiradas nas árvores, ou suspensos no céu, em atitudes que se alternavam entre a indiferença e a hostilização

Tive muito medo. Uma voz me explicava que aqueles eram seres pertencentes a todas as espécies de “linhas” negras que existem no Astral Inferior. Vieram ali para testemunhar a minha firmeza em expulsar de dentro de mim os diabinhos, seus companheiros.

Entreguei-me a Deus e as visões desapareceram.

Estava exausto. Recompus-me lentamente e percebi que tinha passado uma imensa batalha de fé. Não acreditasse eu que o Daime era superior a todos aqueles seres e que garantiria aquele meu ato simbólico de limpeza, acho que sucumbiria ao peso dos fantasmas que não pudesse debelar. E as visões persistiriam a me atormentar, até quase à loucura.

Lavei o rosto num fio de água corrente. Lá do salão ecoava na noite:

“Flor das Águas  
De onde vens, para onde vais?  
Vou fazer a minha limpeza  
No coração está meu Pai.”

Voltei leve para o Hinário. Formei ao lado do Chico Corrente que puxava o bailado. Logo depois chegou o Padrinho e eu senti emanar dele um jato de luz que me consolidou um grau, que eu obtivera ali, naquele trabalho prestes a se findar.

Dentro da corrente eu me lembrava do meu desejo titubeante de bailar no meu primeiro trabalho de Daime um ano atrás. Agora eu via o lado de dentro, batalhava com meus irmãos, era cúmplice e sustentava esse segredo.

Detrás da pretensa complexidade estava a simplicidade dessa doutrina: se entregar ao Poder, deixar ele ir transformando a matéria e elevando o espírito.

A todo instante nós é que delimitamos nossos objetivos. Autorizamos o Mestre que é o Daime a nos comandar. O conhecimento avança, junto com o poder que esse ser passa a ter sobre você.

Mas o resultado sempre vale a pena.

Terminado o trabalho, eu estava exausto e feliz. Tinha sido a

mais dura prova até então. Mas alcançara por meu mérito uma graduação fundamental. Sentira no trabalho a mistura de um ajuste de contas e uma recompensa.

Fui para um cantinho com uma caneca de Nescau e me deixei ver pela Lua Cheia.

## **Voltando Graduado**

O resto do tempo no seringal do Céu foi dedicado a vários pequenos trabalhos de aperfeiçoamento, às conversas gostosas nos recantos da mata, às reuniões musicais, sempre que as folgas no trabalho permitiam.

Certos rituais eram imperdíveis, como por exemplo o banho do Padrinho. Verdadeira romaria dos homens até a cacimba. Quando o velho estava inspirado, contava casos engraçados, fazia preleções religiosas e comentários bem-humorados sobre as dificuldades materiais da comunidade, a vida dos seus membros etc.

De outras vezes ele se ressentia das dores de estômago e da falta de ar. Mesmo nesses momentos não perdia o ânimo. Interpretava cada uma de suas seqüelas físicas dentro de um contexto espiritual mais amplo, parte integrante do testemunho que viera dar na terra.

O Padrinho, como vários homens iluminados e conhecedores de sua missão, sabia da inexorabilidade do sofrimento e da perseguição. A expectativa diante do parecer das autoridades sobre a doutrina era uma coisa que lhe sufocava o coração.

Por outro lado, como aparelho superdesenvolvido, constantemente era assediado por entidades poderosas que lhe exigiam um enorme dispêndio de energias físicas e mentais.

Peça central daquela comunidade unida pelos mesmos objetivos espirituais, recaíam sobre seus ombros todas as falhas e naturais dissensões no curso da caminhada. Responsável pela doutrina, sofria por cada um do seu rebanho. E sempre alertava a todos:

— É só vocês fazerem as coisas certinhas, cada um por si, que eu deixo de ficar doente.

As horas do dia eram poucas para fazer tudo que se queria. As equipes de trabalho saíam cedo, as mulheres cozinhavam a pouca comida que havia. Com 5 meses de implantação, as dificuldades ainda eram enormes e o espectro da fome rondava a todos. Com muita dignidade passavam essa provação, comentando que dali a meses a situação melhoraria com as primeiras colheitas dos roçados de arroz, feijão, milho e macaxeira.

Várias vezes por dia eu atravessava a “ponte de barcos” sobre o Igarapé M, para ir da casa do Padrinho à casa do Alfredo, os dois pontos principais de encontro na Vila.

Até que um belo dia tivemos de voltar. Despedidas emocionadas, um som até de madrugada na casa do Alfredo. E as promessas reiteradas de um novo encontro em dezembro, desta vez em Rio Branco, para onde se deslocaria o Padrinho.

De manhãzinha, novamente o ritual de carregar o barco. Feliciano tinha ido na frente, com um barco do Incra, levar a rabeta avariada na vinda para consertar em Boca do Acre. Voltaria numa canoa pequena já com o motor, enquanto a gente desceria de remo o igarapé. Em algum ponto dele nos encontraríamos, passaríamos o motor para a canoa grande e seguiríamos pra Boca do Acre.

Aproveitando a carona, iriam a Madrinha Rita, o Alfredo, Neves, o Chico Corrente e outros. Alguns pra Boca do Acre e outros pro Seringal Rio do Ouro.

Investido de minhas divisas de remador, começamos a odisséia que duraria dois dias. Finda a primeira hora julguei que não conseguiria dar mais uma remada. Passado esse ponto crítico, a gente se esquece do cansaço e é capaz de remar 8 horas seguidas numa boa.

A única diferença da vinda era que descíamos o rio, o que facilitava as coisas. No mais, tudo igual. Pássaros, jacarés, zunzum no barco, troncos, machadadas, empurra-empurra da canoa, mergulhos imprevistos etc.

Ao final da tarde, exaustos, procuramos um lugar para acampar. Novamente fiquei na “boca da onça”, devido à minha demora em armar a rede e o mosquiteiro.

Sônia tinha pegado uma forte gripe ainda na Sede. Isso a debilitou e, somando-se a umas passagens espirituais difíceis, agravou seu estado geral.

A umidade, o sol, a falta de conforto, as paradas da canoa, a péssima alimentação foram pouco a pouco fazendo com que seu estado se tornasse alarmante. Quando paramos para pernoitar num outro rancho, ao término do segundo dia, ela começou a sentir dores terríveis no pulmão. Fizemos um trabalho de cura. Palavras do seu médico, dias mais tarde, no Rio de Janeiro (que diagnosticou uma pneumonia com derrame na pleura): “Só pode ter sido esse tal de Daime que manteve você viva. Outra resposta não tenho.”

No outro dia pela manhã, encontramos Feliciano na casa do Seu Raimundo, já próximo ao Purus. Explicou que consertara o motor, subira o Purus animado, pensando que alcançaria a Sede antes de nossa partida. Mas assim que entrou no Igarapé M, a rabeta começou a apresentar novos defeitos. Ele tinha feito uma nova improvisação mas considerou arriscado forçar o motor subindo o igarapé. Já estava ali há dois dias nos esperando. Nessas circunstâncias, só teremos metade da força do motor disponível para subir o Purus. E a possibilidade dele quebrar várias vezes por dia, para se recolocar uma bucha.

De positivo só mesmo um maço de Hollywood que ele tinha trazido de Boca do Acre. Nossos cigarros tinham acabado há muito e fumamos com prazer.

Seguimos viagem e no final do terceiro dia atracamos na mesma fazenda que pernoitamos na ida. Armamos a rede na casa da farinha, ranchamos, dormimos e saímos no outro dia pela manhã. Na velocidade irrisória que íamos, ainda por cima parando para colocar sucessivas buchas no motor, levaríamos ainda dois dias, na melhor das hipóteses, para vencer o Purus.

Ao final do quarto dia resolvemos parar numa linda praia do Purus, com algumas casas. Pedimos pouso e lá fomos nós para a casa da farinha. Entardecer róseo. Blocos de areia rachados pela seca no leito do rio faziam desenhos simétricos de quilômetros de extensão.

Eu e Sônia fomos passear, ela ainda muito abatida. Apareceu

um veado enquanto descarregávamos a canoa. Um dos moradores das casas saiu correndo atrás de uma espingarda, enquanto torcíamos descaradamente para que o veado fugisse, o que acabou acontecendo. Chico Corrente pediu para que fôssemos parcimoniosos no nosso júbilo ecológico, porque afinal das contas aquilo era uma provisão de carne importante para várias famílias, e o cidadão da espingarda devia estar irritado de não ter chegado a tempo.

Na manhã seguinte saímos de madrugada, às 3 horas da manhã. Um quadro inesquecível. Uma meia-lua prateada envolta em misteriosa bruma e auras de luminosidade de rara beleza. Parecia a miração que eu tivera, das meias-luas em forma de cimitarra e que eu entendera como o símbolo de determinada entidade.

Nesse clima de magia, fomos deslizando no Purus, envolto em forte neblina. O silêncio se impunha como uma forma de solene reverência àquela beleza.

A luz declinava seu meio arco para a esquerda, como se lentamente desse suaves passes por sobre nossas cabeças. A névoa condensada acumulava sua luz, projetando sobre a lua verdadeira uma outra maior, de uma luminosidade levemente embaçada. Por um momento próximo do amanhecer nosso barco parecia ser o centro do mundo. O Purus, sua veia líquida. E enquanto à nossa direita o sol nascente delineava as copas das árvores com matizes avermelhados, à esquerda a lua declinava com seus prateados. Mais acima, na abóbada do céu, ainda era escuro e as últimas estrelas espreguiçavam.

Olhando para a Madrinha Rita na proa do barco com seu semblante sereno, veio-me imediatamente o hino do Mestre Irineu.

“Aí eu botei os olhos  
Aí vem uma canoa  
Toda de ouro e prata  
Com uma senhora na proa.”

Aos poucos, o sol começou a nos castigar. Fomos obrigados a várias paradas, seja para as refeições, seja para os intermináveis concertos na rabeta. A cada parada, nuvens de piuns; os mosquiti-

nhos sedentos de sangue desciam sobre nós e disputavam entre si os últimos centímetros de canela que ainda não tinham sido tomados pelas centenas de minúsculos pontinhos vermelhos.

Conseguimos manter um ritmo uniforme do meio-dia em diante. Tudo levava a crer que, pela noitinha, estaríamos aportando em Boca do Acre.

Ao entardecer, íamos silenciosos. Como se a chegada se avizinhasse finalmente, todos liberaram o cansaço acumulado nesses 5 dias de exaustiva viagem. Cada um absorto em seus pensamentos Somente o matraquear monótono do motor Tietê nos chamava vez ou outra para a realidade. Já tinha me acostumado a uma sensação ambígua durante as quebras sucessivas do motor: por um lado, a preocupação de atrasar mais a viagem, pernoitar novamente no mato. Por outro, uma sensação reconfortante de se livrar do barulho, de completar e unir o nosso silêncio interior com o da natureza circundante.

Nesse momento, começou a descer uma força muito grande sobre nós. Eu estava meio deitado sobre a carga, olhando para o céu azul-celeste ornado de nuvens cor-de-rosa. Senti que algo “seguiu” nosso barco. As estrelas começavam a espoucar no firmamento Tive uma visão, nesse momento, de uma Virgem. O rosto, manto e a coroa se confundiam com o céu, nuvens, estrelas; uma paz e serenidade enormes entravam por dentro do meu corpo e eu sentia a visão “falar” comigo através de vibrações suaves, quase carícias Num determinado momento senti-me bem debaixo do local onde se delineava a visão. Em seguida, palavras, vozes e melodias tomaram conta da minha cabeça. Automaticamente procurei a melhor sintonia para receber tudo aquilo. Aquela força se comunicava comigo. Ouvi nitidamente um comunicado que transcrevi no meu caderno. Depois ficou bailando uma música em minha volta Ia receber um hino, mas o excesso de expectativa me atrapalhou. Ansioso demais para capturar o hino, termino me enrolando. As sensações extasiantes cedem lugar a um trabalho penoso, de me conformar com a perspectiva de ainda não recebê-lo naquele momento. Depois que consegui entender o ocorrido, relaxo a ponto de retomar o estado de felicidade anterior. É assim que divisamos as

luzes de Boca do Acre. Exaustos, esperamos o caminhão que nos levaria ao Piquiá.

No dia seguinte, o Bandeirante nos leva a Rio Branco. Sônia piora das dores do pulmão e embarca para o Rio. Eu resolvo ficar mais uns dias para o trabalho comemorativo de passagem do Mestre Irineu. E também para conversar com o Padrinho Mário sobre umas tantas questões pessoais.

## **Recebendo a Farda no Quartel da Rainha**

A missa do aniversário da morte do Mestre Irineu é uma das cerimônias mais fortes do calendário. Mistura de rezas e hinos que se referem quase exclusivamente à passagem da morte.

O Padrinho Wilson avisou que as portas da Igreja seriam trancadas e a concentração de duas a três horas não poderia ser interrompida sob nenhuma hipótese.

Formou-se a mesa. Sentei na primeira fila dos bancos, em torno da Estrela. Veríssimo, Rama e Padrinho Mário se juntaram a mim numa espécie de linha de frente. Sentia que trabalhávamos juntos como um pelotão de choque.

O Daime pegou forte. Atrás da aparente imobilidade de todos os presentes, era visível que cada um ali estava debaixo de um forte balanço interior. Qualquer vacilo na mente e lá se ia pra dentro do redemoinho. E haja força para poder voltar são e salvo à superfície.

Com mais ou menos uns 40 minutos de concentração, ficou claro que vinha “disciplina”. Era dia propício para acertos de contas.

Tânia inaugurou o ciclo de vômitos. Numa das pontas da Estrela, só teve tempo de baixar e vomitar ali mesmo no chão. Em seguida o Padrinho Mário no outro vértice da estrela deu uma sonora e prolongada vomitada. Foi a senha. Durante uma meia hora, do lado dos homens e das mulheres, foi um atrás do outro. Com



dignidade as pessoas se recompunham, sem sair do lugar. Mas ficavam as poças. E o odor desagradável impelia os outros a vomitar.

Terminada essa fase em que, mal ou bem, eu atravessara sem maiores enjôos, começaram as mirações. Vi o Mestre Juramidam descer no salão. Quando tentava precisar sua forma, fui arrebatado em espírito e levado para uma região que apresentava uma luminosidade opaca. O ar era rarefeito e eu respirava com dificuldade dentro de uma planície, que, só depois, percebi tratar-se do pátio interno de uma gigantesca fortaleza. Lá eu me lembrava do hino:

“Estando nessa Fortaleza  
Onde me rodeia o Sol  
Encostado a meu Império  
Dono da Força Maior.”

As pedras tinham a tonalidade de jaspe e veios brancos. Comecei a ver um ruído que vinha de dentro do prédio. Atravessei o pórtico de pedras guardado por dois sentinelas. Entrei por subterrâneos sombrios onde sentia muito calor. Tiniam ferros, correntes e o bater do martelo na bigorna. Havia outros pátios e câmaras subterrâneos onde eu percebia alojamentos de um corpo de tropa. Várias pessoas andavam de um lado para o outro. Algumas de farda branca e outras de farda azul, iguais as que usávamos nos trabalhos. Eu pensava:

— Como pode existir um exército desarmado?

Aí vinha na minha mente uma resposta:

— A Farda é a arma.

Então eu me lembrava que várias vezes tivera a sensação, durante os trabalhos, de empunhar uma arma ao vibrar o maracá.

As tropas se preparavam para algo que ia acontecer e que eu não conseguia entender. Emissários eram enviados para todo lado; saíam e voltavam grupos numa atividade incessante. Todos passavam junto de mim e ninguém me ligava importância.

Seguia os corredores como se conhecesse o lugar. De repente, me vi dentro de um salão. Passando por uma espécie de balcão,

alguém me entregou minha farda. Coloquei-a num vestíbulo e entrei num outro salão, maior ainda. Dentro dele tinha um trono onde estava sentado o Mestre. Mas eu só via uma Luz que ofuscava e me cegava. Baixei humildemente os olhos. E diante do trono eu disse: “Sou Midam, juro lealdade eterna a esse Império.”

Quando concluí essa frase, estava às lágrimas de tão emocionado. Da mesma maneira que tinha sido arrebatado até a fortaleza, caí vertiginosamente em mim, em plena concentração, na Igreja.

Fui novamente transportado a um outro plano Astral e me apareceu o Padrinho Sebastião, com barba ainda mais imensa do que a que ele normalmente porta. Apresentei-me a ele fardado e ele mentalmente me confortava, me serenava e explicava minha missão.

Acabada a concentração, começou a Missa propriamente dita. “Vi” a morte como possibilidade de uma escolha. Entendi o significado da passagem do Mestre Irineu e a necessidade de reverenciar e agradecer àquele que, no Daime, tanto fazia por nós.

Numa outra hora de apuro, baixou uma entidade feminina e quis entrar no meu aparelho. Só permiti que ela encostasse e se comunicasse comigo. Ela se apresentou, deu o seu nome e revelou que era a responsável por uma série de passagens atormentadoras que eu tinha passado no último ano, ciclo esse que tinha se fechado precisamente no último trabalho de São João no Mapiá.

Sua voz era melíflua, prometia prazeres, mas o sentido de sua apresentação era que eu tinha vencido sobre as tentações que ela me impusera. Seu papel estava cumprido, ela tinha vindo se despedir.

Ao terminar o trabalho, uma frase tomou conta de mim: “Age sem motivo para a culpa que estarás honrando a quem te criou”



# Confirmações



O PERÍODO QUE vai desde a volta do “Céu”, em julho, até a última viagem ao Acre, em dezembro, foi um período importante e difícil.

Os passos principais já tinham sido dados. Agora era sedimentar as conquistas para em seguida fazer a triagem das certas.

A continuação na Batalha do Conhecimento exigia cada vez mais entrega. Chico Corrente já me dissera.

— Primeiro a gente vê, depois confirma.

Sentia algo parecido. Firmados os compromissos, a vida ia se encarregando de testá-los. As aquisições já eram muitas e as dúvidas, ao contrário de antigamente, mais serviam para chegar à fé do que para escapar dela.

A gente sempre quer ser o que talvez não estejamos preparados para suportar. Em busca dos grandes sinais, dos prodígios, perdemos os pequenos sinais que podem realmente nos revelar aquilo que nos é pertinente.

A jornada ia chegando ao fim. De julho a dezembro, meu aprendizado foi mais uma consolidação. Tirando uma pedrinha aqui e outra ali, de algum túnel ainda meio obstruído, e pavimentando as estradas já abertas.

Transcrevo apenas as passagens mais importantes das minhas fichas de anotação dos trabalhos com o Daime.

## **TRABALHO DE 2 DE SETEMBRO**

### **Linguagem e Eternidade**

Tive uma experiência interessante sobre os caminhos que conduzem à linguagem. Logo após tomar a primeira dose eu sentia momentos de harmonia muito intensos. Num momento seguinte eles se repartiam em significados maravilhosos que formavam imagens complexas e simétricas, na forma de figuras geométricas, mandalas e ícones. Elas iam se diferenciando entre si até que eu podia lê-las como palavras e frases cheias de sofisticadas sugestões poéticas. Finalmente tudo aquilo se transformava em frases muito simples e eu me dava conta de que todas essas sensações ocorreram a partir dos hinos que eu ouvia.

2 — Entendi também qual é o poder que está em nosso cérebro, que mesmo sem ser propriamente mental, é por nós traduzido como sendo concernente ao mental. Num determinado momento do trabalho, comunicações telepáticas são criadas, objetivando um campo próprio onde o trabalho se desenvolva.

É essa zona semitangível, fronteira sempre instável entre a consciência imediata dos sentidos e a supraconsciência, que serve de antenas sensoras para captar aquilo que vem do Astral.

A experiência de Deus, ou de uma Causa Primeira, é inicialmente uma explosão nessa zona fronteira. A coleta paciente de suas paisagens, vozes, luzes, murmúrios e mistérios. Até o ponto em que diversas “totalidades” são montadas, para em um outro momento se revelarem reles elementos primários de um novo Todo infinitamente mais complexo.

3 — Eternidade: Chegar no infinito é deixar que aquilo que não tem respostas se manifeste como a própria resposta. Quando descobrimos, depois de tanto usar a razão, que podemos “sentir” o mistério, compatibilizarmos nossa existência com a sua preexistência, sem pretender violar os seus desígnios, beiramos a compreensão daquilo que se chama vulgarmente de Eternidade

O infinito nos remete ao ilimitado no Tempo. Nosso aparelho material não comporta órgãos que sensibilizem estas dimensões. Em certo sentido somente o nosso sentimento pode compreendê-los através de uma percepção que varia entre o afetivo e o estético, entre o intuir e ficar na experiência.

Agora, enquanto ser vivente em matéria, o testemunho que podemos dar da eternidade é apenas de um bilionésimo do seu transcurso. Somos uma peça efêmera dela, entre outras peças efêmeras. Mas se num outro estado de percepção intuímos esse halo que nos envolve sem começo nem fim, aparentemente, de alguma maneira, essa experiência nos solda a esse mistério e passamos a fazer dos seus fundamentos, por mais insignificante que sejam, essa nossa parte dentro do Cosmos. Provamos da eternidade, é preciso voltar antes que as pistas se apaguem.

O trabalho com o Daime é, em certa medida, lembrar-se do dia quando essa aurora boreal do espírito foi vivenciada. Dentro e fora. O percurso seria agora automatizar procedimentos mentais, energéticos e corpóreos para reencontrar o lugar que está reservado a cada um no Paraíso.

O Paraíso é o Tempo sem amarras nem limites.

4 — Registro de visual: Na mesa onde armamos o “ponto” vi a figura de um mártir cristão, deitado, exangue. De barba e lívido com um sorriso. Trapos o envolviam.

## **TRABALHO DE 7 DE SETEMBRO**

### **Experiência de Transporte no Espaço**

5 — Aparição de uma entidade. Ela tomou a forma de um animal, parecendo com um tamanduá cinza bem claro, quase branco.

6 — Transporte no Espaço. Várias vezes já me aconteceu, com graus diferentes de certeza e nitidez, a sensação de me deslocar



enquanto “consciência não-corpórea” para regiões astrais e estrelas longínquas. Como também sentir, com clareza, que habitava por algum tempo em outros mundos, cuja materialidade era tão sutil e leve que às vezes me parecia já fazer parte do reino dos espíritos.

Minha dúvida sempre foi a de situar esses mundos no Exterior ou no Interior de mim mesmo. Seria na verdade um transporte telepático tipo filme de *science fiction*, ou um trabalho de profunda prospecção arqueológica dentro de nossa memória ancestral? Até encontrarmos um diminuto filamento genético que uniria nossa origem com as estrelas mais distantes?

Por outro lado, o que detona essa propulsão, seja no rumo das galáxias ou dos microuniversos contidos em minhas células? Seria o poder de uma energia, que me transportava *em matéria*, para aqueles lugares, como se calçasse as sandálias de Mercúrio?

No meu íntimo, a resposta era a Fé. A crença naquilo que eu conseguia ver e elegia como uma verdade e, sendo verdade, nela permanecia. Consciente de que nada naquele percurso era mentira, a não ser que eu fraquejasse e quisesse que fosse uma mentira.

O medo de viver uma mentira sempre vem a partir dos rasgos da consciência do Ego, que se mantém desperto na superconsciência do Espírito. Quando ele acorda no meio do espaço e não vê nem braço nem pernas como sua continuidade natural, se alarma. E, mesmo sonolento e dopado, ele busca argumentos para impedir aquele vôo: a linguagem psicanalítica, os apelos às projeções inconscientes são os mais usuais.

Com isso quero mostrar o seguinte: combater essa dúvida que pode nos deixar à deriva, boiando no desconhecido, requer não só assegurar um estatuto de realidade à própria experiência que estamos vivenciando, como também garantir a legitimidade desse novo *sujeito espiritual* que usufruiu dessa experiência. E que, mesmo sendo o verdadeiro “Eu”, é combatido pelo outro “Eu”, que é o próprio ego, autodelegado representante do que chamamos vida.

No momento em que eu sentia a dúvida do Ego infiltrar-se, para me defender dele, concentrava-me repetindo para mim mesmo: “Eu quero!” “Eu sou!”

Num certo sentido, não podemos inventar nada, se estamos

guiados por uma Força que nos conduz a um outro plano. Mas nossa vontade pode aplinar conflitos e tornar inteligíveis estas experiências, quando nos faltam linguagem e conceitos para entendê-las. Neste sentido é que a vontade, mediante o vasto arsenal do inconsciente, pode fornecer os elementos figurativos que nos faltam para que as visões se impregnem de nosso próprio simbolismo e com isso, tenha sentido. Para que, crendo na familiaridade do que estamos vendo, aceitemos o outro lado desse mistério e, independente de todas as artimanhas racionais do Ego, possamos abrir as portas dessa outra *superconsciência*.

E o que é o inconsciente senão esse vasto depósito de imagens oníricas, cuja guarda e controle são tão necessários, exatamente por violentar os limites desse *Ego-Casulo*, em que nos esforçamos em fazer conter a vida?

O Padrinho diz, chamando esse *Ego-Casulo* de *Eu Inferior*, que ele não é ainda a vida, mas sim o ovo. Mas nele é que se gesta o pinto, que é a verdadeira vida. Furando a casca do Ego é que renascemos e temos a verdadeira vida, a consciência dos dois planos.

Nessa minha viagem, eu via profusão de astros e não controlava a velocidade dos acontecimentos. Tinha um medo parecido ao dos astronautas, cujo combustível acaba obrigando-os, pela inércia, a varar o universo sem fim.

Num determinado momento, estava tão longe da terra e do meu Ego que já não havia resistência alguma. Deus era uma certeza. Fora dele só existia o pavor e o incognoscível. Era uma opção minha: apagar todos os sinais na tela do meu radar e ser uma partícula não-consciente de um Nada não-compreendido, ou seguir sendo uma insignificante centelha consciente daquela Força Divina, nisso residia a última esperança para a promessa do retorno, onde, revestido novamente do outro Eu ligado ao corpo, aquela lição se completaria e tudo teria sentido.

Meu Ser em forma de pura consciência cósmica se fundia ao éter. Todas as constelações e galáxias eram sentidas por mim como bases, pontos, onde Deus havia plantado sua Inteligência. Testemunhos orbitais incessantes de sua obra de Ideação Divina e perene.

Todos os astros, sistemas, planetas, estrelas, eram e tinham sido. A semente divina ali germinara mas o Criador já tinha ido embora. E a cada criação, ele condensava mais energia para as novas criações. Num determinado momento, pude compreender, em um sentido alegórico, a afirmativa einsteiniana de um Universo em expansão. As sementes são deixadas, e a Força que plasma a matéria segue criando. Mas além do limite do que foi criado, até esse presente instante, o nada exterior a este Raio da Criação é igualmente o mesmo Criador que se abre continuamente a que ele próprio lhe fecunde, ampliando assim a temporalidade espacial da sua Criação Divina.

Nisto reside também a dualidade Masculina e Feminina de Deus, o mistério da Trindade, verdades universais conhecidas tão de perto pelos mitos dos povos ditos “primitivos” em suas cosmogêneses repletas de alusões e alegorias sexuais. Nelas, a criação é sempre o resultado de complementaridade originária entre a Força Ativa Masculina e a Passiva Feminina, na criação de todas as coisas no Céu e na Terra.

A grande questão que o Daimon me revelou nessa viagem foram as portas de comunicação, ou melhor, as verdadeiras câmaras de despressurização que unem esses planos paralelos da existência.

Já não sabia mais se temia ter deixado minha matéria num planetinha insignificante, que eu já nem via mais, do lugar onde estava. No fundo começava a me alegrar com a hipótese de continuar indefinidamente esta viagem.

Foi quando, entre as imensidões celestes, desemboquei numa outra imensidão onde bilhões de mares de larvas e formas se moviam em cores e procedimentos impensáveis. Entendi que voltava de onde eu tinha saído: de dentro do meu corpo. Via todas as minhas células borbulhando como paisagens de um mundo se formando. Compreendi que cada um daqueles pontos minúsculos era um universo onde podiam estar aprisionadas todas as galáxias que eu vira. A humildade que eu sentira no Cosmos se completava agora, com a compreensão de que meu envólucro corporal continha em microescala o mistério de todos os Universos. E, se eu aprendesse o caminho desse conhecimento, poderia sempre mergulhar

dentro de mim e achar o universo inteiro. E estando no Universo, abrir as portas que me conduziram a mim mesmo.

A Obra da Criação é essa simultaneidade de ser a mesma Coisa.

## **10 DE SETEMBRO**

### **O Conhecimento dos Mitos**

Hoje em dia, fico perplexo com a pretensão desmedida com que nossa Ciência, nesse atual período das Trevas Racionais, tem de explicar, mensurar, classificar, axiomatizar e equacionar os desafios da vida.

E, mais ainda, de estigmatizar todas as outras formas de conhecimento que nunca pleitearam tal estatuto e sempre prescindiram de um método.

As verdades espirituais nunca precisarão de instrumentos, medidores e cálculos. Por mais que certas doutrinas espirituais façam um esforço paradoxal para provar seus fundamentos à luz do pensamento, da lógica e da ciência careta. A intensidade desse pecado original da Espiritualidade, essa ânsia de ser legitimada pelo saber é sempre contraditória. O que se aumenta nas provas se perde na fé. Seja se escorando na mais moderna cibernética ou em algum positivismo tipo século XIX.

Mas isso é o menos grave. O que é mais triste é ver como há mais de um século a moderna antropologia trata os mitos indígenas de criação, mesmo quando quer ter uma atitude condescendente para com eles.

Por trás do simples raciocínio metafórico, dos encadeamentos mágicos e do relato oral das lendas ancestrais, está algo muito maior do que uma estória da carochinha, ou uma alegoria.

Somente nossa cabeça, contaminada de razão e viciada em lógicas, é que pode ver, nessas cosmogêneses, meras alegorias, que

servem quando muito para reconstituir certas bases do universo psíquico de uma tribo e com isso projetar pela *nossa* linguagem a sua organização social, produção, hábitos, crenças etc

Na verdade, os relatos da Criação, as prescrições totêmicas dos clãs, as interdições de parentesco etc. são algo de muito mais grandioso, e sublime, longe de ser simples matéria-prima para preencher conceitos que já chegam pré-fabricados das grandes universidades para os trabalhos de campo dos antropólogos. Estes conceitos e toda sua arrogância epistemológica só servem para recheiar dissertações de teses de doutorado, nunca explicar o mistério da vida. Posto que, para explicar o mistério da vida (que é comum a todos os povos e eras) é necessário humildade.

Claro que haverá exceções. De um lado ou de outro. Feiticeiros que, pelas maquinações civilizatórias viram antropólogos de suas próprias tribos. E antropólogos que são tocados e mesmo convertidos pela beleza que reside na simplicidade dos mitos.

Jean Monod, em seu estudo sobre os mitos dos pioaras, tribo da Colômbia, escreve da seguinte forma no final do seu trabalho

*Seja como for, a profunda sabedoria que se depreende das crenças dos pioaras deveria abrir os olhos a todos aqueles que consideram os indígenas como seres intelectualmente inferiores. Apesar das recomendações acumuladas pelos etnólogos e antropólogos, nossa civilização ignora a mensagem das culturas primitivas e expande sua própria influência esterilizante até as profundezas das selvas distantes. O que aparentemente denominamos "povos primitivos" de fato simplesmente transforma "os senhores da selva" em parasitas de nossa sociedade. A esse respeito, a declaração de que a vida utópica é impossível no século XX é mais reveladora do que a afirmação de que os primitivos necessitam de nossa ajuda, ou de que nada pode deter o progresso da civilização. Temos que enfrentar, então, o fato de que destruímos os primitivos porque não podemos suportar o seu desafio.*

*Desejo que este ensaio tenha acrescentado alguma evidência à tese de que os indígenas não têm nada de invejar a nossa mentalidade. Verdadeiramente, quando se compara essa sabedoria*

*eterna com a miséria espiritual de seus “civilizadores” é difícil conter um sentimento de cólera misturado à compaixão.*

Nossa sofisticação intelectual só nos permite ver, nos mitos de criação de determinados povos, no máximo alegorias onde há profundas verdades reveladas. Únicos vestígios que até hoje atestam um tempo onde havia uma verdadeira comunhão entre a experiência, o sentimento da divindade e a sua apreensão intelectual/coletiva.

Não nos cabe aqui descer ao fundo dos mitos dos pioaras, que Monod nos descreve de forma simples e bela no seu artigo. Tudo em última análise se resume nas relações entre o Invisível e o Visível. E todos os mitos estão relacionados ao uso milenar do yopo (*Liptadenia peregriana*) e do *Banisteriopsis caapi* (a mesma liana da qual se produz o *ayahuasca* ou Daime).

Desde os primórdios do tempo, os pioaras se comunicavam espiritualmente com as forças e divindades que plasmaram a natureza, o mundo e o universo. A origem, a saga dos seus deuses e heróis estão totalmente impregnadas da percepção especial que normalmente chamamos de experiência alucinatória. É daí que flui para a linguagem o tesouro de um povo que conhece intimamente sua viagem no mundo. E que consegue estabelecer com poucas e simples palavras a gênese desse mistério.

Existe uma bibliografia vasta que nos remete a mil aspectos filosóficos e éticos, da revelação espiritual, mediante a ingestão de plantas da natureza que alteram nossa consciência.

Por enquanto vamos ficar por aqui. Numa sessão de trabalho com o Daime (7 de setembro de 1983), eu pensei compreender profundos mistérios desses povos que nosso afã civilizatório, em nome de uma cristandade fictícia, oprimiu e exterminou.

Vi seres luminosos que fizeram parte desses povos e me liguei a eles por um profundo amor. Sentí que precisamos reerguer os testemunhos desses homens e desses povos, pois talvez eles sejam os mais eloqüentes testemunhos dados a Deus, durante toda essa fase que sucedeu ao Cristianismo primitivo.

Na miração, eu ingressava numa corrente onde formava com

todos aqueles que tinham como missão dar esse testemunho. Que esse livro de relatos era um singelo começo. Eu me sentia assim dissolvido nessa energia, rumo ao verdadeiro conhecimento, à Verdade. E esse caminho, ao contrário do que muitas vezes pensei, não se fazia para a frente, rumo ao futuro, ao “telos” progressivo da razão suficiente. Era sim um caminho para trás, para o passado, no rumo de nossas origens perdidas, dos elos que já mantemos com a Criação e o Criador.

Quando mais para trás era, maior o avanço nessa empreitada do conhecimento.

## **17 DE SETEMBRO**

### **O Santuário Interior**

Passei por uma experiência muito forte. Ela começou numa sensação de deslumbramento de “ver” o Mestre, bem acima do “ponto”, da cruz de caravaca. Via vários materiais luminosos e filamentos incandescentes, paisagens, névoas, simetrias, cristais, mandalas e figuras barrocas esculpidas em uma estranha matéria dourada e nela eu adivinhava o Todo.

Todo esse conjunto arquitetônico vital, que parecia uma mistura de todas as catedrais góticas do mundo, tinha seus diversos elementos soldados uns aos outros por um halo resplandecente de luz que tudo permeava e dava vida. No centro disso, havia um coração que pulsava e um rio que corria, irrigando cada recanto dessa aparição celeste. Meu coração pulsava sincronizado ao pulsar dessa criatura que eu imaginava ser uma das formas visíveis do Mestre. Toda a figura pulsava como um coração. Eu sentia que ali era o recinto íntimo da presença do Ser, “o Lanetum Lanotorum”

Momentos antes, eu vira e sentira a presença de vários mestres espirituais da Índia e o Padrinho Sebastião no meio deles.

Começamos a ouvir vários hinos. Algumas pessoas receberam

hinos nesse dia. A visão era mantida pelo meu amor. Enquanto eu me sentia preso a todos pelos laços do amor, eu sustentava aquela visão e cada vez mais ela se desdobrava em maravilhas para mim. Quando esse elo do amor se quebrava, aquilo tudo, sem que mudasse de forma, se tornava insustentável e insuportável.

Passado esse momento, eu me senti possuído de uma força nova que me fora conferida por aquela presença. Senti que estava com uma capacidade grande de cura. Passei a ajudar algumas pessoas durante o trabalho.

Foi nesse momento que voltei a bailar os hinos. E fiquei com o poder (a “presença” tinha me impregnado) de estar simultaneamente em dois lugares. Via meu corpo ali bailando na mata e me via no escritório de minha casa em Mauá, olhando para a estante vendo a lombada de cada livro, o altar etc

Era uma sensação de ubiqüidade, diferente da de “deslocamento”, quando você sai de um lugar, ou do corpo, para ser transportado a um objetivo próximo ou longínquo. Eu sentia “preencher” os dois lugares simultaneamente e tinha inclusive tanto a percepção do meu corpo aqui no Rio, como também a impressão de ter uma forma semelhante, enquanto visitava silencioso minha casa em Mauá.

Eram tão nítidas essas impressões, que às vezes eu julgava que estava bailando no meu escritório e vinha até o quintal daquela casa no Rio. Ficava difícil saber qual era o ponto irradiador, e qual era a miração, mas ambas eram rigorosamente iguais, não fazendo diferença onde eu julgava na verdade estar

## **6 DE OUTUBRO**

### **O Segredo da Esfera**

Houve uma retomada da miração anterior do Santuário Interno (catedrais góticas etc.) Só que agora eram outras as tona-



lidades e o ser que eu via era perfeitamente esférico. Milhares de túneis, galerias, corredores, alçapões, escadas, planos inclinados se interligavam entre si numa composição digna de Escher. Eles conduziam a palácios suntuosos, câmaras ardentes, sarcófagos, cavernas ou templos. Em algumas dessas entradas, havia sentinelas parecendo figuras medievais, cruzados etc. Outras vias estavam desimpedidas.

Eram os caminhos que desembocavam no conhecimento e na Verdade e seus respectivos guardiões. Num ponto central estava a Luz, o pulsar daquele coração que já vira no outro trabalho. Apenas alguns poucos caminhos conduziam no meio daqueles autênticos labirintos, à Luz Central que emanava da Esfera. Tudo mais era milhares e milhares de caminhos que só levavam à Ilusão. Apenas um recebia alguns poucos afluentes e desembocava, luminoso, no centro da esfera.

Em volta dessa Esfera mágica, as árvores e a mata próxima começaram a gerar vida, na forma de milhares de seres elementais. E eles também fitavam o quadro que eu via, procurando adivinhar o segredo da Esfera.

Foi uma experiência de aprendizado intraduzível, que se relacionou com umas tantas outras situações, em trabalhos anteriores.

O Poder me mostrava, didaticamente, na forma de visões, que eu podia penetrar segredos que seria incapaz de raciocinar abstratamente. Compreendi porque, desde a mais remota antiguidade em todas as doutrinas esotéricas, a esfera é o símbolo do Infinito e o ponto central da esfera, o segredo da manifestação do que está então, era Imanifesto. O centro da esfera era o coração do Pai. Através do seu amor, os limites do possível cediam à falta de limites de Sua Vontade

**22 DE OUTUBRO**

## **Possibilidades de Controlar a Viagem Astral**

Em alguns momentos, temos de nos entregar completamente à Força que invocamos. Nossa capacidade de se entregar e confiar é o que, em última instância, nos permite caminhar. A vontade não é a nossa, é do próprio Poder, mas é ela que realiza as aspirações que de outro modo, não saberíamos sequer enunciar.

Mas em outros momentos o Poder se permite ficar permeável à nossa vontade. Talvez para testar até que ponto arcamos com a nossa autonomia. Então, ele deixa de frisar, para nós, a sua existência como algo exterior a nós, para ressaltar a dimensão em que nós existimos Nele

Quando nossa firmeza se harmoniza com nossa humildade, tornamo-nos potentes. O poder nos faculta o poder de pensar, de direcionar nossas memórias e sentimentos no sentido do conhecimento. O Mestre Espiritual que está no Daime se dispõe a ser preenchido, interrogado, com todo o respeito que a situação exige

Tudo que sabemos e que se funda no que somos e sentimos é verdadeiro e nos leva ao conhecimento. Tudo que armazenamos de informações e saberes desprovidos de seus pressupostos ontológicos, se revela falso. Nunca nos levará ao centro luminoso da Esfera

A entrega submissa e a influência ativa na viagem são pares que se completam se soubermos, ao pretender um, não renunciar ao seu oposto.

Todas as nossas inquietações metafísicas, apenas pensadas podem ser respondidas pelo Daime com bondade e beleza. Nenhuma informação, aprendizado, leituras, experiências se perdem na busca do conhecimento se o seu sentido original é mantido. Se perderá apenas na medida em que pretendemos mentir a nós mes-

mos. Não adianta nesse caso sonegar a revelação que, em última análise, é que destrói ou confirma os materiais que são fornecidos pelos sentidos ou pela razão.

Nessa experiência de consolidar perante o Daime os conhecimentos fragmentários que vêm das outras fontes, aprendemos igualmente a ser íntegros e honestos no caminho. Quando essa honestidade é conseguida nossas perguntas e até mesmo sugestões são ouvidas e respondidas. Se criamos algum embuste num processo, só resta renunciar a essa pretensão de direcionar as viagens do autoconhecimento e retornar à entrega submissa e humilde. Até que por um novo merecimento, o Daime nos dê uma nova chance, mínima que seja, para participarmos dos seus planos sobre nossos destinos e visões.

## **19 DE NOVEMBRO**

### **Contato com um Espírito Suicida**

O trabalho foi dedicado a uma pessoa conhecida nossa que se suicidara dias antes, numa crise de depressão. Minha experiência foi penosa e ao mesmo tempo reconfortante. Apareceu uma força que se apresentou como uma entidade que zelava por pessoas desencarnadas nessa situação limite. Apareceu uma única possibilidade para que o contato fosse realizado: o de eu reviver a própria experiência do suicídio.

Ato contínuo, passei a ver a cena. Eu era a pessoa, corria dentro de um apartamento, do banheiro até a janela, de onde eu me jogava. Sentia o vácuo terrível de um corpo se debatendo no espaço e, na hora do impacto, eu virava um observador que saía da cena e “entendia” a separação violenta do espírito do corpo.

Isso se repetiu várias vezes até que eu me entregasse inteiramente a tal experiência, à custa de muita angústia e dor.

A partir dessa vivência gravou-se em mim uma vibração única que era própria daquele desencarne violento e singular. Como uma sintonia fina que procurasse uma estação de rádio, fui rodando o dial para achar a estação dos suicidas, particularmente aquela vibração específica que a minha “revivência” do suicídio tinha me dado a chave. As vibrações seriam uma espécie de impressão digital dos seres desencarnados.

Vi em miração zonas astrais onde se concentravam essas entidades que sofriam e viviam em desespero durante muito tempo o momento de sua violenta passagem para o outro lado.

Em meio a muitas vibrações conturbadas e semelhantes, achei “aquela”. Pedi, sem querer intervir no plano da justiça divina que ordenava todos esses ciclos kármicos, que algum benefício se estabelecesse para aquela criatura.

Vi ainda em miração, lá do lugar onde estava, milhares de pontos de luz se acendendo ou se apagando cada um com uma luminosidade e intensidade próprias. Compreendi que aquelas luzes eram os “pontos” que estavam sendo acesos naquela hora na terra, pertencentes a toda sorte de linhas e credos. No meio deles, o nosso também brilhava. E sua luz era clara e envolvente, se irradiava em círculos concêntricos e se destacava dos demais.

Nesse momento eu me senti com o poder de me comunicar com nosso “paciente”. Telepaticamente pedi para que, quando saísse daquele estupor, reconhecesse de todas aquelas luzes a que era a nossa e que fazia resplandecer o Cruzeiro. A partir daí ela poderia ser beneficiada.

Comprovei para mim muitas coisas que devem ser corriqueiras para os espíritas.



## O Ministério da Luz





## Encontro com Juramidam

**O** PADRINHO ME FITAVA com seus olhos brincalhões. Cofiava a veneranda barba branca e continuava a improvisada palestra:

— Só descobre quem nasce de novo. A salvação é uma batalha. Quem pega essa missão não pode mais largar. Renascer é romper a casca. A vida verdadeira ainda não é essa, tem que se chegar a esse entendimento. O ovo ainda não é a vida. O pinto é. A gente tem que sair do ovo pra descobrir o que é a vida. Sair de uma para chegar a outra, ao Eu Superior. Tão pensando que querer que Jesus Cristo esteja em nós pode ser dentro de uma casca? Pode não, tem que romper. Se a gente sai caçando o divino descobre o mistério dentro de nós mesmos. Quanto mais a gente avança, vai pro centro da divindade, sai do ovo. A matéria é a casca, quer fugir, tem medo.. Tem uma hora que arrocha. O homem tem que entrar e tem vez que se pergunta se nunca deveria ter entrado. Fica ali no meio e um monte de gente soprando de um lado e de outro pra ver se cai. Ser em Jesus é um compromisso. Tem que destrinchar é no Daime mesmo. Com dezoito anos trabalhando é que a perseguição piora. Pode ser antes, mas com 18 anos é pior.

Parou de falar. Estava cansado. Desde que chegara em Rio Branco piorara das dores de peito e se queixava de falta de ar. Segundo ele próprio, a doença fazia parte dessa perseguição que falava, o pouco que todo homem que trabalha na linha do Daime sofre.



Algumas mulheres rezavam abanando-o com um chapéu. Trouxeram um chazinho de capim-santo e ele foi se deitar numa rede.

Lá estava eu de novo na Colônia 5000, onde o Padrinho Sebastião, seguido de grande séquito, tinha ido passar o festival de fim de ano. Era também a última coleta de material para o livro. Sabia que até a próxima ida ao Acre eu teria de escrevê-lo, custasse o que custasse.

A Comitiva chegara no caminhão, vindo de Boca do Acre. Na véspera, correram o boato de que o caminhão fora visto rodando em Rio Branco, do outro lado do rio. Saímos no Chevette do Márcio pela cidade para ver se achávamos alguma pista. Tudo em vão. Possivelmente uma “miração”

A Colônia estava toda engalanada para receber seu fundador, o homem que era o esteio e a razão de ser da saga de todo aquele povo. Igreja pintada, terreno limpo e algumas casas preparadas para os ilustres hóspedes.

No dia seguinte, depois do alvoroço inicial, as coisas iam entrando em sua rotina. Várias pessoas que não viam o Padrinho há quase três anos iam chegando na casa onde ele estava instalado, numa espécie de romaria incessante. Pediam a bênção, ficavam ali batendo dois dedos de prosa e depois se retiravam.

Depois do almoço voltei para a casa do Veríssimo, onde estava magnificamente instalado no segundo andar.

Começara o zunzum característico dos preparativos para o Hinário de Nossa Senhora da Conceição, uma das festas mais importantes do Calendário.

Meu estômago começava a dar mostras de impaciência. Cada hinário do Mestre Irineu era imprevisível.

Depois de ir falar com o Padrinho, que adoentado não iria ao trabalho, caminho em direção à igreja. Fui até a Casinha do Daime, tomei a primeira dose, entrei na fila do bailado.

Iniciou-se o bailado. O hinário do Mestre não dá nem para esquentar as turbinas. Já começa com força total. Passou pela minha cabeça que, um dia, quando eu tivesse mirando com todos os hinos, aí sim, faria um verdadeiro trabalho. Onde as passagens maravilhosas que normalmente ocorrem em poucos momentos, se repetiriam

sucessivamente em todos os hinos. As chamadas às entidades da floresta se sucediam uma atrás da outra. A questão de acreditar nas entidades não é meramente uma questão de fé, é plasmar um ser através da invocação, do nome e do poder da energia mental mobilizada para aquela tarefa.

Cada um desses mistérios que chamamos de *entidade* dá para nós um nome pelo qual ele gosta de ser mobilizado, sintonizado, ou, se preferem, invocado. Cada mistério é um ato de coragem. De exploração, entrega e renúncia.

Comecei, por outro lado, a ver a ala feminina do trabalho. As moças exibiam um viço iluminado e as mulheres uma austeridade solene. Ambas completavam o que era a energia feminina. Por sua vez, eu sentia que a ala masculina transmitia às mulheres um outro tipo de força guerreira. As combinações das energias eram os grandes segredos da disposição do bailado; homens e mulheres perfilados face a face.

Essas matrizes energéticas masculinas e femininas que aureolavam cada um, acrescentavam potência e beleza a todos os corpos que se movimentavam no salão. E nessa medida, há uma atração latente entre os pólos complementares do bailado.

A questão durante o trabalho é superar esse desafio que o Daime impõe. Não direcionar essa atração, rumo a labirintos aonde ela vá alimentar, mesmo que de maneira meio inconsciente, fantasias, vaidades, desejos. Comumente é este o destino que damos à “atração” de um homem e uma mulher. Servir de matéria modelável ao desejo e à fantasia.

No Daime, o equilíbrio do trabalho depende que cada um, na sua esfera pessoal, resolva da melhor maneira possível esse desafio. Sem renunciar à beleza e ao amor que ali estão unindo homens e mulheres como irmãos e irmãs, tornar esse sentimento um elo de cumplicidade que une ambos a um amor maior perante o qual qualquer paixão humana é mero arremedo.

A Atração no trabalho deve ter essa feição: um *encantamento de energias*, uma profunda troca num incessante aprendizado. Para que os homens vejam quem é a Mãe, e as mulheres vejam quem é o Pai Celestial. Essa relação entre homens e mulheres, no trabalho

e fora dele, possibilita a revelação do que é *ser* masculino e feminino em Deus. O desafio é trabalhar com a atração espiritual sem cair na armadilha do desejo. Conseguir passar por ela sem negar reconhecimento ao prazer de tal viagem e, ao mesmo tempo, não parar em nenhuma das diversas estalagens que estão colocadas à beira de tal caminho.

O prazer deve ser só a “passagem” por tal desejo, fazendo dele trampolim para outro conhecimento. Nunca será a parada, mesmo que efêmera. Pois, no fim desse caminho, há uma prenda espiritual bem maior do que qualquer um dos presentes tentadores deixados à sua margem. Difícil é a persistência para achar o bem maior sem cair na cobiça do instante.

Durante um bom tempo tive compreensões muito belas do homem e da mulher à luz da Doutrina.

A Força estava grande, mas a miração ainda não tinha se anunciado. Mal percebera esse fato na minha consciência, tive uma miração fortíssima. Durou pouco tempo, mas foi de impressionante nitidez e importância.

Era uma espécie de “Palácio Vivo”, uma morada do Daime. A matéria de que era feito era viva, com paredes em forma de pele de animais, predominando onças e cobras. Era uma construção arquitetônica feita de vida. Seu interior eram planícies almofadadas de tufo de plumagens, mares verdes e marrons como se fosse um infundável couro de onça, de cheiro acre e tons vivos.

Tudo respirava silenciosamente. Quartos, câmaras, luzes. O cheiro da floresta permeava todos os cantos dessa bolha viva.

Dentro de uma dessas câmaras, que reproduzia as formas, cores e sons da floresta, estava o Daime. Ele se unia ao Palácio Vivo. Ora era um ser dentro do palácio, ora todo o Palácio era o próprio Ser. Toda a cena recendia ao cheiro do Daime. Compreendi o mistério do seu gosto e do seu cheiro.

Várias formas emergiam do Palácio. Eram, por assim dizer, seus órgãos.

De repente aquela coisa se condensou e se simplificou. O ser se separou do Palácio que por sua vez continuou vivendo. Algo me disse, sempre na percepção do cheiro do Daime, que aquilo era um

“Casulo Astral” de onde o Daime descia quando invocado em trabalhos. Aquele era seu *habitat* que personifica sua dimensão enquanto ser da mata.

O gosto do Daime continuou a embrulhar meu estômago e compreendi que toda miração viera dele. Ele, o Daime, saiu do meu foco de visão (desapareceu a miração do “Palácio-Ser-Casulo”) e chegou no meu estômago. Senti um estrépido e uma força vertiginosa baixar sobre mim no salão. Saí da fila e fui sentar para não cair.

Transmutei-me na mesma pele de leopardo que compunha as paredes vivas do Palácio. Senti todos os odores e gostos da floresta. Milhares de toneladas de energia desabaram sobre o topo da minha cabeça. Pressenti que aquela miração toda estava entrando dentro de mim na forma de uma presença. Entreguei e pedi ao Daime, agora na forma do Mestre Juramidam, que me concedesse a graça de sentar por instantes no trono do meu corpo-santuário.

Um facho de luz dourada cheia de milhões de pontinhos vivos que vibravam me encheu com acordes de um vento musical. A sensação de enjô se transformou num prazer que raras vezes tive. Símbolos de outras mirações se repetiam: meia-lua prateada, estrelas e planetas minúsculos dançavam plenos de musicalidade eterna, dentro do facho de luz que me penetrava. Era um primor de perfeição que me arrebatava. Como que respondendo a alguma dúvida que ainda pudesse existir, uma voz brotou de dentro clara e cristalina:

— Eu sou!

Levantei-me ainda tonto e retornei ao bailado até o amanhecer

## Trabalho de Cura

Em função da doença do Padrinho Sebastião foi convocada uma série de trabalhos de cura a começar durante a noite.

A mesa foi composta de nove pessoas mais alguns assistentes e os trabalhos entregues à direção do Padrinho Mário.

A noite prometia ser linda. Depois do calor do dia, uma brisa suave soprava. Quando fui chegando ao terreiro da casa onde se efetuaria o trabalho, Padrinho Mário foi logo dizendo:

— Vá buscar um casaco.

— Com esse calor? — respondi.

— Nesse tipo de trabalho a gente pega muito fluido e costuma sentir frio.

Voltei para pegar um casaco sem acreditar que tivesse chance de usá-lo naquela noite.

O Padrinho Sebastião se sentou à cabeceira da mesa e o trabalho começou. No trabalho de cura todas as mentes têm que estar ligadas nos objetivos de cura. Cada um tem que se curar para poder curar o outro. Nenhuma outra linha de trabalho pode se misturar à da limpeza e da cura. A concentração é extremamente difícil. A todo instante temos que estar conscientes das dificuldades e das causas espirituais de nossa própria doença para que nosso aparelho esteja apto a acumular energia para cooperar com aquele a quem é destinado o trabalho.

Tudo isso leva algum tempo. Quando os participantes estão limpos, aí é que se forma a corrente de cura.

O Daime nesses casos é servido em grande quantidade a intervalos pequenos.

A partir de um ponto do trabalho, o Padrinho entrou na casa para se deitar um pouco. Logo depois de sua saída a corrente se harmonizou.

Tive uma miração onde eu via todos os presentes rodeando o Padrinho Sebastião que estava envolto em lençóis à semelhança da cena do Cristo no Sudário. Senti que fora transportado a um outro lugar. Rodeávamos o Padrinho, que permanecia deitado. Usávamos roupas estranhas e tudo se assemelhava a um quadro da Escola Flamengo. Uma luminosidade de velas, ocre e tons pastel.

Todos tocávamos e acariciávamos o corpo do Padrinho. Eu experimentava uma sensação de amor por aquele velho que nunca sentira por ninguém. E tudo isso dava a certeza de que, através do

nosso toque e do nosso amor, entidades curadoras estavam se servindo de nós como instrumentos de sua ação benéfica.

Durante algum tempo fiquei naquele lugar em silêncio, sempre impondo minhas mãos sobre o corpo do meu Padrinho. Até que voltei para o terreiro. Waldete servia mais um Daime.

Mistérios da numerologia desfilaram diante de mim. Cantamos alguns hinos de cura do Padrinho Sebastião. Baixou um frio insuportável, apesar do calor de momentos antes. Vesti meu casaco, agradecidíssimo ao conselho do Padrinho Mário.

O Padrinho voltou, com seu chapéu. Varamos a noite estrelada numa espécie de procissão até a Igreja, onde o grosso do povo cantava o Hinário do Padrinho.

Ele ia na frente apontando o céu e falando das estrelas que conhecia. Nós íamos atrás, magnetizados. De vez em quando ele parava para recompor a respiração. Todos paravam em silêncio e olhavam as estrelas cadentes riscarem o céu. Até que o velho dizia:

— Vamos continuar?

O momento era de uma beleza impressionante. A noite abria suas portas para que o cortejo passasse. Uma aura de luz pairava sobre nós.

Chegamos à Igreja e ali partilhamos com todos nossa emoção.

## **A Existência do Plano Astral**

No dia seguinte fizemos mais um trabalho de cura pela saúde do Padrinho Sebastião. A sua tônica foi a revelação do nosso plano de existência simultânea no Astral.

O Daime me impregnou completamente. Circulou pelo meu corpo até um ponto em que eu via e sentia que tinha um outro corpo muito mais etéreo e sutil. O corpo físico me parecia uma versão mais densa e grosseira deste. Sua matéria eram células, órgãos etc. Enquanto esse outro corpo sutil era formado de energia, vibrações

e uma espécie de textura espiritual que se confundia com o pensamento mas não era o pensamento. Para que eu permanecesse consciente desse outro corpo era preciso que me mantivesse concentrado em seus atributos, que eu os *pensasse*

A maneira de manter essa concentração e foco da minha atenção era eu me fixar na afirmação: “Eu sou.” Quando eu conseguia “ser” a forma como eu era, além do corpo físico, sentia que eu pulsava em algum ponto do Universo, como um resumo e uma matriz eterna que alimentaria todos os corpos físicos que eu já fora durante todas as minhas encarnações.

Sentia igualmente que no interior do meu corpo físico haviam “esquinas” que remetiam para esse outro corpo astral, que lhe era superposto.

Nessa outra existência paralela que eu supunha existir em alguma parte do Cosmos, o Conceito de individualidade não era muito claro. Eu fazia parte de um corpo maior que congregava uma série de outros “eus astrais” pertencentes à mesma matriz espiritual que alimentava vários “eus físicos” Havia uma autonomia entre eles mas a “mente” desse *conjunto astral* era o desenvolvimento espiritual que ia brotando em cada “eu físico” que, pelo trabalho, percebia a sua origem e filiação naquele outro corpo.

De acordo com a força e a firmeza com que aqui embaixo trilhávamos o caminho da busca desse nosso Eu superior, “puxávamos” uma parte ou o todo desse Ser Etéreo. Para que nos ajudasse e nos libertasse da ilusão e do corpo físico

A nossa consciência desse outro plano da vida espiritual tanto podia ser da parte que estava diretamente relacionada com nossa história, como da totalidade dessa Energia Cósmica que desencadeara o Universo. E essa totalidade cósmica era apenas um ponto provisório na compreensão de outras totalidades infinitas que nos conduziam ao verdadeiro todo que é Deus

Nessa passagem gradativa para planos cada vez mais complexos, o nosso Eu podia ir partilhando de formas cada vez mais elevadas de consciência. E quanto mais essa consciência vai se elevando, mais a noção de “individualidade” vai se extinguindo e

se dissolvendo no oceano manifesto da divindade onde tudo e todos são apenas Um.

À noite, depois do trabalho, relatei minha experiência ao Padrinho Sebastião. Ele me respondeu nos seguintes termos:

“Meu filho, quem não nasce de novo, não vê. O que somos *lá!* Porque somos os filhos de Deus, filhos do mesmo Pai e, entre nós, irmãos. Mas os tempos estão mudados e o nome agora é Juramidam. Eu já fui em quase todos os lugares e nunca vi nada que não fosse Pai, Mãe e Filho. Cristo já veio até nós e a gente continua procurando Ele. Mas onde Ele está que não em nós mesmos? Quando é que o povo vai compreender que quando o Cristo escolheu morrer aqui encarnado entre nós, Ele quis que todos repetissem em cada vida, sua história? Nós temos que achar o Cristo em nós. E através dele achar a paternidade de Deus. Isso se chama renascer, sair da casca do ovo. A cruz onde o pregaram não foi nada. A cada minuto nós estamos fazendo Ele padecer um calvário mil vezes pior por causa de nossos erros. Só que agora nós somos Um com Ele. E nós também sofremos por nós próprios e os outros. Vamos todos buscar nosso Eu Superior: Eu Sou! E pronto. Ainda outro dia nós achamos na mata uma folha que parecia ser da Rainha. Só que em vez do ‘V’ ser pra cima, era pra baixo, não era de Rainha. Mas pra alguma coisa ela tem serventia. Está na terra, então *É*. Igual a nós. A gente não veio aqui para servir de manequim não... Viemos aqui para nascer de novo.”

Na sua linguagem simples, o Padrinho ia respondendo todas as minhas dúvidas antes mesmo que eu as enunciasse. A cada encarnação uma parte dessa nossa outra existência espiritual vinha habitar e dar vida a um corpo físico. A existência nesse corpo físico ocultava a consciência do outro plano. Mas era nesse outro plano que estava nossa “sede”. Só uma pequena parcela do que era verdadeiro vinha habitar a ilusão da matéria. Mas na nossa noção de Ego, estavam os caminhos mesmo disfarçados que conduziam à lembrança do Eu Superior do qual o Padrinho tanto falava. Lembrar, essa é a missão.

Esse trabalho de reconhecer e lembrar só se completou a 6 de janeiro, no Hinário de Reis. Depois de concluir uma série de



questões muito penosas e que me exigiram um grande esforço, vi duas cortinas se abrirem me convidando para uma visão muito importante. Distingui as margens de um rio e uma conhecida cena bíblica em todos os seus detalhes. Tudo aquilo se encaixou subitamente com mil indícios e pistas que até então eu não conseguira concatenar.

Fui envolvido por uma espécie de novelo de linhas finíssimas que pareciam de ouro. Eu era tecido por elas que iam formando uma série de desenhos e símbolos. Primeiro, milhares de estrelas de seis pontas; depois, um ser luminoso de feições egípcias. Ele se apresentou como meu guia e compreendi quem eu era.

Sentia uma bem-aventurança de “ser” no Espírito do Pai. De deixar o corpo e voltar ao primordial, uma alegria e gozo sem limites.

O ser luminoso tinha cerca de um metro e meio de altura e estava ligeiramente suspenso no ar. Emitia em minha direção um calor e uma luz que me reconfortavam e faziam ver: um acampamento militar com barracas, exércitos, palácios, archotes, marchas, estandartes. Cenas familiares que pareciam adormecidas dentro de mim há milênios.

Descobrir que você é no Astral é se render a uma evidência que se mostra como revelação. Mas já que nossa existência no plano espiritual não é um eu, mas muitos, existe também uma escolha. Elegemos, daquilo que somos, uma de suas manifestações para representar o todo.

E nessa eleição, nos comprometemos a seguir as pegadas daquele que escolhemos como guia. E para merecer esse guia, o único caminho possível é a perfeição.

## **Em Busca da Perfeição**

No dia 12 fomos para a mata procurar o cipó. O objetivo era fazer um Feitio de Daime que suprisse o trabalho do dia 14 de

dezembro, comemorativo do nascimento do Mestre Irineu. Quando nosso grupo descobriu o primeiro jagube do dia, fiquei tomado de uma sensação extraordinária ao ver aquela liana. E que, quando eu bebesse o Daime que ia ser feito a partir dela, entenderia alguma coisa daquele recanto da mata onde o cipó reinara até então.

Dois dias depois, já durante o trabalho, a intuição se confirmou. Ao beber o Daime, vi o lugar de sua origem. O líquido trazia toda a energia e a força específicas daquele local. Dentro dele estavam concentrados todos os animais e seres encantados que circulavam por aqueles caminhos. Vi todos os bichinhos e insetos, animais e entidades, no seu incessante lusco-fusco noturno por dentro da mata. E a reverência com que eles passavam por aquele jagube que se transformara agora no Daime que eu bebia.

Voltei à fila do bailado ainda com essas imagens na cabeça, lembrando o intervalo do trabalho de São João no céu do Mapiá. Quando fiz a grande descoberta da beleza dessa Doutrina. O Daime abrindo as portas para que nós mesmos sejamos nossos próprios juízes, o limite sempre ampliável onde esbarra nossa capacidade de se transformar.

Na miração eu vi degraus sucessivos que se colocavam a cada segundo. E a cada segundo eu tinha de ser perfeito. Ser perfeito não é apenas representar a verdade. É ser verdadeiro em cada ato da existência.

Não adianta ficar aquém ou além da verdade. Temos que ser verdadeiros, exatos. E somos nós que em última instância fixamos esse referencial de perfeição, seja nos processos conscientes ou mesmo naquele que agimos escudados no automatismo do inconsciente.

No transcurso da miração não podemos nos enganar nem fingir inconsciência. A responsabilidade está em todos os cantos. A cada momento, a perfeição e a verdade devem estar presentes. A entrega verdadeira na direção da verdade ajuda a tornar suas conseqüências igualmente verdadeiras.

A humildade é necessária porque é preciso amar a tudo e a todos para que esta verdade se harmonize com tudo que é. Assim é o plano do Poder. Que cada um sendo perfeito e apresentando sua verdade, elas sejam uma só, concorde e harmoniosa. Que todos se compo-

nham em seu lugar e reconheçam que só o Dono da Criação está acima, se alegrando da perfeição dos seus filhos.

Essa verdade que está fora de qualquer julgamento, raciocínio ou valor é a descoberta do verdadeiro Eu do qual o ego racional é uma pálida caricatura. Não adianta estar abaixo ou acima da verdade, se superestimar ou se subestimar. Importa ser. É a condição real do ser é “ser” verdadeiro. As falhas são sempre consequência das ilusões tramadas pela Razão.

Estas avaliações da verdade não comportam a idéia de inocentes ou culpados. Melhor se contentar com a verdade e dissipar a névoa em torno de nossa consciência.

Não sentir culpa é importante, desde que seja verdadeiro. Pois a ausência de culpa gera a confiança que nos impele a agir no Bem. Da mesma forma que a entrega e a humildade são as pontes que conduzem ao Saber, o fruto da Revelação.

O “ser” perfeito que o Daime nos exige é a simplicidade. Fidelidade ao Poder e ao destino que nos foi dado. Sem flancos abertos para que a força negativa nos arrebate. O sacrifício é pouco para realizar uma felicidade tão grande. Esse é o aprendizado do Amor e o Amor é a linguagem da verdade. Perante o Daime não basta declarar o amor e desejá-lo ao outro. É preciso travar a sua batalha. Entre a intenção de ser reto e a prática da virtude há a mesma distância que entre o saber e o sentir, o parecer e o ser. O enunciado da vontade às vezes esbarra na resistência do coração. Mesmo assim, a declaração do propósito e o pedido de ajuda para que este se realize *verdadeiramente* já é um passo dos mais importantes.

A firmeza no trabalho traduz-se em sustentar a verdade seja ela favorável ou contra a avaliação de nossa vontade. A vontade já não pode mais influir no objetivo que pretende conhecer e moldar. Se a mente vacila e foge a esse compromisso, o Daime denuncia e cobra. Entrando na vibração da dúvida tudo perde o sentido e ser verdadeiro torna-se algo desprovido de verdade.

O ritual em seus momentos de apuro é o corpo coletivo da perfeição que a Doutrina exige. Tudo funciona ali como represen-

tações pelo canto, pela música, pelo bailado, das Leis Cóslicas, uma espécie de coreografia ética da Justiça Divina.

O Padrinho Sebastião uma vez me disse da seguinte forma:

— Quando se toma o Daime e se vai *lá*, você vê o outro mas o outro é você mesmo. Quando você diz *Eu Sou*, você tem que aceitar aquele outro como você aceita a si mesmo. Senão não tem caminho para o conhecimento.

Para que esse tipo de conhecimento se realize é preciso que haja Revelação, sintonia com aquilo que É fonte e atributo da verdade. Mas esse reconhecimento depende da entrega e da fé.

São Paulo, na Epístola aos Hebreus, diz que a fé “é a substância das coisas esperadas e a prova das coisas não vistas”.

A substância em que deve ser feita a nossa fé não é a mesma que nutre nossas certezas mundanas, cacoetes racionais e onipotências psíquicas.

A menor das fés verdadeiras vale mais que a maior das certezas.

A certeza não é humildade mas a fé é humilde e disso tira sua força.

Por isso que os iluminados anônimos da fé têm um poder que não ofende. E os falsos mestres da certeza não só ofendem a Natureza e os homens com seu arremedo de Poder, como também são tiranos tiranizados de forças que nunca chegam a compreender corretamente.

A batalha do conhecimento, é sofrida porque decorre da busca da perfeição. E a perfeição, fruto do autoconhecimento, é o objetivo com o qual o Daime nos acena. A dor é inerente ao conhecimento porque ele se nutre da consciência. Nada transforma mais a consciência do que a dor.

## **A Doutrina de Juramidam segundo o Padrinho Sebastião**

Eu, Chagas e o Padrinho Sebastião fomos dar um passeio na mata. Daqui a alguns dias eu estaria novamente voltando para casa.

Sáimos pelo caminho dos Moreira. O Padrinho estava bem-humorado e descontraído, tinha dormido bem aquela noite. Olhou para uma nuvem escura lá longe e exclamou:

— Chii rapaz, lá vem água.

Apressamos o passo por um varadouro. É uma sensação inesquecível a de ser seguido pela tempestade equatorial. Primeiro as nuvens, depois o som se aproximando, martelando a mata próxima como uma metralhadora progressiva. Para minutos depois cair sobre nós. E seguir adiante.

À noitinha fizemos um trabalho. O Padrinho fez uma preleção sobre a Doutrina:

— A Ciência está na Mãe. O Cristo é o Dono, mas ele também é o Filho da Mãe. Ela é a caixa onde repousa esse segredo. Pra ela, em sua misericórdia, todos os filhos são recuperáveis. E é também por ela que vai se chamar todos esses espíritos extraviados para a conversão.

O velho nos olhava e ia falando. Uma sucessão de expressões belas e enérgicas lhe transfiguravam o rosto. Parecia que dezenas de entidades iam sendo atraídas por suas palavras. E iam acrescentando luz e beleza a cada uma de suas frases. Ele continuava:

— A Doutrina não existe, mas se fala. Ninguém doutrina ninguém. Cada um é seu próprio doutrinador. A Mãe em sua bondade nos acolhe a todos. Nós usamos as plantas santas sim. Qual é o pecado, qual é o crime de usar aquilo que brota na terra que é nossa Mãe? Tem uma ligação divina nessas plantas que une o reino da Terra com o reino do Céu. A gente seria muito bobo se não usasse elas para descobrir o lado espiritual das coisas. Deus nos manda sua verdade através da sua obra. Tudo que vem da terra vem de Deus, abre essa porta. Só agora é que vão chegar as pessoas que foram convocadas para dar o testemunho de que essas ervas nos levam aos espíritos. A gente tem que se preparar para ser um novo santo. O que é que nós somos? Uns bonecos de carne cagando no mundo? Não, temos mais o que fazer nessa vida. Temos que nos ajuntar e mostrar o que estamos aprendendo com amor, boas palavras, mansidão. Até encontrar com o Eu Superior. Nisso aqui é que está nossa doutrina. Fechar uma verdade bem pura. Porque todos nós somos puros. A Doutrina somos todos nós, é apresentar uma coisa divina,

nós não devemos ter medo, somos um grupo que procuramos o espiritual. Quem de nós não quer ser Midam? Para isso tem que chegar junto de Jura. Jura é que dá o negócio.

Curto intervalo. Seus olhos faiscavam. Ele nos encarava um a um e seguia:

— A Doutrina é essa: O homem da casa apresentar-se. Nossa cabeça é divina. Vamos buscar a sintonia até encontrar a voz de Deus em nós. Vamos se aparelhar direitinho, limpinho, nos trabalhos. O ser que tá lá em cima quer perfeição e não macacada. Nossas prendas são do espírito. Pra que dinheiro? Dinheiro não se come. E mesmo o que se come só serve para matar a fome da matéria, não do Espírito. Vamos se firmar no Sol, na Lua e nas Estrelas. *A questão não é aparecer, é ser.*

Fez uma pausa solene e disse que ia cantar um hino. Todos nós estávamos sentados na mesa da Casinha do Daime com a respiração suspensa. O Padrinho começou:

“Eu tenho uma medalha.  
Que é a roda do mundo  
Nela existe um tesouro  
Que tem um segredo profundo

E dentro dela existe  
Grande Sabedoria  
Nela existe uma Igreja  
Que o Mestre me dizia

O Mestre que existe nela  
Este segredo Ele vai destrinchar  
Vai dar a mão aos seus irmãos  
Deus é quem vem ensinar.

Eu sou o Deus do Amor  
Eu sou Deus de caridade  
Quem não souber compreender  
Não diga que não é verdade

Estou aqui nos teus pés  
Estou na tua cabeça  
Estou aqui no teu braço  
Estou na tua mão esquerda

Eu mexo no teu estômago  
Mexo no teu coração  
Mexi na Copa do Mundo  
Aonde está meu irmão

Eu vivo aqui neste mundo  
É para me iluminar  
Dando Glória a meu Pai  
E a todos que procurar

Muitos vêm a meus pés  
Suas queixas vêm me citar  
Não sabem a altura que estou  
Não querem me respeitar

Todos têm seus poderes  
Mas o valor não sabem dar  
Vivem zombando do mundo  
Não querem a vida Espiritual.”

Abriu os olhos e concluiu depois de um silêncio repleto de divindade.

— Cada um deve trazer essa medalha no peito. E quando tirar esse símbolo, tem que permanecer com ele dentro do coração. Senão, não está trabalhando na linha do Mestre Irineu.

O velho botou o chapéu e saiu pela noite estrelada. Na hora da despedida, pedi a bênção. Olhou bem dentro de mim, piscou o olho e disse:

— Quem chora é que quer nascer. Quem nasce não chora.  
Como se eu mal balbuciasse uma resposta, arrematou:

— O negócio é se achar. Nós somos um só. É só se encontrar aqui e se representar lá.

No dia seguinte pela manhã, marquei um papo a sós com o Padrinho Sebastião. Levei uns charutos e lá fomos nós, pelo roçado, até encontrar um pau caído onde nos sentamos.

Perguntei ao Padrinho entre baforadas alternadas de um imenso “Florinha número 2”, quando começara a se manifestar nele seus dons espirituais. Ele me contou sua infância num seringal, encerrado nas matas do Juruá, liderando uma turma de moleques da sua idade. Lembranças de várias traquinagens infantis, o homem que o jacaré comeu a perna, a mulher que foi lavar roupa e a “sucuruju” engoliu.

— Os espíritos mesmo — ele me dizia — começaram a me aparecer com a idade de 8 anos. Eu custava a dormir e vivia ouvindo vozes. Com 15 anos eu não agüentava mais e comecei a desenvolver a mediunidade. Mas foi lá por 1950, quando eu vim morar aqui onde hoje é a Colônia, que eu comecei a trabalhar com o espiritismo de mesa e fazer curas. Recebia duas entidades, uma delas era o dr. Bezerra de Menezes.

— E o Daime, Padrinho, quando foi?

Fiquei doente de uma doença incurável no fígado. Fui a tudo que era médico, de Manaus até Belém. E todos me desenganavam. Quando não tinha mais nada o que fazer, resolvi procurar o Mestre Irineu lá no Alto Santo e tomar o Daime.

— Em que ano foi isso?

— Mil novecentos e sessenta e cinco, eu acho. Quando cheguei lá, o Mestre, aquele homenzarrão enorme, me olhou nos olhos e perguntou: “Você é homem?” Eu respondi: “Acho que sou”. Aí ele me deu um copão desses grandes cheio de Daime. Bebi. Não demorou muito e tive a miração. Caí. Vieram uns seres operadores, que pareciam homens mesmo e foram me cortando todo. Eu tinha saído do meu corpo e via do lado de fora minha matéria ser retalhada. Os seres falavam comigo. Aí um deles tirou uma espécie de ovo cheio de sangue do meu fígado e me mostrou bem de perto. Parecia uns serezinhas, cobrinhas. Era o tal tumor. Depois me



montaram todo de novo. Eu só ali, olhando. Aí acordei de novo dentro do meu corpo novinho em folha e estou aqui até hoje.

Fez um intervalo para tirar umas baforadas do charuto.

— Aí nunca mais eu me separei do Daime. Nem nunca vou me separar. O Daime está muito bem representado. Tanto aqui quanto na espiritualidade. O Daime é nosso Mestre. O templo somos nós. É preciso só a gente se vigiar. Pois se a porta do templo fica aberta, entra até cachorro. Mas se Cristo expulsou os ladrões do templo, o Daime, quando entrar, vai dar cipoada pra tocar tudo que é coisa ruim que tá dentro da gente. Mas se somos todos deuses, Satanás existe porque é consentido. É um justiceiro, à moda dele, sem protestar, bota a gente no lugar. Na marra.

— E essa coisa de Apocalipse? — Aproveitei a pausa. — A Doutrina, os hinos, falam o tempo todo do “Balanço” que vai chegar.

— É o que tá escrito. Tá tudo acontecendo de novo. Basta ler os Evangelhos e escutar os hinos. No Apocalipse já estamos. A gente só não sabe qual trombeta que está tocando. São 144.000 os que vão se salvar, né? A Bíblia não diz disso? A chave para nós é só essa. Renascer, compreender o que é a vida e lá permanecer. Vir aqui só em missão. Ficar livre da necessidade de encarnar. Cada um tem que ser perfeito e desejar o bem do outro. Senão não vê. Basta um mau pensamento pra ir rasgando e cortando toda a corrente. Mas se consegue aprumar, fica vermelho. Aí desce mesmo. Treme e quem tiver na linha tem que agüentar e ficar firme. Quem esmorecer não tá na linha.

— Quando foi que o Senhor se descobriu, Padrinho?

— Um dia tava num trabalho do Alto Santo, botei um copão goela abaixo e tchum! Fui direto lá e recebi aquele hino que diz assim:

A minha Mãe é tão formosa  
E do meu Mestre também é  
Ele é filho de Maria  
E eu sou filho de Isabel

— Aí fiquei num aperto. Mandaram que esperasse a luz apagar e nessa hora eu puxasse esse hino. Daí a pouco a luz apagou e comecei a cantar. Me seguraram daqui, dacolá e foi a maior confusão.

“Eu ficava brabo. Quando cantava esse hino eu pisava firme no salão e me enchia de força. O chão rangia, quem não tivesse firme no salão era cuspidado. Até que um dia tomei um Daime e fui até onde estava o Mestre. E ele me disse: ‘Nada de macaquice, seja puro e se apresente na espiritualidade. Quando cantar pise bem macio, que é pra não machucar ninguém.’ Foi nesse dia que eu aprendi a bailar bem mansinho, quase sem tirar o pé do chão.”

— Quer dizer que só 144.000 serão os sobreviventes, Padrinho?

— No tempo do Mestre Irineu ele confirmou o número. E disse que os dele ele ia buscar bem longe.

— E essa relação entre o Daime, Cristo, Juramidam?

O Padrinho sorriu enigmático. Pediu um Hollywood e continuou olhando o horizonte:

— É preciso estar bem atento para descobrir o Eu Superior. Não somos todos Um só? E o Cristo não está no meio? Nós somos mera matéria, o testemunho do Cristo, isso não podemos esquecer. Mas ele entrou bem de mansinho, aqui ficou entre nós e mudou. Agora é Juramidam. Uma coisa mais firme, mais forte!

— E a Santa Maria, Padrinho?

— A erva Santa Maria eu recebi de um Ser. Os homens dizem que é coisa ruim mais eu afirmo que é boa. O que é ruim ou bom é a gente mesmo que traz dentro de si. Estamos nessa batalha, esperando decisão das autoridades. Mas queremos ter o direito de poder consagrá-la em nosso culto. Enquanto isso, aguardamos. Santa Maria é a colhedora. Jesus Cristo é a Salvação.

— Será que em outra encarnação a gente já teve esse encontro com o Daime?

— É possível. Mas a gente se ilumina e depois esquece. Tem que voltar pra achar de novo. Tem que permanecer limpo para ser habitado. É que nem um rádio. Como é que se chama aquele negócio? Sintonia, isso mesmo. Fique na escuta procurando. Se ligue no seu Eu Superior. Nisso que você viu, acredite. Mas que tem um sentido a gente estar aqui de novo reunido, isso tem.

Nesse ponto ele parou e me tocou na altura do diafragma. Recebi uma torrente de energia e imediatamente fui transportado a um outro plano, enquanto ele cantava e eu compreendia mistérios profundos:

“O que é que você vai fazer  
Escute o que eu vou lhe dizer  
Se você não tem luz  
Procure compreender

Depois de compreender  
É que vai se iluminar  
Não tem Sol e não tem Luz  
O meu brilho é divino

Se você não tem Luz  
Eu não sei aonde está  
Procure no meu Jesus  
Que Ele veio para nos salvar

Ninguém queira ser grande  
É preciso se humilhar  
Se faça pequenino  
Para entrar no Celestial.”

Fez um silêncio. Abri os olhos, vindo de muito longe. Ele continuou:

— Aí tem um dia que o cabra compreende o que é a vida, que ela tá em tudo e que ele precisa pôr precisão em tudo que faz, aonde bota o pé, passar mesmo por cada pedaço de pau, pedir licença pra cortar um galhinho com o terçado. Porque tudo é manifestação de Deus. Tudo é nosso, basta querer. Todas essas belezas, todas essas estrelas, deuses e deusas, tá tudo dentro da gente. É tratar de olhar para si e dizer *Eu Sou!* Fazer relação entre o ser externo e o interno, desenvolver essa sintonia com cuidado, escutar bem direitinho. Essa é a batalha. Não perder a chance. Todo instante é uma opor-

tunidade de zelar pra que esse momento da compreensão de Deus, do que é *um só*, não vá embora.

Contei ao Padrinho meu trabalho e os primeiros indícios da descoberta de quem seria eu no Astral. Expus minhas dúvidas e inseguranças em me declarar e reivindicar uma coisa que poderia estar também em outros. Ele se limitou a dizer:

— Por que não pode ser você? Não duvide não. Trabalhe com esse ser que se apresentou.

Depois a conversa virou sobre questões mais íntimas, tentações. O Padrinho falou:

— Quando vier na espiritualidade algo de mulher muito fascinante, se tranque, porque vem no material.

Conversando com o Padrinho o tempo vai passando e a gente nem sente. O velho vai falando, ensinando e nos limpando de toda carga. Cada palavra do Padrinho era uma espécie de serzinho à parte carregado de sentido e energia luminosa que atravessava nossa pele, aderida dentro do nosso Eu mais interno e modelava nosso espírito, aumentando nossa consciência dele. E o velho continuava:

— Quem chega junto, quem se apresenta junto, tem que seguir junto. Não adianta querer desmanchar. O que você vê no Daime, ou já é, ou tá surgindo, nascendo no momento que você viu. Mas apesar da dificuldade, essa doutrina é só de maravilha, seu Alex. Só o homem recebeu a vida consciente, essa primazia. O que vem pra perturbar é porque dentro da primazia também tem uma guerra entre o positivo e o negativo. Mas se o cabra é firme, ele quer ir pro positivo. O negativo arrocha, mas eu vou nem que seja com um pé de um lado, o outro do outro e eu no meio, no rumo do Bem. O espírito não tem medo do Daime, não, ele gosta. A matéria é que tem medo. Espírito não come nem caga. Ele gosta das coisas boas. Mas tem hora que dá medo mesmo. Teve um dia num trabalho... sabe o que o Mestre Irineu disse?

— Sei não, Padrinho.

— Pois bem, ele se levantou com um charuto na boca numa hora danado de arrojado e disse:

— Quem quiser correr que corra. Eu não corro porque não posso.

No dia de viajar fui me despedir do Padrinho Sebastião. Passei

por sua casa, demos uma volta e nos fechamos na antiga casa do Seu Nel, que tinha servido de hospedaria para os visitantes durante o Festival. Ele gravou algumas palavras. Mas sempre que queria dizer algo importante pedia para eu desligar “a coisa”.

— O que tenho visto nesse tempo é que vai acontecer conforme o prometido. Tenho esperança que nesses 16 anos alguma coisa aconteça. Só resta cada um zelar pelo que é seu e esperar pra ver o que vai acontecer.

— Vou segurar meu ponto com unhas e dentes — exclamei num arroubo.

— Com unhas e dentes, não, com Amor — ele respondeu. — A chave é o Amor. Quanto mais o camarada chega todo complicado, quanto mais o Mestre recebe com aquele Amor, menos ele consegue suportar aquele Amor e vai ter que botar pra fora. Só olhando pra estrela no peito eu vejo quem brilha. Quem está limpo e puro trabalhando. Se você vai querendo com fé seguir o caminho, o Daimê leva você, te puxa, propriamente, e te protege de um jeito especial. Eu agradeço a Deus todo dia pelo meu sofrimento, que me permite chegar aonde estou... Porque eu não estou mais aqui. Eu estou, mas já estou muito elevado e não preciso mais dessa matéria. O invisível para mim é visível. Dizendo assim: que é preciso a gente conhecer que entidade nos guia, quem somos, desde o começo, ver quem alimenta esse aparelho, que é o nada, só ilusão. Só a partir daí que a gente pode ver as coisas do Astral.

— O senhor já viu muita coisa, hein Padrinho?

— Acredito que eu conheço muitas coisas da Espiritualidade. Não é nem por muito mérito não, é que os outros não prestam atenção. Mas todo mundo pode ver o que eu vi. Basta trabalhar direitinho que eu apareço. Procure seguir retinho que só vai ver beleza.

“A nossa Mãe sempre dá um jeitinho de mostrar as coisas lindas. E entre a Mãe e o Pai a gente sempre não tem um xodó com a Mãe? Vamos todos se reunir para Juramidam vir. É preciso reunir nós todos, não pode ser cada um. Não somos todos Um? É a nossa força que chama a Força maior. É preciso ser doutrinário, aprender a atuar com aquilo que somos lá.

— Padrinho, o senhor já disse que está mais lá do que em matéria. Se o senhor quiser ainda voltar?

— Não sei se vou voltar... Ainda não vi nada sobre isso. Meu papel eu estou cumprindo. Vou juntando meu povo e cuidando do meu setor. Cada um cuide do seu pra sobrar alguma coisa. Porque mais mal do que o homem anda fazendo a si mesmo e à natureza não dá pra imaginar. Vamos todos descobrir a morada divina. O homem tem vários tronos, só é preciso saber quem senta onde. Quando tudo tá perfeito, aí brilha. Tudo em seu lugar.

Saímos da casa e fui arrumar as malas para viajar. Durante a conversa, guiado pelo magnetismo espiritual do Padrinho, eu compreendera mistérios e mistérios do tempo, encarnações e o por que do Daime ter surgido para mim nesse momento. Ele disse uma vez:

— Temos que aproveitar essa chance que ela pode ser a última ponte para a vida eterna.

Tive a sensação de que, entre milhares de outras vidas pretéritas, tinha estabelecido laços com a eternidade em vários momentos. No Egito, na Índia, na Palestina, na China, como Inca etc. Em seguida a cada um desses encontros, novas derrocadas me fizeram perder a linha de continuidade desse processo. A Força estava agora no meio da Floresta. Este era o meu derradeiro ponto de embarque para o Infinito. Os retardatários vinham chegando e ocupando seus lugares. E, em breve, talvez essa floresta desaparecesse, e com ela, o último elo que nos ligava ao Poder e ao mistério da criação. O jagube, a rainha e outras plantas do Poder, brotadas da Mãe Terra, eram nosso passaporte para outras esferas. Junto com a floresta massacrada pelo homem elas iam também rareando ou sendo perseguidas pelas leis e os preconceitos do mundo da ilusão.

A hora era essa. Ninguém sabe o quanto ainda vai durar o prazo de inscrição para essa viagem que nos garante a continuidade em algum ponto das estrelas. Alguns túneis sempre permanecem para a salvação de uns poucos. Mas a tendência no decorrer dos séculos tem sido a alternância. Entre períodos em que certos segredos se revelam e tomam um caráter massivo e outros em que a ignorância massacra a Verdade e fecha as portas do Conhecimento durante tantos séculos.

Quem teve a chance de se conhecer dentro do Daime, tem uma

gratidão sincera por essa Força que possibilita o maior conhecimento que é possível ter sobre a vida e seu objetivo. Reverência e lhe devota todo amor.

Somos filhos desse Mistério. E esse Mistério, no decorrer das eras, chamou-se Deus. Não há maior alegria do que ser filho de Deus. Somente estes, libertos de todos os vícios da nossa civilização, reintegrados na Natureza e na dimensão espiritual da existência, sobreviverão. Aqui ou lá? Serão 144 mil, como nos dizem as Escrituras e confirma o Padrinho Sebastião?

Tudo isso são perguntas. Que cada um “Examine a consciência, examine direitinho”, como diz o hino do Padrinho.

E veja para onde está caminhando. Porque a confusão está grande, o alarido inútil, as respostas poucas e o tempo curto.

O Daime não será, na certa, a resposta e a solução para todos. Mas existem muitos caminhos que desembocam *lá*. E cada um tem a chave desse segredo dentro de si. É só querer descobrir.

Antes de pegar o carro que me levaria ao Aeroporto, ainda tive uma conversinha de despedida com o Padrinho Alfredo, filho do Padrinho Sebastião. Falava-lhe da incompreensão que ainda existiria por muito tempo a respeito da Doutrina, do uso religioso das plantas de conhecimento, dos preconceitos e das calúnias armadas em torno da discussão sobre “drogas”, “alucinógenos” etc. Ele me respondeu com um sorriso:

— Os moralistas que não se preocupem porque melhor que eles é a Natureza que tudo suporta. Até seus preconceitos.

Engoli em seco, emocionado. Faiscavam sentidos profundos naquele momento. Com a delicadeza que lhe é peculiar, Alfredo concluiu:

— O camarada tem que saber lutar com a espada do seu tempo. E é difícil compreender que essa espada é a da Paz. A gente tem que dominar pela Paz. Estar ali na batalha, parecendo que não está fazendo nada, mas vitorioso.

Abracei o Alfredo e me despedi. Percebi naquele momento que ele me respondera, sem saber, os motivos que me levaram a escrever este livro, tão diferente dos outros que escrevi.

## Palavras Breves de Conclusão





**A**O ENCERRAR ESTA última parte do livro, sinto-me particularmente emocionado. Do meu escritório, olho para as montanhas. Uma natureza exuberante que aos poucos, no trabalho com o Daime, foi tomando um significado cada vez mais profundo e, porque não dizer, divino.

A minha emoção não pretende ser a consequência de um trabalho bem realizado. Estou consciente de que não consegui chegar nem próximo do estágio de *testemunho emocionado* que hoje em dia considero o caminho principal do conhecimento.

Não que me faltasse emoção, nem que eu me furtasse a me entregar diante dos desafios desse novo conhecimento. Mas simplesmente porque a linguagem que nasceu comigo sempre foi mera secretária executiva do Intelecto, nunca tinha visitado as novas paragens da consciência alterada. Conformava-se em ser uma espécie de agência de aluguel de *formas* para o pensamento.

A minha emoção de concluir este livro inconcluso é, ao mesmo tempo, a de assumir a ambigüidade que significou escrevê-lo. Ainda proponho formas com a velha linguagem, enquanto não surge uma nova poética para falar da experiência de outros planos da percepção e da consciência.

Acredito que a “miração”, conforme é obtida no trabalho com o Daime, é este caminho. Uma nova síntese entre a compreensão afetiva, a inteligência e o *sentimento* da imagem. Uma experiência fundada numa ética poderosa que nos impele à única e verdadeira transformação do que é interno e externo, abolindo as falsas fronteiras que separam nosso Ego do restante do Universo.

Tudo começa em nós mesmos, na nossa percepção. Constatan-

do que o recolhimento de dados executado pelos nossos sentidos para o processamento e análise da nossa Razão e Intelecto é particularmente tendencioso. Via de regra, esse processo de coleta de material nos níveis normais de consciência visa, tão-somente, a reforçar a pretensa superioridade do Intelecto como o único canal apto a entender e operar com a existência.

A existência, por sua vez, é sempre uma questão de consciência. O que concebemos como existência? Aquilo que é real, que lhe é nato, ou apenas aquilo que percebemos e compreendemos da realidade? Normalmente, os limites do real são dados para nós pelos nossos sentidos, a partir da nossa compreensão sobre ele. É a célebre frase hegeliana: “O real é racional.”

Parto da premissa de que existe algo mais que é real na realidade além daquilo que nossa percepção e racionalidade dela se apodera no dia-a-dia. A pergunta é: para onde iria essa parte invisível do Real? E qual seria o método de alcançá-la?

Os relatos e experiências deste *Livro das Mirações* pretendem mostrar que essa realidade imaterial e invisível se refugiou num campo específico de conhecimento, que chamamos de *espiritual*. E que a consciência dessa realidade ou dessa fenomenologia espiritual só pode ser obtida através de um trabalho e de uma disciplina que visem à aquisição de um outro estágio de consciência. Dentro de um número limitado de possibilidades de alterar a consciência e sintonizá-la para esses fins, o uso mágico e ritual de certas plantas com propriedades alucinógenas (entendidas aí como propriedades capazes de alterar nossa percepção do mundo e de nós mesmos) foi o caminho que eu segui. E a cada momento, os bons resultados foram me impelindo em seguir em frente.

Aos poucos, a minha compreensão das mirações e as conseqüências que elas acarretavam na minha vida foram também se modificando. De uma mera técnica para alcançar uma outra percepção da realidade, se tornou uma experiência espiritual, mística ou religiosa. Depois voltarei para precisar melhor essas diferenças. No momento, basta localizar a raiz dessa passagem de uma coisa para outra.

Mesmo sem ter qualquer preconceito, não creio que o caminho seja o uso abusivo e indiscriminado de *drogas*, pelo menos do modo

como nossa sociedade as concebe. Falo aqui tanto dos críticos apressados como dos apoletas inconseqüentes.

O trabalho espiritual com o Daime está longe de ser, para mim, um experimento científico com um alucinógeno poderoso. É sim, um caminho de conhecimento que nos obriga a tomar contato com o lado invisível da realidade, o único que é verdadeiramente *real*. O reconhecimento do invisível é uma necessidade para quem explora essas esferas, por dois motivos básicos: o primeiro é fruto de uma revelação, portanto intraduzível. E o segundo decorre do limbo a que está entregue a nossa linguagem, incapaz de incorporar no nosso *Eu* experiências que não possam ser sintetizadas em uns tantos conceitos operacionais.

Só que esses conceitos operacionais pressupõem um critério de eficiência que está longe de poder abarcar e explicar as experiências de êxtase e a sabedoria serena que delas emanam. O crivo de sua eficiência não está nos padrões que a ciência paulatinamente vem clarificando no transcorrer dos séculos. O Padrinho Mário diria isso da seguinte forma: “O segredo só existe para quem está do lado de fora. Para quem entrou no lado de dentro, não há mais segredo.”

A decifração do segredo do que é a vida e de *quem é* nossa consciência faz parte de uma outra ordem de conhecimento, por nós muito pouco conhecida. Talvez pelo fato de exigir uma superconsciência do que não é propriamente material (pelo menos como entendemos a matéria e seus atributos) é que ela passou a ser chamada, por oposição e até pejorativamente, de “espiritual”.

Perdi o medo dessa denominação enquanto escrevia este livro. Mas tenho confiança que em breve muita coisa vai ser revolucionada nesse campo. As relações entre matéria e espírito, corpo e consciência, tempo e historicidade, o biológico e a energia, vão gerar conseqüências cada vez mais instigantes. E a partir delas talvez não sejam mais possíveis as oposições entre Ciência e Espiritualidade.

O verdadeiro conhecimento é sempre uma força unificante. A adversidade e as diferenças sempre foram artifícios de um saber historicamente dado para poder erigir sistemas autônomos empenhados em representar uma falsa universidade. Para o conhecimento espiritual, não existem tais barreiras, pois ele é a experiência da comunhão com o todo, além de todas as divisões, classificações e

pretensões com que a Ciência Humana pretendeu fracionar esse Todo por uma questão de estratégia política.

Fora disso, não há saída. Nem epistemológica nem política. Basta pensar as questões que estão na nossa frente, para serem resolvidas: evitar o suicídio do Homem enquanto espécie por meio dos artefatos atômicos, a destruição da natureza e conseqüente destruição do planeta; racionalizar a produção de alimentos para que não haja fome nem escassez, independente das fronteiras geopolíticas e sistemas sociais que separam os países do nosso globo; acabar com essas guerras ridículas sobre todos os pretextos ideológicos; acabar com todas as guerras, mesmo que não tenham pretextos ridículos, garantir saúde, felicidade, educação, lazer, longevidade a todos os bilhões de habitantes desse planeta.

Alguém, de sã consciência, ainda acha que essas questões podem ser resolvidas pelos diversos meios, conceitos, técnicas e táticas que temos empregado até agora? Não seria justificado tentar alguma coisa de novo?

E onde buscar essa coisa nova, senão voltando nossa atenção para tudo aquilo que foi relegado pela ciência, pelo discurso político e suas variantes?

Esse é o desafio de conhecer o *Invisível*. Só nessa outra dimensão, a totalidade permanece intocável, alheia ao desespero e aos crimes cometidos na chamada (e considerada única) realidade. E creio que, fora dessa totalidade e do Eu que participa de todo o Cosmos, não há salvação possível. Para o Cosmos e para o Eu.

Com tudo isso, eu quero esboçar aqui apenas algumas conclusões, que pretendo aprofundar numa outra oportunidade.

A aventura da espiritualidade não é simplesmente uma alteração da percepção por meios naturais e/ou artificiais. Para que haja o fenômeno revelatório, normalmente associado ao misticismo, é preciso que haja alteração na consciência.

Acredito que o que move as pessoas na procura de novas experiências sensoriais e perceptivas mesmo utilizando certas substâncias psicoativas, enquanto “drogas”, já é um indicativo de como precisamos de uma consciência mais elevada, se não quisermos levar uma existência meramente burocrática no plano da matéria

Mas o uso de alucinógenos não significa que a pessoa passe sequer próxima do conhecimento espiritual.

A primeira coisa que o Daime exige é que você abandone qualquer pretensão de considerá-lo uma beberagem alucinógena que vai lhe ocasionar “baratos”. Quem for por esse caminho, escorrega e cai. E o tombo às vezes é feio.

Quando cumprimos essa primeira exigência e passamos a considerar aquele líquido como um veículo material de uma força ou ser que é pura Luz e conhecimento, aí é que começamos a obter essa outra consciência.

Todos nós temos uma ânsia de sabedoria que foi embotada socialmente por sucessivos e sutis massacres. Todos nós procuramos os segredos de nós próprios e do Universo, sem notar nunca que o mistério de um está contido no outro.

Mas muito poucos concordam humildemente em serem tributários daquele Poder que, em última instância, pode facultar a nós o grau de consciência que nos permite conhecê-lo.

Normalmente não desejamos abrir mão de nossa autonomia. Mas como pretender ser independente de um Poder que regula tudo? E que dá provas disso a cada instante? Nessa empreitada espiritual, certas noções libertárias não passam de mimos do Eu, ameaçado e até mesmo em pânico, com a disciplina que é necessária a esse tipo de conhecimento.

Por isso é que muito poucos se entregam ao Poder. Preferem manter suas capas, achando que com isso permanecem livres e ocultos. E morrem sem terem sido libertos. E os mistérios além da morte lhes permanecem interditos. Pois manter a consciência da passagem do corpo físico para um outro, desconhecido, onde se partilha do Todo, não é uma simples questão automática de causa e efeito, mas sim a consequência que virá ou não fruto de um trabalho específico. Para isso viemos à Terra: para aprender. E se não aprendemos, a culpa não é de quem nos mandou, mas de nós mesmos que não acreditamos Nele e nas possibilidades que nos foram deixadas por força de quem nos enviou. Essa é a questão central que o Daime nos coloca para resolver.

O poder nos deixa várias pistas. Várias manifestações suas

estão na Natureza. Podemos fazer delas um uso psicodélico, lúdico, prazeroso e sensorial. Mas ainda estaremos fragmentando o sentido, criando roteiros para a nossa fantasia. Estaremos apenas produzindo o *simbólico instigante* para descansar do real medíocre.

O conhecimento *mágico* ou *místico* estrutura o sentido da experiência, de uma forma que haja a verdadeira transcendência. E com ela o *sentimento da verdade* seja alcançado.

Os métodos que visam alterar a percepção só partilham da experiência mística quando, sob certas condições do sujeito, se passa do plano do *conceito* da Verdade para a experiência da Verdade. Esta é *una* e *absoluta*. A experiência da Verdade é sempre um sentimento e uma emoção, não intelectual nem cognoscível. E essa emoção é o suporte da Revelação.

A título de melhor compreensão, eu diria que a Revelação é esta passagem da *vivência subjetiva da linguagem*, para a *vivência objetiva da imagem*. É o que o Padrinho Sebastião chama o “Ser em vez de parecer”. Ainda para melhor explicar essa tentativa de *tradução*, em termos de linguagem, do que é revelação, gostaria de lembrar um exemplo que eu cito no livro. Trata-se de uma miração onde eu via a constelação do Cruzeiro e a sua imagem de cruz destacar-se no céu estrelado. Num determinado momento, aquela imagem da cruz me causou uma emoção indescritível. E logo em seguida eu compreendi, através da interseção do seu eixo horizontal e vertical, como que no conhecimento espiritual, a hierarquia (o braço vertical) se conciliava com a absoluta igualdade (o braço horizontal). Vi e senti isso na interseção de ambos. Foi um aprendizado muito importante e significativo para mim, pois afastou meu medo de pertencer a uma hierarquia onde eu era uma peça pequenina e lá embaixo da engrenagem. Já que apesar disso, todos nós, mesmo os lá do alto, éramos rigorosamente iguais. O que me levou a isso que eu chamo Revelação, não foi uma compreensão e manipulação de conceitos de hierarquia e igualdade. Mas sim o *sentimento* suscitado pela imagem da Constelação e da Cruz.

O último ponto que eu gostaria de tocar, à guisa de conclusões, é o potencial de transformação pessoal que o caminho da Revelação nos induz. Fato para mim tão significativo que me faz pensar que,

fora dessa opção espiritual, não há condições de uma verdadeira revolução no indivíduo. O Padrinho chama a isso *renascer*.

Para essa revolução ou para esse renascimento, é preciso muito esforço. E também muito sofrimento. Por quê? Quem tenta, compreende.

Não é à toa que os que tentam são estigmatizados e vivem envoltos em suspeitas. De serem loucos, fanáticos, desagregados, prepotentes. O trabalho de prospecção do conhecimento passa por várias camadas perigosas, capituladas em nossa sociedade no rol dos desvios mórbidos. Como a dor, a loucura e a morte. Fazer o inventário de tudo quanto foi soterrado em nós, para que se erigisse o Eu, passa necessariamente pela experiência e pelo conhecimento de cada uma dessas coisas. O Daime nos obriga a reviver cada uma dessas sensações. Cada dor que tivemos e o seu sentido. Até que, em cada novo encontro, a dor não mais oprima, mas liberte. E libertar a consciência passa por muito perto daquilo que é denominado pela psiquiatria de *psicoses*.

O Daime nos leva a incursões controladas e reguladas no rumo de nosso potencial psicótico. Ele não nos leva *para* a psicose. Mas sim, à compreensão de que nosso Ego é uma solução artificial para nossas cisões e que sua invenção comporta uma situação potencialmente psicótica. O nosso equilíbrio em termos psiquiátricos é uma política de alianças que privilegia um território do Eu, à custa de um outro que tem de ser constantemente dominado e ameaçado sob pena da nossa identidade explodir em mil estilhaços. O conhecimento da loucura é importante porque ela nos traz notícias da morte do Eu. A viagem da loucura é de uma morte com retorno. Não é isso que desejamos saber? O que está além da vida?

É por isso que o Daime é também uma poderosa ajuda psicoterápica, quando propõe uma unificação do Eu com a Eternidade, da matéria com o espírito e assim sucessivamente.

O renascimento também pressupõe a morte. O mito da Fênix revivido das cinzas. A passagem onde se compreende o que é a morte, é um dos vários graus do trabalho de iniciação com o Daime

Muitos temem a loucura. Mas não a entendem como parte de si mesmos. O perigo do conhecimento espiritual é que ele atravessa nossa própria loucura e a de toda humanidade. É preciso conhecer



tudo, todos os perigos. Fazendo jus ao conhecimento recebido, não há riscos nem medo. Sequer perigo.

Se isso pode frear os incautos, é bom que se repita. Ninguém deve se meter nessas trilhas se não sabe o que está fazendo. Mas quem procura sinceramente a verdade da existência, não se deixe esmorecer: vários caminhos e não só o Daime conduzem ao mesmo lugar.

Se falei de dor, loucura e morte é porque essas são passagens inevitáveis para quem procura se conhecer. Não é preciso nem ir muito longe, nem está aí nenhuma novidade. Se formos recapitular nossa simples existência cotidiana, veremos que os momentos mais criativos, que nos levaram às nossas mais sólidas transformações, sempre ocorreram em certas situações limites de alguma maneira relacionadas com esse trinômio.

No mais, a doutrina que existe em torno do Daime se nutre da beleza e da felicidade, num grau que é impossível descrever, mas que se depreende do fato dos rituais serem festas de música e dança. Música (hinos) e dança (bailado) que produzem em seus participantes um conhecimento até então inimaginado. Bailando na corrente de homens e mulheres, compreendi um dia que o maracá é um objeto muito mais importante para o conhecimento do que um computador de última geração.

Essa experiência dos rituais do Daime, quando aprendemos a manejar com a nossa Luz, tem seu ponto máximo nas mirações. As visões extáticas que sentimos nesses momentos, impõem aos seus beneficiários uma rigorosa ética de transformação. Tanto nos valores como na conduta prática. Não vi, nem possivelmente verei, algo como o Daime. E foi essa constatação que me levou a escrever esse testemunho emocionado.

O crepúsculo vai atingindo minha bela paisagem. Vejo meus filhos brincando na imensidão verde do vale. Uns gaviões pulam de um pinheiro para outro e distingo simultaneamente quase uma dezena de pios de pássaros. Sinto-me sereno e feliz, apenas um tanto apreensivo com as conseqüências deste livro.

Tudo isso faz parte de minha versão de Deus.

## Hinário

### 1/7 Lembrando

Lembrando estou aqui eu vou dizer  
E mesmo é coisa de nossa capacidade  
Que para sermos filhos da Rainha  
É preciso darmos prova da verdade

A verdade é Deus e a Rainha  
É a doutrina e quem for se  
[doutrinando

O templo sendo cada um  
O Mestre continua ensinando

Mas é preciso se humilhar e ter amor  
Que na justiça somos bem testificados  
É preciso confiar em si mesmo  
Para ser pela doutrina resguardado

Esta doutrina é muito séria de seguir  
E não permite enganar-se a si próprio  
Perante essa Luz Divina  
Também valem muito os nossos  
[esforços

Lembrando sempre do Sol e da Lua  
Das Estrelas, da Floresta e do Mar  
Se reconciliar com a Natureza  
E cada um se compor em seu lugar

### 2 Meus Irmãos e Minhas Irmãs

Meus irmãos e minhas irmãs  
Façam o favor ir se desenrolando  
Sou pequeno e tenho palavra  
Minha verdade eu estou mostrando

Sou pequeno, estou olhando  
Estou dizendo e ninguém está ligando  
Esta Verdade é pura  
Deus do Céu é quem está mandando

Meus irmãos e minhas irmãs  
Eu peço para ir se acordando  
Meus irmãos eu não engano  
E vejam que está se passando

O Mestre vem, o Mestre vai  
Eu estou firme, não saio do lugar  
Sou a Sala e sou o Trono  
Para meu Mestre conversar

### **3 O Daime, é o Daime**

O Daime é o Daime  
Eu estou afirmando  
É o Divino Pai Eterno  
E a Rainha Soberana

O Daime é o Daime  
O professor dos professores  
É o Divino Pai Eterno  
e seu filho Redentor

O Daime é o Daime  
O Mestre de todos os ensinós  
É o Divino Pai Eterno  
E todos Seres Divinos

O Daime é o Daime  
Eu agradeço com amor  
É quem me dá a minha saúde  
E revigora o meu amor

Agradeço ao Santo Daime  
Agradecendo a todos seres  
E quem me manda agradecer  
É o meu Pai Verdadeiro

### **4 Esta Luz que nos Clareia**

Esta luz que nos clareia  
Toda hora e todo instante  
Nos dá o dia perfeito  
E a noite por descanso

Me firmei na Lua Nova  
Dentro do meu coração  
Com amor a Lua Cheia  
Que me dá vosso clarão

Esta força é perfeita  
Quero sempre perceber  
Com firmeza e com carinho  
A Mamãe agradecer

Todos verem este brilho  
Todos falam de Jesus  
Eu peço força a Meu Mestre  
Para sempre esta luz

### **5 Sigam, Sigam, Meus Irmãos**

Sigam, sigam, meus irmãos  
E não queiram esmorecer  
Vamos acompanhar o Mestre  
Ele quer nos proteger

Sigam, sigam, meus irmãos  
Com amor e alegria  
Que a dona desta Casa  
É a sempre Virgem Maria

Nosso Mestre nos procura  
Com amor e com carinho  
A melhor coisa do mundo  
É possuir um padrinho

Eu amo meu Padrinho  
Com amor no coração  
Porque Ele me ensina  
Eu amar os meus irmãos

## 6 Sou Luz

Sou Luz, dou Luz  
E faço tudo iluminar  
Vejo meu Pai nas alturas  
E o Poder onde está

A Força está comigo  
Falo perante o Poder  
Faço o que tu me pedes  
Eu quero ver estremecer

O amor Eterno gravei no coração  
De vós eu recebo os ensinamentos  
Para expandir  
Para os meus irmãos

Assim é que meu Pai quer  
Perante este Poder  
Não fazem o que Ele pede  
E todos querem merecer

## 8 Marcha da Bandeira

Como é lindo este chão nossa pátria  
A Floresta este jardim em Flor  
Como é belo se ver este brilho  
Tão Divino da Luz do resplendor

Com firmeza me deu esta Marcha  
Vou seguindo e vou recebendo  
Tudo, tudo enquanto se pede  
De acordo se vai recebendo

Salve, salve, oh! Mãe do Universo  
E louvada seja nossa festa  
Para todos sentir esta força  
Deste brilho da Rainha da Floresta

Nossa Mãe, Mãe de toda pureza  
Mãe de Cristo, essência da Flor  
Agradeço oh! Mãe natureza  
Com palavras do meu Beija-Flor

Quero sempre brilhar nesta Paz  
E amor desta linda Bandeira  
Nestas cores do Rei da Ciência  
Que nos traz doutrina verdadeira

Vamos todos marchar meus irmãos  
Na doutrina de Juramidam  
Peço que obedeçam o comando  
Que se traz aqui neste salão

## 9 Firmado em Concentração

Firmado em concentração  
Na Virgem Mãe verdadeira  
Eu vou olhando e dou chance  
A quem olhar para esta bandeira

Vou publicar uma palavra  
Que traz pura lembrança  
Das cores desta bandeira  
Do Pai verdadeiro verde, azul e  
[branco]

Firmado no verde lindo  
Sou eu, represento a Terra  
Por isso aqui eu estou  
Com a paz do Senhor, acalmando a  
[guerra]

Firmado neste azul  
Nesta imensidão celeste  
Faz calmar o meu coração  
E os meus irmãos, os que não esquece

Lembranças vivas de Deus  
Nos traz o branco do Astral  
Com todos os seres do alto  
Que nos iluminam juntamente ao Sol

Completei esta lição  
Com justiça e lealdade  
Para todos se reunir  
Provando aqui sua capacidade

### 10 Eu Não Sou Deus

Eu Não Sou Deus

Eu não sou Deus  
Mas tenho uma esperança  
Eu não sou Deus  
Mas sou sua semelhança

Deus é fogo, Deus é água  
Deus é tudo  
Eu convido os meus irmãos  
Para começar nossos estudos

Eu não sou Deus  
Mas tenho uma esperança  
Eu não sou Deus  
Mas sou sua lembrança

Deus no céu, Deus na Terra  
Deus no Mar  
Eu convido os meus irmãos  
Para ficar em seu lugar

### 11 Lembranças de Amor

Oh! Lua vós sois tão formosa  
Receba do meu coração

Estas lembranças de amor  
Que digo nesta canção

Oh! Mãe, vós sois dominante  
E tudo vem dominar  
Estás explandindo amor  
A todos que lhe procurar

Amor é este trabalho  
Sempre feito de coração  
Que vem dito nesta doutrina  
Da Virgem da Conceição

Estamos todos aqui  
Vendo e sempre estudando  
Que temos quem nos ensina  
Pai, Filho e Espírito Santo

Eu rogo a quem me ensina  
Tranquilidade e amor  
Saúde aos meus responsáveis  
Eu peço ao meu Redentor

Meu Papai e Minha Mamãe  
Aqui eu digo de mim  
Eu faço por mim e por todos  
Vos fazeis por vós e por mim

### 12 Em Pé Firme na Floresta

Em pé firme na Floresta  
Recebendo a Santa Luz  
Sou humilde, sou humilde  
Sou humilde de Jesus

O Império destas Matas  
Não existe força maior  
Agora aqui peço firmeza  
Às Estrelas, à Lua e o Sol

Toquei a minha corneta  
Já é a última chamada  
Se perfilarem comandantes  
Para vencer a jornada

Esta força verdadeira  
É o reinado do sol  
Em cima vivem os astros  
E embaixo vivem os paus

No meio da floresta  
É que vamos ficar  
Esperando o balanço  
Que o tempo vai dar

Receba este presente  
Que eu mando dar  
De agora em diante  
É que vamos cantar

Oh! Meu Pai Onipotente  
Que me dá força e me segura  
Para eu ser vosso filho  
E me livrar das amarguras

### **13/14/15 Meu Coração no Sol**

O Poder de Jesus  
Conhecer quero eu  
Vivendo na Terra  
No meio dos judeus

Procurando ouvir  
Eu estou trabalhando  
E da minha Mãe  
Todo dia lembrando

O coração no Sol  
e a cabeça na Lua

E nessa Verdade  
a minha fé continua

### **16 Meu Pai é a Chave da Harmonia**

Meu Pai é a chave da harmonia  
Escute o que eu vou lhe dizer  
Meu Pai é quem me dá todo conforto  
Levanta quem está morto  
Eu peço pra viver

Meu Pai eu quero o teu amor  
Meu Pai eu quero o teu saber  
Não há nada encoberto  
Que não seja descoberto  
Basta eu querer

### **17 Meu Recado**

Eu sempre dou o meu recado  
E trato de me retirar  
Quem só vê o aparelho  
É mais difícil de chegar

Chegando-se neste apuro  
Desta manifestação  
Se vê o Espírito Santo  
Em curta atuação  
Eu vou seguindo e vou guiado  
Sou Rei da calma e paciência  
Peço ao Sol com vosso brilho  
Paz, firmeza e consciência

A esta força eu me entrego  
Peço a Vós agir por mim  
Que sois a flor que mais brilha  
E perfuma este jardim

Neste jardim de Flores brancas  
Para se apresentar  
Quem quiser estar comigo  
Se componha em seu lugar

## 18 Pedi a Meu Mestre

Eu pedi a meu Mestre  
Não me deixe cair  
Ele me respondeu  
Seus esforços são meus  
E temos que seguir

Eu pedi a meu Mestre  
Foi no meu coração  
Já que sou vosso trono  
Sois vós o meu dono  
Em todo salão

Implorei a meu Mestre  
Que eu não fosse perdido  
Devo agradecer  
Para sempre entender  
O valor do pedido

Eu pedi e segui  
Com o meu São João  
A luz deste Cruzeiro  
É preciso ter zelo  
Em todos corações

Com fé e amor  
Deus me trouxe aqui  
Quem ama concorda  
Que Deus é a ordem  
Que manda seguir

Com o seu poderismo  
E sabedoria

Confio no Sol  
Que todas as estrelas  
Chegarão um dia

No entendimento  
E na compreensão  
Confio na Lua  
A Virgem Mãe Pura  
Do meu coração

## 19 A Princesa Soloína

Vejo a Natureza do Tempo  
O clarão do Sol e seu calor  
O Vento calmo que harmoniza  
O verde e as cores das Flores

É um primor a Floresta  
Da Senhora Rainha Divina  
Onde habita o Rei dos Reis  
E a Princesa Soloína

Recebo a presença de Deus  
Da Lua eu tenho esperança  
Vejo em toda Estrela um tesouro  
Guardado no Céu por lembrança

Vou seguindo minha jornada  
Digo sempre e vou dizer  
Que a digníssima princesa  
Tem gosto e tem prazer

É aqui neste lindo jardim  
Que o Mestre veio nos mostrar  
Como uma Flor pequenina  
Tem brilho e faz brilhar

É só prestar atenção  
E ouvir a corneta tocar

Neste tom de sinal de alerta  
O Mestre está a chamar

Escutem a preleção  
Se compondo em seu lugar  
Que a Princesa Solóina  
Encanta e faz encantar

## **20 Dia 1º de Junho**

Dia 1º de junho  
Eu entrei de serviço  
Vi as Águas me dizendo  
Meus filhos não façam isso

Aí fiquei à escuta  
Para ver para onde ia  
Vi retratada na Lua  
a sempre Virgem Maria

Assim é o Mestre dizendo  
Em mim no meu pensamento  
Vejo a pureza da Lua  
No azul do firmamento

No combate das Águas  
Meus filhos façam isto  
Está tudo na História  
Do senhor Rei Jesus Cristo

Os que forem obedientes  
Nunca paro de mostrar  
Quanto mais anda mais vê  
Esta Estrela brilhar

Esta Estrela brilhante  
Do Peito do nosso Pai  
É quem nos dá força  
E faz tudo balançar

O balanço é de amor  
Para todos escutar  
De todo balanço forte  
É o mais forte que há

## **21 Sol, Lua, Estrela**

Sol, Lua, Estrela  
A Terra, o Vento e o Mar,  
É a Luz do Firmamento  
É só quem eu devo amar

É só quem eu devo amar  
Trago sempre na lembrança  
É Deus que está no céu  
Onde está minha esperança

A Virgem Mãe mandou  
Para mim esta lição:  
Me lembrar de Jesus Cristo  
E esquecer a ilusão

Trilhar este caminho  
Toda hora e todo dia  
O Divino está no céu  
Jesus Filho de Maria

## **22 A Rainha me Mandou**

A Rainha me mandou  
Eu rezar para o meu irmão  
Para Ela lá no céu  
Limpar meu coração

A Rainha me mandou  
Eu rezar para a humanidade  
Para Ela lá no céu  
Fazer as vossas vontades



A Rainha me mandou  
Eu rezar para os inocentes  
Para Ela lá no céu  
Rogar ao Onipotente

A Rainha me mandou  
Santa paz e alegria  
Para Ela lá no céu  
Mandar o pão de cada dia

### **23 Cantar Praia**

Cantar praia, cantar praia  
Cantar praia é quem me ensina  
Eu sou um filho eterno  
Não devo pensar à toa  
Conhecer este poder  
Que me traz as coisas boas

Não devo te desprezar  
Para ir atrás da ilusão  
Que me traz as coisas boas  
E me derruba pelo chão

Devo ser eternamente  
Para sempre amém Jesus  
Eu sou um filho eterno  
De joelhos em uma cruz

### **24 Eu Canto nas Alturas**

Eu canto nas alturas  
A minha Voz é retinida  
Porque eu sou filho de Deus  
E tenho a minha Mãe querida

A minha Mãe que me ensinou  
A minha Mãe que me mandou

Eu sou filho de vós  
Eu devo ter amor

Com amor tudo é verdade  
Com amor tudo é certeza  
Eu vivo neste mundo  
Sou dono da riqueza

A minha Mãe é a Lua Cheia  
É a Estrela que me guia  
Estando bem perto de mim  
Junto a mim é prenda minha

A riqueza todos têm  
Mas é preciso compreender  
Não é com fingimento  
Todos querem merecer

### **25 Eu Balanço**

Eu balanço, e eu balanço  
E eu balanço tudo enquanto há

Eu chamo o Sol, chamo a Lua  
E chamo Estrela  
Para todos vir me acompanhar

Eu balanço, e eu balanço  
E eu balanço tudo enquanto há

Eu chamo o Vento, chamo a Terra  
E chamo o Mar  
Para todos vir me acompanhar

Eu balanço, e eu balanço  
E eu balanço tudo enquanto há

Chamo o Cipó, chamo a Folha  
E chamo a Água  
Para unir e vir me mostrar

Eu balanço, e eu balanço  
E eu balanço tudo enquanto há

Tenho prazer, tenho força  
E tenho tudo  
Porque Deus Eterno  
É quem me dá

## 26 Princesa Soloína

Eu peço a Jesus Cristo  
Que abra este caminho  
Para mim seguir meus passos  
Com amor com alegria

Com amor com alegria  
Aprender o que vós ensina  
Para todos compreenderem  
Que existe um poder Divino

Segui neste caminho  
Tomei uma direção  
Adiante eu encontrei  
A Virgem da Conceição

Mais adiante uma princesa  
Chamada Soloína  
Ela foi disse para mim  
É nessa estrada é que se ensina

Segui minha jornada  
Adiante eu encontrei  
Um poder Divino  
Aí onde eu fiquei

Aí onde eu fiquei  
E pude compreender  
Quem seguir neste caminho  
Todos têm que aprender

## 27 São João

São João era menino  
Só vivia nas campinas,  
Pastorando as suas ovelhas  
Pregando as Santas Doutrinas

Pregando as Santas Doutrinas  
O amor Ele empregou  
Atrás dele veio Jesus  
Toda verdade afirmou

Toda verdade afirmou  
Gravou no coração  
Ambos foram batizados  
No Rio de Jordão

No Rio de Jordão  
ambos tiveram em pé  
Um é filho de Maria  
E outro é filho de Isabel

Jesus estava vestido  
Com a sua roupa cor de cana  
Dando vivas ao Pai Eterno  
Viva a Senhora Santana

## 28 Chamo o Tempo

Chamo o tempo, eu chamo o tempo  
Para ele vir me ensinar  
Aprender com perfeição  
Para poder ensinar

Os que forem obedientes  
Tratar de aprender  
Para ser eternamente  
Para Deus lhe atender

Depois que o tempo chega  
Ninguém quis aprender  
Depois que refletir  
É que vai se arrepender

Firmeza no pensamento  
Para seguir no caminho  
Embora que não aprenda muito  
Aprenda sempre um bocadinho

## 29 Ia Guiado pela Lua

Ia guiado pela Lua  
E as estrelas de uma banda  
Quando eu cheguei em cima de um  
[monte  
Eu escutei um grande estrondo

Esse estrondo que eu ouvi  
Foi Deus do Céu foi quem ralhou  
Dizendo para todos nós  
Que tem poder superior

Eu estava passeando  
Na praia do mar  
Escutei uma voz  
Mandaram me buscar

Aí eu botei os olhos  
Aí vem uma canoa  
Feita de ouro e prata  
E uma senhora na proa

Quando Ela chegou  
Mandou eu embarcar  
Ela disse para mim  
Nós vamos viajar

Nós vamos viajar  
Para o ponto destinado  
Deus e a Virgem Mãe  
Que vai ao nosso lado

Quando nós chegamos  
Nas campinas desta Flor  
Esta é a riqueza  
Do nosso Pai Criador

## 30 Mensageiro

Te levanta, te levanta  
Levanta quem está sentado  
Para receber o mensageiro  
Dentro do Jardim Dourado

Vai seguindo, vai seguindo  
Dentro do Jardim de amor  
Para receber o Mensageiro  
Do nosso Pai Criador

A mensagem que Ele traz  
É com prazer e alegria  
Jesus Cristo e São José  
E a sempre Virgem Maria

## 31 Linha do Tucum

Eu canto aqui na terra  
O amor que Deus me dá  
Para sempre, para sempre  
Para sempre, para sempre

A minha Mãe que vem comigo  
Quem me deu esta lição:  
Para sempre, para sempre  
Para sempre eu ser irmão

Enxotando os maus fazejos  
Que não querem me ouvir,  
Que escurecem o pensamento  
E nunca podem ser feliz

Esta é a linha do Tucum  
Que traz toda lealdade  
Castigando os mentirosos  
Aqui dentro desta verdade

### **32 Flor das Águas**

Flor das Águas  
Da onde vem, para onde vais  
Vou fazer minha limpeza  
No coração está meu Pai

A morada do meu Pai  
É no coração do mundo  
Aonde existe todo amor  
E tem um segredo profundo

Este segredo profundo  
Está em toda humanidade  
Se todos se conhecerem  
Aqui dentro da verdade

### **34 Fortaleza**

Estando nesta fortaleza  
Onde me rodeia o Sol  
Encostado a meu Império

Dono da Força maior  
Dono de todo poder  
Dono da Força maior  
É Ele quem me ensinar  
Para eu ensinar os menores

Para eu ensinar os menores  
Para todos aprender  
Para sempre louvar a Deus  
E saber agradecer

### **35 Examine a Consciência**

Examine a consciência  
Examine direitinho  
Sou Pai e não sou filho  
Mas eu não faço assim

Chamo de um, a um  
A todos eu mostro o caminho  
Fazendo como eu mando  
Tudo fica bem facinho

Todos podem se lembrar  
Do tempo de Noé  
A doutrina do meu Pai  
Eu ensino como é

Vamos meus irmãos  
Vamos todos se humilhar  
Pedir nosso perdão  
Para nosso Pai nos perdoar

Quem quiser que se agüente  
Não tem a quem se queixar  
Eu bem que avisei  
Que havia de chegar

Os hinos contidos neste Apêndice pertencem a: Mestre Irineu (21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32 e 34), Padrinho Sebastião (2, 5, 6, 10, 16 e 35), Padrinho Alfredo (1, 3, 4, 7, 8, 9, 11, 12, 17, 18, 19 e 20) e Odemir (13).

Este livro é dedicado

*In memoriam*, ao Mestre Raimundo Irineu Serra

Ao Padrinho Sebastião Mota de Melo,  
com amor e a veneração devida àquele que me abriu  
as portas do conhecimento.

À Madrinha Rita Gregório de Melo  
Ao Padrinho Alfredo Gregório de Melo  
Ao Padrinho Mário Rogério da Rocha  
Ao Padrinho Nel  
À Madrinha Cristina  
Ao Padrinho Manuel Corrente  
À Madrinha Júlia

Ao Padrinho Wilson, à Madrinha Zilda, Waldete, Pedro, Zé, Maria das Neves, Isabel, Nonata, Marlene, Sílvia, Maria Amélia, Rosa Maria, Neide, Ruth, Odemir, Teca, Tonho, Nair, Roberval, Maria Toca, Daíde, Jaci, Raimunda, Tupercy, Marina, Maurílio, Chico Corrente, Maria, Dalvina, João, Roberto, João Baé, Eduardo, Maria do Eduardo, Gecila, Mônica, Rosiany, Dona Maria Corrente, Mirim, Lúcio, Daniel, Jaime, Zé de Cima, Wilson, Veríssimo, Dona Irene, Luzenir, Luzanira, Damantier, Zé, Chico, Manuel Morais, Ricardo, Roberto, Marcos Roberto, Maria Inês, Marizilda, Ronaldo, Sebastião José, Salomão, Soloína, Cidalvino, Silvino, Alvino, Lena, Simone, Iracema, Glorinha, Moisés, Ramayana, Vera, Márcio, Norma, Dona Lídia, Regina, Rodolfo, Sheila, Ronaldo, Tânia,

João Batista, Adriano, Dona Maria, Lourival, Edvaldo, Bento, Nonato, Graça, Chagas, Francisca, Francinete, Maria Garibaldi, Ivan, Neu, Zé Teixeira, Kleuber, Vera, Pedro Dário, Samira, Viegas, Dario, Severino, Guilherme, Feliciano, Geraldo, João, Vanja, Adécio, e a todos aqueles que vivem no Seringal do Céu, Seringal Rio do Ouro, na Colônia 5000 e cujos nomes não me lembrei neste momento mas estão em meu coração.

Correspondência para o autor  
Editora Nova Era/Record  
Rua Argentina, 171  
CEP 20.921-380 — Rio de Janeiro — RJ





Se estiver interessado em receber sem compromisso, *e de forma absolutamente grátis*, pelo correio, notícias sobre os novos lançamentos da Record e ofertas especiais dos nossos livros, escreva para

---

**RP Record**  
**Caixa Postal 23.052**  
**CEP 20922-970, Rio de Janeiro, RJ**

---

dando seu nome e endereço completos, para efetuarmos sua inclusão imediata no cadastro de *Leitores Preferenciais*.

Seja bem-vindo!

Válido somente no Brasil

Impresso no Brasil pelo  
Sistema Cameron de Divisão Gráfica da  
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.  
Rua Argentina 171 — 20921-380 Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 585-2000



# VIAGEM AO SANTO DAIME

---

Uma aventura espiritual no coração da floresta amazônica inspirada pela luz da ancestral bebida xamânica *ayahuasca*. Alex Polari de Alverga revela a saga de um povo guiado pelos *insights* das *mirações* em direção à consciência cósmica universal. Um reencontro místico com o Ser Divino interior tendo como cenário o paraíso criado pela natureza.

“O uso ritual do Daime, junto com os hinos e o bailado, produz as *mirações*, o momento do êxtase revelatório. Quando o segredo deixa de ser segredo, o mistério deixa de ser mistério e quando, reconduzidos à presença de nossa origem divina, nos lembramos do que viemos fazer em vida. É a nossa senha para a Eternidade.”

---

ISBN 85-01-04274-9



9 788501 042743